

Ernesto Renan

Marco Aurélio
e o Fim
do Mundo Antigo



HISTÓRIA
DAS
ORIGENS DO CRISTIANISMO

LIVRO SÉTIMO

QUE COMPREENDE O REINADO DE MARCO-AURÉLIO

(161-180)

OBRAS DO MESMO AUTOR

Publicadas pela Livraria Lello & Irmão

História das origens do Cristianismo

<i>Vida de Jesus</i>	1 vol.
<i>Os Apóstolos</i>	1 vol.
<i>S. Paulo</i>	1 vol.
<i>Anti-Cristo</i>	1 vol.
<i>Os Evangelhos e a segunda geração cristã</i>	1 vol.
<i>A Igreja cristã</i>	1 vol.
<i>Marco Aurélio e o fim do mundo antigo</i>	1 vol.

ERNESTO RENAN

MARCO-AURÉLIO

— E —

O FIM DO MUNDO ANTIGO

—
TRADUÇÃO

DE

EDUARDO PIMENTA

—
SEGUNDA EDIÇÃO



1946

LIVRARIA LELLO & IRMÃO — EDITORES
144, Rua das Carmelitas — PORTO

AILLAUD & LELLOS, Limitada — Rua do Carmo, 80 a 84 — LISBOA

PREFÁCIO

Com este livro finalizam os ensaios por mim consagrados à história das origens do cristianismo. Relata os progressos da Igreja cristã durante o reinado de Marco-Aurélio e expõe os esforços da filosofia no sentido de melhorar a sociedade civil. O século 2.º da nossa era tem a dupla glória de haver fundado definitivamente o cristianismo, isto é, o grande princípio causador da reforma dos costumes pela fé no sobrenatural, e, durante o seu decorrer, ter visto desenrolar-se, graças às prédicas estóicas e sem elementos de maravilhoso, a mais bela tentativa de escola laica de virtude que o mundo jamais presenciara. Estas duas tentativas nada tiveram uma com a outra ; antes se contrariaram do que se coadjuvaram reciprocamente ; mas só se explica o triunfo do cristianismo quando

se pensa no que houve de insuficiente e de violento na tentativa filosófica. Durante este estudo domina sempre a cena a figura de Marco-Aurélius; porque resume tudo o que houve de bom no mundo antigo e oferece à crítica a vantagem de se mostrar a descoberto, graças aos seus escritos privados, de uma sinceridade e autenticidade indiscutidas.

Agora, como nunca, penso que o período das origens, a embriogenia do cristianismo, se se deve assim dizer, findou com a morte de Marco-Aurélius em 180. Nessa data o filho já possui um organismo completo; já se separou da mãe, podendo agora viver vida própria. A morte de Marco-Aurélius deve considerar-se como o fim da civilização antiga. Tudo o que depois se fizer de bom já não é segundo os preceitos heleno-romanos; sobreexcede-os o princípio judeo-siríaco e posto que o seu triunfo pleno leve ainda cem anos a produzir-se, sente-se bem que o futuro lhe pertence. O século 3.^o é a agonia de um mundo que ainda tinha no século 2.^o vida e força. Muito longe de mim a ideia de rebaixar os tempos que se sucedem à época na qual cessa o meu trabalho. Há na história dias tristes; mas não há dias estéreis nem desinteressantes. A evolução do cristianismo é um espectáculo altamente atraente enquanto as Igrejas cristãs têm homens como Ireneu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Orígenes. O tra-

balho de organização operado em Roma e na África no tempo de S. Cipriano, do papa Cornélio, deve estudar-se com um cuidado extremo. Os mártires do tempo de Décio e de Diocleciano não são inferiores em heroísmo aos de Roma, de Esmirna e de Lião no 1.^o e 2.^o séculos. Mas o que se chama *história eclesiástica*, história eminentemente curiosa, digna de ser feita com amor e com os requintes da ciência mais investigadora, é essencialmente distinta da história das origens cristãs, isto é, da análise das transformações que sofreu o germen deposto por Jesus no seio da humanidade antes de ser Igreja completa e perdurável. São precisos métodos diferentes para tratar as diversas idades de uma grande formação, quer religiosa quer política. A investigação das origens supõe um espírito filosófico, uma intuição viva do que é certo, provável ou plausível, um sentimento profundo da vida e das suas metamorfoses, uma arte peculiar para haurir nos textos raros que se possuem tudo o que eles contêm em matéria de revelação sobre situações psicológicas demasiado remotas. A história de uma instituição já completa, como é a Igreja cristã no século 3.^o e por maioria de razão nos séculos subsequentes, as qualidades de crítica e de erudição sólida de um Tillemont bastam por si sós. Eis a causa porque o século XVII, que impulsionou tanto a história ecle-

siástica, nunca se abalçou aos problemas das origens. Este século não se interessou senão pelo que se podia exprimir com visos de verdade. Investigações cujo resultado seria entrever possibilidades, combiantes fugidias, narrativas que não contam como as coisas se passaram, mas que se limitam a dizer: «Aqui estão dois modos de conceber os factos», não lhe podiam agradar.

Em frente das questões de origem, o século XVII ou aceitava tudo com ingenuidade ou suprimia o que parecia semi-fabuloso. A compreensão dos estados obscuros anteriores à reflexão clara, isto é, daqueles em que a consciência humana se mostra criadora e fecunda, é a conquista do século XIX. Procurei, sem outras paixões além de uma viva curiosidade, aplicar os métodos de crítica, preferidos nos nossos dias em tão delicado assunto, à mais importante aparição religiosa de toda a história humana. Desde muito novo que preparei este trabalho. Gastei vinte anos na redacção dos sete volumes que compõem esta obra. O índice geral publicado ao mesmo tempo que o último volume permite guiar-se o leitor numa obra que não pretendi tornar menos complexa nem menos detalhada.

Reconheço a bondade infinita que me deu tempo e entusiasmo suficientes para desempenhar esta árdua tarefa. Se tiver ainda alguns anos de vida

para prosseguir, hei-de consagrá-los a finalizar a outra face do assunto que é o fulcro das minhas reflexões. Para ser rigorosamente lógico, deveria anteceder uma *História das origens do cristianismo* com uma história do povo judeu. O cristianismo começa no 8.º século antes de J. C., no momento em que os grandes profetas, apoderando-se do povo de Israel, fizeram dele o povo de Deus, encarregado de inaugurar no mundo o culto puro. Até então, o culto de Israel não differia do culto egoista, interesseiro, que foi o das tribos vizinhas revelado, por exemplo, pela inscrição do rei Mesa. Produziu-se uma revolução no dia em que um inspirado, não pertencendo à classe sacerdotal, disse: «Podeis vós pensar que Deus se regale com o sangue das vítimas, com a gordura dos bodes? Deixai esses sacrificios que o nauseiam; praticai o bem.» Neste sentido, foi Isaías o fundador do cristianismo. Jesus, fundamentalmente, reproduziu na encantadora linguagem popular o que setenta e cinco anos antes fora dito em hebreu clássico.

Antes de apresentar Jesus na cena dos factos, dever-se-ia demonstrar como a religião de Israel, que originariamente não se avantajava aos cultos de Ámon ou de Moab, se transformou numa religião moral, e como a história religiosa do povo judaico foi um progresso constante para o culto verdadeiro e espiritual. Mas a vida é curta e a du-

ração incerta. Fui direito ao mais urgente : caí sobre o âmagô do assunto e comecei pela vida de Jesus, supondo sabidas as revoluções anteriores à religião judaica. Agora que me foi possível, com cuidado, tratar o assunto que mais me prendia, posso retomar a história anterior e consagrar-lhe o que me resta ainda de força e actividade.

MARCO-AURÉLIO

E

O FIM DO MUNDO ANTIGO

MARCO-AURÉLIO

E

O FIM DO MUNDO ANTIGO

CAPÍTULO I

Aclamação de Marco-Aurélio

A 7 de Março de 161 morria Antonino no seu palácio de Lório, com o sossego de um sábio perfeito. Quando sentiu vir a morte, ordenou, como qualquer particular, os negócios de família e mandou pôr, no quarto de Marco-Aurélio, seu filho adoptivo, a estátua em ouro da Fortuna, que nunca devia sair dos aposentos do imperador. A senha que deu ao tribuno de serviço foi *Equidade*; depois, voltando-se no leito, parecia adormecido. Todas as ordens do estado rivalizaram na homenagem prestada à sua memória. Criaram-se em sua honra sacerdócios, jogos, confrarias. A sua piedade, a sua clemência, a sua santidade foram objecto de unânimes elogios. Acentuava-se que durante o seu reinado não se vertera nem sangue romano nem sangue estrangeiro! Comparavam-no a Numa

pela piedade, pelo religioso cumprimento das cerimónias, e também pela felicidade e tranquilidade do seu império.

Antonino não teria rival como o melhor dos soberanos, se não houvesse designado, como seu sucessor, outro igual pela bondade e pela modéstia, realçando estas qualidades o brilho do talento e o encanto que fazem perdurar uma figura nas recordações da humanidade.

Simples, amável, de uma alegria sossegada, Antonino foi um filósofo sem o confessar, e quase sem o saber. Marco-Aurélio foi-o com uma naturalidade e uma sinceridade admiráveis, mas com muita reflexão. Debaixo de certos pontos de vista, Antonino foi maior. A sua bondade não lhe deixou cometer erros; e nunca o atormentou o mal interno que sem descanso roeu o coração do seu filho adoptivo. Esse mal estranho, esse estudo inquieto de si próprio, esse maldito escrúpulo, essa ânsia de perfeição são sinais de uma natureza menos forte do que distinta. Os mais belos pensamentos são os que se não escrevem; mas nós ignoraríamos Antonino, se Marco-Aurélio não nos transmitisse o esquisito retrato do seu pai adoptivo, em que parece, por humilde modéstia, ter posto o máximo empenho em pintar um homem ainda melhor do que ele. Antonino é como um Cristo sem Evangelho; Marco-Aurélio é como um Cristo que houvesse escrito o seu.

Forma a glória dos reis o facto de contarem entre os da sua jerarquia dois modelos de virtude imaculada dando as mais belas lições de isenção e paciência, eles que deveriam, pelas condições

especiais da vida, deixar-se levar por todas as seduções do prazer e da vaidade. Mas o trono favorece por vezes a prática da virtude; por certo que Marco-Aurélio não seria o que foi senão tivesse o poder supremo. Há faculdades que só essa posição excepcional permite pôr em destaque, facetas da realidade que só de alto podem ser vistas. Desvantajosa para a glória, pois que o soberano, servo de todos, não pode deixar expandir-se livremente a sua própria originalidade, uma tal posição, se a alma do que a ocupa é grande, favorece o desenvolvimento de um género especial de talento apatúrgico do moralista.

O soberano digno deste nome observa de alto a humanidade e por um modo completo. O seu ponto de vista é o do historiador filósofo, resultante das vistas de conjunto sobre a nossa pobre espécie, sentimento suave, misto de resignação, piedade e esperança. Não cabe num rei a frieza de um artista. A condição essencial da arte é a liberdade; ora o rei, subordinado aos prejuízos das sociedades médias, é o menos independente dos homens. Não tem o direito das suas opiniões; só tem o direito dos seus gostos. Um Goethe coroadado não poderia professar o patricio desdém das ideias burguesas, a indiferença pelos resultados práticos, que são o traço essencial do artista; mas pode supor-se a alma do bom soberano como a de um Goethe enternecido, de um Goethe convertido ao bem, vendo que há alguma coisa de maior do que a arte, vinculado à estima dos homens pela nobreza habitual dos seus pensamentos e pelo sentimento da sua própria bondade.

Tais foram, à frente do maior império que jamais existiu, esses dois admiráveis soberanos, Antonino o Pio e Marco-Aurélio. A história não oferece outro exemplo de hereditariedade da prudência no trono, senão nos três grandes imperadores mongóis Baber, Humafoun, Akbar, entre os quais o último tem com Marco-Aurélio muitos pontos de semelhança. O princípio salutar da adopção tinha feito da corte imperial, no 2.º século, um verdadeiro alfobre de virtude. O hábil e nobre Nerva, estatuinto esse princípio, assegurou a felicidade do género humano durante cerca de cem anos e deu ao mundo o mais belo século de progresso de que há memória.

Foi o próprio Marco-Aurélio quem, no primeiro livro dos *Pensamentos*, traçou o plano maravilhoso em que se movem, numa luz celestial, as nobres e puras figuras de seu pai, de sua mãe, de seu avô e dos seus mestres. Por ele, podemos compreender o que as velhas famílias romanas, que haviam visto o reinado dos maus imperadores, ainda conservavam de honestidade, dignidade, rectidão, espírito civil e, se assim o posso dizer, de espírito republicano. Viviam admirando Catão, Bruto, Tra-sea e os grandes estóicos cuja alma se não dobrara sob o jugo da tirania. Detestavam o reinado de Domiciano. Os sábios que se não haviam acurvado ao jugo dos tiranos eram reverenciados como heróis. A aclamação dos Antoninos foi o ascenso ao poder de uma sociedade de que Tácito nos transmitiu as justas cóleras, sociedade essa formada pela liga de todos os que se revoltaram contra o despotismo dos primeiros Césares.

Nem o fausto pueril das realezas orientais, fundadas sobre a baixeza e a estupidez dos homens, nem o orgulho pedantesco das realezas da idade média, fundamentando-se num sentimento exagerado da hereditariedade e na fé sincera das raças germânicas nos direitos consanguíneos, podem dar uma ideia da soberania essencialmente republicana de Nerva, de Trajano, de Adriano, de Antonino e de Marco-Aurélio. Absolutamente nada do príncipe hereditário ou por direito divino; nada que fizesse supor um chefe militar; o governo era uma espécie de grande magistratura civil, sem se assemelhar a uma corte, não dando ao imperador outro aspecto que não fosse o de um simples particular. Especialmente Marco-Aurélio, não foi nem pouco nem muito um rei no sentido próprio da palavra; a sua fortuna era enorme, mas patrimonial; a sua aversão pelos «Césares», por ele considerados como Sardanápalos, magníficos, debochados e cruéis, transluz a cada instante. Era imensa a civilidade dos seus costumes; restituiu ao Senado a sua antiga importância; quando estacionava em Roma, não perdia uma sessão e só se retirava quando o cônsul pronunciava a fórmula: *Nada vos retém, Padres conscritos*.

A soberania, exercida assim em comum por um grupo de homens escolhidos, os quais a delegavam ou a compartilhavam segundo as necessidades ocasionaes, perdeu uma parte dos atractivos que a tornam perigosa. A ascensão ao trono fora sem brigas, mas também sem ser devida ao nascimento nem a uma espécie de direito abstracto; chegava-se lá desiludido, aborrecido dos ho-

mens e longamente preparado. O império foi um fardo, aceite na hora própria, sem antecipadamente se precipitar essa hora. Tão novo designaram a Marco-Auréliu para esse cargo, que a ideia de reinar quase não teve para ele começo não podendo por isso fasciná-lo. Quando, aos oito anos, era *praesul* dos padres salianos, reparou Adriano nessa criança meiga e triste e amou-o pelo seu bom natural, pela sua docilidade e pela sua incapacidade para a mentira. Estava-lhe o império assegurado aos dezoito anos. Durante vinte e dois anos esperou pacientemente a hora de reinar. Na noite em que Antonino, sentindo próxima a morte, mandou para o quarto do seu herdeiro a estátua da Fortuna, não teve nem surpresa nem alegria. De há muito que se saturara de todas as alegrias sem as haver gozado; vira-lhes, na sua profunda filosofia, a inane vaidade.

Fora a sua mocidade calma e doce partilhada entre os prazeres da vida campesina, os exercícios de retórica latina à moda frívola do seu mestre Frontão e as meditações da filosofia. Chegara a pedagogia grega à sua perfeição, e, como sempre sucede, a perfeição é o início da decadência. Os letrados e os filósofos degladiavam-se ardentemente em opiniosas controvérsias. Os retóricos só pensavam no ornamento afectado do discurso; os filósofos aconselhavam a quase secura e o desprezo formal da expressão. Apesar da sua amizade por Frontão e das suas contínuas exortações, foi Marco-Auréliu desde muito cedo um adepto da filosofia. Júnio Rústico foi o seu mestre favorito e ganhou-o integralmente para a

disciplina severa que opunha à ostentação dos retóricos. Rústico foi sempre o confidente e o conselheiro íntimo do augusto discípulo, reconhecido ao mestre pelo amor ao estilo simples, ao porte digno e sério, não falando de um maior benefício: « Por ele eu conheci os lições de Epicteto, que me emprestou da sua biblioteca ». No mesmo sentido trabalhou Cláudio Severo, o peripatético, e definitivamente adquiriu o jovem Marco para a sua filosofia. O imperador chamava-lhe o seu irmão e parece que por ele teve uma grande afeição.

Nesse tempo a filosofia era uma espécie de profissão religiosa, implicando a mortificação e regras quase monásticas. Desde os doze anos vestiu Marco o manto dos filósofos, habituou-se a dormir em cama dura praticando todas as austeridades do ascetismo estóico. Foram precisas as instâncias reiteradas de sua mãe para que deitasse na cama algumas peles. Mais que uma vez os rigores demasiados comprometeram a sua saúde, o que o não impedia de assistir às festas e de satisfazer todos os encargos de um príncipe com o ar afável que nele era o resultado da mais alta isenção.

As horas dividia-as como um religioso. Apesar da saúde débil, pôde, pela sobriedade do seu regimen e pelo regramento dos seus costumes, atravessar uma vida plena de trabalhos e de canseiras. Não tinha o que se chama espírito, e não foi criatura de paixões. Não há espírito sem alguma malignidade; habitua a ver as coisas por faces que não são nem as da perfeita bondade nem as do génio. Perfeitamente, Marco só compreendia o dever. O que lhe faltou foi, ao nascer, o beijo de

uma fada, qualquer coisa de muito filosófica e muito a seu modo, quero dizer, a arte de ceder à natureza, a alegria que ensina que o *abstem-te* e o *contem-te* não são tudo e que a vida se pode também resumir em *sorrir* e *gozar*.

Teve sempre os melhores mestres em todas as artes: Cláudio Severo, que lhe ensinou o peripatetismo; Apolônio de Cálcis, que Antonino mandou vir expressamente do Oriente para lhe confiar o seu filho adoptivo e que parece ter sido um preceptor perfeito; Sexto de Cheroneu, sobrinho de Plutarco e um estóico completo; Diogneto, que o ensinou a amar o ascetismo; Cláudio Máximo, rico de conceituosos provérbios; Alexandre de Cotyeu, seu mestre de grego; Herodes Ático, que lhe recitava as velhas arengas de Atenas. Exteriormente apresentava-se tal qual os seus mestres: vestes simples e modestas, barba mal cuidada, corpo extenuado e magro, os olhos fatigados de trabalho. Tudo sabia, até pintar. O grego foi-lhe língua trivial; e quando pensava em assuntos filosóficos, discreateava nesse idioma; mas o seu espírito forte via a banalidade dos estudos literários em que a educação helénica se perdia; o seu estilo grego, posto que assaz correcto, tem qualquer coisa de artificial onde se pressente o tema. A moral era para Marco-Aurélio a última palavra da existência e a ela dedicou a vida inteira.

Como foi que esses pedagogos respeitáveis, embora enfatuados, conseguiram formar um homem assim? Tal a pergunta que de surpresa nos colhe. Julgando pelas analogias comuns, podia pressupor-se que tal educação não levaria a bom

fim. Mas a verdade é que Marco-Aurélio teve um mestre muito superior aos outros vindos de todas as partes do mundo e que ele reverenciara acima de qualquer outro e esse foi Antonino. O valor moral do homem está em proporção com a sua faculdade de admirar. Porque vira ao lado dele e compreendêra amoravelmente o mais belo modelo da vida perfeita, é que Marco-Aurélio foi o que foi.

«Acautela-te; não te cesarises, não te distingas; olha que é fácil. Conserva-te simples, bom, puro, austero, inimigo do fausto, amigo da justiça, religioso, benévolo, humano, firme na prática das obrigações. Esforça-te por ser tal como a filosofia te quis fazer: reverencia os deuses; vela pela conservação dos homens. A vida é curta; o único fruto da vida terrestre é conservar a alma numa santa disposição, praticar acções úteis à sociedade. Obra como discípulo de Antonino; recorda a sua constância no cumprimento das prescrições da razão, a igual atitude em todas as situações, a sua santidade, a serenidade do seu rosto, a sua extrema doçura, o seu desprezo pelas glórias vãs, a sua aplicação em penetrar o sentido das coisas; não esqueças que ele nunca deixou passar coisa alguma sem a ter previamente examinado e bem compreendido; que não fazia nada precipitadamente; que não escutava delatores; que estudava com cuidado os caracteres e as acções; nem maledicente, nem meticuloso, nem desconfiado, nem sofista; contentando-se com pouco na habitação, na cama, no vestuário, na mesa, e nos serviços da criadagem; laborioso, paciente, sóbrio ao ponto de poder estar todo o dia até à noite sem abandonar a sua tarefa senão à hora habitual das poucas refeições. E a sua amizade sempre constante, igual, e a sua bondade em sofrer as contradições, e a alegria ao ouvir uma opinião mais acertada que a sua e essa piedade sem superstições!... Pensa em tudo isto para que a tua última hora te encontre, como a ele, com a consciência do bem cumprido.»

A consequência desta filosofia austera po-

deria ser a inflexibilidade e a dureza. É neste ponto que a bondade rara da natureza especial de Marco-Aurélío se revela com todo o brilho. A severidade é só para ele. O fruto dessa grande tensão de alma é uma benevolência infinita. Toda a sua vida se passou em estudar o processo de trocar o bem pelo mal. Depois de algumas tristes experiências da perversidade humana, só encontra para anotar à noite o que se segue: «Corrige-os se podes; no caso contrário lembra-te que a benevolência é qualidade com que deves tratar os delinquentes. Os próprios deuses são benévolo com esses seres; ajudam-nos (tanto a sua bondade é infinita!) a terem saúde, riqueza e glória. Faze como os deuses.» Num outro dia os homens foram muito maus, porque ele escreveu o seguinte nas suas tábuas: «Tal a ordem da natureza: pessoas deste jaez devem forçosamente proceder assim. Querer que seja doutro modo, é querer que a figueira não produza figos. Lembra-te disto: Num curto lapso de tempo, tu e ele, morrereis; em breve, nem os vossos nomes sobreviverão.» Constantemente surdem nos «seus pensamentos» estas ideias de perdão universal. Mal se vislumbra nesta encantadora bondade um imperceptível sorriso. «O melhor processo de nos vingarmos dos maus é não ser como eles»; ou ainda um assomo de altivez: «É coisa digna de reis, ouvir dizer mal de si quando só se praticou o bem». Outra vez tem uma censura a fazer-se: «Tu esqueceste, diz ele, o parentesco sagrado que une cada homem ao género humano; parentesco esse que não é de sangue nem de nascença, mas partícipe da mesma inteli-

gência. Tu esqueceste que a alma raciocinante de cada um é um deus, uma derivação do Ser supremo».

No comércio da vida devia ser invulgar, ainda que um pouco ingénuo, como o são ordinariamente os homens muito bons. Era sinceramente humilde, sem hipocrisia, nem ficção, nem mentiras íntimas. Uma das máximas do excelente imperador era que os maus são desgraçados e que se é mau sem culpa própria e só por ignorância; lamentando os que não eram como ele, não se julgava com o direito de se lhes impor.

Via bem a baixeza dos homens; mas não o deixava perceber. O defeito dos corações excepcionais é cegarem-se voluntariamente. Não sendo o mundo tal qual eles o queriam, mentem a si próprios para o verem bem diferente do que ele é. Daí um pouco de convencionalismo nos seus juízos. Em Marco-Aurélío esse convencionalismo irrita-nos um pouco. Se o quiséssemos crer, os seus mestres, alguns dos quais foram mediócrees, seriam todos sem excepção homens superiores. Dir-se-ia que todos os que o cercavam foram virtuosos; a tal ponto que dá vontade de perguntar se esse irmão que ele elogia na sua acção de graças aos deuses, não seria outro que não o irmão adoptivo, o debochado Lúcio Vero. Seguramente que o bom imperador era capaz de grandes ilusões quando pretendia emprestar aos outros as suas próprias virtudes.

Ninguém sensato pode negar que ele fosse uma grande alma. Seria um grande espírito? Sim, pois que viu a profundidades infinitas no abismo

do dever e da consciencia. Não lhe faltou decisão senão num ponto. Nunca se atreveu a negar o sobrenatural de um modo absoluto. Por certo que nós compartilhamos o seu temor pelo ateismo; compreendemos admiravelmente o que ele quer dizer quando nos fala do seu horror por um mundo sem Deus e sem Providência; mas o que não percebemos é que a sério nos convença da intervenção, por particular vontade, dos deuses nas coisas humanas. Só a deficiência da sua educação científica pode explicar tal fraqueza. Para fugir aos erros vulgares não tinha a leviandade de Adriano nem o espírito de Luciano. O que se deve dizer é que os seus erros não tinham consequências. O sobrenatural não era a base da sua piedade; limitava-se apenas a algumas superstições médicas e a uma condescendência patriótica pela tradição. As iniciações de Eleusis parece não haverem influido na sua vida moral. A sua virtude, como a nossa, assentava sobre a razão, sobre a natureza. S. Luís foi um homem muito virtuoso, e, segundo as ideias do seu tempo, um ótimo rei, porque era cristão; Marco-Aurélio foi o mais piedoso dos homens, não por ser pagão, mas por ser um homem perfeito. Honrou a natureza humana e não qualquer religião. Sejam quais forem as revoluções religiosas e filosóficas do futuro, nenhum ataque atingirá a sua grandeza, porque ela assenta na imperecível excelência do coração:

« Viver com os deuses ! . . . » Vive com os deuses quem lhes mostra uma alma sempre satisfeita com o destino que lhe coube e obediente ao génio que Júpiter lhe cedeu como par-

cela de si próprio para nos servir de dirigente e de guia. Esse génio é a inteligência e a razão de cada um.

O mundo não é senão cáos, agregação e desagregação sucessivas; ou então o mundo é unidade, ordem, providência. No primeiro caso, como desejar viver em semelhante cloaca ? . . . A desagregação por si própria saberá bem atingir-me. No segundo caso eu adoro, eu descanso, eu confio em quem governa. «

CAPÍTULO II

Progressos e reformas. — O direito romano.

Visto como soberano, realizou Marco-Aurélio a perfeição da política liberal. Foi base da sua conduta o respeito dos homens. Sabia que, no interesse do proprio bem, não se deve impor o bem de um modo absoluto, sendo condição da vida humana o exercício da liberdade. Desejava a melhoria das almas e não a obediência passiva à lei; queria a felicidade pública, mas não procurada pela servidão, que é o maior de todos os males. O seu ideal de governo foi todo republicano. O príncipe seria o primeiro vassalo da lei, não passando de um locatário usufruindo os bens do Estado. Nenhum luxo inútil; economia rigorosa; caridade verdadeira, inesgotável; acesso fácil; palavras afáveis; perseverança nas coisas de utilidade pública sem a mira nos aplausos.

Historiadores mais ou menos imbuidos desta política que se julga superior, porque se lhe não suspeita qualquer filosofia, tentaram provar que um homem tão perfeito como Marco-Aurélio só poderia ser um mau administrador e um medíocre soberano. Talvez que Marco-Aurélio pecasse mais de uma vez por excesso de indulgência. No entanto, aparte desgraças absolutamente imprevisitas e inevitáveis, o seu reinado apresenta-se-nos como grande e próspero. Foi sensível o progresso nos costumes. Certos objectivos procurados secretamente pelo cristianismo atingiram-se seguindo o caminho da legalidade. O regimen político geral tinha profundos defeitos; mas a prudência do imperador remediava-os com paliativos de ocasião. Coisa singular! o virtuoso príncipe, não fazendo a menor concessão à falsa popularidade, foi adorado pelo povo. Era um democrata no melhor sentido da palavra. Antipatizava com a velha aristocracia romana. Apenas atendia ao merecimento, sem se preocupar com a genealogia, nem mesmo com a educação e as maneiras. Como entre os patrícios não encontrava indivíduos capazes de secundar os seus planos de governação chamava a exercer as altas funções políticas homens que outra nobreza não tinham senão a sua honestidade.

A assistência pública, criada por Nerva e por Trajano, mais tarde desenvolvida por Antonino, atingiu o máximo desenvolvimento com Marco-Aurélio. O princípio de que o Estado tem deveres, por assim dizer, paternais para com os seus membros (princípio ao qual devemos gratidão, mesmo

que seja sobreexcedido), esse princípio, digo, foi proclamado no mundo e pela primeira vez no decorrer do 2.º século. A educação das crianças de condição livre tornara-se, dada a insuficiência dos costumes e em consequência dos princípios económicos defeituosos sobre que assentava a sociedade, a preocupação dos homens de Estado. Criaram-se rendimentos, desde Trajano, por somas empregadas em hipotecas e cujos proventos eram geridos por procuradores. Marco-Aurélius fez desses procuradores funcionários de primeira ordem; escolhia-os com muito cuidado entre os consulares e os pretores, alargando-lhes os poderes. Permittia-lhe essas liberalidades a sua grande fortuna. Criou muitas caixas de socorros para a juventude de ambos os sexos. Remontava a Antonino o *Instituto das jovens Faustianas*. Marco-Aurélius, depois da morte da segunda Faustina, fundou as *Novas Faustianas*. Um elegante baixo-relevo mostra-nos essas jovens cercando a imperatriz, que lhes deita trigo nos dobras dos vestidos.

Penetra o estoicismo, a partir do reinado de Adriano, no direito romano, com as suas largas máximas e transformara-o no direito natural, direito filosófico tal como a razão o concebe para todos os homens. A primeira expressão completa deste novo direito destinado a ser o direito universal foi o Édito perpétuo de Sálvio Juliano. Marca o triunfo do espírito grego sobre o espírito latino. O direito estrito cede o passo à equidade; a doçura sobrepuja-se à severidade; a justiça parece inseparável da beneficência. Continuam a mesma obra os grandes jurisconsultos de Anto-

nino, Sálvio Valens, Úlpio Marcelo, Javoleno, Volúsio Meciano. Foi o ultimo mestre de jurisprudência de Marco-Aurélius e, para dizer a verdade, não se pode separar a obra dos dois imperadores. Deles dimanou a maioria das leis humanas e sensatas que afrouxaram o rigor do direito antigo e fizeram, de uma legislação primitivamente estreita e implacável, um código susceptível de ser adoptado por todos os povos civilizados. (1)

Quase não tinha protecção o ser fraco nas sociedades antigas. Marco-Aurélius foi, por assim dizer, o tutor dos desprotegidos. Tiveram assegurada a existência as crianças pobres e enfermas. Criou-se a *pretura tutelar* para dar garantias aos órfãos. Iniciaram-se o estado civil e os registos de natalidade. Imensas prescrições cheias de justiça espalharam em toda a administração um natural espírito de doçura e de humanidade. Diminuíram os encargos das curias. Graças a um abastecimento bem regulamentado, tornou-se impossível a fome na Itália. Remontam igualmente ao reinado de Marco várias reformas de um espírito excelente. A policia dos costumes foi severa, reprimindo especialmente os banhos mistos.

Foi para com o escravo que Antonino e Marco-Aurélius se mostraram mais benfazejos. Corrigiram

(1) Pretendeu-se descobrir uma influencia cristã neste enorme progresso do direito romano. Nada mais gratuito. Estavam em dois pólos opostos as ideias dos cristãos e as dos jurisconsultos; não havia relação alguma entre as duas escolas, a não ser as da malevolência recíproca; nem uma aproximação séria entre os textos.

algumas das maiores monstruosidades da escravatura. A partir de então já o senhor não pode cometer injustiças contra o seu escravo. Regulamentam-se pela nova legislação os castigos corporais. É um crime matar o escravo. Tratá-lo com excessos de crueldade é um delito e obriga o senhor a vender o desgraçado que torturou. Finalmente, o escravo foi julgado nos tribunais, tornou-se pessoa, membro da cidade. É proprietário do seu pecúlio; tem família; ninguém pode vender separadamente o homem, a mulher, os filhos. Limita-se a aplicação da tortura aos servos. O senhor não pode vender os escravos para combaterem no anfiteatro contra as feras. Está livre do lupanar a serva vendida com a condição de se não prostituir. Há o que se chama *favor da liberdade*; em casos de dúvida, admite-se a interpretação favorável à liberdade. Julga-se por humanidade contra o rigor da lei e por vezes até contra a letra do testamento. No fundo, e a partir de Antonino, os jurisconsultos, imbuídos de estoicismo, encaram a escravatura como uma violação dos direitos da natureza e enviezam por todos os modos a fim de a restringir. Favorecem-se por imensas maneiras os libertos. Marco-Aurélio foi mais além e reconheceu, em certos limites, direitos aos escravos sobre os bens do senhor. Se ninguém se apresentar para recolher a herança do testador, podem os escravos adjudicar-se os bens; que um só ou muitos sejam admitidos á adjudicação, o resultado será o mesmo para todos. Protege-se igualmente o liberto pelas leis mais sérias contra a escravatura, tendentes por mil modos e reabilitá-lo.

Foram objecto de uma legislação simultaneamente inteligente e humana, o filho, a mulher e o menor. O filho fica sujeito ao pai, mas deixa de ser coisa sua. Aboliram-se ou restringiram-se os excessos mais odiosos que o antigo direito romano achava naturalíssimos quando cometidos pela autoridade paterna. O pai tem deveres a cumprir para com os filhos e nada pode reclamar pelos haver cumprido; o filho, por seu turno, deve aos pais os socorros alimentares na proporção dos seus haveres.

Foram até aí muito incompletas as leis sobre as tutelas e os curadores. Marco-Aurélio fê-las modelos de previdência administrativa. No antigo direito, a mãe fazia apenas parte da família do seu marido e dos seus filhos. O senado-consulto tertuliano (ano 158) e o senado-consulto orfitiano (ano 178) estabeleceram o direito de sucessão do filho para a mãe e da mãe para os filhos. Assumem um grande ascendente os sentimentos e o direito natural. Leis excelentes sobre os bancos, sobre a venda dos escravos, sobre os delatores e os caluniadores deram fim a imensos abusos. O fisco fora sempre duro e exigente. A partir de então estabeleceu-se o principio de que, em casos de dúvida, o fisco seria o prejudicado. Suprimiram-se os impostos de percepção vexatória. Encurtou-se a demora nos processos. Foi menos cruel o direito criminal e o inculcado teve preciosas garantias. Era hábito de Marco-Aurélio diminuir, na sua aplicação, as penalidades estabelecidas. Previram-se os casos de loucura. O grande principio estoico de que a culpabilidade reside na vontade e não no facto, são a alma do direito.

Assim se constituiu essa maravilha, o direito romano, espécie de revelação à sua maneira, cuja ignorância dá honra aos compiladores de Justiniano, mas que, na realidade, foi a obra dos grandes imperadores do século 2.º, admiravelmente interpretada e continuada pelos jurisconsultos eminentes do 3.º século. O direito romano terá um triunfo menos brilhante que o cristianismo, mas num sentido mais durável. Obliterado primeiro pela barbaria, ressuscitará no fim da idade média, será a lei do mundo renascente e tornar-se-á, sob redacções pouco modificadas, a lei dos povos modernos. Por isso a grande escola estóica que no século 2.º ensaiou a reforma do mundo, e que em seguida pareceu fenecer miseravelmente, ganhou realmente uma plena vitória. Recolhidos pelos jurisconsultos clássicos do tempo dos Severos, mutilados e alterados por Triboniano, sobreviveram os textos e foram mais tarde o código do mundo inteiro. Ora esses textos são a obra dos legistas eminentes que, agrupados em volta de Adriano, de Antonino e de Marco-Aurélio, fizeram entrar definitivamente o direito na sua idade filosófica. Continua-se a tarefa sob os imperadores sírios; a pavorosa decadência política do 3.º século não impede o belo e lento crescimento do vasto edificio.

Marco-Aurélio não pretendeu ser um inovador; pelo contrário, forcejou sempre por dar aos seus melhoramentos uma feição conservadora. Tratou sempre o homem como um ser moral; nunca presumiu, como o fazem os políticos que se julgam transcendententes, em o considerar máquina ou meio.

Se não pôde mudar o atroz código penal do seu tempo, forcejou pelo suavizar. Estabeleceu-se um fundo para o enterro dos cidadãos pobres; foram autorizados os colégios funerários a receber legados e a considerarem-se pessoas civis, com direito à posse de propriedades, escravos e dar cartas de alforria. Dissera Séneca: « Todos os homens, se se remontar à sua origem, têm os deuses por pais. » Ulpiano dirá mais tarde: « Pelo direito natural, nascem os homens livres e iguais. »

Marco-Aurélio desejou suprimir as cenas pavorosas que faziam dos anfiteatros verdadeiros lugares de horror para quem quer que tivesse senso moral. Não o pôde conseguir; faziam tais abomináveis representações parte integrante da vida do povo. Quando Marco-Aurélio armou os gladiadores para a grande guerra germânica, quase que houve uma sedição: « Quer-nos tirar os nossos divertimentos, dizia o povo, para nos obrigar a filosofar. » Os frequentadores do anfiteatro eram as únicas pessoas que não gostavam do imperador. Obrigado a ceder ante uma opinião mais forte do que ele, protestava Marco-Aurélio por todos os modos. Temperou o mal quando o não podia suprimir; estendiam-se colchões sob os funâmbulos; ninguém podia bater-se senão com armas embotadas. O imperador vinha ao espectáculo o menos que podia e unicamente por prazer. Durante a representação, lia, dava audiências, assinava o expediente sem se importar com as vaias do público. Um dia, um leão que um escravo ensinara a devorar homens portou-se de tal modo que lhe pediram que libertasse o es-

cravo. O imperador que, durante esse tempo, voltara a cabeça, respondeu aborrecido: «Esse homem não fez nada digno da liberdade». Publicou vários éditos para evitar as manumissões precipitadas, pronunciadas no meio da barulheira dos aplausos populares, que lhe pareciam um prêmio honrando a crueldade.

CAPÍTULO III

O reinado dos filósofos

Nunca como até então se perseverou tanto no problema da felicidade humana. Realizara-se o ideal de Platão; os filósofos governavam o mundo. O que na alma de Sêneca não passara de linda frase, convertia-se agora numa verdade. Escarnecida durante cerca de duzentos anos pelos romanos brutais, triunfava a filosofia grega por excesso de paciência. Já no tempo de Antoino havia filósofos pensionados, com privilégios e desempenhando o papel de funcionários públicos. Fazem parte integrante do séquito do imperador. São ministros e estadistas os seus antigos mestres. Prodigaliza-lhes as honrarias, ergue-lhes estátuas, põe os seus retratos entre os deuses lares, e sacrifica no seu túmulo, sempre ornamentado de flores, no dia do aniversário do seu

falecimento. O consulado, que até aí só fora provido por aristocratas, passa a ser desempenhado pelos filósofos e retóricos. Por seu turno, são cônsules ou procônsules Herodes Ático, Frontão, Júnio Rústico, Cláudio Severo e Prócuro. Marco-Aurélius tinha uma grande afeição especialmente por Júnio Rústico; fê-lo cônsul duas vezes e apertava-lhe a mão antes de o fazer ao prefeito do pretório. Durante anos imobilizaram-se nas mãos dele as funções de prefeito de Roma.

Era inevitável que esse favor súbito, concedido pelo imperador a uma classe de homens onde havia de tudo, excelente e desprezível, levasse a grandes abusos. Marco-Aurélius mandou vir para Roma filósofos afamados de todas as partes do mundo. Entre os mendigos orgulhosos, vestindo farrapos, que o apelo imperial pôs em movimento, havia muito charlatão e muito medíocre. O que implica uma profissão exterior provoca sempre a comparação entre os costumes reais e os que o vestuário aparenta. Acusavam esses arrivistas de avidez, avareza, gula, impertinência e ódio. Desdenhava-se das fraquezas que o seu manto encobria. Os cabelos mal penteados, as barbas e as unhas despertavam a zombaria. Diziam-lhes: «A tua barba vale dez mil sestércios; vamos, é preciso tributar os bodes.» Por vezes a sua vaidade justificava o gracejo. Peregrino, queimando-se na fogueira de Olímpia, em 166, demonstrou, até onde a necessidade do trágico pode levar um parvo enfatuado do seu papel e desejoso de fazer falar de si.

Despertava vivas réplicas a sua pretensão em satisfazerem-se a si próprios. Contava-se um dito

de Demonax a propósito de Apolônio de Cálceis partindo para Roma com um verdadeiro séquito: «Lá vem Apolônio e os seus argonautas». Esses Gregos e esses Sírios, abalando para Roma, pareciam ir à busca do velo de ouro. As pensões e as isenções que usufruíam faziam dizer que eles viviam à custa da república, sendo Marco-Aurélius obrigado a justificar-se a este respeito. Recriminavam-nos por maltratarmos os particulares. De sobra justificavam estas acusações as insolências dos cínicos. Estes ladradores miseráveis não tinham nem vergonha nem decore e eram inúmeros.

Marco-Aurélius não dissimulava os defeitos dos seus amigos; mas a sua perfeita sabedoria deixava-lhe discernir a diferença entre a doutrina ensinada e as fraquezas dos mestres. Sabia que raros eram os filósofos praticando a rigor aquilo que aconselhavam. A experiência fizera-lhe conhecer que a maioria se compunha de avarentos, questionadores, fúteis, insolentes, procurando apenas disputar e sem outro espírito que não fosse o do orgulho, da maledicência e da inveja. Mas tinha um critério elevado para poder contar com a perfeição dos homens. Como S. Luís nunca se perturbou na sua fé com os desregramentos dos padres, Marco-Aurélius nunca se desgostou com a filosofia, fossem quais fossem os vícios dos filósofos. «Estima pelos verdadeiros filósofos; indulgência sem desprezo pelos pretensos filósofos, embora nunca conseguissem iludi-lo», eis o que observara em Antonino e eis a regra que ele próprio adoptou. Ia assistir às aulas de Apolônio, de Sexto de Cheroneu, pouco se importando que se rissem d'ele. Suportava com benigni-

dade, tal como Antonino, as tiradas ridículas dos vaidosos e mal educados a quem as honras tornavam impertinentes. Em Alexandria viram-no pelas ruas sem corte, nem guardas, vestindo o manto dos filósofos e vivendo como qualquer deles. Criou cadeiras em Atenas, onde se professavam todas as ciências, com bons ordenados, e deu ao que nós hoje chamaríamos uma universidade um brilho superior ao que ela tinha no tempo de Adriano.

Não é de admirar que os restos do que havia ainda de firme, duro e forte no antigo espírito romano se impacientassem com esta invasão dos altos lugares da república por pessoas sem genealogia, sem audácia guerreira, pertencendo na sua maioria a essas raças orientais tão desprezadas pelos Romanos. Tal foi a atitude que tomou, por desgraça sua, Avidio Cássio, homem de espada e estadista a valer, muito inteligente e sentindo uma viva simpatia por Marco-Aurélius, mas convencido que o governo exige mais do que filosofia. À força de chamar ao imperador, sorrindo-se, «uma excelente mulher filósofa», deixou-se arrebatado pela mais funesta das ideias, a ideia da revolta. A grande censura que fazia a Marco-Aurélius era a de confiar os primeiros empregos a homens que não ofereciam garantias, nem pela fortuna, nem pelos antecedentes, nem algumas vezes pela sua educação, como Basso e Pompeiano. O bom imperador levou a sinceridade ao ponto de querer que Pompeiano casasse com a sua filha Lucília, viúva de Lúcio Vero, e de pretender que Lucília amava Pompeiano por este ser

o homem mais virtuoso do império. Esta ideia infeliz foi uma das causas principais das desordens da sua casa, porque Faustina, apoiando a resistência da sua filha, lançou-se abertamente na opposição contra o seu marido.

Se Marco-Aurélius não juntasse à sua bondade um raro grau de senso prático, a sua devoção por certa classe de pessoas, não valendo o que a sua profissão fazia supor, arrastá-lo-ia a graves erros. A religião tem ridículos e a filosofia também os tem. Essas pessoas que pejavam as praças públicas, com odres, exibindo as longas barbas, os alforjes e os mantos em fio, esses sapateiros, esses artistas que abandonavam a ferramenta pela ociosidade do cínico mendicante, excitavam nas pessoas de espírito a mesma antipatia que mais tarde o capucho vagabundo provocou na burguesia bem educada. Mas, apesar do respeito exagerado que ele tinha *a priori* pelo vestuário dos filósofos, nem por isso o tacto de discernir o valor dos homens era menos justo em Marco-Aurélius. Todo o grupo de sábios que enfileirara ao lado do imperador tinha um aspecto venerando; o imperador considerava-os mais como amigos ou irmãos, do que como mestres, seus associados na tarefa de bem governar. Os filósofos, como o sonhara Séneca, eram um poder do Estado, uma espécie de instituição constitucional, um conselho privado cuja influência sobre os negócios públicos se tornava decisiva.

Este curioso fenómeno, que só uma vez se viu na história, dependeu por certo do carácter do imperador; mas também tem como causa a natu-

reza do império e a concepção romana do Estado, concepção racionalista despida de qualquer ideia teocrática. A lei era a expressão da razão; era pois natural que os racionalistas chegassem mais dia menos dia ao poder. Como juizes nas causas de consciência, os filósofos tinham um papel quase legal. Havia séculos já que a filosofia grega fazia parte da educação da alta sociedade romana; quase todos os mestres eram Gregos; a educação era toda grega (1).

Nunca a Grécia teve melhor triunfo do que o alcançado pelos seus pedagogos e professores. A filosofia tomava cada vez mais o carácter de uma religião; tinha os seus pregadores, os seus missionários, directores espirituais e casuistas. Os grandes personagens conservavam sempre junto de si um filósofo familiar que era ao mesmo tempo o seu amigo íntimo, o seu monitor, o guarda da sua alma. Daí uma profissão que tinha seus espinhos e para a qual a primeira condição era um exterior venerável, uma bela barba, e um modo de traçar o manto com dignidade (2).

Rubélio Plauto teve junto de si, segundo se diz,

(1) Quintiliano, I, 1, 3; Luciano, *De mercede conductis* 24, 40. Notai sobretudo a cólera de Juvenal contra os Gregos que suplantam a literatura latina e fazem de Roma «uma cidade grega» em que os Romanos morrem de fome.

(2) Luciano. A profissão de filósofo doméstico rebai-xou-se imenso com o tempo. No mosaico de Pompeiano, descoberto em Atménia, na província de Constantina, mosaico do tempo de Honório, o filósofo não desempenha outra função além de levar o guarda-sol da sua senhora e de lhe passear o cãozinho.

«dois doutores em sabedoria», Cerano e Musónio, um Grego e outro Etrusco, para lhe darem o incentivo de esperar a morte com coragem. Antes de morrer, conversava-se com um sábio, como hoje se conversa com um padre, a fim de que o último suspiro tivesse um carácter moral e religioso. Cano Júlio vai para o suplício acompanhado pelo seu «filósofo». Trasea morre assistido pelo cínico Demétrio.

Consignava-se como primeiro dever de um filósofo esclarecer os homens, sustentá-los, dirigi-los. Nas grandes aflições, chamava-se um filósofo para consolar; e muitas vezes o filósofo, como o padre actual avisado «in extremis», lamentava-se por só ser chamado nas horas tristes e tardias.

«Não se comprem os remédios senão quando se está gravemente enfermo: despreza-se a filosofia enquanto se não é desgraçado. Vêde esse homem rico, gozando de boa saúde, com uma mulher forte e filhos sadios; bem se importa ele com a filosofia; mas, venha ele a perder a fortuna ou a saúde, adoça-lhe, com doença mortal, a mulher, ou o filho, ou o irmão e só assim se lembrará de chamar o filósofo para que o console, para que lhe ensine a suportar tanta desgraça».

Como mais tarde o fizeram os jesuitas, foram os soberanos que os filósofos procuraram chamar ao bom caminho. «O soberano é honesto e prudente por milhares de homens»; melhorando-o, um filósofo faz mais do que se tornasse sábios a centenas de homens isoladamente. Foi Areu um director junto de Augusto, um confessor a quem o imperador desvendava os seus pensamentos e até

os seus mais íntimos segredos. Quando Lúvia perde o seu filho Druso, é Areu quem a consola. Sêneca desempenhou por momentos o mesmo papel junto de Nero. O filósofo que, no tempo de Epicteto, era rudemente tratado pelos grosseiros na Itália, torna-se mais tarde o *comes* (companheiro) do príncipe, o seu amigo mais íntimo, aquele a quem ele recebe a qualquer hora. Dir-se-iam uma espécie de capelães com funções e honorários regulares. Dión Crisóstomo escreve para Trajano um discurso sobre os deveres da realeza. Adriano apparece-nos rodeado de sofistas.

O público recebia, como os príncipes, lições regulares de filosofia. Havia nas cidades importantes um ensino eclético oficial, lições e conferências. Subsistiam as antigas denominações de escolas; havia ainda platónicos, pitagóricos, cínicos, epicuristas, paripatéticos, percebendo honorários iguais, sendo só obrigados a demonstrar que o seu ensino estava de acordo com o de Platão, Pitágoras, Diógenes, Epicuro e Aristóteles. Os trocistas afirmavam que alguns mestres ensinavam ao mesmo tempo filosofias diferentes para perceberem vários ordenados. Apresentara-se em Atenas um sofista como sabendo todas as filosofias: «Que Aristóteles me chame ao Liceu, e eu segui-lo-ei; que Platão me convide para a Academia, e eu aí entrarei; se Zenão me chama, eu serei hóspede do Pórtico; a uma só palavra de Pitágoras, calar-me-ei. — E se Pitágoras te chama?» retorquiu-lhe Demonax.

Esquece-se demais que o 2.º século foi um século de propaganda pagã paralela à propaganda

cristã, e, sob muitos pontos de vista, concordante com esta. Não era raro, no circo, no teatro, nas assembleias, ver levantar-se um sofista, como mensageiro divino, em nome das verdades eternas. Dión Crisóstomo dera o modelo dessas homílias, vincadas de politeísmo assaz mitigado pela filosofia e lembrando os ensinamentos dos Padres da Igreja. Em Roma, o cínico Teagene atraía uma multidão aos cursos que professava no ginásio de Trajano. Máximo de Tiro, apresenta-nos nos seus *Sermões* uma teologia, no fundo mono-teísta, em que as representações figuradas se conservam como símbolos indispensáveis às fraquezas humanas e que só os sábios podem dispensar. Todos os cultos, segundo esse pensador por vezes eloquente, são um esforço impotente para um único ideal. São insignificantes as diferenças e não deteriam um verdadeiro adorador.

Assim se realizou um verdadeiro milagre histórico que se pode chamar o reino dos filósofos. Chegou o momento de estudar o que ele exalçou e o que rebaixou. — Serviu magnificamente os progressos sociais e morais; a humanidade, a doutrina dos costumes ganharam espantosamente; fundamentou-se para todo o sempre a ideia de um Estado governado pela sabedoria, pela benevolência e pela razão. Contrariamente, decaíram a força militar, a arte e a literatura. Filósofos e letrados não são a mesma coisa. Os filósofos acham frívolas as obras dos letrados e o gosto destes pelos aplausos. Os letrados riam-se da barba da do estilo dos filósofos, da sua falta de maneiras, das suas barbas e dos seus mantos. Marco-Au-

rélio, depois de ter hesitado entre as duas facções, decidiu-se altivamente pelos filósofos. Desprezou o latim; cessou de encorajar o cuidado em escrever essa língua, optou pelo grego que era a língua dos seus autores favoritos.

Decidiu-se então a ruína definitiva da literatura latina. Decai rapidamente o Ocidente, enquanto o Oriente refulge cada vez mais; sente-se despontar Constantino. As artes plásticas, tão queridas de Adriano, quase parecem vaidade aos olhos de Marco-Aurélius. O que resta do seu arco de triunfo (1) é bastante mole; todo o mundo, até os bárbaros, tem um ar excelente; os cavalos um olhar terno e filantrópico. A coluna Antonina é um trabalho curioso mas sem delicadeza na execução, muito inferior ao templo de Antonino e de Faustina erguido no reinado anterior. Seduz-nos a estátua equestre do Capitólio por ser a imagem sincera do excelente imperador; mas o artista não tem o direito de abdicar assim de todo o relevo. Sente-se que há causas profundas que determinam a ruína total, num lapso de cinquenta anos, das artes do desenho. O cristianismo e a filosofia laboram igualmente nesse sentido. Desliga-se o mundo da forma e da beleza. Só se pensa em melhorar a sorte dos fracos e embrandecer os fortes.

A filosofia dominante é a moral no seu alto grau, mas pouco científica, não conduzindo ao experimentalismo. Tal filosofia não se incompatibiliza com os cultos pouco dogmáticos de en-

(1) No palácio dos Conservadores — Roma.

tão. Os filósofos revestiam-se muitas vezes de funções sacerdotais nas cidades respectivas. Assim o estoicismo, que tanto contribuiu para a melhoria das almas, foi frouxo diante da superstição; elevou os corações, mas não os espíritos. Era imperceptível o número dos verdadeiros sábios. O próprio Galeno não é um espírito positivo; admite os sonhos médicos e outras superstições do seu tempo. Os mágicos mais malfazejos tinham grande voga, apesar da incidência coercitiva das leis. Trábordava o Oriente com o seu cortejo de quimeras. Nas províncias, as maiores loucuras tinham adeptos.

Havia na Beócia um semi-deus, um tal Sostrato, espécie de colosso idiota, levando vida selvagem, em que toda a gente reconhecia Hércules ressuscitado. Consideravam-no o génio bom da terra e consultavam-no de toda a parte.

Coisa mais incrível ainda! a louca religião de Alexandre de Abonótica, que vimos nascer nas pieguices paflagonianas, encontrou adeptos nas mais altas classes da sociedade romana, entre os familiares de Marco-Aurélius. Um dos seus corifeus foi Severiano, legado da Capadócia. Quiseram ver o impostor em Roma. Fez-se seu apóstolo um personagem consular, Públio Mummio Sisenna Rutiliano, que achou uma grande honra em se casar, aos sessenta anos, com uma filha que o mariola de baixa esfera pretendia ter nascido do seu concúbio com a Lua. Em Roma, Alexandre criou mistérios que duravam três dias: no primeiro celebrava-se o nascimento de Apolo e de Esculápio; no segundo a epifania de Glícon; no terceiro o nascimento de Alexandre; todo este cerimonial

com procissões e danças com círios. Havia cenas de revoltante imoralidade. Quando da peste de 166, as fórmulas talismânicas de Alexandre, gravadas nas portas das casas, passavam como preservativos aos olhos dos supersticiosos. Quando da guerra da Panónia (167-171), Alexandre fez falar a sua serpente, e foi por sua ordem que se deitaram ao Danúbio dois leões vivos, com sacrificios solenes. Marco-Aurélíio em pessoa assistiu à cerimónia, vestido de pontífice e rodeado de personagens envergando grandes mantos. Os dois leões foram mortos à paulada na outra margem e os Romanos espostejados. Estas desgraças não perderam o impostor, que, protegido por Rutiliano, escapou a tudo o que as pessoas sensatas pensaram fazer para o prenderem. Morreu no esplendor da glória; em 178, as suas estátuas, especialmente em Pário, onde o seu túmulo ornava a praça pública, foram objecto do culto do povo. Nicomédia pôs Glícon como cunho das suas moedas. Também Pérgamo o honrou. Inscrições latinas, encontradas na Dácia e na Mésia superior, attestam que Glícon teve até muito longe imensos devotos e que Alexandre lhe foi associado como um deus.

Esta teologia baroca teve um certo desenvolvimento. Deram-lhe uma serpente fêmea, a *dracena*; associou-se Glícon ao agatodemónio Cnoubis e ao místico Ião. Nicomédia conservou a serpente de cabeça humana nas suas moedas até 240. Em 252 florescia a religião de Glícon em Ionópolis. Perdurou o nome substituído pelo impostor ao da Abonótica mais tempo do que outras substituições

mais justificadas. Ainda subsiste nos nossos dias com o nome *Ineboli* de aparência turca.

Peregrino, depois do seu estranho suicídio em Olímpia, também teve em Pário estátuas e culto. Formulou oráculos e curaram-se doentes por sua intervenção.

Assim o progresso intelectual não correspondia ao progresso social. A adscrição ao culto oficial não entretinha senão superstições impedindo o estabelecimento de uma boa instrução pública. A culpa não foi do imperador. Este fazia tudo quanto podia. O seu objectivo, a melhoria dos homens, era tarefa de séculos. Esses séculos tinha-os o cristianismo diante de si; o império não os tinha.

«A causa universal, dizia o sábio imperador, é uma tormente que tudo arrasta. Insignificantes políticos os que pretendem regular os negócios com as máximas da filosofia! Parecem crianças a quem se assoa o nariz! Homem, que queres tu? Faze o que reclama presentemente a natureza. Vai além se podes e não te importe saber se alguém se preoccupa contigo. Não esperes pela república de Platão; procura melhorar as coisas e não consideres esse resultado como um successo de mediocre importância. Como mudar as disposições internas dos homens? E, sem essa mudança nos seus pensamentos, nada mais terás do que escravos atrelados ao jugo, pessoas affectando uma persuasão hipócrita. Vai e fala-me de Alexandre, de Filipe, de Demétrio e de Falero. Se não desempenharam senão um papel de actores trágicos, ninguém me obriga a imitá-los. A obra da filosofia é coisa simples e modesta; não me arrastes a um necrotério cheio de preteações.»

CAPÍTULO IV

Perseguições contra os cristãos,

A filosofia, que tão arreigadamente conquistara o coração de Marco-Aurélio, era hostil ao cristianismo. Frontão, seu preceptor, parece elevado de imensos prejuízos contra os cristãos: ora, sabe-se que Marco-Aurélio conservou, como uma religião, as suas recordações da juventude e as impressões dos seus mestres. Geralmente os pedagogos gregos eram inimigos do novo culto. Orgulhoso nos seus direitos de pai de família, considerava-se lesado o preceptor pelos catequistas iletrados que entravavam clandestinamente as suas funções e indispunham os seus discípulos incitando-os à rebelião. Esses pedantes tinham na corte dos Antoninos um favoritismo e uma importância talvez exagerados. Muitas vezes as denúncias contra os cristãos provinham de perceptores cons-

cienciosos, que se julgavam na obrigação de preservar a juventude confiada ao seu ensino contra uma propaganda indiscreta, antagónica às ideias da sua família. São igualmente severos os literatos como Élio Aristides. Para eles os judeus e os cristãos são ímpios que negam os deuses, inimigos da sociedade, perturbadores do sossego das famílias, intrigantes que se intrometem por toda a parte, chamando tudo a si, questiunculadores presunçosos e malevolentes. Homens, como Galeno, antes espíritos práticos do que filósofos ou retóricos, manifestavam menos parcialidade louvando, sem reservas, a castidade, a austeridade, os costumes serenos de sectários inofensivos que a calúnia transformara em odiosos malfetores.

O imperador tinha por hábito conservar íntegras as antigas máximas romanas. Bastava isso para que o novo reinado fosse pouco favorável à Igreja. A tradição romana é um dogma para Marco-Aurélio, predispondo-se para a virtude «como homem e como Romano». Os prejuízos do estóico duplicavam-se com os do patriota, e estava escrito que o melhor dos homens cometeria o maior dos erros por excesso de seriedade, de aplicação e de espírito conservador. Ah ! se ele tivesse qualquer coisa da leviandade de Adriano e do riso de Luciano !

Com certeza que Marco-Aurélio conheceu muitos cristãos. Havia-os entre os seus criados, na sua casa (1). Tinha por eles pouca estima. O sobre-

(1) Rossi atribui as cento e sessenta inscrições da primeira área da catacumba de S. Calisto à clientela de Marco-Aurélio, de Cómodo e dos Severos.

natural que era a essência do cristianismo, devia ser-lhe antipático, sentindo pelos Judeus o mesmo rancor dos outros Romanos. Parece que nunca viu quaisquer textos evangélicos; ignorou talvez o nome de Jesus; o que o maravilhou como estóico, foi a coragem dos mártires. Um facto o emocionou, porém, foi o seu ar triunfal, a sua maneira de ir espontaneamente para a morte. Esta bravata contra a lei pareceu-lhe de mau resultado; e como chefe de Estado, considerou-a um perigo. O estoicismo aconselhava a sofrer resignado a morte, mas nunca a procurá-la. Não apresentara Epicteto o heroísmo dos « Galileus » como o efeito de um fanatismo pertinaz? Élio Aristides exprime-se também do mesmo modo. Essas mortes voluntárias pareceram ao augusto moralista affectações tão pouco razoáveis como o suicídio teatral de Peregrino. Lê-se a nota seguinte no seu caderno de pensamentos: « Disposição da alma sempre prestes a separar-se do corpo, quer para se extinguir, quer para se dispersar, quer ainda para persistir. Quando digo « prestes » digo-o como o efeito de um juízo próprio e não por mera opposição, como os cristãos; deve ser um acto reflectido, grave, capaz de persuadir os outros sem decorativo trágico. » Tinha razão; o verdadeiro liberal deve recusar tudo aos fanáticos, até o prazer de serem mártires.

Não mudou Marco-Aurélio a conduta estabelecida contra os cristãos. As perseguições foram a consequência dos princípios fundamentais do império em matéria de associação. Marco-Aurélio em vez de exagerar a legislação anterior, atenuou-a e foi uma das glórias do seu reinado a ex-

tensão que deu aos direitos dos colégios. Aplicava-se o seu rescripto pronunciando a deportação contra as agitações supersticiosas, muito mais às profecias políticas ou aos entrujões que exploravam a credulidade pública do que aos cultos estabelecidos. No entanto não foi até à raiz; não aboliu integralmente as leis contra os colégios ilícitos e daí provieram na província algumas applicações deveras lamentáveis. A censura que se lhe pode fazer é a mesma que se pode endereçar aos modernos soberanos que não suprimem com uma penada todas as leis restritivas da liberdade de reunião, de associação e de imprensa. À distância a que estamos, vê-se bem que Marco-Aurélio seria melhor se tivesse sido inteiramente liberal. Talvez que o cristianismo, gozando da liberdade, desenvolvesse no imperador, por modo menos desastroso, o princípio teocrático e absoluto. Mas não se pode censurar a um homem de Estado o não ter provocado uma revolução radical prevendo acontecimentos que se darão muitos séculos depois. Não podiam Trajano, Adriano, Marco-Aurélio conhecer os princípios de história geral e de economia política somente apercebidos no século XIX, revelados pelas recentes revoluções.

Em todo o caso, a benignidade do imperador na applicação dos castigos está acima de toda a suspeita (1). Não se pode, a este respeito, ser mais

(1) Exagerou-se muito o número das vítimas. Orígenes, *Contra Celso*, III, 8. Os actos de Santa Felicidade não têm valor histórico.

exigente que Tertuliano, que durante a sua infância e a sua mocidade, foi testemunha ocular desta luta funesta. « Consultai os vossos anais, diz ele aos magistrados romanos, e vereis que os príncipes que nos fizeram mal são os que capricham em ser perseguidores. Pelo contrário, dos príncipes que conheceram as leis divinas e humanas, nem um só perseguiu os cristãos. Podemos até citar um que foi seu protector: o sábio Marco-Aurélio. Se não revogou inteiramente os éditos contra os nossos irmãos, destruiu-lhe os efeitos por penas severas contra os seus acusadores. » A torrente da admiração universal arrastou os próprios cristãos. « Grande e bom », tais são as duas palavras com que um cristão do 3.º século resume o carácter do pacífico imperador.

Deve recordar-se que o império romano era dez ou doze vezes maior do que a França e que a responsabilidade do imperador nas decisões jurídicas da província era bem diminuta. Dey também lembrar-se que o cristianismo não reclamava somente a liberdade do culto; viviam à vontade no império os cultos que toleravam os outros; o que criou uma situação exclusiva ao judaísmo e ao cristianismo foi a sua intolerância, o seu espírito de exclusão. Era absoluta a liberdade de pensar. De Nero a Constantino nem um só pensador foi incomodado nas suas investigações.

A lei perseguia; mas o povo perseguia muito mais. Os boatos espalhados pelos judeus e propalados por missionários odientos, espécie de caixeiros viajantes da calúnia, indispunham os espíritos mais moderados e mais sinceros. O povo afer-

rava-se às suas superstições, irritando-se contra os que as atacavam ridicularizando-as. As próprias pessoas ilustradas, como Celso e Apúlio, acreditavam que o enfraquecimento político do tempo se filiava no progresso da incredulidade dentro da religião nacional. A posição dos cristãos era a de um missionário protestante vivendo numa cidade muito católica da Espanha e pregando contra os santos, contra a Virgem, contra as procissões. Foi o ódio popular quem ateou as maiores perseguições no tempo de Marco-Aurélio. Em cada época de fome, em cada inundação, em cada epidemia, o mesmo grito, como uma ameaça sombria: « cristãos às feras! ». Nunca o império vira tantas calamidades; acreditava-se na cólera dos deuses; afervorava-se a devoção, apelava-se para os actos expiatórios. No meio de tudo isto a atitude dos cristãos mantinha-se desdenhosa e às vezes provocadora. Na maioria dos casos acolhiam as sentenças condenatórias com insultos ao juiz. Diante de um templo ou de um ídolo sopravam como quem repele uma coisa impura ou persignavam-se. Não era raro ver um cristão parar diante de uma estátua de Apolo ou de Júpiter e interpellá-la, batendo-lhe com um pau e dizer-lhe: « Olhai, o vosso deus não se vinga! » Fortalecia-se a tentação de prender o sacrilego, de o crucificar e de lhe dizer: — « E o teu Deus, porque te não vinga? » Não eram menos hostis às superstições vulgares os filósofos epicuristas e no entanto ninguém os perseguia. Nunca se obrigou um filósofo a sacrificar, a jurar pelo imperador, a levar círios. Como os filósofos condescenderiam com

essas formalidades vãs, ninguém se atrevia a exigir-lhas.

Os homens ajuizados e os sacerdotes tiravam aos fiéis a ideia de se oferecerem voluntariamente ao martírio; mas isto não se podia ordenar a um fanatismo que via o seu mais belo triunfo na condenação e uma voluptuosidade no suplício. Na Ásia esta sede de morte era contagiosa e produzia fenómenos análogos aos que mais tarde se desenvolveram em larga escala nos circuncisos da África. Tendo um dia Ário Antonino, procônsul da Ásia, ordenado rigorosas perseguições contra alguns cristãos, viu apresentarem-se em massa todos os fiéis da cidade perante o tribunal, reclamando a sorte dos seus correligionários escolhidos para o suplício. Ário Antonino, furioso, mandou supliciar um pequeno número e despediu os outros exclamando: «Ide, miseráveis! Se tendes tanta vontade de morrer, não vos faltam cordas e precipícios».

Quando, no seio de um grande Estado, uma facção tem interesses opostos ao resto da colectividade, o ódio é inevitável. Ora os cristãos desejavam no fundo que tudo fosse de mal a pior. Em vez de fazer causa comum com os bons cidadãos para conjurar os perigos da pátria, os cristãos regosijavam-se com eles. Os montanistas, a Frigia inteira levavam a loucura até às mais odientas profecias contra o império. Parecia haver-se regressado aos tempos do grande Apocalipse de 69. Estas espécies de profecias eram um crime previsto pela lei; a sociedade romana sentia-se instintivamente enfraquecer; só vagamente entre-

via as causas desse enfraquecimento; irritava-se, não sem alguma razão, contra o cristianismo. Supunha que um regresso aos antigos deuses lhe traria a fortuna. Esses deuses haviam feito a grandeza de Roma; criam havê-los irritado as blasfêmias dos cristãos. Para apaziguar a cólera dos deuses não bastaria matar os cristãos? Sem dúvida; porque estes não poupavam as zombarias sobre a inanidade dos sacrificios e dos meios empregados para conjurar os flagelos. Figure-se o que sucederia a um libertino, na Inglaterra, rindo publicamente às gargalhadas num dia de jejum e de oração determinado pela rainha!

Calúnias atrozes, zombarias sanguinolentas eram a desforra dos pagãos. A mais abominável das calúnias era a acusação que recaía sobre os cristãos de adorarem os padres dando-lhes beijos infames. Talvez que desse lugar a esse boato ignóbil a posição do penitente no confessionário. Apareciam nas paredes e circulavam entre o público caricaturas vergonhosas. A fábula absurda de que os judeus adoravam um burro, fazia crer que sucedia o mesmo com os cristãos. Aqui, via-se a imagem do crucificado com cabeça de burro recebendo a adoração de um garoto de guedelhas. Além um personagem de toga comprida e orelhas enormes, o pé fendido como um casco, tinha nas mãos um livro, com um ar beato e com esta epígrafe: *DEVS CHRISTIANORVM ONOKOITHC*. Um judeu apóstata, convertido em criado de circo, fez uma grande caricatura, pintada, em Cartago, nos últimos anos do século xi. Um galo misterioso, tendo por bico um falo e a seguinte inscrição

ΩΤΗΡ ΚΟΜΟΥ, também parece referir-se às crenças cristãs.

O gosto dos catequistas pelas mulheres e pelas crianças originava mil motejos. Opondo-se à secura do paganismo, a Igreja lembrava um conventículo de efeminados. O sentimento terno de todos por todos, conservado pelo *asposmos* e exaltado pelo martírio, criava uma espécie de atmosfera de moleza, cheia de atractivos para as almas doces e de perigo para outras. Esse movimento das mulheres afadigadas em torno das igrejas, o hábito de se chamarem mutuamente irmãos e irmãs, o respeito pelo bispo levando a ajoelharem-se frequentemente diante dele, tudo isso era anormal e provocava interpretações ineptas. O grave preceptor que via fugir os seus discípulos atraídos por essa sedução feminina, concebia um ódio profundo e pensava servir o Estado, vingando-se. As crianças deixam-se facilmente levar pelas palavras de terno misticismo que lhes chegavam furtivamente e que muitas vezes lhes causavam do lado dos pais severas punições.

Foi por isso que a perseguição atingiu um grau de vivacidade até então nunca visto. Esqueceu-se a distinção entre o simples facto de ser cristão e os crimes conexos ao nome. Dizer: «Eu sou cristão» era assinar uma sentença de morte. O terror foi o estado habitual da vida cristã. Vinham as denúncias de toda a parte, especialmente dos escravos, dos judeus e dos maridos pagãos. A polícia, conhecendo os locais e os dias das reuniões, entrava de surpresa nas salas. O interrogatório dos inculpadados fornecia aos fanáticos ocasiões de

fazerem brilhante figura. Os Actos desses processos foram recolhidos pelos fiéis como trechos triunfais; expunham-nos; liam-nos ávidamente; fez-se com eles um género de literatura. A comparação ante o juiz tornou-se preocupação e o réu preparava-se com donaire para aparecer no tribunal. A leitura desses trechos, em que o papel simpático era sempre o do acusado, exaltava as imaginações, provocava imitações, inspirava o ódio da sociedade civil e desse estado de coisas em que os bons eram assim tratados. Os horribéis suplícios do direito romano applicavam-se com todo o rigor. O cristão, como o mais humilde e ainda como *infame*, era punido com a cruz, com as feras, com o fogo e com as varas. Substituía-se por vezes a condenação à morte pelos trabalhos nas minas e pela deportação para a Sardenha. Cruel adoçamento! Os juizes, na applicação da tortura, eram absolutamente arbitrários e por vezes se alucinavam com uma verdadeira perversão de ideias!

Foi um espectáculo desolador! Ninguém sofreu mais que o verdadeiro amigo da filosofia. Mas que fazer? Não se pode ser ao mesmo tempo duas coisas contraditórias. Marco-Aurélius era Romano; quando perseguia, fazia-o como um Romano. Em sessenta anos, um imperador tão bom de coração, mas menos esclarecido de espírito do que Marco-Aurélius, Alexandre Severo, realizará, sem consideração alguma pelas máximas romanas, o programa do verdadeiro liberalismo; dará a liberdade completa de consciência, relegará as leis coercitivas da liberdade de associação. Aproveitá-lo inteiramente. Mas Alexandre Severo fez isto

porque era Sírio, estranho à tradição imperial. No entanto falhou na sua empresa. Todos os grandes restauradores das cousas romanas, que virão depois dele, Décio, Aureliano, Diocleciano, volverão aos princípios estatuidos e seguidos por Trajano, Antonino, Marco-Aurégio. A paz completa da consciência desses grandes homens não deve surpreender-nos ; foi com uma absoluta serenidade de coração que Marco dedicou no Capitólio um templo à sua deusa favorita — a Bondade.

CAPÍTULO V

Grandeza crescente da Igreja de Roma. Escritos pseudo-clementinos.

Transformava-se Roma dia a dia na capital do cristianismo e substituiu Jerusalém como centro religioso da humanidade. *Cidade sacrossanta!* Attingia a culminância da grandeza essa cidade extraordinária ; cousa alguma fazia prever os acontecimentos que no terceiro século a fariam decair, reduzindo-a a simples capital do Ocidente. Usava-se o grego tanto como o latim e nada levava a crer na grande cisão do Oriente. O grego era língua exclusiva da Igreja ; liturgia, prédica, propaganda faziam-se em grego (1).

Aniceto presidia, com alta autoridade, à Igreja.

(1) De Rossi — *Bollettino*, 1865, pág. 52. No meio do 3.º século as inscrições dos papas na Catacumba de S. Calisto são inscritas em grego.

Todo o mundo cristão o consultava. Admitia-se plenamente que a Igreja de Roma fora fundada por Pedro e acreditava-se que este apóstolo transmitira à sua Igreja a primazia com que Jesus o investira; aplicavam-se a essa Igreja as palavras pelas quais era crença comum que Jesus conferira a Cefas o lugar de pedra angular no edifício que queria construir. Por um esforço sem igual, a Igreja de Roma conseguira ser ao mesmo tempo a Igreja de Paulo. Reconciliados Pedro e Paulo, eis realizada a obra prima fundamentando no futuro a supremacia eclesiástica de Roma. Uma nova dualidade mítica substituiu a de Rômulo e Remo. Nós já víamos a questão da Páscoa, as lutas do gnosticismo, as de Justino e Taciano convergirem para Roma. Todas as controvérsias que rasgarão a consciência cristã seguem o mesmo caminho; e até Constantino os dissidentes virão pedir à Igreja de Roma uma arbitragem ou uma solução. Os doutores célebres consignam como obrigação, para seu ensinamento, a visita a essa Igreja, à qual, depois da desapareição da de Jerusalém, todos reconhecem o prestígio da antiguidade.

Entre os Orientais que vieram a Roma no tempo de Aniceto, deve contar-se um judeu converso chamado José ou Hegesipo, com certeza oriundo da Palestina. Recebera uma educação rabínica esmerada, conhecia o hebraico e o siríaco, era muito versado nas tradições não escritas dos judeus; mas não tinha senso crítico. Como a maioria dos judeus convertidos, servia-se do Evangelho dos Hebreus. O zelo pela pureza da fé levou-o a lon-

gas viagens e a uma espécie de apostolado. Ia de Igreja em Igreja conferenciando com os bispos, informando-se da sua fé, filiando a sucessão dos pastores na sua ascendente sequência até aos apóstolos. Alegrou-o o acordo dogmático existente entre os bispos. Todas as pequenas Igrejas das margens do Mediterrâneo oriental se desenvolviam com um entendimento perfeito. Sobretudo em Corinto, Hegesipo consolou-se especialmente nas suas conversas com o bispo Primo e com os fiéis que encontrou seguindo a orientação mais pura da ortodoxia. Daí embarcou para Roma, onde se relacionou com Aniceto e informou-se cuidadosamente acerca do estado da tradição. Aniceto tinha como diácono Eleutério, que foi mais tarde bispo de Roma. Hegesipo, ainda que judaizante e ebionita, regosijava-se nessas Igrejas de Paulo, no que havia mais merecimento, visto como o seu espírito subtil via heresia por toda a parte. (1) « Em

(1) Parece que Estêvão Gobar, citado por Fócio, pretende que Hegesipo contradiz directamente e argúi do erro, a passagem de S. Paulo, I Cor., II, 9. Se isso fosse verdade, não era possível que Eusébio e a tradição eclesiástica deixassem de anatematizar Hegesipo. Ora Eusébio põe-no no lugar dos defensores da verdade contra os heréticos (IV, VII, 15; VIII, 1; cf. Sozom., I, 1). Se Paulo fosse herético aos olhos de Hegesipo, como explicar a teoria desse mesmo Hegesipo sobre a Igreja virgem de toda a heresia até aos gnósticos? Como, nas suas viagens, poderia haver uma tão perfeita comunhão com Igrejas entre as quais muitas reverenciavam Paulo? E em Roma, onde Hegesipo viveu vinte anos em plena harmonia com a Igreja, não se tornou o culto de Pedro inseparável do culto de Paulo? Para bem julgar era preciso conhecer o sítio visado por Gobar.

cada sucessão de bispos, em cada cidade, diz ele, as coisas passam-se como o ordenam a Lei, os Profetas e Deus.» Fixou-se em Roma, com Justino; quedou-se ali mais de vinte anos, muito respeitado por todos apesar das surpresas que deveriam causar o seu cristianismo oriental e as bizarrarias do seu espírito. Tal como Papias ante as transformações rápidas da Igreja, fazia o efeito de um «homem antigo», uma espécie de sobrevivente à idade apostólica.

Uma causa material contribuía imenso para a preeminência que todas as Igrejas reconheciam à Igreja de Roma. Essa Igreja era extremamente rica; os seus bens, hábilmente administrados, serviam de fundo de socorro e de propaganda para as outras Igrejas. Enviava subsídios aos confessores condenados às minas. Por assim dizer, o tesouro comum do cristianismo tinha a sua sede em Roma. Provavelmente já se estabelecera a colecta do domingo, prática constante da Igreja romana. Um espírito maravilhoso de direcção animava a pequena comunidade em que a Judeia, a Grécia e o Lácio pareciam confundir, em vista de um prodigioso futuro, os seus dons mais diversos. Enquanto que o monoteísmo judaico fornecia a base inabalável da neo-formação e a Grécia continuava pelo gnosticismo a sua obra de livre especulação, Roma prendia-se com uma sequência espantosa à obra de organização e de governo. Favoreciam-na neste intuito as autoridades e os artificios. A política não recua diante da fraude; ora a política já assentara arraiais nos conselhos mais secretos da Igreja de Roma. Nesse tempo

produziu-se um veio novo de literatura apócrifa, por onde a piedade romana procurou mais uma vez impor-se ao mundo romano.

A garantia fictícia do nome de Clemente foi o que os falsários escolheram para servir de capa aos seus piedosos desígnios. A grande reputação deixada pelo velho pastor romano, o direito que se lhe reconheceu de dar a sua apostila aos livros dignos de circulação, recomendavam-no para este papel. Sobre a base dos *Cerygmatas* e dos *Períodos* de Pedro, um autor desconhecido, nascido pagão e abraçando o cristianismo ingressando pela porta do esseno-ebionismo, architectou um romance em que Clemente aparece simultaneamente como autor e como herói. Esse escrito precioso, chamado *Reconhecimentos*, por causa das surpresas do desenlace, chegou até nós com duas redacções diferentes uma da outra e das quais provavelmente nem uma nem outra são primitivas. Parece que ambas dimanam de um escrito perdido, que appareceu, pela primeira vez, na época que estudamos.

Parte o autor da hipótese que Clemente foi o successor immediato de Pedro na presidência da Igreja de Roma e recebeu do príncipe dos apóstolos a ordenação episcopal. Do mesmo modo que os *Cerygmatas* eram dedicados a Tiago, assim o novo romance traz no frontespício uma epístola em que Clemente noticia a Tiago, «bispo dos bispos e chefe da santa Igreja dos Hebreus em Jerusalém», a morte violenta de Pedro e conta como este apóstolo, o primeiro de todos, o verdadeiro companheiro, o verdadeiro amigo de Jesus, arvorado por

Jesus em base única da Igreja, o estabeleceu, a ele Clemente, como seu sucessor no episcopado de Roma e lhe recomendou de escrever resumidamente e de endereçar a Tiago a narrativa das suas viagens e das suas prédicas realizadas em comum. A obra não fala da permanência de Pedro em Roma nem das circunstâncias da sua morte. Estas últimas narrações seriam sem dúvida o assunto de uma segunda obra que serviria de continuação àquela que chegou até nós.

O espírito ebionita, hostil a Paulo, que formava o fundo dos primeiros *Cerygmatas*, aparece agora muito diluído. Não se fala de Paulo em toda a obra. Não é sem razão que o autor finge não conhecer em matéria de apóstolos senão os doze presididos por Pedro e Tiago, atribuindo somente a Pedro a honra de ter espalhado o cristianismo no mundo pagão. Em muitos pontos entrevêm-se as injúrias dos judeo-cristãos; mas são ditas por meias palavras; quase que um discípulo de Paulo as poderia ler sem se magoar com elas. Pouco a pouco essa história caluniosa das lutas apostólicas, inventada por uma escola odienta mas com trechos feitos de molde a agradar a todos os cristãos, perdeu a cor sectarista e quase se tornou católica e se fez adoptar pela maioria dos fiéis. São bastante obscuras as alusões contra S. Paulo. Todo o odioso da narração recaía sobre Simão o Mágico; esqueciam-se as alusões que o seu nome encobria; via-se nele um desdobramento de Nero no papel infernal de Anti-Cristo.

obra é composta segundo os preceitos de um romance antigo. Não falta coisa alguma: viagens,

episódios de amor, naufrágios, gémeos que se assemelham, indivíduos aprisionados pelos piratas, reconhecimento de pessoas há muito separadas por uma longa série de aventuras. Clemente, em consequência de uma confusão que se produziu desde uma época muito antiga, é considerado como pertencendo à família imperial. Matídia, sua mãe, é uma matrona romana, perfeitamente casta, casada com o nobre Fausto. Perseguida pelo criminoso amor de seu cunhado, querendo salvar a sua honra e a reputação da família, abandona Roma com a permissão do marido e parte para Atenas para aí educar os seus filhos, Faustino e Faustinião. Passados quatro anos e sem novas suas, Fausto embarca com o seu terceiro filho, Clemente, para ir em busca de sua mulher e dos seus dois filhos. Depois de mil aventuras, encontram-se o pai, a mãe e os três filhos. Ao princípio não eram cristãos, mas mereciam sê-lo e foram-no. Pagãos, os seus costumes eram honestos; ora a castidade tem o privilégio de que a Deus cabe a obrigação de salvar os que a praticam por instinto natural. «Se não fosse uma regra absoluta que só o baptismo pode salvar, os pagãos castos salvar-se-iam.» Os infiéis que se convertem são os que o mereceram pela austeridade dos seus costumes. Clemente encontra os apóstolos Pedro e Barnabé, faz-se seu companheiro, conta-nos as suas prédicas, as suas lutas contra Simão e proporciona a todos os membros da sua família o momento de uma conversão para a qual estavam tão bem preparados.

Tal quadro romanesco não passa de um pretexto para fazer a apologia da religião cristã, e mos-

trar a sua superioridade sobre as opiniões filosóficas e teúrgicas do tempo. S. Pedro já não é o apóstolo galileu, nosso conhecido pelos *Actos* e cartas de Paulo; é um polemista hábil, um filósofo, um homem sobranceiro que põe as manhas do sofista ao serviço da verdade. A vida ascética, a rigorosa xerofagia faz lembrar os essênios. A sua mulher viaja com ele como sacerdotisa. Eram bem errôneas as ideias acerca do estado social em que viveram Jesus e os seus apóstolos. Desconheciam-se os dados mais simples da cronologia apostólica.

Deve dizer-se, com elogio para o autor, que se a sua confiança na credulidade do público era sincera, tem pelo menos uma fé na discussão que honra a sua tolerância. Admite o erro por inocência. Dos personagens do romance, o único sacrificado foi Simão o Mágico. Os seus discípulos Ápion e Anubion representam, o primeiro, o esforço para tirar da mitologia qualquer coisa de religioso; o segundo, a sinceridade transviada cuja recompensa será mais tarde o conhecimento da verdade. Simão e Pedro disputam a metafísica; Clemente e Ápion a moral. Uma comovente cam-biante de simpatia e piedade pelos que erram encanta essas páginas, escritas por alguém que atravessou as agonias do cepticismo e sabe melhor do que ninguém o que pode sofrer e ganhar em merecimento procurando a verdade. Como Justino de Nápoles, versou Clemente todas as filosofias; os altos problemas da imortalidade da alma, recompensas e castigos futuros, Providência, relações do homem com Deus são obsecações

do seu espírito; nenhuma escola o satisfaz; vai, com prejuizo da sua causa, cair nas mais grosseiras superstições quando até ele chega a voz do Cristo. Na doutrina que lhe fornecem como sendo a do Cristo, encontra a resposta para todas as dúvidas; é cristão.

Já se completa no pseudo-Clemente o sistema de refutação do paganismo que será a base da argumentação de todos os Padres. O sentido primitivo da mitologia perdera-o todo o mundo; os velhos mitos físicos, transformados em historietas desenxabidas, já não ofereciam repasto às almas. Era fácil demonstrar que os deuses do Olimpo davam maus exemplos e que quem os imitasse seria um celerado. Ápion procura escapar-se com explicações simbólicas. Clemente estabelece facilmente a absoluta impotência do politeísmo em produzir uma moral séria. Ele tem necessidades invencíveis de coração: honrado, pio, cándido, precisa de uma religião que satisfaça a sua viva sensibilidade. Em certa hora relembram os dois adversários episódios da mocidade, transformados agora em armas de combate. Fora Ápion outrora o hóspede do pai de Clemente. Vendo-o um dia triste e doente pelas torturas a que se dava na pesquisa da verdade, Ápion, que tinha pretensões a médico, perguntou-lhe de que sofria: «A doença dos novos! doença da alma!» respondeu-lhe Clemente. Julgou Ápion que o mal fosse de amores e então fez-lhe confidências inconvenientes e escreveu em sua honra um trecho de literatura erótica que Clemente intercala no debate com mais malícia do que apropósito.

A filosofia do livro é o deísmo como fruto da revelação e não da razão. Fala o autor de Deus, da sua natureza, dos seus atributos, da sua providência, do mal considerado como experiência e como origem do mérito para o homem, à moda de Cícero ou de Epicteto. O autor do romance pseudo-clementino, espírito lúcido e recto oposto às aberrações montanistas e ao quase politeísmo dos gnósticos, é um monoteísta restrito, ou, como então se dizia, um monárquico. Deus é um ser cuja essência não convém senão a ele mesmo. O Filho é-lhe por natureza inferior. Essas ideias similares às do pseudo-Hermes (1) foram largo tempo a base da teologia romana. Mais remotas dos pensamentos revolucionários, eram em Roma as teorias conservadoras. No fundo era a teologia dos nazarenos e dos ebionitas, ou antes de Filone dos essénios, desenvolvida no sentido do gnosticismo. O mundo é o teatro da luta do bem e do mal. O bem ganha terreno sobre o mal acabando por o vencer. Os triunfos parciais do bem operam-se por intermédio da aparição de profetas sucessivos, Adão, Abel, Henoch, Noé, Abraão, Moisés; ou antes um só profeta, Adão imortal e impecável, o homem-tipo por excelência, a perfeita imagem de Deus, o Cristo, sempre vivo, sempre mudável de forma e de nome, percorre incessantemente o mundo e enche a his-

(1) Como o autor do *Pastor*, o autor do romance pseudo-clementino nunca chama a Jesus pelo seu nome, chama-lhe sempre «o profeta» ou o «profeta verdadeiro».

tória, pregando a mesma lei em nome do mesmo Espírito Santo.

A verdadeira lei de Moisés quase realizara o ideal da religião absoluta. Mas Moisés não escreveu coisa alguma; as suas instituições foram alteradas pelos seus sucessores. Os sacrifícios foram uma vitória do paganismo sobre a lei pura. Intrometeram-se imensos erros no Velho Testamento. David, com a harpa e as guerras sanguinolentas, é um profeta bastante inferior. Os outros profetas foram menos perfeitos que o Adão-Cristo (1). Pelo seu lado, a filosofia grega é um tecido de quimeras, uma verdadeira logomaquia. O espírito profético, que não passa do Espírito Santo manifestado, o homem primitivo, Adão tal qual Deus o fez, aparece então num último Cristo, em Jesus, que é o próprio Moisés; tão bem que entre um e outro não há rivalidades. Crer num é crer no outro; é crer em Deus. O cristão, por ser cristão, não deixa de ser judeu (Clemente sempre assim se apelida; e ele e toda a sua família se «fazem judeus»). O judeu que conhece Moisés e não conhece Jesus não será condenado praticando o que conhece e não odiando o que ignora. O cristão, originariamente pagão, que conhece Jesus e não conhece Moisés, não será condenado se observa a lei de Deus e não odeia a que não chegou até ele. A revelação não é senão o raio pelo

(1) Epif., xxx, 15. Ideia comum aos essénios e a Filon. Daí toda a literatura pseudo-epigráfica, ligando-se aos patriarcas e pretendendo conter o texto da revelação primitiva que nasce na época da nossa era.

qual as verdades ocultas no coração de todos os homens se tornam visíveis para cada um deles ; conhecer assim, não é aprender, é compreender.

A relação de Jesus com Deus foi a de todos os outros profetas ; foi o instrumento do Espírito e eis tudo. O Adão ideal, mais ou menos obscuro em todo o homem que vem a este mundo, existe nos profetas, colunas do mundo, no estado de clara consciência e de posse plena. « Nosso Senhor, diz Pedro, nunca disse que houve outro Deus senão o que criou todas as coisas e jamais se proclamou Deus ; proclamou somente, e com toda a razão, feliz, ao que o proclamou filho de Deus que tudo criou. — Mas não te parece, diz Simão, que o que provém de Deus é Deus ? — Como pode isso ser ? responde Pedro. A essência do Pai é não ter sido gerado ; a essência do Filho é ter sido gerado ; ora o que foi gerado não pode comparar-se senão ao que não foi gerado ou ao que a si próprio se gerou. O que não é em tudo idêntico a outro ser não pode ter apelações comuns (1). » Nunca o autor fala da morte de Jesus e não deixa acreditar que liga uma importância teológica a tal morte.

Jesus é pois um profeta, o último dos profetas, o que Moisés anunciou como vindo depois dele. A sua religião é uma depuração da de Moisés, uma escolha entre tradições das quais umas

(1) Os mendaitas, que são elcasaitas, fazem actualmente o mesmo raciocínio contra as doutrinas católicas. Siouffi, *Relig. dos Soubbas*, pag. 34-35. Relembra Maomé, tão intimamente relacionado com o elcasaismo. Ver *Os Evangelhos*, cap. XX.

são boas e outras más. A sua religião é perfeita ; convém aos Judeus e aos Helenos, aos homens instruídos e aos bárbaros ; satisfaz igualmente o coração e o espírito. Continua-se com os doze apóstolos, cujo chefe é Pedro, e por aqueles que deles houveram o seu poder. O apelo a sonhos, a visões privadas, é o feito de presunçosos.

Misto bizarro de ebionismo e de liberalismo filosófico, de catolicismo estreito e de heresia, de amor exaltado por Jesus e de receios pelo exagero do seu papel, de instrução profana e teosofia quimérica, de racionalismo e de fé, não podia o livro satisfazer por muito tempo a ortodoxia ; mas convinha a uma época de sincretismo em que ainda mal se definiam os pontos diversos da fé cristã. Foram precisos os prodígios de sagacidade da crítica moderna para reconhecer a sátira de Paulo por detrás da máscara de Simão, o Mágico. O livro é, em suma, um livro de conciliação. É a obra de um ebionita moderado, de um espírito eclético oposto ao mesmo tempo aos juízos injustos dos gnósticos e de Márcion contra o judaísmo e a profecia feminina dos discípulos de Montano. A circuncisão não é obrigatória, entretanto o circunciso tem uma categoria superior à do incircunciso. Jesus vale Moisés ; Moisés vale Jesus. A perfeição consiste em ver que os dois são só um, que a nova lei é a antiga e a antiga é a nova. Os que têm uma podem passar sem a outra. Que cada um viva para a sua casa e não odeie os outros.

Como se vê, era a absoluta negação da doutrina de Paulo. Jesus é para o nosso teólogo an-

tes um restaurador em vez de um inovador. Nessa mesma restauração, Jesus não passa de um intérprete de uma tradição de sábios que, no meio da corrupção geral, nunca haviam perdido o verdadeiro significado da lei de Moisés, a qual não passa da religião de Adão, a religião primitiva da humanidade. Segundo o pseudo-Clemente, Jesus é o próprio Adão. Segundo S. Paulo, Jesus é um segundo Adão em tudo oposto ao primeiro. A ideia da queda de Adão, base da teologia de S. Paulo, quase se não percebe aqui. Num ponto especialmente, o autor ebionita se mostra mais sensato do que Paulo. Paulo não cessou de protestar que o homem não deve a nenhum mérito pessoal a sua eleição e a sua vocação cristã. O ebionita, mais liberal, crê que o pagão honrado prepara pelas suas virtudes a sua conversão. Está longe de pensar que todos os actos dos infiéis são pecados. Os méritos de Jesus não têm, aos seus olhos, o papel transcendente que têm no sistema de Paulo. Jesus relaciona o homem com Deus; mas não substitui Deus.

Separa-se nitidamente o romance pseudo-clementino dos escritos verdadeiramente autênticos da primeira inspiração cristã pela sua prolixidade, pela sua retórica, a sua filosofia abstracta, copiada, em grande parte, das escolas gregas. Já não é um livro semítico, sem cambiantes, como os escritos puramente judeo-cristãos. Grande admirador do judaísmo, o autor tem o espírito greco-italiano, o espírito político, preocupado antes de tudo com a necessidade social e com a moral do povo. A sua cultura é helénica; do helenismo

só repudia a religião. O autor revela-se a todos os respeitos muito superior a S. Justino. Uma fracção considerável da Igreja adoptou o livro e collocou-o entre os mais reverenciados da idade apostólica, nos confins do Novo Testamento. Os erros grosseiros que aí se lêem sobre a divindade de Jesus e sobre os livros santos opunham-se a que ele aí ficasse; mas continuaram a lê-lo; os ortodoxos respondiam a tudo dizendo que Clemente escrevera o seu livro sem mácula e que os heréticos propositadamente lhe alteraram o texto. Aproveitaram excertos onde se omitiram as passagens mal soantes, atribuindo-lhes voluntariamente a teopneustia. Vimos e veremos outros exemplos de romances inventados pelos heréticos forçando assim as portas da Igreja ortodoxa e fazendo-se aceitar por ela por serem edificantes e susceptíveis de fornecer alimento à piedade.

O facto é que essa literatura ebionita, apesar da sua ingenuidade infantil, tinha no mais alto grau a unção cristã. O tom é de uma prédica comovida; o carácter essencialmente eclesiástico e pastoral. Pseudo-Clemente é um partidário da hierarquia pelo menos tão exaltado como o pseudo-Inácio. A comunidade resume-se no seu chefe; o clérigo é o mediador indispensável entre Deus e o rebanho. É preciso adivinhar as meias palavras do bispo e não esperar que ele diga: «Tal homem é meu inimigo» para fugir a esse homem. Ser amigo de alguém que o bispo não estima, falar a alguém que ele evite é pôr-se fora da Igreja, pôr-se no lugar dos seus piores inimigos. Como é difícil o cargo de bispo! Cada qual deve facilitar as

suas funções ; os diáconos são os olhos do bispo, devem vigiar tudo, saber tudo por ele. Recomen-da-se uma espécie de espionagem ; o que se pode chamar espírito clerical ainda se não exprimira em traços mais vigorosos.

Punham muito alto as abstinências e as práticas essenianas. A pureza dos costumes era a principal preocupação destes bons sectários. O adultério, para eles, é pior que o homicídio. « A mulher casta é a mais bela coisa do mundo, a mais perfeita lembrança da criação primitiva de Deus. A mulher piedosa, que não encontra prazer senão com as suas devoções, é o ornamento, o perfume e o exemplo da Igreja ; auxilia os castos a serem castos ; encanta o próprio Deus. Deus ama-a, deseja-a, guarda-a ; ela é a sua filha, a noiva do filho de Deus, vestida da luz divina. »

Estas imagens místicas não fazem do autor um partidário da virgindade ; é muito judeu para isso. Quer que os padres casem a gente moça e até os próprios velhos. A mulher cristã ama o marido, acaricia-o, lisonjeia-o, serve-o, procura agradar-lhe, obedece-lhe em tudo o que não for de obedecer a Deus. É-lhe vivo suplicio ser amada por outro que não o seu marido. Oh ! como é louco o esposo que intenta separar a mulher do temor de Deus ! A grande fonte da castidade, é a Igreja. Aí aprende a mulher os seus deveres e ouve falar do juizo de Deus que pune um minuto de prazer com o castigo eterno. O marido tinha obrigação de mandar à força a mulher a tais sermões, quando o não pudesse fazer por meios enternecedores.

« Mas o que há de melhor, acrescenta o autor dirigindo-se ao marido, é que venhas tu mesmo, levando-a pela mão, para que também tu sejas casto e conheças a ventura do casamento respeitável. Ser pai, amar os filhos, ser por eles amado, é coisa que podes conseguir se o quiseres. Quem quiser mulher casta, viva com castidade, retribua os deveres conjugais, coma com ela, viva com ela, venha com ela ao santo sermão, não a amargure, não questione sem motivo, procure agradar-lhe, distraia-a como puder e supra com as suas carícias o que lhe não pode dar. A mulher casta não espera essas carícias para cumprir os seus deveres. Considera o seu marido como seu senhor. Se é pobre, suporta a pobreza ; se ele tem fome, também ela a deve ter ; se emigra, também emigra ; consola-o quando ele está triste ; e ainda quando tiver um dote superior ao do marido, conservará a attitude subalterna de quem nada tem. Se o marido tem uma mulher pobre, deve considerar a sua sabedoria como um magnifico dote. A mulher prudente é sóbria a comer e a beber . . . nunca está só com gente moça, desconfia dos próprios velhos, evita o riso doido . . . regosija-se com o grave discorrer, foge dos que não são propensos ao bem-estar ».

A boa Matídia, mãe de Clemente, é o exemplo prático destas piedosas máximas. Pagã, tudo sacrifica à castidade ; a castidade preserva-a dos maiores perigos e dá-lhe a conhecer a verdadeira religião.

Desenvolvía-se a prédica cristã imiscuindo-se com o culto. O sermão era a parte essencial das reuniões sagradas. A Igreja tornava-se a mãe de toda a edificação e de todos os consolos. Multiplicavam-se as regras sobre a disciplina eclesiástica. Para lhes dar autoridade, preferiam-nas aos apóstolos, e, como Clemente era reputado como a melhor garantia quando se tratava das tradições apostólicas, pois que mantivera íntimas relações com Pedro e com Barnabé, foi ainda sob o nome desse

venerando pastor que se viu despontar uma literatura apócrifa de Constituições como estatuidas pelo colégio dos Doze. O núcleo dessa compilação apócrifa, base primordial de um colectâneo de cânones eclesiásticos, conservou-se sem interpolações entre os Sírios. Esse colectâneo entre os Gregos, avolumando com o tempo, alterou-se de modo a não se parecer nada com o original (1). Citavam-no como fazendo parte das Sagradas Escrituras, ainda que certas reservas lhe tornem duvidosa a canonicidade. Muito cedo se permitiu dar a esse colectâneo de dizeres apodados de apostólicos a forma mais adequada para excitar o fervor dos fiéis impondo-se-lhe pela sua doutrina; encabeça essas diferentes redacções o nome de Clemente, mantendo com o romance dos *Reconhecimentos* afinidades íntimas. Toda a literatura pseudo-clementina do 2.º século tem assim um carácter de perfeita unidade. O que a caracteriza no seu mais alto grau, é o espírito de organização prática. Já na epístola suposta de Clemente a Tiago, que serve de prefácio aos *Reconhecimentos*, Pedro, antes de morrer, discorre largamente sobre o episcopado, os seus deveres, as suas dificuldades, a sua excelência, sobre os padres, os diáconos, os catequistas, que é como uma nova edição das epístolas a Tito e a Timóteo. As *Constituições apostólicas* foram uma espécie de

(1) *Constituições apostólicas*, em oito livros. Os livros 7.º e 8.º juntaram-nos à obra posteriormente. Os seis primeiros livros foram gravemente interpolados. Diferem muito as versões orientais do grego.

codificação, sucessivamente engrandecida, dos preceitos pastorais. O que Roma fundou, não foi o dogma; poucas Igrejas foram mais estereis em especulações, menos puras no campo doutrinário; o ebionismo, o montanismo, o artémonismo, tiveram alternadamente o seu ascendente. O que fez Roma foi a disciplina, o catolicismo.

Talvez que em Roma se escrevesse pela primeira vez o lema «Igreja Católica». Bispo, padre, leigo, tem nesta Igreja hierática um sentido próprio. A Igreja é um navio em que cada dignitário tem para a salvação dos passageiros uma função determinada. A moral é severa e já cheira a clausura. Condena-se o simples gosto pela riqueza. Os adornos das mulheres são convite para o pecado. A mulher tem a responsabilidade dos pecados que por pensamentos ela provoca. Se ela repele as primeiras tentativas, o mal é menor, mas não valerá nada o ser-se a causa da perdição dos outros? Viver modestamente do seu officio, seguir o seu caminho, sem se importar com os mexericos da rua, educar os filhos, administrar-lhes frequentes correctivos, proibir-lhes os jantares por quotização com mancebos da mesma idade, casá-los cedo, não ler livros pagãos (a Bíblia tem tudo), não tomar senão o menor número de banhos e com grandes precauções, tais são as regras dos leigos — o bispo, os padres, os diáconos, as viúvas têm deveres muito mais complicados. Além da santidade é-lhes preciso capacidade e sabedoria. São verdadeiras magistraturas profanas. Os cristãos, levando todas as causas ao tribunal do bispo, tornavam o dicastério deste numa jurisdi-

ção civil que tinha as suas regras e as suas leis. Já era importante a casa do bispo, sendo sustentada à custa dos fiéis. As antigas leis sobre o dízimo e as oferendas devidas ao padre expandiam-se pouco a pouco, tendia a estabelecer-se uma forte teocracia.

A Igreja absorvia tudo; aviltava-se o desprezava-se a sociedade civil. Deve-se ao imperador o senso e as saudações oficiais. O cristão assim formado não pode viver senão com cristãos. Recomendava-se atrair os pagãos pelo encanto das maneiras amáveis, quando havia probabilidades de os converter. Fora dessa esperança, as relações com os infiéis eram cercadas com tais precauções e implicavam tanto desprezo, que deveriam ser muito raras. Tornava-se impossível uma sociedade de pagãos e de cristãos. É proibido tomar parte nas festas dos pagãos, assistir aos espectáculos, aos jogos, às reuniões profanas. Até são defesos os mercados públicos, excepção feita para a compra dos géneros indispensáveis! Os cristãos devem comer juntos, viver juntos, formar um grupo de santos. Terá suas consequências no século 3.º este espírito de reclusão. Morrerá esgotada a sociedade romana; uma causa oculta lhe arrancará a vida. Quando uma parte considerável de um Estado se isola e cessa de trabalhar para o fim comum, esse Estado vai morrer em breve.

A assistência mútua era a função capital nesta sociedade de pobres, administrada pelos bispos, diáconos e viúvas. A situação do rico, entre os modestos burgueses e honrados mercadores, derivando os negócios entre si, escrupulosos no peso

e na medida, era difícil e embaraçosa. A vida cristã não fora feita para ele. Morria um irmão deixando órfãos e órfãs, um outro irmão adoptava os órfãos, casava o seu filho com a órfã se tinham idade própria. Tudo isto parecia muito simples. Não se prestavam os ricos de boamente a um sistema tão fraternal; ameaçavam-nos de lhes tirarem os bens de que não faziam bom uso; applicavam-lhes o dito: «O que os santos não comem, comem-no os Assírios». O dinheiro dos pobres era coisa sagrada; os que tinham uma certa mediania pagavam uma quotização tão grande quanto podiam; era o que se chamava «Contribuição do Senhor».

Levava-se a delicadeza a não aceitar nas caixas da Igreja o dinheiro de toda a gente. Desprezavam-se os óbolos do taverneiro, dos que desempenhavam funções infames, especialmente dos excomungados que, pela sua generosidade, pretendiam cair em graça. «São estes os que dão, dizem alguns, e, se lhes não aceitamos a oferta, como valeremos às viúvas, aos pobres do povo? — Vale mais morrer de fome, respondia o *ebion* fanático, do que ficar obrigado aos inimigos de Deus por dons que são uma afronta aos olhos dos seus amigos. As boas oferendas são as que o obreiro dá com o fruto do seu trabalho. Quando o padre é obrigado a receber o dinheiro dos ímpios, que o empregue na compra de lenha e carvão, para que a viúva e o órfão não sejam condenados a viver com esmolas emporcalhadas. Os presentes dos ímpios são assim pasto das chamas e não alimento dos fiéis.» Vê-se que cadeia íntima apertava a vida

cristã. Tal abismo separava, no espírito dos bons sectários, o bem e o mal, que a ideia de uma sociedade liberal em que cada um actuasse à sua vontade, sob a tutela das leis civis, sem dar contas a ninguém nem exercer fiscalização sobre os outros lhes pareceria o cúmulo da impiedade.

CAPÍTULO VI

Taciano. — Os dois sistemas de apologia

Morto Justino, ficou Taciano muitos anos em Roma. Continuou a escola do seu mestre, professando por ele uma alta admiração, mas afastando-se cada vez mais das suas ideias. Teve discípulos notáveis, entre outros o asiático Rodão, escritor fecundo que foi mais tarde um dos sustentáculos da ortodoxia contra Márcion e Apeles. Talvez que fosse nos primeiros anos do reinado de Marco-Aurélio que Taciano compôs este escrito, duro e incorrecto de estilo, às vezes vivo e picante, passando por um dos monumentos mais originaes da apologética cristã do 2.º século.

Chama-se a obra *Contra os Gregos*. O sentimento dominante de Taciano foi o ódio à Grécia. Como verdadeiro Sírio, detesta e inveja as artes e a literatura que fizeram a admiração do género

humano. Parecia-lhe que os deuses pagãos são a personificação da imoralidade. Não tinha sossego por causa do mundo de estátuas gregas que havia em Roma. Recapitulando os personagens em honra dos quais se ergueram, achava que todos eles, homens e mulheres, foram criaturas de má nota. Revoltavam-no, com razão, os horrores do anfiteatro; mas confundia as crueldades romanas com os jogos nacionais e com o teatro grego. Eurípides e Menandro pareciam-lhe mestres no deboche, e (voto que foi exalçado!) desejava ver-lhes as obras destruídas.

Um sentimento mais amplo fora a base da apologia de Justino. Sonhara uma conciliação dos dogmas cristãos com a filosofia grega. Grande ilusão fora a sua! Não é preciso muito para ver que a filosofia grega, essencialmente racional, e a nova fé, emanando do sobrenatural, eram inimigas irreconciliáveis, de tal modo que uma delas seria fatalmente vencida pela outra. O método apolo-gético de Justino é tacanho e perigoso para a fé. Taciano bem o pressente: e é sobre as ruínas da filosofia grega que ele procura erguer o edificio do cristianismo. Como o seu mestre, Taciano possuía uma vasta erudição helénica; como ele, sem criticismo, misturava arbitrariamente o autêntico e o apócrifo, o que sabia e o que ignorava. Taciano é um espírito sombrio, pesado, violento, furioso contra a civilização e a filosofia grega, preferindo-lhe abertamente o Oriente, a que chama filosofia bárbara. Ajuda-o uma erudição de crítico tacanho similar à que Josefo explanara na sua obra contra Ápion. Moisés é, na sua

opinião, mais antigo do que Homero. Nada inventaram os Gregos; aprenderam tudo dos outros povos, especialmente dos Orientais. Só foram famosos na arte de escrever; na profundidade das ideias são inferiores aos outros povos. A causa de todo o mal vem dos gramáticos; foram eles que, pelas suas mentiras, embelezaram o erro e criaram essa reputação usurpada, obstáculo único ao triunfo da verdade. Os escritores assírios, fenícios, egípcios, tais são as verdadeiras autoridades.

Em vez de melhorar o mundo, a filosofia grega não soube preservar dos maiores crimes os seus adeptos. Diógenes era intemperante; Platão um gastrónomo; Aristóteles servil. Tiveram os filósofos todos os vícios; cegos a dissertar com surdos! As leis da Grécia não vão além da sua filosofia; diferem umas das outras; ora uma lei em termos deve ser comum a todos os homens. Nos cristãos nem um só dissentimento. Todos professam as mesmas opiniões: ricos, pobres, homens e mulheres. Por uma amarga ironia do destino, Taciano morreu herético demonstrando que o cristianismo como a filosofia não está a coberto dos cismas e das cisões partidárias.

Embora amigos durante a vida, Justino e Taciano representam da maneira mais característica as duas atitudes opostas mais tarde sensíveis entre os apologistas cristãos com respeito à filosofia. Uns, no fundo Helenos, censurando aos pagãos a relaxação dos costumes, admitirão as suas artes, a sua cultura geral, a sua filosofia. Os outros, Sírios ou Africanos, só verão no helenismo infâmias e absurdos; preferirão à sabedoria

grega a bárbara»; o insulto e o sarcasmo serão as suas armas habituais.

Primeiro pareceu entusiasmado com a escola moderna de Justino. Escritos análogos aos do filósofo de Naplusa, especialmente o *Logos parenético*, o *Logos* dirigido aos Helenos e o tratado *Da monarquia*, caracterizados por inúmeras citações pagãs, sibílicas, pseudo-caldianas, agrupam-se nas suas obras principais. Ainda se era ingénuo. O autor desconhecido do *Logos parenético*, o tolerante Atenágoras, o recto Minúcio Félix, Clemente de Alexandria e ainda Teófilo da Antioquia procuraram para os dogmas um fundamento racional. Os dogmas mais misteriosos, os mais estranhos à filosofia grega, como a ressurreição dos corpos, têm para esses teólogos tolerantes raízes helénicas. Segundo eles, o cristianismo enraíza-se no coração do homem; completa o que começaram as luzes naturais; longe de se elevar sobre as ruínas da razão, o cristianismo não é mais que a sua completa expansão; é a verdadeira filosofia. Tudo leva a crer que a apologia perdida de Militão fora concebida com este critério. Com o mesmo ponto de vista, a escola gnóstica de Alexandria dar-lhe-á, no 3.º século, um grande brilho. Proclamará, como Justino, que a filosofia grega é a preparação do cristianismo, a escada que leva ao Cristo. Especialmente o platonismo, pela sua tendência idealista, é, para os cristãos filo-helénicos, o objecto de uma acentuada preferência. Clemente de Alexandria fala dos estóicos com muita admiração. Ao ouvi-lo, cada escola de filosofia haure uma parcela da verdade.

Vai até dizer que, para conhecer Deus, tiveram os Judeus profetas como os Gregos tiveram a filosofia e alguns inspirados como a Sibila e Histápio, até que um terceiro Testamento crie a consciência espiritual e reduza a fórmulas velhas as duas outras revelações.

Mas o sentimento cristão experimentará uma viva antipatia ante as concessões de uma apologia sacrificando a aspereza do dogma ao desejo de agradar aos que ela quer converter. O autor da *Epistola a Diogneto* aproxima-se de Taciano pela extrema severidade com que julga a filosofia grega. É impiedoso o *Sarcasmo* de Hermias. O autor dos *Philosophuména* considera a filosofia antiga como a origem de todas as heresias. Esse método de apologia, o único verdadeiramente cristão, será seguido por Tertuliano com talento inigualável. O rude Africano oporá às fraquezas enervantes dos apologistas helénicos o desdém do *Creio ainda que absurdo*. Nisto é o intérprete do pensamento de S. Paulo. «O Cristo, dizia o grande apóstolo, ficaria aniquilado diante destas moles complacências. Se os filósofos pudessem, pelo progresso natural dos seus pensamentos, salvar o mundo, para que veio então o Cristo? Para que foi crucificado? Dizeis vós que Sócrates conheceu parcialmente o Cristo? É assim que parcialmente vos justificais com os merecimentos de Sócrates!»

Vai Taciano até ao absurdo com a mania das explicações demonológicas. Dos apologistas é o que tem menos espírito filosófico. Mas muito se lhe deve descontar pelo seu vigoroso ataque con-

tra o paganismo. Foi elogiadíssimo o discurso contra os Gregos mesmo por homens que, como Clemente de Alexandria, estavam muito longe de odiarem a Grécia; fez escola a erudição charlatanesca que o autor pôs na sua obra. Parece aludir a isso Élio Aristides quando, tomando exactamente o inverso do pensamento do autor, apresenta os Judeus como uma triste raça que nada criou, estranha às belas-letas e à filosofia, só denegrindo as glórias helénicas, arrogando-se o nome de «filósofos» por uma inversão completa do significado da palavra.

No entanto deviam triunfar os pesados paradoxos de Taciano contra a civilização antiga. Essa civilização cometera um grande erro, desprezara a educação intelectual do povo. O povo, sem instrução primária, caiu em todas as surpresas da ignorância e acreditou em todas as quimeras afirmadas com firmeza e convicção.

O bom senso teve em Taciano a sua desforra. Esse Lamennais do 2.º século seguiu, em certos pontos de vista, a linha do Lamennais actual. O exagero de espírito e a espécie de selvajaria que nos ferem no seu Discurso puseram-no fora da Igreja ortodoxa. Esses apologistas até ao exagero são em geral um estorvo à causa que defendem.

Taciano já é medlocremente ortodoxo no discurso contra os Gregos. Acredita, como Apeles, que Deus, absoluto em si, produziu o Verbo que criou a matéria e o mundo. Como Justino, supõe que a alma é um agregado de elementos; que, pela sua essência, é mortal e tenebrosa, tornando-se luminosa e imortal somente pela sua união com o

Espírito Santo. O seu carácter fanático levou-o a excessos de rigorismo contra a natureza. Pelos seus erros e pelo seu estilo simultaneamente espiritoso e rude, devia Taciano ser o protótipo de Tertuliano. Escrevia com a abundância e o arrebatamento de um espírito sincero, mas pouco esclarecido. Mais exaltado do que Justino e menos disciplinado, não soube conciliar a liberdade com as exigências colectivas. Enquanto viveu o Mestre frequentou a Igreja e a Igreja manteve-o. Depois do martírio de Justino, viveu isolado, sem relações com os fiéis, como um cristão independente, fazendo vida à parte. Desvairou-o a ideia de ter uma escola sua, segundo nos diz Ireneu. O que o perdeu foi o desejo de ser único.

CAPÍTULO VII

Decadência do gnosticismo.

O cristianismo, na altura em que estamos, attingira a máxima expansão da sua mocidade. A vida estua e superabunda nele; não o detem nenhuma controvérsia; possui representantes para todas as tendências e advogados para todas as causas. É já tão sólido o núcleo da Igreja católica e ortodoxa que podem todas as fantasias desenvolver-se em torno dela sem a atingirem. Aparentemente, as seitas devoravam a Igreja de Jesus; mas essas seitas ficavam isoladas, inconsistentes e desapareciam no maior número de casos, depois de haver satisfeito um momento às necessidades do pequeno grupo que as criara. O que não quer dizer que a sua acção fosse estéril; os ensinamentos secretos, quase individuais, atingiam a grande voga. Triunfavam as heresias quase sempre pela

sua própria condenação. A Igreja escorraçava particularmente o gnosticismo e no entanto ele aparecia em toda a parte; anatematizado pela Igreja ortodoxa, saturava-a. Corria em ondas entre os judeo-cristãos, os ebionitas e os essénios.

Quando uma religião começa a contar um grande número de partidários, perde durante algum tempo certas vantagens que contribuíram para a fundar; porque o homem se satisfaz e se consola muito mais num meio restrito do que numa grande Igreja em que ninguém se conhece. Como o poder público não punha a sua força ao serviço da Igreja ortodoxa, a situação religiosa era análoga à da Inglaterra e da América actuais. Aumentava o número das capelas por toda a parte. Os chefes da seita esmeravam-se em seduzir os fiéis como o fazem actualmente os pregadores metodistas e inúmeros catequistas dos países livres. Os fiéis eram uma espécie de presa disputada pelos diferentes sectaristas, mais semelhantes a cães famintos do que a pastores de almas. As mulheres sobretudo eram altamente cobiçadas; quando eram viúvas e tinham bens, rodeavam-nas jovens e hábéis directores que se azafamavam em dogura e complacência para emalhar almas frutuosas e dóceis ao mesmo tempo.

Tinham os doutores gnósticos grandes vantagens nesta caça de almas. Afectando uma alta cultura intellectual e costumes menos rígidos, arranjavam uma clientela certa nas classes ricas desejosas de se distinguir e de escapar à disciplina comum feita para os pobres. As relações com os pagãos e as perpétuas contravenções da polícia

que um membro da Igreja era forçado a cometer, contravenções essas expondo incessantemente ao martírio, eram dificuldades capitais para um cristão ocupando uma certa posição social. Longe de incitar ao martírio, os gnósticos lembravam meios de o evitar. Basilídio, Heraclio protestavam contra as honras excessivas prestadas aos mártires; os valentinianos iam mais longe: no mais aceso das perseguições aconselhavam renegar a fé, alegando que Deus não exige dos seus adoradores o sacrifício da vida e que importa menos negá-lo diante dos homens do que diante dos eões.

Não era menor a sedução exercida sobre as mulheres ricas, que, pela sua independência, desejavam um papel primacial. A Igreja ortodoxa seguia a regra severa traçada por S. Paulo, que proibia às mulheres a participação nos exercícios da Igreja. Nas pequenas seitas, pelo contrário, a mulher baptizava, oficiava, presidia à liturgia, profetizava. Opostos o mais possível nos costumes e no espírito, tinham um ponto comum os gnósticos e os montanistas, ao lado dos seus doutores havia uma profetisa: Helena ao lado de Simão, Maximila ao lado de Montano, uma teoria de mulheres em volta de Marcos e de Márcion. Uma circunstância dando azo a um mal entendido, fomentava a mentira e a calúnia. Muitas dessas criaturas podem ser simplesmente alegorias sem realidade ou invenções dos ortodoxos. Por certo que a atitude modesta imposta sempre pela Igreja católica às mulheres e causa do seu enobrecimento, não se observou nessas

pequenas seitas sujeitas a uma regra menos rigorosa e pouco habituadas, apesar da sua aparente santidade, a praticar a verdadeira piedade, que é a abnegação.

Desenvolviam-se sem grandes melhoramentos os três grandes sistemas de filosofia cristã que apareceram no tempo de Adriano — o de Valentiniano, o de Basilídio e o de Saturnino. Viviam ainda os mestre desses ensinamentos ou tinham encontrado sucessores. Valentim tinha muitos adeptos, embora fosse por três vezes expulso da Igreja. Deixou Roma voltando ao Oriente; mas a seita continuou a florescer na capital. Morreu na ilha de Chipre correndo o ano de 160. Os seus discípulos enchiam o mundo. Distinguia-se a doutrina do Oriente e da Itália. Os chefes da última foram Ptolomeu e Heraclio; Secundo e Teodato primeiro, depois Axiónico e Bardesano dirigiram o ramo chamado oriental. A escola valentiniana era a mais séria e a mais cristã das que se apelidavam com o nome genérico de gnósticos. Heraclio e Ptolomeu foram sábios exegetas das epístolas de Paulo e do Evangelho chamado de João. Heraclio, particularmente, foi um verdadeiro doutor cristão com quem muito aproveitaram Clemente de Alexandria e Orígenes. Clemente conservou-nos dele uma linda página muito sensata sobre o martírio. Os escritos de Teodato estavam habitualmente entre as mãos de Clemente e da grande massa de notas que acumulara o laborioso Stromatista, muito excertos parecem ter chegado até nós.

Debaixo de certos pontos de vista, podiam os

valentinianos passar por cristãos esclarecidos e moderados; mas havia uma ponta de orgulho no fundo da sua moderação. A Igreja, aos seus olhos, era depositária de um mínimo da verdade estritamente suficiente para o homem ordinário. Só eles sabiam o fundo das cousas. Com o pretexto de pertencerem aos psíquicos e de terem certa a salvação, tomavam liberdades inauditas, comiam tudo sem distinção, iam às festas pagãs e até aos espectáculos mais cruéis, fugiam das perseguições e falavam contra o martírio. Eram pessoas do mundo, livres de palavras e de costumes, tratando de discreção exagerada e de bioquice a reserva extrema dos católicos que temiam até uma palavra leviana e um pensamento indiscreto. Em tais condições, a direcção das mulheres oferecia muitos perigos. Alguns desses pastores valentinianos eram manifestos sedutores; outros affectavam modéstia; «mas bem depressa, diz Ireneu, o irmão emprenhará a irmã». Atribuía-se a suprema intelligência e deixavam aos simples fiéis a fé, «o que é bem diferente». (1) A sua exegese era sábia mas pouco firme. Quando os apertavam com os textos da Escritura, diziam que a Escritura estava corrompida. Quando a tradição apostólica lhes era contrária, não hesitavam em rejeitá-la. Tinham ao que parece um Evangelho a que chamavam *O Evangelho da verdade*. Ignora-

(1) Clem. de Alex., *Strom.*, II, cap. 2, 6. Não foi provavelmente senão mais tarde que tiveram virgens como os marcionitas. Chegaram, diz-se, a condenar o casamento.

vam o Evangelho do Cristo. Substituíam à salvação pela fé ou pelas obras uma salvação pela gnose, isto é, pelo conhecimento de uma pretensa verdade. Se prevalecesse tal tendência, o cristianismo deixaria de ser um facto moral para se tornar uma cosmogonia e uma metafísica sem influência na marcha geral da humanidade.

Não é impunemente que se faz brilhar aos olhos do povo fórmulas abstrusas, com sentido reservado. Ficou-nos um livro valentiniano, *A fiel sabedoria*; mostra até que ponto chegava a extravagância das especulações, bastante belas no pensamento dos seus autores, quando caíam em espíritos pueris. Jesus, depois da ressurreição, deveu passar onze anos na terra para ensinar as mais altas verdades aos seus discípulos. Conta-lhes a história de *Pisté Sofia*; como esta, arrastada pelo desejo imprudente de agarrar a luz, que entreviu ao longe, caiu no caos material; como foi perseguida pelos outros eões que lhe recusavam a jerarquia; como atravessou uma série de provações e de arrependimentos até que um enviado celeste, Jesus, desceu até ela da região luminosa. Sofia salvou-se por ter acreditado no seu salvador antes de o ter visto. Tudo isto se exprime num estilo prolixo, com processos fatigantes de ampliação e de hiperbolização dos Evangelhos apócrifos. Maria, Pedro, Madalena, Marta, João *Parthénos* e os diferentes personagens evangélicos desempenham um papel quase ridículo. Mas as pessoas que encontravam fastio o círculo restrito das Escrituras judias e judeo-cristãs, regosijavam-se com esses devaneios, e alguns conheceram o Cristo

através dessas leituras. As formas misteriosas da seita, repousando sobre o ensino oral e os seus graus sucessivos de iniciação, fascinavam as imaginações e obrigavam a não abandonar as revelações obtidas depois de tantas provas. Segundo Márcion, Valentino era o herege cujos colégios tinham maior frequência. Chegou Bardesano, em Edesso, sob a sua inspiração, a criar uma escola franca e liberal de ensino cristão como nunca se vira até então. Mais tarde falaremos deste fenómeno singular.

Contava Saturnino imensos discípulos. Foi continuador de Basilídio o seu filho Isidoro. Davam-se nesse mundo de seitas fusões e separações tendo por móbil, na maioria dos casos, a vaidade dos chefes. Longe de se depurar e de se adequar às exigências da vida prática, cada vez se tornavam os sistemas gnósticos mais ociosos, mais complicados, mais quiméricos. Cada qual queria ser o fundador de uma escola, ter uma Igreja com os seus proventos; para isso, uma nuvem de doutores, os menos cristãos dos homens, procuravam sobreexceder-se uns aos outros e juntavam uma extravagância nova às extravagâncias dos seus antecessores.

Oferecia uma mistura incrível de aberrações e de fina crítica a escola de Carpócrates. Falava-se, como de um milagre de sabedoria e de eloquência, no filho de Carpócrates, um tal Epifânio, menino prodigioso falecido aos dezassete anos, depois de haver espantado os que o conheceram com a sua ciência das letras gregas e especialmente da filosofia de Platão. Parece que em Samé, na ilha

da Cefalónia, lhe ergueram um templo e altares; fundou-se uma academia em seu nome; celebrou-se a sua festa como a apoteose de um deus, com sacrificios, banquetes e hinos. Gabou-se imenso o seu livro *Sobre a justiça*; ficou-nos dele uma dialéctica cerrada e sofisticada lembrando Proudhon e os socialistas da actualidade. Deus, dizia Epifânio, é justo e bom, porque a natureza é igualitária. A luz é igual para todos; o céu o mesmo para todos; o sol não distingue nem pobres nem ricos, nem machos nem fêmeas, nem homens livres nem escravos. Ninguém pode roubar ao sol a luz de outrem para duplicar a sua; ora é o sol que faz germinar o pão de todos. A natureza dá a todos a mesma felicidade. São as leis humanas que, violando as leis divinas, inventaram o mal, a distinção entre o teu e o meu, a desigualdade, o antagonismo. Aplicando esses princípios ao casamento, Epifânio nega-lhe a justiça e a necessidade. Os desejos que temos da natureza são os nossos direitos e nenhuma instituição deve limitá-los.

Epifânio é menos um cristão que um utopista. Desvaira-o a ideia da justiça absoluta. Em face do mundo inferior, sonha com um mundo perfeito, verdadeiro mundo de Deus, fundado sobre a doutrina dos sábios, Pitágoras, Platão e Jesus, onde reinaria a igualdade e por consequência a comunidade de todas as coisas. O seu mal foi acreditar que tal mundo podia ter uma existência verdadeira. Desvairado pela *República* de Platão, em que cria cegamente, caiu nos mais tristes sofismas; e ainda que tivesse urgência de rebater as calúnias banais assaceadas sobre os banque-

tes, em que, apagadas as luzes, os convivas se entregavam à mais odiosa promiscuidade, será difícil não admitir que se não houvesse cometido estranhas loucuras. Uma tal Marcelina, que veio a Roma no tempo de Aniceto, adorava e votava um culto às imagens de Jesus Cristo, de Pitágoras, de Platão de e Aristóteles. Pródico e os seus discípulos, também chamados adamitas, pretendiam renovar as alegrias do paraíso terrestre por práticas muito distantes da inocência primitiva. Chamavam à sua Igreja o Paraíso; aqueciam-na e andavam nela nus. Contudo, chamavam-se continentes e tinham a pretensão de viver em completa virgindade. Em nome de uma espécie de direito natural e divino, todas essas seitas, prodicianos, entiquitas, adamitas, negavam o valor das leis estabelecidas, classificando-as de regras arbitrárias e pretensas leis.

Produziam estes escândalos as inúmeras conversões de pagãos. Entrava-se na Igreja, atraído por um certo perfume de pureza moral; mas nem por isso se era um santo. Um pintor de algum talento, Hermógenes, fez-se cristão, sem renunciar à liberdade dos seus pincéis, nem ao seu gosto pelas mulheres, nem às suas recordações da filosofia grega que ele amalgamava com o dogma cristão. Admitia uma matéria prima substrato de todas as obras de Deus e causa dos defeitos inerentes à criação. Inseriram-lhe extravagâncias, e os rigoristas como Tertuliano trataram-no com extrema brutalidade.

As heresias de que falamos são todas helénicas. Era a filosofia grega, especialmente a de Platão,

a sua origem. Marcos (1), cujos discípulos se chamavam marcosianos, saiu da escola de Basíldio. As fórmulas sobre a *tétrada*, que ele pretendia terem-lhe sido reveladas por uma mulher celeste, que outra não era senão a própria Sigé, seriam inofensivas se ele lhe não misturasse a magia, prestígios de taumaturgo, filtros e artes culposas para seduzir mulheres. Inventou sacramentos especiais, ritos, unções e uma missa de seu uso que podia ser bastante imponente, embora tivesse manobras de prestidigitação similares aos milagres de S. Januário. Com certa fórmula mudava realmente a água em sangue dentro do cálix. Com um pó corava a água de vermelho. A consagração era feita num cálix pequeno e por uma mulher; deitava depois a água do cálix pequeno dentro do grande que tinha nas mãos, pronunciando estas palavras: «Que a graça infinita e inefável existente antes de todas as coisas encha o teu ser interior e aumente em ti a sua gnose, espalhando a semente na boa terra». Dilatava-se então o líquido, por qualquer reacção química e trasbordava do cálix grande. A pobre mulher quedava estupefacta e todos pasmavam de admiração.

A Igreja de Marcos não era só ninho de imposturas; passou por escola de deboche e de infâmias secretas. Talvez que haja exagero nessa acusação pelo facto das mulheres pontificarem

(1) Os arcónticos de Epifânio e de Teodoreto são um ramo dos marcosianos. O livro dos *Mistérios das letras gregas*, conservado em copta, parece um tratado marcosiano.

e oferecerem a Eucaristia. Muitas senhoras cristãs deixaram-se seduzir; entravam sob a direcção do sofista e saíam banhadas em pranto. Marcos lisonjeava-lhes a vaidade, falava-lhes uma linguagem de misticismo equívoco, triunfava da sua timidez, ensinava-as a profetizar, abusava delas; depois, quando estavam fatigadas, arruinadas, volviam à Igreja, confessavam as suas faltas, votavam-se à penitência, chorando e gemendo os seus pecados. Especialmente as Igrejas da Ásia foram assoladas por Marcos. A corrente que existia entre a Ásia e Lião levou este homem perigoso às margens do Ródano. Aí o veremos com as suas fraudes; surdirão inúmeros escândalos com a sua chegada a esta Igreja de santos.

Colarbaso, segundo algumas narrativas, aproximava-se imenso de Marcos; mas há dúvidas em saber se esse personagem existiu realmente. Explicam-no por *Col arba* ou *Qól arba*, expressão semítica da tétrada marcosiana. Talvez que nunca saibamos os segredos destes bizarros enigmas.

CAPÍTULO VIII

O sincretismo oriental. — Os ofitas. — Futura aparição do maniqueísmo

Sairíamos do nosso programa seguindo a história dessas quimeras do 3.º século. Fora moda o gnosticismo no mundo grego e latino; como tal desapareceu rapidamente. Passaram-se no Oriente os factos de maneira diferente. O gnosticismo tem uma segunda vida, mais brilhante e mais compreensível do que a primeira, pelo ecletismo de Bardesano e mais perdurável pelo maniqueísmo. Já a partir do 2.º século os antitactos de Alexandria são verdadeiros dualistas attribuindo a dois deuses diferentes a origem do bem e do mal. Irá mais longe o maniqueísmo; trezentos e cinquenta anos antes de Maomé, o génio da Pérsia realiza já o que melhor e mais poderosamente realizará o génio da Arábia, uma religião aspirando a ser universal e a substituir a obra de Jesus, apresentada como imperfeita ou como corrompida pelos seus discípulos.

A imensa confusão de ideias que reinava no Oriente produzia um sincretismo geral dos mais extravagantes. Pequenas seitas místicas do Egipto, da Síria, da Frígia, da Babilónia, aproveitando-se de aparentes semelhanças, pretendiam juntar-se ao corpo da Igreja e eram por vezes acolhidas. Todas as religiões da antiguidade pareciam ressuscitar para vir ao encontro de Jesus e adoptá-lo como um dos seus adeptos. As cosmogonias da Assíria, da Fenícia, do Egipto, as doutrinas dos mistérios de Adónis, de Osiris, de Ísis, da grande deusa da Frígia invadiam a Igreja e continuavam o que se pode chamar o ramo oriental, apenas cristão, do gnosticismo. Ora Jeová, o deus dos Judeus, se identificava com o demiúrgio assírio-fenício *Ialdebaath*, « o filho do calor »; ora o velho Deus assírio *IAΩ*, que tem com Jeová estranhos sinais de parentesco, era o deus em voga e aproximado do seu quase homónimo à laia de miragem onde não é fácil distinguir a realidade.

As seitas ofiolatras, tão numerosas na antiguidade, prestavam-se a essas loucas associações. Sob o nome de naassianos ou de ofitas agruparam-se alguns pagãos adoradores da serpente, a quem um dia conveio chamarem-se cristãos. Foi na Assíria que nasceu o germe dessa Igreja bizarra; mas o Egipto, a Frígia, a Fenícia, os mistérios órficos, também nela colaboraram. Como Alexandre de Abonótica, pregador do seu deus-serpente Glícon, também os ofitas tinham serpentes guardadas em caixas (agatodemónios); quando celebravam os mistérios, abriam a porta ao pequeno deus e chamavam-no. Vinha a serpente,

subia à mesa onde estavam os pães e enroscava-se em torno deles. Aos sectaristas parecia então a Eucaristia um sacrifício perfeito. Partiam o pão, distribuíam-no entre si, adoravam o agatodemónio e em sua honra entoavam um hino de louvor ao Pai celestial. Identificavam o animal com o Cristo ou com a serpente que ensinou aos homens a ciência do bem e do mal.

As teorias dos ofitas sobre o Adamas, considerado como um eão, e sobre o ovo do mundo, lembram as cosmogonias de Fílon de Biblos e os símbolos comuns a todos os mistérios orientais. Os seus ritos tinham mais analogia com os mistérios da Grande Deusa da Frígia do que com as assembleias puras dos fiéis de Jesus. O que há de mais singular é terem eles a sua literatura cristã, os seus evangelhos, as suas tradições apócrifas, muito relacionadas com Tiago. Serviam-se principalmente do Evangelho dos Egípcios e do de Tomás. A sua cristologia era a de todos os gnósticos. Jesus Cristo compunha-se de duas pessoas, Jesus e Cristo, — Jesus, filho de Maria, o mais justo, o mais sábio e o mais puro dos homens que foi crucificado; — Cristo, eão celeste, que vem unir-se a Jesus, deixa-o antes da Paixão e enviou do céu uma virtude que fez ressuscitar Jesus com um corpo espiritual, em que viveu dezoito meses, dando a um pequeno número de discípulos eleitos um ensino superior.

Misturavam-se os dogmas nestes confins perdidos do cristianismo. A tolerância dos gnósticos, o seu proselitismo abriam de maneira as suas portas que tudo aí entrava. Religiões nada pareci-

das com o cristianismo, cultos babilônicos, talvez ramos do budismo, foram classificadas e numeradas pelos heresiólogos entre as seitas cristãs. Tais foram os baptistas ou sabianos, mais tarde chamados mendaitas, os peratos, partidários de uma cosmogonia semi-fenícia, semi-assíria, verdadeira moxinifada mais digna de Biblos, de Maboug ou da Babilónia do que da Igreja de Cristo, e especialmente os setianos, seita na realidade assíria, que também floresceu no Egito. Prenhia-se por calembures ao patriarca Seth, pai presumido de uma vasta literatura e por momentos identificado com o próprio Jesus Cristo. Os setianos combinavam arbitrariamente o orfismo, o neo-fenicismo, as antigas cosmogonias semíticas e tudo encontravam na Bíblia. Diziam que a genealogia do Génesis continha vistas sublimes que os espíritos vulgares reduziram a simples narrativas familiares.

Um tal Justino, por essa época, num livro intitulado *Baruch*, transformava o judaísmo numa mitologia e reduzia a quase nada o papel de Jesus. Imaginações exuberantes, saciadas de intermináveis cosmogonias e bruscamente submetidas ao regímen severo da literatura hebraica e evangélica, não podiam acomodar-se com tal simplicidade. Intumesciam as narrativas históricas, legendárias ou evemeristas da Bíblia, para as aproximar do génio das fábulas gregas e orientais a que estavam habituadas.

Era, vê-se, o mundo mitológico da Grécia e do Oriente que se inseria sub-repticiamente na religião de Jesus. Os homens inteligentes do mundo

greco-oriental sentiam que um mesmo espírito animava todas as criações religiosas da humanidade; começava a ser conhecido o budismo, e posto que se estivesse ainda muito longe do tempo em que a vida de Buda seria como a vida de um santo cristão, já se falava dele com todo o respeito. O maniqueísmo babilónico, que representa no 3.º século uma continuação do gnosticismo, está bem impregna do debudismo. Mas a tentativa de introduzir a mitologia panteísta no quadro de uma religião semítica estava de antemão condenada. Filon, o judeu, as Epístolas aos Colosseanos e aos Efésios, os escritos pseudo-joânicos estavam debaixo deste ponto de vista tão afastados quanto possível. Os gnósticos falseavam o sentido verdadeiro de todas as palavras, apresentando-se como cristãos. A essência da obra de Jesus era a melhora do coração. Ora essas especulações vadias continham tudo no mundo, excepto bom senso e moral sadia. Mesmo considerando como calúnias o que se dizia das suas promiscuidades e dos seus hábitos licenciosos, não se pode pôr em dúvida que as seitas a que nos referimos não tendessem para a indiferença moral, para o quietismo perigoso, para a falta de generosidade levando-as a proclamar a inutilidade do martírio. O seu teimoso docetismo, o seu sistema sobre a atribuição dos dois Testamentos a dois deuses diferentes, a sua oposição ao casamento, a sua negação da ressurreição e do juízo final fecharam-lhe igualmente as portas de uma Igreja em que a regra dos chefes foi sempre uma espécie de moderação e de resistência aos excessos. A disciplina eclesiástica, repre-

sentada pelo episcopado, foi a rocha contra a qual se vieram quebrar todas essas tentativas desordenadas.

Poder-se-ia temer, ao falar demoradamente de tais seitas, de as tomar mais a sério do que elas a si próprias se julgavam. Que eram os fibionitas, os barbelonitas, os estratióticos, os levíticos, os códios? São unânimes os Padres da Igreja em cobrir todas essas heresias com um ridículo que elas mereciam e com um ódio que elas talvez não merecessem. Havia em tudo isto mais charlatanismo do que maldade. Com as suas palavras hebraicas muitas vezes tomadas em sentido contrário, as suas fórmulas mágicas e mais tarde os seus amuletos e abraxas, os gnósticos de baixa esfera só mereciam desprezo. Mas esse desprezo não deve ressaltar sobre os grandes homens que procuraram nesse narcótico poderoso o repouso, ou melhor o aturdimento do seu pensar. Valentino teve génio. Carpocrates e seu filho Epifânio foram escritores brilhantes, perdidos pela utopia e pelo paradoxo, mas por vezes espantosamente perfunctórios. O gnosticismo teve um papel considerável na obra da propaganda cristã. Foi muitas vezes a transição por onde se passava do paganismo para o cristianismo. Os prosélitos assim ganhos quase sempre davam em ortodoxos; nunca mais regressavam ao paganismo.

O Egipto sobretudo guardou destes ritos uma inapagável memória. O Egipto não foi judeo-cristão. Um facto notável é a diferença entre a literatura copta e as literaturas cristãs do Oriente. Enquanto que a maioria das obras ju-

deo-cristãs se encontram em siríaco, em árabe, em etiópico, em arménio, o copta apresenta um alicerce gnóstico, sem mais coisa alguma. Passou assim o Egipto sem intermediário do iluminismo pagão ao iluminismo cristão. Os gnósticos quase converteram toda a Alexandria. Clemente de Alexandria é o que se chama um gnóstico moderado; cita Heraclio com respeito como uma autoridade debaixo de certos pontos de vista; emprega a palavra *gnóstico* como sinónimo de cristão; está longe de ter contra as novas ideias o ódio de Ireneu, de Tertuliano, do autor dos *Philosophumena*. Pode dizer-se que Clemente de Alexandria e Orígenes introduziram na ciência cristã o que a tentativa arrojada de Heraclio e de Basilidio tinha de aceitável. Imiscuida com o movimento intelectual de Alexandria, a gnose teve uma influência decisiva sobre a fase que tomou no 3.º século a filosofia especulativa nessa cidade, nesse tempo centro da intelectualidade humana. A consequência dessas disputas sem fim foi a constituição de uma espécie de academia cristã, de uma verdadeira escola de letras sagradas e de exegese, bem depressa ilustradas por Pantenus, Clemente, Orígenes. Cada vez mais Alexandria é a capital da teologia cristã.

O efeito da gnose sobre a escola pagã de Alexandria não foi menor. Amónio Sacas, nascido de pais cristãos e Plotino, seu discípulo, estão impregnados dela. Os espíritos mais rasgados, tais como Numénio de Apameia, entravam por este caminho no conhecimento das doutrinas judias e cristãs, até aí tão raras no seio do mundo pa-

gão. A filosofia alexandrina do 3.º, do 4.º e do 5.º séculos está cheia de espírito gnóstico e lega à filosofia árabe um germe de misticismo que esta desenvolverá ainda mais. O judaísmo sofrerá as mesmas influências. A Cabala não passa de ser o gnosticismo dos judeus. Os *sephiroth* são as «perfeições» de Valentim. O monoteísmo, para se criar uma mitologia, só tem um processo, animar as abstracções que costuma classificar como atributos em torno do trono do Eterno.

O mundo, fatigado por um politeísmo esgotado, pediu ao Oriente e especialmente à Judeia, nomes divinos menos estafados que os da mitologia corrente. Esses nomes eram mais enfáticos do que os nomes gregos, e dava-se uma singular razão da sua superioridade teúrgica: é que a Divindade, sendo mais remotamente invocada pelos Orientais do que pelos Gregos, os nomes da teologia oriental correspondiam melhor que os nomes helénicos à natureza dos deuses e agradavam-lhes muito mais. Os nomes de Abraão, Isaac, Jacob, Salomão passaram no Egipto por talismãs de grande poder. Cobriam todo o mundo amuletos correspondentes a este sincretismo desenfreado. As palavras sacramentais e as fórmulas hebraicas, em caracteres gregos, misturavam-se com os símbolos egípcios e com o símbolo equivalente ao número 365. Tudo isso é mais judeo-pagão do que cristão, e o gnosticismo representando no cristianismo a aversão contra Jeová, levada até à blasfêmia, é destituído de fundamento o atribuir-se-lhe tais monumentos de inépcia. Eram a consequência da feição genérica da superstição

do tempo e cremos que na época a que chegámos os cristãos de todas as seitas ficavam indiferentes a estes pequenos talismãs. A partir da conversão em massa dos pagãos, no 4.º e 5.º séculos, é que os amuletos entram na Igreja e que palavras e símbolos decididamente cristãos começam a aparecer no seu grémio.

Foi ingrata a ortodoxia em não reconhecer os serviços que lhe prestavam estas seitas indisciplinadas. No dogma só provocaram reacções; mas o seu papel foi dos mais consideráveis na literatura cristã e nas instituições litúrgicas. Tira-se muito daqueles que se anatematizam. O primeiro cristianismo, ainda judeico, era muito simples; os gnósticos fizeram dele uma religião. Os sacramentos foram na sua maioria criação destes; as suas unções, sobretudo junto do leito de morte dos doentes, produziam um grande efeito. A santa crisma, a confirmação (primeira parte integral do baptismo), a atribuição de uma força sobrenatural ao sinal da cruz, muitos outros elementos da mística cristã vieram deles. Partido novo e activo, os gnósticos escreviam muito e atiravam-se audaciosamente ao apócrifo. Os seus livros, feridos pelo descrédito, acabavam mais tarde por entrar na família ortodoxa. A Igreja aceitava afinal o que amaldiçoara primeiro. Imensas crenças, festas, símbolos de origem gnóstica tornaram-se assim crenças, festas, símbolos católicos. Particularmente Maria (1), mãe de Jesus, com

(1) Ver *Pistis Sofiá*, em cada página. O exagero do culto da Virgem é um facto antes de tudo sirio. Ver S. Efrem.

quem a Igreja ortodoxa pouco se preocupava, deveu a estes inovadores o seu papel quase divino. Os Evangelhos apócrifos são em grande parte obra dos gnósticos. Ora os Evangelhos apócrifos foram a origem de um grande número de festas e forneceram os assuntos mais queridos à arte cristã. As primeiras imagens cristãs, os primeiros retratos do Cristo foram gnósticos. A Igreja estritamente ortodoxa ficaria iconoclasta se não fosse infiltrada pela heresia ou se não tivesse exigido dela, para as necessidades de concorrência, mais de uma concessão às fraquezas pagãs.

Baldeado do génio até à loucura, o gnosticismo desafiou todos os juízos absolutos. Nele se acotovelam Hegel e Swedenborg, Schelling e Cagliostro. A aparente frivolidade de algumas das suas teorias não nos deve levar à sua rejeição. Toda a lei que não é a expressão pura da ciência positiva sofre os caprichos da moda. Tal fórmula de Hegel que teve na sua hora a mais elevada concepção do mundo, dá agora vontade de rir. Tal frase na qual nós cremos resumir o universo, há-de mais tarde parecer oca ou sem sabor. Todos os que naufragam no mar do infinito são dignos de indulgência. O bom senso que, à primeira vista, parece inconciliável com as quimeras dos gnósticos, não lhes faltou como se poderia pensar. Não combateram a sociedade civil; não procuraram o martírio e odiaram os excessos de zelo. Tiveram a suprema sabedoria, a tolerância e até, quem no diria? o cepticismo discreto. Como todas as formas religiosas, o gnosticismo melhorou, consolou, comoveu as almas. Eis, em algumas palavras, um

epitáfio valentiniano, achado na via Latina, que experimenta sondar o abismo da morte:

«Desejosa de ver a luz do Pai, companhia do meu sangue; do meu leito, ó prudente, perfumada no banho sagrado da mirra incorruptível e pura do Cristo, tu te apressaste em ir contemplar o divino rosto dos eões, do grande Anjo do grande Conselho, o Filho verdadeiro, apressada que tu estavas de te deitar no leito nupcial, no seio paterno dos eões.

Esta morta não teve a sorte dos humanos. Morreu e vive e vê realmente a luz incorruptível. Aos olhos dos vivos está viva; os que pensam que ela morreu é que são verdadeiros mortos. Terra, que quer dizer o teu espanto diante desta nova espécie de manes? Que quer dizer o teu medo?»

CAPÍTULO IX

Continuação do marcionismo. — Apeles.

Excelente como consolo e edificação individual, o gnosticismo valia pouco como Igreja. Não podiam sair dele nem o presbiteriado nem o episcopado; ideias assim desordenadas só produziam conciliábulos de dogmatizadores. Apenas Márcion conseguira erguer um edificio compacto sobre este fundo fugidio. Houve uma Igreja marcionita, solidamente organizada. Por certo que esta Igreja tinha defeito grave que a pôs fora da alçada da Igreja do Cristo. Não foi sem razão que os fundadores do episcopado se reuniram num sentimento comum, a aversão a Márcion. Não dominava a metafísica assazmente estes espiritos para que em tudo isto não houvesse um simples rancor teológico. Mas o tempo é bom juiz; o marcionismo persistiu. Foi, como o arianismo, outra

das grandes fracções do cristianismo, e não, como algumas seitas, um meteoro bizarro e passageiro.

Márcion, embora fiel a alguns princípios constitutivos, para ele, da essência do cristianismo, mais que uma vez variou na sua teologia. Parece que não impunha aos discípulos um símbolo preciso. Depois da sua morte, foram extremas as divisões entre os da seita. Potito e Basílico ficaram fiéis ao dualismo; Sineros admitiu três naturezas, sem que se saiba como se exprimia; Apeles regressa decididamente à *monarquia*. Fora primeiro discípulo de Márcion: mas tinha um espirito muito independente para se conservar discípulo; rompeu com o mestre e abandonou-lhe a Igreja. Essas roturas eram, fora da comunhão católica, accidentes quotidianos. Os inimigos de Apeles espalharam que ele havia sido expulso e que a causa da sua excomunhão fora a sua liberdade de costumes contrastando com a severidade do mestre. Falou-se muito de uma virgem Filomena, cujas seducções o arrastaram a toda a qualidade de loucuras e que desempenhara junto dele o papel de uma Priscila ou de uma Maximilla. Nada é mais duvidoso. Rodão, seu adversário ortodoxo, que o conheceu, aponta-o como um velho venerável pela regra ascética da sua vida. Rodão fala de Filomena e apresenta-a como uma virgem possesa, cujas inspirações são divinas para Apeles. Outros accidentes análogos de credulidade succederam aos mais austeros doutores, até a Tertuliano.

A linguagem simbólica das doutrinas gnósticas originava mal-entendidos e deu lugar a erros

da parte dos ortodoxos, interessados em caluniar inimigos tão perigosos. Não foi impunemente que Simão o Mágico teve um papel na alegoria de Helena-Enoia; Márcion foi talvez vítima de uma análoga coincidência. A imaginação filosófica um pouco variável de Apeles deu origem a que se pudesse dizer que, perseguindo uma amante leviana, Filomena, ele abandonara a verdade para correr perigosas aventuras. Pode supor-se que ele emoldurava as suas doutrinas nas revelações de um personagem simbólico chamado *Philouméné* (amigo da verdade). É certo, porém, que as palavras postas por Rodão na boca do nosso doutor são as de um homem honrado e amigo da verdade. Depois de abandonar a escola de Márcion, vai Apeles para Alexandria a ensaiar uma espécie de ecletismo entre as ideias incoerentes que por ele passaram e volta a Roma em seguida. Não deixou durante a vida de remodelar a teologia do mestre e parece ter acabado, já aborrecido das teorias metafísicas, por se aproximar da verdadeira filosofia.

Os dois grandes erros de Márcion, como da maioria dos gnósticos, foram o dualismo e o docetismo. Pelo primeiro aproximavam-se do maniqueísmo, pelo segundo do islamismo. Os doutores marcionitas e gnósticos do fim do 2.º século tentam atenuar-lhes os erros. Os derradeiros basilídeos caem no panteísmo puro. O autor do romance pseudo-clementino, apesar da sua extravagante teologia, é um deísta. Hermógenes debatia-se canhestamente no meio de questões insolúveis levantadas pela teoria da encarnação. Apeles, cujas

ideias se aproximavam por vezes das do falso Clemente, procura fugir às subtilezas da gnose, sustentando com vigor os princípios do que se pode chamar a teologia do bom senso.

A unidade absoluta de Deus é o dogma fundamental de Apeles. Deus é a bondade perfeita, e o mundo, não reflectindo suficientemente essa bondade, não pode ser obra sua. O verdadeiro mundo criado por Deus é um mundo superior povoado de anjos. O principal desses anjos é o anjo glorioso, espécie de demiúrgio ou *Logos* criado, criador por sua vez do mundo visível; este não é senão uma imitação errónea do mundo superior. Evitava assim Apeles o dualismo de Márcion e colocava-se numa situação intermediária entre o catolicismo e a gnose. Corrigia realmente o sistema de Márcion e dava a esse sistema uma certa consequência; mas caía em outras dificuldades. As almas humanas, segundo Apeles, faziam parte da criação superior donde haviam caído por concupiscência. Para as levar até si, mandou Deus o seu Cristo ao seio da criação inferior. Veio o Cristo melhorar o obra-falha e tirânica do demiúrgio. Apeles entrava pela doutrina clássica do marcionismo e do gnosticismo, pela qual a obra essencial do Cristo foi destruir o culto do demiúrgio, isto é, do judaísmo. Pareciam-lhe antagónicos o Antigo e o Novo Testamentos. O Deus dos judeus, como o Deus dos católicos (aos olhos de Apeles, estes últimos eram judaizantes), é um deus perverso, autor do pecado e da carne. A história judaica é a história do mal; os próprios profetas são os inspirados do espírito maléfico. O Deus do bem não se revelou antes de Jesus. Apeles

concedia a Jesus um corpo celeste elementar, fora das leis ordinárias da física, ainda que dotado de realidade plena.

Por várias vezes parece que Apeles sentiu que esta doutrina de opposição radical dos dois Testamentos era demasiado absoluta, e, como não fosse um espírito obstinado, vieram-lhe ideias que até o próprio S. Paulo não repudiaria. Em certos momentos parecia-lhe que o Antigo Testamento era antes contraditório e incoerente do que mau; e tanto assim que a obra do Cristo teria sido a realização do discernimento do bem e do mal, tal como o haviam tantas vezes formulado os gnósticos: «Sede bons trapezitas» (1). Assim como Márcion tinha escrito as suas *Antiteses* para mostrar a incompatibilidade dos dois Testamentos, escreveu Apeles os seus *Silogismos*, extensa compilação das passagens fracas do *Pentateuco*, destinada sobretudo a mostrar a inconstância do antigo legislador e a sua mínima filosofia. Apeles fez uma crítica muito subtil, lembrando a dos descrentes do século XVIII. As dificuldades que apresentam os primeiros capítulos da *Génese*, quando se interdiz a explicação mítica, foram removidas com muita sagacidade. O seu livro foi considerado uma refutação da Bíblia e rejeitado como uma blasfêmia.

Espírito muito justo para o mundo sectarista em que se internara, Apeles tinha que mudar constantemente de opinião. Para o fim da vida deses-

(1) Para saber o sentido da palavra, leia-se Denys d'Alexandria

perou das Escrituras. Até a sua ideia fundamental da unidade divina vacilou, chegando, sem dar por isso, à sabedoria perfeita, isto é, à renúncia dos sistemas e ao bom senso. Rodão, seu adversário, contou-nos uma conversa que teve com ele, em Roma, no ano de 180. Diz assim: «O velho Apeles, discutindo connosco, nós provamos-lhe que ele se enganava em muitas coisas, e de modo que foi obrigado a dizer que em matéria religiosa se não devia esmiuçar, que cada qual devia guardar as suas crenças, que seriam salvos os que esperavam no crucificado, desde que fossem pessoas bondosas. Confessava que o mais obscuro para ele era Deus. Não admitia como nós senão um princípio... «Onde está a prova, perguntei, para poderes afirmar que só houve um princípio?» Confessou-me que as profecias não nos ensinam a verdade, porque se contradizem e se destroem; que essa asserção: «Há só um princípio», era nele o efeito de um instinto e não de um conhecimento positivo». Pedindo-lhe, por juramento, que dissesse a verdade, jurou que falava sinceramente, que não sabia como havia um só Deus, mas que acreditava que assim fosse. Eu ri-me troçando do seu epíteto de mestre, visto que não tinha uma prova a alegar em favor da sua doutrina».

Pobre Rodão! Era o herético Apeles que, nesse dia, lhe dava uma lição de bom gosto, de tacto e de verdadeiro cristianismo. O discípulo de Márcion estava realmente curado, pois que à oca *Gnosis* preferia a fé, o instinto secreto da verdade, o amor do bem, a esperança no crucificado.

O que dava força a ideias como as de Apeles,

é que elas não passavam de uma regressão às ideias de S. Paulo. Não se pode duvidar que S. Paulo, ressuscitando nesta altura, não achasse que o catolicismo fazia ao Antigo Testamento demasiadas concessões. Teria protestado e pregado para que se voltasse ao judaísmo, que se deitasse vinho novo nos velhos odres, que se suprimissem as diferenças entre o Evangelho e a Lei.

Não saiu de Roma a doutrina de Apeles e não durou além da sua morte. No entanto, Tertuliano pensou que devia refutá-la. Um tal Lucano ou Luciano formou, como Apeles, uma seita na Igreja marcionita. Parece que admitia, como Sineros, três princípios, um bom, outro mau, e outro justo. O princípio estritamente justo era representado pelo demiúrgio ou criador. No seu ódio contra este último, Luciano suprimiu o casamento. Pelas blasfêmias contra a criação, pareceu aproximar-se de Cerdão.

Severo foi antes um gnóstico retardatário do que um marcionita. Prepónio, o Assírio, negava o nascimento de Cristo e sustentava que, no ano 15 do reino de Tibério, Jesus desceu do céu incarnado na figura de um homem.

O marcionismo, assim como o gnosticismo, eram da segunda geração. As duas seitas não terão mais nenhum doutor ilustre. Todas as fantasias apreciadas no tempo de Adriano desvaneciam-se como sonhos. Os naufragos das pequenas Igrejas aventureiras agarravam-se avidamente às margens da Igreja Católica e nela entravam. Os escritores eclesiásticos tinham sobre eles a vantagem que têm sobre as multidões os que não buscam nem du-

vidam. Ireneu, Filipe de Gortina, Modesto, Militão, Rodão, Teófilo de Antioquia, Bardesano, Tertuliano, terão como tarefa desmascarar as traças infernais de Márcion, e não recuarão ante qualquer violência de linguagem.

Ainda que ferida de morte, a Igreja de Márcion ficou, por muito tempo, uma comunidade distinta junto da Igreja católica. Durante séculos houve, nas províncias do Oriente, comunidades cristãs que se honravam com o nome de Márcion e que escreveram este nome na fachada das suas «sinagogas». Estas Igrejas mostravam sucessões de bispos comparáveis às listas com que se glorificava a Igreja católica. Tinham mártires (1), virgens e tudo o que constituía santidade. Levavam os fiéis vida austera, afrontavam a morte, traziam o saco monástico, impunham-se jejuns rigorosos e abstinham-se de tudo o que era vivente. «São zângãos a imitar abelhas», diziam os ortodoxos. «Esses lobos vestem-se de ovelhas para as matarem», diziam outros. Como os montanistas, fabricavam os marcionitas falsos escritos apostólicos, falsos salmos. É inútil acrescentar que toda esta literatura herética desapareceu completamente.

No 4.º e 5.º séculos, a seita, ainda vivaz, foi combatida enérgicamente, como um flagelo, por João Crisóstomo, S. Basílio, S. Epifânio, Teodoreto, o Arménio Eznig, o Sirio Boud o Periodonta. Perderam-na os exageros. O horror geral às obras

(1) Lembra-se particularmente Metrodoro, que foi supliciado juntamente com S. Plínio.

do Criador levava os marcionitas às mais absurdas abstinências. Debaixo de certos pontos de vista, eram enkratitas; proibiam-se o vinho, até nos mistérios. Provava-se-lhes que, para serem coerentes, se deviam deixar morrer à fome. Reiteravam o baptismo como justificação e deixavam as mulheres officiar nas Igrejas. Mal precavidos contra a superstição, caíram na magia e na astrologia. Confundiram-nos pouco a pouco com os maniqueus.

CAPÍTULO X

Taciano herético. — Os enkratitas:

O que prova que a ordem de ideias que arrastou Márcion, Apeles, Lucano, saiu da situação teológica por uma espécie de necessidade, foi o facto de se verem fiéis de todas as proveniências pender para o mesmo lado sem que tal se pudesse prever, dados os seus antecedentes. Tal foi, particularmente, a sorte reservada ao discípulo do tolerante Justino, ao apologista que vinte vezes arriscou a vida pela sua fé, a Taciano. Numa data que se não pode precisar, Taciano, no fundo Assírio de coração e preferindo o Oriente a Roma, re-

(1) Deve notar-se que Rodão, discípulo de Taciano, ortodoxo, combateu, como associados nos mesmos erros, Márcion, Apeles, Taciano feito herege.

gressou a Adiabene, onde o número de judeus e cristãos era bastante considerável. Ali, cada vez se modificou mais a sua doutrina. Liberto de todas as Igrejas, ficou no seu país o que fora na Itália, uma espécie de cristão solitário, não pertencendo a qualquer seita, embora se aproximasse dos montanistas pelo ascetismo e dos marcionitas pela doutrina da exegese. Era prodigioso o seu amor ao trabalho; não tinha repouso a sua cabeça ardente; a Bíblia, que lia sem descanso, inspirava-lhe ideias contraditórias; escrevia a este respeito livros sem conta.

Depois de ser, na sua apologia, o admirador fanático dos Hebreus contra os Gregos, caiu no extremo oposto. O exagero das ideias de S. Paulo, que levava Márcion a amaldiçoar a Bíblia judaica, levou Taciano a sacrificar o Antigo Testamento ao Novo. Como Apeles e a maioria dos gnósticos, admitia Taciano um Deus criador subordinado ao Deus supremo. Ao pronunciar, no acto da criação, frases como esta: «Faça-se a luz», o criador não ordenou, procedeu por meio da oração. A Lei foi obra do Deus criador; só o Evangelho foi obra do Deus supremo. Uma ânsia de perfeição moral fez com que, depois de abandonar como impura a antiguidade helénica, Taciano também abandonasse a antiguidade bíblica. Daí uma exegese e uma crítica pouco diferentes das dos marcionitas. Os seus *Problemas*, como as *Antitiseses* de Márcion e os *Silogismos* de Apeles, tinham por objecto provar as inconseqüências da antiga lei e a superioridade da nova. Apresentava, com bom senso lúcido, as objecções que se podem fazer con-

tra a Bíblia, firmando-se no terreno da razão. A exegese racionalista dos tempos modernos tem raízes na escola de Apeles e Taciano. Apesar da injustiça pela Lei e pelos profetas, essa escola era, por certo, em exegese, mais sensata que os doutores ortodoxos, com as suas interpretações alegóricas e típicas inteiramente arbitrarias.

O pensamento que dominou Taciano, na composição do célebre *Diatessaron*, não podia carrear-lhe a aprovação dos ortodoxos. Chocava-o a discordância dos Evangelhos. Cuidadoso em afastar as objecções da razão, cortou com o mesmo golpe o que melhor servia para a edificação. Tudo o que, na vida de Jesus, aproximava o Deus do homem foi sacrificado sem piedade. Por mais cômoda que fosse esta tentativa de fusão dos Evangelhos, a ela se renunciou, e os exemplares do *Diatessaron* foram violentamente destruídos. O principal adversário de Taciano, neste último período da sua vida, foi o seu antigo discípulo Rodão. Retomando um a um os *Problemas* de Taciano, esse exegeta vaidoso fez cavalo de batalha em responder às objecções que o seu mestre tinha levantado. Escreveu também um Comentário sobre a obra dos seis dias. Sem dúvida que se nós tivéssemos o livro que Rodão compôs sobre tão delicadas questões, veríamos que ele foi menos sabedor que Apeles e que Taciano; ao menos estes confessavam não as saber resolver.

A fé de Taciano variava como a sua exegese. O gnosticismo, meio vencido no Ocidente, ainda florescia no Oriente. Juntamente com Valentino, Saturnino, Márcion, o discípulo de S. Justino, es-

quecido do mestre, caiu em fantasias, talvez por ele mesmo refutadas em Roma. Tornou-se herejarca. Horrorizado com a matéria, não podia admitir que Cristo pudesse ter pontos de comum com ela. São um mal as relações sexuais entre homem e mulher. Não tem Jesus, no *Diatessaron*, qualquer genealogia terrestre. Como tal Evangelho apócrifo, Taciano deveria dizer: «No reinado de Tibério, o Verbo de Deus nasceu em Nazaré». Chegou a sustentar que a carne de Cristo era só aparência. O uso da carne e do vinho fazia a seus olhos impuros os homens que a comiam e o bebiam. Na celebração dos mistérios não queria senão água. Passou assim como chefe das inúmeras seitas de *encratitas* ou abstinentes, proibindo-se o casamento, o vinho, a carne, que apareciam por toda a parte, e com isso supunham tirar a consequência rigorosa dos princípios cristãos. Espalharam-se tais ideias da Mesopotâmia pela Antioquia, Cilícia, Pérsia, em toda a Ásia Menor, em Roma e nas Gálias. A Ásia Menor, especialmente a Galácia, foram o seu melhor núcleo de desenvolvimento. As mesmas tendências produziam-se em vários pontos simultaneamente. Não tinha também o paganismo as macerações dos cínicos? Um conjunto de ideias falsas, muito espalhadas, levava a erer que, o mal vindo da concupiscência, o regresso à virtude implicava a renúncia dos legítimos desejos.

Ficava indecisa a distinção dos preceitos e dos concílios. A Igreja era uma assembleia de santos esperando na oração e no êxtase o renovoamento do céu e da terra; nada era perfeito para

ela. A instituição da vida religiosa resolverá um dia todas essas dificuldades. A perfeita vida cristã, que não cabe no mundo, realiza-la-á o convento. Taciano só foi herege por querer obrigar todo o mundo àquilo que S. Paulo considerava o melhor.

Como se vê, Taciano tem bastantes semelhanças com Apeles. Como ele, mudou muito e não cessou de modificar a sua regra de crenças; como ele, atacou rijamente a Bíblia judaica e foi livre exegeta. Aproxima-se muito dos protestantes do século XVI, especialmente de Calvino. Foi, no entanto, um dos homens mais intimamente cristãos do seu século, e, se caiu, fê-lo, como Tertuliano, por excesso de severidade. Pode agrupar-se, entre os seus discípulos, Júlio Cassiano, que escreveu vários livros de *Exegética* e sustentou, com argumentos análogos aos do *Discurso contra os Helenos*, que a filosofia dos Hebreus era mais antiga do que a dos Gregos; levou tão longe o docetismo que o consideraram autor dessa heresia; e de tal modo lhe jungiu o horror às obras carnaais que caiu numa espécie de nihilismo destruidor da humanidade. O reino do céu só se podia alcançar com a supressão dos sexos e do pudor. Um tal Severo seguiu uma fantasia mais livre ainda, repelindo os *Actos dos Apóstolos*, injuriando S. Paulo, retomando os velhos mitos do gnosticismo. De queda em queda, precipitou-se nas quimeras dos arcónticos, continuadores nas loucuras de Marcos. Pelo seu nome os encratitas se chamaram severianos.

Existiram nestes tempos remotos todas as

aberrações das ordens mendicantes. Houve, logo nos primeiros séculos, *sacóforos* ou irmãos de sacola; *apostólicos* que intentavam reproduzir a vida dos apóstolos; *angélicos*, *cátaros* ou puros, *apotáctitos* ou renunciantes, os quais recusavam a comunhão e a salvação a todos os que eram casados e tinham dinheiro. Como não as vigiava qualquer autoridade, essas seitas caíram na literatura apócrifa. O Evangelho dos Egipcíacos, os Actos de S.^{to} André, de S. João, de S. Tomás, foram os seus livros favoritos. Pretendiam os ortodoxos que a sua castidade era aparente, pois que atraíam as mulheres por todos os processos e estavam continuamente com elas. Formavam comunidades em que os dois sexos viviam juntos, as mulheres servindo os homens e seguindo-os nas viagens como companheiras. Este género de vida não os amolecia, visto que forneceram às lutas do martírio atletas que foram o assombro dos carrascos.

Era tal o ardor da fé, que foi preciso tomar providências contra os exageros de santidade e precauções contra os excessos de zelo. Palavras que só implicavam elogio, como abstinente, apostólico, passaram a significar heresia. O cristianismo criara um tal ideal de renúncia, que já recuava diante da sua obra e dizia aos fiéis: « Não me tomeis muito a sério, senão serei destruído! » Amedrontava-o o incêndio que ateara. Era tão mal visto pelos doutores irrepreensíveis o amor entre os sexos, que os cristãos deviam considerá-lo um pecado e expulsá-lo de si. À força de frugalidade, blasfemava-se da criação, porque eram inúteis

os dons de Deus. A perseguição produzia e, até certo ponto, desculpava tais exaltações malfazejas. Pense-se na dureza dos tempos, na preparação para o martírio que enchia a vida dos cristãos e criava uma espécie de treino análogo ao dos gladiadores. Gabando a eficácia do jejum e do ascetismo, diz Tertuliano: « Eis como se endurece na prisão com fome, sede, privações e agonias; eis como o mártir aprende a sair do cárcere tal como para lá entrou, sem dores, somente com as suas macerações habituais, certo de vencer no combate, porque matou a carne e porque os tratos o não atormentarão. A sua epiderme seca ser-lhe-á couraça; sobre ela passarão as unhas de ferro como sobre duro corno. Assim será aquele que, pelos jejuns, viu de perto a morte, se livrou do seu sangue, fardo pesado e importuno para a alma impaciente por se desfazer do invólucro ».

CAPÍTULO XI

Os grandes bispos da Grécia e da Ásia.—Militão.

Ao lado dos excessos morais, fruto de um sentimento mal regulamentado e de uma produção exuberante de lendas, filhas da imaginação oriental, havia felizmente o episcopado. Esta bela instituição florescia especialmente nas regiões puramente gregas da Igreja. Oposto a todas estas aberrações, quase clássico, estabelecendo o termo médio nas suas tendências, mais preocupado com a vida humilde dos simples fiéis do que com as pretensões transcendentales dos ascetas e dos especulativos, cada vez o episcopado era mais a Igreja e salvava a obra de Jesus do naufrágio inevitável em que a queriam afundar os gnósticos, os montanistas e os judaizantes. O que duplicava a força do episcopado era o facto dessa espécie de oligarquia federativa ter um centro, que era Roma. Vira

Aniceto, durante os dez ou doze anos da sua presidência, quase todo o movimento cristão concentrar-se em volta dele. O seu sucessor, Soter (talvez judeu converso, que traduziu para grego o seu nome de *Jesus*), viu este movimento aumentar cada vez mais. A vasta correspondência que desde há muito se estabelecera entre Roma e as Igrejas crescia mais que nunca. Sentia-se a tendência para a criação de um tribunal central de controvérsias.

Continuavam a Grécia e a Ásia a ser, com Roma, o teatro dos principais incidentes do crescimento cristão. Corinto tinha em Dionísio um dos homens do tempo mais respeitado. A caridade desse bispo não se reduzia só à sua Igreja. Consultavam-no de toda a parte e as suas cartas quase que tinham a autoridade dos escritos sagrados. Chamavam-lhe « católicas » porque não eram dirigidas a particulares, mas a corporações eclesiásticas. Sete destes trechos foram recolhidos e reverenciados como as epístolas de Clemente Romano. Eram endereçados aos fiéis da Lacedemónia, de Atenas, da Nicomédia, de Cnossos, de Gortino e das outras Igrejas de Creta, de Amástris e das do Ponto. Soter, segundo o uso da Igreja de Roma, enviara à Igreja de Corinto esmolas acompanhadas de uma carta repassada de instruções piedosas. Dinis agradece-lhe assim esse favor :

« É hoje domingo, escreve ele, e lemos a vossa carta, e guardamo-la para a tornar a ler quando precisarmos de confortantes conselhos, como o fazíamos com as de Clemente. Pela vossa exortação, apertou-se mais o laço entre duas planificações remontando uma e outra a Pedro e a Paulo, quero di-

zer à Igreja de Roma e à de Corinto. Esses dois apóstolos, com efeito, vieram a Corinto e ensinaram-nos, depois do que se fizeram de vela para a Itália, para aí continuarem a espalhar a sua doutrina e sofrerem o martírio."

A Igreja de Corinto cedia às tendências de todas as Igrejas; queria, como a Igreja de Roma, ter por fundadores os dois apóstolos cuja união passava por ser a base do cristianismo. Pretendia que Pedro e Paulo, tendo estado em Corinto na época mais brilhante da sua vida apostólica, partiram juntos para a Itália. O pouco acordo existente sobre a história dos apóstolos tornava possíveis iguais suposições contra toda a verosimilhança e contra a própria verdade.

Os escritos de Dinis passavam por obras-pri-mas de talento literário e zelo. Combatiam enérgica-mente as doutrinas de Márcion. Numa carta a uma piedosa irmã chamada Crisófora, traçava com mão de mestre os deveres da vida consagrada a Deus. Não se opôs menos aos exageros grosseiros do montanismo. Na carta aos Amastrianos, instruía-os sobre o casamento e a virgindade e recomendava que recebessem com doçura todos os que quisessem penitenciar-se, embora houvessem caído na heresia ou tivessem cometido qualquer outro pecado. Palma, bispo de Amástris, aceitou o direito que se arrogava Dinis em ensinar os fiéis. Dinis só encontrou resistência às suas admoestações no bispo de Cnosso, Pinito, que era um rigorista exaltado. Dinis compelia a considerar a fraqueza de certas pessoas e a não impor aos fiéis o peso duro da castidade.

Pinito, que era eloquente e passava por um luminar da Igreja, respondeu testemunhando-lhe muita estima e respeito; mas, ao mesmo tempo, aconselhou-o a que desse ao povo uma alimentação mais sadia e uma instrução mais forte, de modo que alimentados só com o leite da condescendência, não envelhecessem sem nunca saírem em espírito da fraqueza da infância. A carta de Pinito foi muito admirada e tida por um modelo de ardor episcopal. Admitiu-se que o vigor do zelo, quando expresso com caridade, tem direitos iguais aos da prudência e da doçura.

Dinis opusera-se às especulações das seitas. Amigo da paz e da unidade, repelia todas as causas de cisão. As heresias tinham nele um adversário decidido. A sua autoridade era tal que os heréticos, os «apóstolos do diabo», como ele lhes chama, falsificaram as cartas, juntando-lhe interpolações mentirosas e cortando-lhe o que lhes aprouve.

«Será para estranhar, escreve Dinis a este respeito, que os que tiveram a audácia de falsificar as Escrituras do Senhor, não ousassem falsificar as escrituras que não tinham o mesmo carácter sagrado?»

A Igreja de Atenas, sempre caracterizada por uma espécie de leviandade frívola, estava muito longe de se firmar em bases tão seguras como a de Corinto. Ali se passavam factos que se não davam em mais parte alguma. O bispo Público sofrera corajosamente o martírio; depois houve uma apostasia quase geral, uma espécie de abandono da religião. Um tal Quadrato, distinto apo-

logista, reconstituiu a Igreja, e deu-se como que um despertar da fé. Dinis escreveu a essa Igreja versátil não sem algum amargor, tentando conduzi-la para a crença e para a severidade da vida evangélica. A Igreja de Atenas, como a de Corinto, tinha a sua lenda. Ligava-se com esse Dinis chamado o Areopagita, de quem se fala nos *Actos*, e dele fizera o primeiro bispo de Atenas, tanto o episcopado já era a forma sem a qual se não concebia a existência de uma comunidade cristã.

Creta, como se vê, tinha Igrejas florescentes, piedosas, benfazejas, generosas. As heresias gnósticas e sobretudo o marcionismo assaltavam-nas sem as vencer. Filipe, bispo de Gortina, escreveu uma linda obra contra Márcion e foi um dos bispos mais estimados do tempo de Marco-Aurélius.

A Ásia proconsular continuava a ser a primeira província do movimento cristão. Ali se viam a grande batalha, as perseguições, os mártires. Quase todos os bispos das cidades consideráveis, homens santos, eloquentes, relativamente sensatos, haviam recebido uma boa educação helénica e, se assim nos podemos exprimir, eram habilíssimos políticos religiosos. Havia muitos bispos, mas algumas famílias importantes tinham uma espécie de privilégio sobre o episcopado das cidades pequenas. Polícrato de Éfeso, que, durante trinta anos, defendeu enérgicamente, contra o bispo de Roma, as tradições da Igreja da Ásia, foi o oitavo bispo na sua família. Os bispos das grandes cidades tinham primazia sobre os outros; eram os presidentes das reuniões provinciais dos bispos. Aparece o *arce-*

bispo, posto que a palavra, se fosse pronunciada, seria repelida com horror (1).

Militão, bispo de Sardes, goza de uma incontestada superioridade sobre todos estes pastores eminentes. Unânimemente se lhe concedera o dom da profecia, e todo o mundo cria que ele era iluminado pelo Espírito Santo. Sucedião-se todos os anos os seus escritos no meio da admiração universal. A sua crítica era a da época, cuidando com muito rigor em que a fé fosse razoável e consequente consigo mesma. Lembra, por muitos pontos de vista, Orígenes; mas não tinha para a sua instrução as facilidades que este encontrou nas escolas de Alexandria, Cesareia e Tiro.

O pouco cuidado que os discípulos de S. Paulo punham no estudo do Velho Testamento e o enfraquecimento do judaísmo nas regiões asiáticas longe de Éfeso, tornavam difícil a procura nesses países de noções exactas sobre os livros bíblicos. Não se lhes conhecia nem o número nem a ordem. Militão, impellido pela curiosidade e talvez pelas instâncias de um tal Onésimo, fez uma viagem à Palestina para se informar acerca do verdadeiro estado de Cânon. Trouxe um catálogo de livros universalmente aceites; era pura e simplesmente o cânon judaico com vinte e dois livros, menos o de Ester. Os apócrifos, como o livro de Henoch, o apocalipse de Esdras, Judite, Tobias,

(1) O bispo de Éfeso convoca para o sínodo os bispos das províncias asiáticas, por ordem do papa Vitor. Eus., V, xxiv, 8.

etc., que não eram aceites pelos judeus, foram excluídos da lista de Militão. Sem ser hebraizante, Militão fez-se o comentador atento desses livros sagrados. Por pedido de Onésimo, reuniu em seis livros as passagens do Pentateuco e dos Profetas que viam a Jesus Cristo e aos outros artigos da fé cristã. Trabalhava sobre traduções gregas, comparando-as com o maior cuidado possível.

Era-lhe familiar a exegese dos Orientais; discutia-a ponto a ponto. Como o autor da chamada Epístola de Barnabé, parece ter uma tendência acentuada para as explicações alegóricas e místicas e não será impossível que a sua obra perdida, intitulada *A Chave*, não fosse já um dos reportórios de explicações figuradas pelas quais se intenta desviar os antropomorfismos do texto bíblico e substituir aos sentidos singelos outros mais elevados (1).

(1) A obra latina que dom Pitra publicou como sendo a *Chave* de Militão é uma compilação das passagens dos Padres latinos servindo para a explicação alegórica das Escrituras, figurando pela primeira vez na Bíblia de Teodulfo. Dever-se-ia retomar este trabalho, porque o referente aos manuscritos latinos é insuficiente. A obra foi primeiro anónima; depois um copista identificou-a com a *Chave* de Militão. Não resultará deste facto que a *Chave* de Militão seja um reportório do mesmo género e conhecido no mundo latino? Deve-se acreditá-lo, quando se considera que quase todos os fragmentos de Militão conservados nas «Cadeias gregas» estão cheios de explicações simbólicas. É preciso observar que Militão foi o objecto de muitas confusões, especialmente com Melétio e que se lhe atribuíram muitos escritos apócrifos.

Entre os escritos do Novo Testamento, parece que Militão só comentara o Apocalipse. Gostava das suas imagens sombrias; porque ele mesmo anuncia a proximidade da conflagração final; que depois do dilúvio de vento e do dilúvio da água, virá o dilúvio do fogo, que cousumirá a terra, os ídolos e os idólatras; só os justos se salvarão como outrora na arca. Não impediam estas crenças extravagantes que Militão fosse, a seu modo, um espírito cultivado. Familiar com o estudo da filosofia, procurou, em obras infelizmente perdidas, explicar pela psicologia racional os mistérios do dogma cristão. Escreveu, além disso, alguns tratados em que parece dominar a preocupação do montanismo, sem ser possível dizer se ele lhe era contrário ou favorável. Tais foram os seus livros sobre a Regra de bem viver, sobre os profetas, sobre a Igreja, sobre o Domingo, sobre a Natureza do homem e a sua formação, sobre a Obediência que os sentidos devem à fé, sobre a Alma e o corpo ou sobre a Inteligência, sobre o Baptismo, sobre a Criação e o nascimento de Cristo, sobre a Hospitalidade, sobre a Profecia, sobre o Diabo e o Apocalipse de João, sobre o Deus incarnado ou sobre a encarnação do Cristo, todos escritos contra Márcion. Tudo leva a crer que ele escrevesse ainda um livro de Profecias.

Militão passou por profeta; mas não é certo que as suas profecias formassem uma obra à parte. Admitindo a prolongação do dom da profecia até à sua época, não pode repelir *a priori* os montanistas da Frígia. A sua vida aproximava-se

daídeles por um certo ascetismo. Só não reconheceu as revelações dos santos de Pepuza ; sem o que, certamente, a ortodoxia o teria excluído do seu seio.

Um dos seus tratados, intitulado «da Verdade», chegou até nós (1). As sátiras do monoteísmo contra a idolatria são repassadas de amargura, e nunca se exprimiu com mais violência o ódio às imagens. A verdade, segundo o autor, revela-se por si mesma ao homem e se este a não vê, a culpa é só sua. Enganar-se com a maioria não é desculpa ; o erro multiplicado é cada vez mais funesto. Deus é o ser imutável e incriado ; confundi-lo com tal

(1) A subscrição da versão siríaca, em que esse tratado se apresenta como um discurso feito por Militão diante de Marco-Aurélio, é uma interpolação evidente. Deve-se, na minha opinião, dizer o mesmo da peroração dirigida a Marco-Aurélio, em que se fala duas vezes dos «seus filhos.» Pode admitir-se essa expressão até 170, ano a partir do qual Marco-Aurélio não tem mais que um filho ; mas, até ao fim de 169, Marco-Aurélio tem por colega Lúcio Vero, que se não podia omitir. Além disso, as passagens do texto (pag. 7, 10, 12, 13, sobretudo, 14, 15 e 17) não podiam ser dirigidas a Marco-Aurélio nem por escrito nem de viva voz ; são críticas acerbas aos actos do imperador. Pensamos numa sofisticação, que se deu ao tratado *Da verdade* um titulo mentiroso e uma peroração apócrifa, a fim de valorizar o tratado e com a intenção de o fazer passar pela Apologia perdida. A fraude era tanto mais fácil quanto Militão apostrofa um inominado para o arrancar à idolatria e por isso parecer insinuar que Militão recitou a sua apologia diante do imperador. Este processo é muito corrente entre os Sirios. Assim o *Logos paræneticos*, atribuído a Justino, tem uma epigrafe fictícia destinada a dar-lhe um interesse histórico, talvez em relação com Eusébio.

ou tal elemento é um crime, agora que «a revelação da verdade se estendeu a toda a terra». Já o dissera a Sibila : «os ídolos não são mais que imagens de reis mortos, fazendo-se adorar». Tomar-se-ia por um fragmento encontrado de Fílon de Biblos, expondo o velho everismo fenício de Sanchoniathon, a página curiosa em que Militão, forrageando nas fábulas e nas mais singulares da mitologia grega e da mitologia siríaca, bizarramente amalgamadas com as narrações bíblicas, procura provar-nos que os deuses foram outrora personagens reais e divinizados depois por causa dos serviços prestados a certos países, ou pelo terror que inspiravam. O culto dos Césares parece-lhe a continuação dessa prática.

«Não se vêem ainda no nosso tempo imagens do César e da sua família mais veneradas que as dos antigos deuses, e esses deuses pagam o tributo a César como a um deus maior do que eles ; e, se se punem de morte os recebedores do dinheiro oferecido aos deuses, parece que é por privarem o fisco de um certo rédito. Há países em que os devotos de certos santuários pagam ao Estado uma soma convencionada... A grande desgraça do mundo está em que os adoradores dos deuses inanimados, e esses são o maior número, quer por amor do lucro quer por amor da glória vã, quer pelo gosto do poder, não só os adoram, mas constroem os pobres de espírito a adorá-los.

Certo príncipe dirá talvez : «Eu não tenho liberdade para praticar o bem. Sendo chefe, tenho que me conformar com a vontade da maioria.» Quem falar assim é digno de lástima. Porque é que o soberano não pode ter a iniciativa de tudo o que é bom, porque não leva o povo que lhe está sujeito, a praticar o bem, a conhecer Deus segundo a verdade e não dá ele mesmo o exemplo das boas acções ? Que haverá de mais conveniente ? É um absurdo que um príncipe se porte mal e que julgue e condene os que cometem perversidades. Para

mim tenho que um Estado só será bem regido quando o rei, conhecendo e temendo o verdadeiro Deus, julgue como quem sabe que será um dia julgado diante de Deus, e que os vassallos, também tementes a Deus, escrupulizem em não agravar com uma má conduta o seu soberano nem os seus semelhantes. Assim, graças ao conhecimento de Deus e ao seu temor, pode suprimir-se o mal nos Estados.

Se o soberano, com efeito, não é injusto para com os seus vassallos nem estes o são para com ele, nem uns para com os outros, é claro que todo o país vive em paz e daí virá grande felicidade; porque assim o nome de Deus será louvado por todos. O primeiro dever do soberano é que o torna mais querido aos olhos de Deus é libertar o povo do erro, e o maior erro é ignorar a Deus e adorar quem não é Deus.*

Vê-se como Militão se afasta dos perigosos princípios que dominarão até ao fim do 4.º século e farão o império cristão. O soberano erigido em protector da verdade, empregando todos os meios para a fazer triunfar, eis o ideal sonhado. Encontraremos as mesmas ideias na Apologia dirigida a Marco-Aurélio. A intolerância dogmática, a ideia de que se é culpado e se desagrada a Deus ignorando certos dogmas está francamente clara. Militão não admite desculpas para a idolatria. E quem disser que as honras prestadas aos ídolos se referem à pessoa que representam, e os que se contentam com dizer: «era o culto dos nossos pais», são todos igualmente culpados.

«Pois que! Será proibido a quem nasceu pobre o enriquecer? Quem nasceu de pais ignorantes ficará toda a vida ignorante? Os filhos dos cegos não se recusam a ver nem os filhos dos cegos a andar... Antes de imitares o teu pai, vê se ele segue o verdadeiro trilho. Se vai pelo mau segue tu pelo bom para que os teus filhos te imitem. Lamenta o teu pai que vai pelo caminho do mal, enquanto as tuas lágrimas o podem ainda salvar. Quanto aos teus filhos, dize-lhes: «Há

um Deus, pai de todas as coisas, que não tem princípio nem fim e que faz subsistir tudo pela sua vontade.»

Veremos já a parte que Militão tomou na controvérsia da Páscoa e na espécie de voga que levou tantos espíritos esclarecidos a apresentar os escritos apologeticos a Marco-Aurélio. Mostrava-se o seu túmulo em Sardes, como o do justo mais capaz de ressuscitar ao apelo do céu. O seu nome foi muito respeitado pelos católicos, que o consideravam uma das autoridades do século. Gabaram sobretudo a sua eloquência e são muito brilhantes os trechos que lhe conhecemos. Era um protesto contra Márcion a sua teologia, em que Jesus é ao mesmo tempo homem e Deus, e deveria agradar aos adversários de Ártemon e de Teodoto o correeiro. Conhecia o Evangelho de João e identificava o *Christos* com o *Logos*, pondo-o em segundo plano atrás do Deus único, anterior e superior a tudo. O seu tratado em que se apresenta o Cristo como um ser criado, deveu surpreender; mas, sem dúvida, teve pouca leitura, e este título escandaloso foi desde logo suprimido. No 4.º século, quando a ortodoxia se tornou mais suspeita, deixaram de copiar esses escritos tão admirados duzentos anos antes. Muitas passagens pareceram pouco conformes com a fé de Niceia. A sorte de Militão foi a de Papias e de outros doutores do 2.º século, verdadeiros fundadores, os primeiros Padres na realidade e cujo erro foi adivinharem o que os concílios mais tarde regulamentaram.

Cláudio Apolinário sustentou o brilho da Igreja de Hierápolis e, como Militão, juntava a cultura literária e filosófica à santidade. Passa o seu es-

tilo por excelente e a sua doutrina pela mais pura. O seu afastamento do judeo-cristianismo e o seu gosto pelo Evangelho de João enfileiram-no mais no partido do movimento do que no da tradição. Como este foi o movimento que triunfou, os seus adversários ficaram, desde então, em último lugar. Vê-lo-emos, quase ao mesmo tempo que Milítão, apresentar uma apologia a Marco-Aurélio. Escreveu cinco livros dirigidos aos pagãos, dois contra os judeus, dois sobre a Verdade, um sobre a Piedade, sem falar de outras obras que não tiveram grande publicidade, mas que foram muito estimadas por quem as leu. Combateu Apolinário enérgicamente o montanismo e foi o bispo que mais contribuiu para salvar a Igreja do perigo que a faziam correr os seus pregadores. Encontraram-no muito severo os excessos dos encratitas. Um misto de bom senso e literatura, de fanatismo e moderação caracterizava esses homens extraordinários, verdadeiros ancestrais dos bispos letrados, hábeis políticos, parecendo escutar somente as inspirações celestiais, opostos aos violentos, sendo eles mesmos bastante violentos. Graças às doçuras mentirosas de uma linguagem liberal, esses Dupen'loups antecipados provaram que os cálculos mundanos mais refinados não excluem o mais bizarro iluminismo e que, com uma perfeita honestidade, se pode reunir numa só pessoa todas as aparências de um homem razoável e todos os arrebatamentos de um exaltado.

Milcíades, como Apolinário, grande adversário dos montanistas, foi um escritor fecundo. Compôs dois livros contra os pagãos, dois contra os judeus, não esquecendo uma apologia dirigida às

autoridades romanas. Combateu Musano os encratitas, discípulos de Taciano. Aplicou-se Modesto a desmascarar as manhas e os erros de Márcion. Já Policrates, que, mais tarde, presidiria à Igreja da Ásia, brilhava pelos seus escritos. Produziam-se por toda a parte imensos livros. Nunca o cristianismo escreveu mais do que na Ásia durante o 2.º século. Estava muito espalhada a cultura literária nesta província; era-lhe comum a arte de escrever e com ela aproveitava o cristianismo. Começava a literatura dos Padres da Igreja. Não se excederam nos séculos subsequentes esses primeiros ensaios de eloquência cristã; mas, debaixo do ponto de vista da ortodoxia, ofereciam os livros dos Padres do 2.º século mais de uma pedra de toque. Tornou-se a leitura suspeita; copiaram-nos cada vez menos, e assim desapareceram esses belos escritos, para dar lugar aos escritores clássicos, posteriores ao concílio de Niceia, mais correctos como doutrinários, mas muito menos originais que os do 2.º século.

Um tal Papírio, cuja sede episcopal se desconhece, era muito estimado. Traseias, bispo de Euménia, na região do alto Meandro, teve a mais invejada das glórias, o martírio. Foi supliciado talvez em Esmirna, porque aí está o seu túmulo. Ságari, bispo da Laodiceia no Lico, teve a mesma honra no proconsulado de L. Sérgio Paulo em 165. Laodiceia conservou piedosamente os seus restos mortais. O seu nome fixou-se na memória das Igrejas, porque a sua morte foi causa de um episódio importante ligando-se com uma das mais graves questões do tempo.

CAPÍTULO XII

A questão da Páscoa.

Por acaso, a execução de Ságari coincidiu com a festa da Páscoa. A fixação desta festa originava inúmeras dificuldades. Sem o seu pastor, a Igreja da Laodiceia caiu em insolúveis contradições. Tais contradições dependiam da própria essência da evolução do cristianismo e era impossível evitá-las. A força de caridade recíproca, conseguia-se lançar um véu sobre a profunda diferença dos dois cristianismos — de um lado, o cristianismo reputado seita do judaísmo — de outro lado, o cristianismo considerado como a destruição do judaísmo. A realidade, porém, é menos flexível que o espírito. Era nas Igrejas o dia da Páscoa a causa de um desacordo profundo. Não se jejuava nem se rezava no mesmo dia. Enquanto uns choravam, já outros entoavam cantos

de triunfo. O mesmo embaraço subsistia para as Igrejas não desunidas por qualquer questão de princípios. Não estava bem assente o ciclo pascal; e tanto assim que Igrejas vizinhas, como as da Alexandria e da Palestina, se escreviam na primavera para se entenderem acerca da celebração da festa no mesmo dia e de pleno acordo. O que haveria de mais chocante do que ver tal Igreja imersa no luto, extenuada pelos jejuns, enquanto que outra já se embebia nas alegrias da ressurreição? Os jejuns que antecedia a páscoa, e que originaram a quaresma, praticavam-se também por maneiras muito diferentes.

Fora na Ásia que mais se agitaram essas controvérsias. Vimos a questão tratada, há doze anos, entre Policarpo e Aniceto. Quase todas as Igrejas cristãs, tendo à sua frente a Igreja de Roma, tinham mudado a páscoa, passando a festa para o domingo consecutivo ao 14 de Nizão e identificando-a com a ressurreição.

A Ásia não seguiu esse movimento; neste ponto, pode dizer-se que se atrasou. A maioria dos bispos da Ásia, fiel à tradição dos antigos Evangelhos, apoiando-se em Mateus, queria que Jesus, antes de morrer, tivesse comido a páscoa com os seus discípulos no 14 de Nizão; celebravam portanto esta festa no mesmo dia que os judeus, fosse qual fosse o dia da semana em que ella caísse. Alegavam, a favor da sua opinião, o *Evangelho*, a autoridade dos seus predecessores, as prescrições da Lei, o cânon da fé e sobretudo a autoridade dos apóstolos João e Filipe, que viveram com eles, sem se deterem para com João numa sin-

gular contradição (1). O mais provável foi que o apóstolo João celebrasse toda a vida a páscoa a 14 de Nizão; mas, no Evangelho que se lhe atribui, parece ensinar outra doutrina, tratando com desdém a antiga páscoa da festa judaica e faz morrer Jesus no próprio dia em que se comia o cordeiro, indicando assim a substituição do novo cordeiro pascal ao antigo.

Policarpo, como vimos, seguia as tradições de João e de Filipe. O mesmo se dava com Traseias, Ságaris, Papírio, Militão. Da mesma opinião foram os montanistas. Mas a opinião da Igreja universal tornava-se cada vez mais imperiosa e mais embaraçosa para esses obstinados. Apolinário de Hierápolis convertera-se, ao que parece, à prática romana (2). Não admitia a páscoa do 14 de Nizão, um como vestígio do judaísmo, e alegava, para sustentar a sua opinião, o Evangelho de João. Militão, vendo o embaraço dos fiéis da Laodiceia, privados do seu pastor, escreveu para eles a sua obra sobre a Páscoa, onde mantinha a tradição do 14 de Nizão. Teve Apolinário uma moderação que nem sempre foi imitada. A opinião universal da Ásia ficou fiel à tradição judaizante; a controvérsia de

(1) Policrate, que faz de João um partidário do uso judaico, admite o quarto Evangelho.

(2) Parece à primeira vista que a questão foi posta na Ásia nos seguintes termos: ou conservar a páscoa ou suprimir a festa. Não nos parece haver família cristã que quisesse suprimir de vez esta festa, nem tão-pouco o sábado. Tanto em Roma como na Ásia trata-se de uma translação impedindo a coincidência com a festa judaica.

Laodiceia e a manifestação de Apolinário não tiveram consequências imediatas. As regiões extremas da Síria, com mais forte razão as judeo-cristãs e as ebionitas, ficaram igualmente fiéis à observância judaica. Quanto ao resto do mundo cristão, arrasado pelo exemplo da Igreja de Roma, adoptou o uso anti-judaico. Mesmo as Igrejas de origem asiática das Gálias, que primeiro celebraram a páscoa a 14 de Nizão, enfileiraram prontamente no calendário universal, que era o calendário puramente cristão. A comemoração da ressurreição substitui a da saída do Egipto, como a da saída do Egipto substituiu o sentido puramente naturalista ao antigo *paskh* semítico, a festa da primavera.

No ano de 196 a questão avivou-se mais do que nunca. As Igrejas da Ásia persistiam nos velhos usos. Roma, desejando a unidade, quis reduzi-las. A convite do papa Vítor, houve reuniões de bispos. Trocou-se uma larga correspondência. Teve Eusébio entre mãos a epístola sinodal do concílio da Palestina, presidido por Teófilo de Cesareia e Narciso de Jerusalém, a carta do sínodo de Roma, contra-assinada por Vítor, as cartas dos bispos do Ponto, presididos por Palma, como mais velho, a carta das Igrejas da Gália, cujo bispo era Ireneu e, finalmente, as das Igrejas de Osroène, sem falar das cartas particulares de vários bispos, notoriamente de Baquilo de Corinto. Foram todos unânimes na transferência da Páscoa para o domingo. Mas os bispos da Ásia, fortes na tradição de dois apóstolos e de tantos homens ilustres, não quiseram ceder. O velho Policrate, bispo

de Éfeso, escreveu em seu nome uma carta, bastante azeda, a Vítor e à Igreja de Roma.

«Nós é que somos fiéis à tradição, sem nada acrescentar nem tirar coisa alguma. É na Ásia que repousam os homens bases, que ressuscitarão no dia da aparição do Senhor, no dia em que ele virá do céu, cheio de glória para ressuscitar todos os santos; Filipe, que foi um dos doze apóstolos e que está enterrado em Hierápolis, assim como as suas duas filhas que envelheceram na virgindade, não falando noutra filha sua que durante a sua vida seguiu a regra do Espírito Santo e que repousa em Éfeso; — depois João, aquele cuja cabeça se encostou ao peito do Senhor, pontífice usando do *petalon*, mártir e doutor; esse também está enterrado em Éfeso; depois Policarpo, o que foi mártir e bispo em Esmirna; — depois Traseias, simultaneamente bispo e mártir da Euménia, que está enterrado em Esmirna. Para que falar de Ságaris, bispo e mártir, enterrado na Laodiceia — e do bem-aventurado Papírio, — e de Militão, o santo eunuco, que em tudo observou a regra do Espírito Santo e que repousa em Sardes, esperando o apelo celeste que o ressuscitará dos mortos? Todos esses homens celebrarão a Páscoa no décimo quarto dia, segundo o Evangelho, sem inovações e seguindo a regra da fé. E eu também, eu, o mais humilde de todos, eu, Policrato, também assim o fiz conforme com as tradições da minha família, entre cujos membros escolhi os meus mestres (houve sete bispos na minha família; eu sou o oitavo); e todos esses parentes venerandos solenizavam o dia em que o povo começa a proibir-se o uso do fermento. Eu, que conto sessenta e cinco anos ao serviço do Senhor, que conversei com os meus irmãos do mundo inteiro, que li de começo a fim a Escritura santa, não perderei a cabeça, sejam quais forem as intimidações. Outros maiores do que eu disseram: «Vale mais obedecer a Deus do que aos homens...» Poderia citar os bispos aqui presentes, que convoquei por vosso rogo, e se escrevesse os seus nomes, muito comprida seria a lista. Vieram todos ver-me a mim, tão mesquinha criatura, e aderiram à minha carta, sabendo que não é impunemente que tenho cãs e bem certos de que tudo o que eu faço, o faço no Senhor Jesus.»

O que prova que o papado já estava criado e bem criado, é a intenção incrível que os termos um pouco ásperos dessa carta inspiraram a Vítor. Pretende excomungar, separar da Igreja universal a província mais ilustre, porque não fazia dobrar as suas tradições diante da disciplina romana. Publicou um decreto pelo qual as Igrejas da Ásia eram postas fora da comunhão cristã. Outros bispos se opuseram a esta medida violenta e chamaram Vítor à caridade. Particularmente Ireneu de Lião que, pela necessidade do mundo para onde se transportara, aceitou para ele e para as Igrejas da Gália o costume ocidental, não pôde tolerar a ideia de que as Igrejas mães da Ásia, a que se sentia ligado até ao fundo do seu peito, se viessem a separar do corpo da Igreja universal. Dissuadiu Vítor de excomungar as Igrejas aferradas à tradição dos seus pais e lembrou-lhe os exemplos de predecessores mais tolerantes:

«Sim, os antigos que antes de Sotor presidiram à Igreja que tu ora conduzes, queremos dizer Pio, Hígino, Telésforo, Xisto, não observaram a páscoa judaica e não permitiram aos seus fiéis que a observassem; mas, não a observando, mantinham a paz com os membros das Igrejas que a observavam, quando vinham até eles, ainda que essa observância, no meio de pessoas que a não observavam, tornasse mais vívido o contraste. Ninguém foi repellido por esse motivo; pelo contrário, os antigos que te precederam, os quais, repito, não observavam, mandavam a eucaristia aos antigos das Igrejas que observavam. E quando o bem-aventurado Policarpo veio a Roma no tempo de Aniceto, ambos se deram o beijo da paz; havia entre eles algumas dificuldades; mas nesse ponto não tiveram que objectar. Porque nem Aniceto pensou convencer Policarpo a que abandonasse uma prática que sempre guardara e que lhe vinha das suas relações com

João, discípulo do Senhor, e com outros apóstolos; nem Policarpo quis convencer Aniceto, apesar deste afirmar que se deveria guardar o costume dos que os haviam precedido. Assim comungaram juntos e, na igreja, Aniceto cedeu, para o honrar, a Policarpo a consagração eucarística, separando-se em boa harmonia e viu-se que observantes e não observantes estavam de acordo com a Igreja universal.⁹

Este acto de raro bom senso, que abre tão gloriosamente os anais da Igreja galicana, impediu o cisma do Oriente e do Ocidente de se dar antes do 2.º século. Ireneu escreveu a todos os bispos e a questão ficou livre para as Igrejas da Ásia. Naturalmente, Roma continuou a propaganda contra a páscoa do 14 de Nizão. Um padre romano, Blasto, pretendendo estabelecer o uso asiático em Roma, foi excomungado. Combateu-o Ireneu. Não se proibiu o uso de documentos apócrifos. Ganhava, dia a dia, terreno a prática romana.

Quem decidiu a questão foi o concílio de Niceia. Desde então considerou-se herege quem seguiu a tradição de João, de Filipe, de Policarpo, de Militão. Sucedeu o que tantas vezes acontecera. Os defensores da antiga tradição foram pela sua fidelidade postos fora da Igreja e não passaram de hereges, os *quartodecimans*.

Oferecia dificuldades o calendário judaico, e, nos países em que não havia judeus, era custoso determinar o 14 de Nizão. Convencionou-se que o domingo da ressurreição seria o domingo correspondente ou consecutivo à primeira lua cheia depois do equinócio da primavera. A sexta-feira precedente foi o dia comemorativo da Paixão; a quinta foi o da instituição da Ceia. Estabeleceu-se

assim a semana santa segundo a tradição dos antigos Evangelhos e não segundo o Evangelho chamado de João. O Pentecostes, tornado festa do Espírito Santo, caía no sétimo domingo depois da Páscoa, e o ciclo das festas móveis do ano cristão se achou fixado uniformemente por todas as Igrejas, até à reforma gregoriana.

O processo que carrou o debate teve mais importância que o próprio debate. A propósito desta questão, caminhou a Igreja para uma noção mais clara da sua organização. No começo foi evidente que para ela não cooperou o profano. Só os bispos é que intervieram dando a sua opinião. Reuniam-se os bispos em sínodos provinciais, presididos pelo bispo da capital da província (futuro arcebispo), e algumas vezes pelo mais velho. A assembleia sinodal redigia uma pastoral que era expedida para as outras Igrejas. Foi, por assim dizer, um rudimento de organização federativa, um ensaio para resolver as questões por meio de assembleias provinciais presididas pelos bispos, e correspondendo-se umas com as outras. Procurou-se mais tarde, nos documentos dessa grande luta eclesiástica, o precedente para as questões de presidência dos sínodos e da hierarquia das Igrejas. Parece que entre as demais, Roma, é que tinha o direito particular da iniciativa. Essa iniciativa exerce-se no sentido da unificação das Igrejas, ainda que com o risco de maiores cismas. O bispo de Roma atribuiu-se o direito exorbitante de expulsar da Igreja toda a facção que sustente tradições especiais. Quase se não compreende que a partir do ano 196, este gosto exagerado da unificação não provo-

casasse os cismas que mais tarde se produziram. Mas um grande bispo, animado do verdadeiro espirito de Jesus, sobrepujava-se ao papa. Ireneu protestou, propôs-se uma missão de paz e conseguiu corrigir o mal que a ambição romana originara. Estava-se longe de acreditar na infalibilidade do bispo de Roma; porque Eusébio declarava ter lido as cartas em que os bispos censuravam enèrgicamente o procedimento de Vitor.

CAPÍTULO XIII

Última recrudescência do milenarismo e do profetismo. — Os montanistas.

Não chegava o grande dia, apesar das afirmações de Jesus e dos profetas que ele inspirara. Tardava o Cristo em mostrar-se; a piedade ardente dos primeiros tempos, que tivera por móbil a crença nessa próxima aparição, arrefecera em muitos. Sobre a terra tal como ela era, no seio dessa sociedade romana tão corrupta, mas tão preocupada com reformas e progressos, é que se pensava fundar o reino de Deus. Os costumes cristãos, desde que aspiravam a ser os de uma sociedade completa, deviam abrandar na sua severidade primitiva. Não se faziam cristãos, como outrora, sob a acção de uma violenta impressão pessoal; muitos nasciam cristãos. Cada vez era menor o contraste entre a Igreja e o mundo. Era inevitável que os rigoristas pensassem que se caía

no atoleiro perigosíssimo da mundanidade e que surgia um partido de pietistas para combater a modorra geral, para continuar os dons sobrenaturais da Igreja apostólica e preparar a humanidade, por uma centuplicação de austeridades, para as provações dos últimos dias.

Vimos o pio autor de *Hermas* chorar sobre a decadência do seu tempo e chamar com os seus votos uma reforma que fez da Igreja um convento de santos e de santas. Havia, com efeito, alguma coisa de pouco consequente na espécie de quietude em que dormia a Igreja ortodoxa, nessa moral tranqüila a que cada vez mais se reduzia a obra de Jesus. Abandonavam-se as prédicas tão precisas do fundador sobre o fim do mundo presente e sobre o reino messiânico que lhe devia suceder. Quase se esquecera a aparição próxima entre as nuvens. Enfraquecia o desejo do martírio, o gosto do celibato, consequências de tal crença. Aceitavam-se as relações com um mundo impuro, condenado a acabar depressa; pactuava-se com a perseguição e procurava-se evitá-la a peso de ouro. Era inevitável que as ideias que formavam o fundo do cristianismo nascente reaparecessem de tempos a tempos, no meio do embrandecimento geral, com o que elas tinham de severo e atemorizador. O fanatismo, mitigado pelo bom senso ortodoxo, tinha erupções como um vulcão comprimido.

O mais notável desses retornos naturalíssimos para o espírito apostólico foi o que se produziu na Frigia, no tempo de Marco-Aurélio (1). Alguma

(1) É incerta a data da aparição do montanismo. A única

coisa de parecido com o que se passa no nosso tempo, na Inglaterra e na América, entre os irvingianos e os santos dos nossos dias. Certos espíritos simples e exaltados imaginam ser chamados para realizar os prodígios da inspiração individual, fora das cadeias já pesadas da Igreja e do episcopado. Uma doutrina há muito tempo espalhada na Ásia Menor, a de um Paracleto que devia vir completar a obra de Jesus, ou melhor, retomar o ensinamento de Jesus, restabelecê-lo na sua verdade, purgá-lo das alterações introduzidas pelos bispos e pelos apóstolos, tal doutrina abria as portas a todas as inovações. A Igreja dos santos era concebida como progressiva e destinada a percorrer os graus sucessivos da perfeição. O profetismo passava pela coisa mais natural do mundo. Os sibillistas, os profetas de toda a ordem percorriam as ruas, encontrando crédito e acolhimento, apesar dos seus grosseiros artifícios.

Algumas pequenas cidades das mais tristes províncias da Frigia, Brulea, Tímio, Pepuza, cujo sitio se ignora, foram o teatro desse entusiasmo

autoridade é a do anónimo citado por Eusébio, que põe este acontecimento sob o proconsulado de Grato. Na *Crônica*, Eusébio supõe que este proconsulado caiu em 171 ou 172; mas Eusébio fazia estes cálculos aproximadamente, e vimos que a propósito dos martírios de Policarpo, de Justino e de Ságari, ele abaixava muito as datas. Nenhuma dúvida permite fixar o proconsulado de Grato. O Frigio Alexandre, que parece ter levado para Lião as ideias montanistas, estava na Gália «há muitos anos» quando foi martirizado em 177.

tardio. A Frigia era um dos países antigos mais propensos às meditações religiosas. Passavam os Frígios por simples e ingênuos. O cristianismo tem entre eles, desde o início, um carácter essencialmente místico e ascético. Já, na epístola aos Colossianos, combateu Paulo os erros em que os signos precursadores do gnosticismo e os excessos de um ascetismo mal compreendido pareciam confundir-se. Quase por toda a parte o cristianismo foi a religião das grandes cidades; aqui, como na Síria além do Jordão, foi uma religião de vilões e camponeses. Um tal Montano, do burgo de Ardabav, na Mísia, nos confins da Frigia, deu a esses piedosos devaneios o carácter contagioso que até aí não tinham tido.

A imitação dos profetas judeus e dos que produziram a lei nova, no começo da idade apostólica, foi o elemento principal desse renascimento do profetismo. Talvez se imiscuisse um elemento orgiástico e coribântico, próprio do país e inteiramente fora dos hábitos regrados da profecia eclesiástica, já sujeita à tradição. Toda essa gente falando o frigio era de raça frigia. Nas partes mais ortodoxas do cristianismo, passava o sobrenatural por uma coisa muito simples. A revelação não era fechada; era a vida da Igreja. Os dons espirituais, os carismas apostólicos, continuavam em muitas comunidades e alegavam-se como provas da verdade. Citava-se Agab, Judas, Silas, as filhas de Filipe, Amias de Filadélfia, Quadrato como favorecidos pelo espírito profético. Em princípio, admitia-se que o carisma profético duraria na Igreja por uma sucessão não interrupta até à vinda do Cristo. A crença no Paracleto, con-

cebido como fonte de inspiração permanente para os fiéis, entretinha essas ideias. Quem não vê o perigo de tal crença? Também o espírito de sabedoria que dirigia a Igreja tendia a subordinar cada vez mais o exercício dos dons sobrenaturais à autoridade do presbiterado. Atribuíam-se os bispos o discernimento dos espíritos, o direito de aprovar uns e exorcizar os outros. Desta vez, era um profetismo inteiramente popular que se erguia sem a permissão do clero e queria governar a Igreja fora da hierarquia. A questão da autoridade eclesiástica e da inspiração individual que enche toda a história da Igreja, sobretudo desde o século dezasseis, punha-se com toda a clareza. Entre Deus e o fiel há ou não intermédio? Montano respondia — não — sem hesitações. «O homem, dizia o Paracleto num oráculo de Montano, é a lira e eu, eu voo como o arco; o homem dorme e eu velo».

Montano justificava por qualquer superioridade a pretensão de ser o eleito do Espírito. Nós acreditamos voluntariamente nos seus adversários quando dizem que ele era um crente de fresca data; admitimos mesmo que o desejo de primazia não fora estranho às suas singularidades. Quanto aos deboches e ao vergonhoso fim que se lhe atribui são calúnias vulgares que não falham nos escritores ortodoxos, quando se trata de difamar os dissidentes. A admiração que provocou na Frigia foi extraordinária. Alguns dos seus discípulos asseveravam terem aprendido mais nos seus livros do que na Lei, nos profetas e nos evangelistas, todos juntos. Acreditava-se que recebera

a plenitude do Paracleto; algumas vezes confundiam-no com o próprio Paracleto, isto é, com esse Messias, por muitas coisas superior a Jesus e que as Igrejas da Ásia Menor supunham ter sido prometido pelo próprio Jesus. Foi-se até dizer: «O Paracleto revelou coisas mais notáveis por intermédio de Montano do que o Cristo pelo Evangelho». A Lei e os profetas foram considerados como a infância da religião; o Evangelho foi a juventude; a vinda do Paracleto foi reputada a idade madura.

Montano, como todos os profetas da nova aliança, trasbordava de maldições contra o século e contra o imperador romano. Excedia o vidente de 69. Nunca o ódio do mundo e o desejo de ver aniquilar-se a sociedade pagã se exprimiram com tão sincera fúria. O único assunto das profecias frígias foi o próximo julgamento de Deus, a punição dos perseguidores, a destruição do mundo profano, o reino dos mil anos e as suas delícias. Recomendava-se o martírio como a mais alta perfeição; morrer no leito era indigno de um cristão. Os encrematas, condenando as relações sexuais, reconheciam pelo menos a sua importância sob o ponto de vista da natureza. Montano nem sequer se incomodava a proibir um acto insignificante, desde que a humanidade chegava ao seu fim. Abria-se a porta ao deboche ao mesmo tempo que se fechava para os mais suaves deveres.

Ao lado de Montano aparecem duas mulheres, uma que se chama ora Prisca, ora Priscila, ora Quintila e a outra Maximila. Essas duas mulheres, ao que parece, deveriam deixar o estado de casa-

das para seguir a carreira profética. Entraram na nova carreira com um arrojo extremo e um absoluto desprezo da jerarquia. Apesar da prudente interdição de Paulo contra a comparticipação das mulheres nos exercícios extáticos e proféticos da Igreja, Priscila e Maximila não recuaram diante do escândalo do ministério público. Parece que a inspiração individual teve como colaboradores a licença e a audácia. Priscila tem traços que a aproximam de Santa Catarina de Sena e de Maria Alacoque. Adormecendo um dia em Pepuza, viu o Cristo vir para ela, com vestes deslumbrantes e com a aparência de uma mulher. Cristo adormeceu ao lado dela e num beijo misterioso inoculou-lhe a sabedoria. Revelou-lhe especialmente a santidade da cidade de Pepuza. Esse lugar privilegiado era o ponto onde Jerusalém, descendo dos céus, assentaria. Maximila pregava no mesmo sentido, anunciava guerras atrozes, catástrofes, perseguições. Sobreviveu a Priscila e morreu afirmando que depois da sua morte não haveria mais profecias até à consumação dos séculos.

Não era só a profecia; eram todas as funções do clero que a cristandade bizarra pretendia declinar nessas mulheres. Deram-lhe o presbiterado, o episcopado, e os outros cargos da Igreja. Para justificar esta pretensão, citava-se Maria, irmã de Moisés, as quatro filhas de Filipe e até Eva, invocando circunstâncias atenuantes e fazendo dela uma santa. O que havia de mais extravagante no culto da seita era a cerimónia das carpideiras ou virgens lampadóforas, lembrando as «vigílias» protestantes da América. Sete virgens

com círios, vestidas de branco, entravam na igreja, soltando gemidos de penitência, derramando torrentes de lágrimas e deplorando por gestos excessivos a miséria da vida humana. Depois começavam as cenas de iluminismo. No meio do povo as virgens, cheias de entusiasmo, pregavam, profetizavam, caíam em êxtase. Os assistentes soluçavam e saíam eivados de compunção.

A sugestão exercida por essas mulheres sobre as multidões e até sobre uma parte do clero foi extraordinária. Chegou-se a preferir as profecias de Pepuza às dos apóstolos e até do próprio Cristo. Viam nelas os mais moderados os profetas anunciados por Cristo como finalizadores da sua obra. Perturbou-se toda a Ásia Menor. Ia-se dos países vizinhos para ver esses fenómenos extáticos e para se ter uma opinião sobre o novo profetismo. Foi tanto maior a emoção que ninguém rejeitava *a priori* a possibilidade da profecia. Tratava-se de saber se esta era real. As Igrejas mais longínquas, as de Lião, de Viena, escreveram para a Ásia a obter informações. Muitos bispos, particularmente Élio Públio Júlio, de Debelto, e Sotas, de Anquialo na Trácia, vieram para servir de testemunhas. Esses milagres moveram toda a cristandade de modo que pareciam querer levar o cristianismo cem anos atrás, até aos dias da sua primeira aparição.

A maioria dos bispos, Apolinário de Hierápolis, Zótico de Comana, Julião de Apameia, Milcíades, o célebre escritor eclesiástico, um tal Aurélio de Cirene, qualificado de «mártir», em vida, os dois bispos da Trácia, recusaram-se a tomar

a sério os iluminados de Pepuza. Quase todos declararam a profecia individual subversiva da Igreja e trataram Priscila como possessa. Alguns bispos ortodoxos, particularmente Sotas de Anquialo e Zótico de Comana, quiseram até exorcizá-la; mas os Frígios não lho consentiram. Alguns notáveis, como Temisão, Teodato, Alcibiades, Procluo cederam ao entusiasmo geral e começaram também a profetizar. Teodato foi o chefe da seita, a seguir a Montano e o seu principal zelador. As gentes simples desvaneciam-se. Chegavam longe os sombrios oráculos das profetizas e eram largamente comentados. Formou-se em volta delas uma verdadeira Igreja. Todos os dons da idade apostólica, particularmente a «glossolalia» e o êxtase, se renovaram. Caminhava-se rapidamente para este raciocínio perigoso: «Porque é que o que sucedeu, não sucede agora? Não é mais deserdada a geração moderna do que o era a antiga. Não é fonte eterna de revelações o Paracleto?» Inúmeros livrinhos disseminavam até muito longe essas quimeras. As pessoas simples que os liam achavam-nos mais belos que a Bíblia. Pareciam-lhe os novos exercícios superiores aos carismas dos apóstolos e alguns ousavam afirmar que surgira alguma coisa de superior a Jesus. Toda a Frígia enlouqueceu e a vida eclesiástica ficou como que suspensa.

Uma vida de alto ascetismo era a consequência dessa fé abrasadora na vinda próxima de Deus à terra. Eram contínuas as orações dos santos da Frígia. Punham nelas afectação, um ar triste e uma espécie de tartufice. O hábito de ter, rezando,

o index apoiado contra o nariz para se dar um ar contrito, valeu-lhes a alcunha de «nariz de cravelha». Jejuns, austeridades, xerofagia rigorosa, abstinência de vinho, reprovação absoluta do casamento, tal a moral que deviam logicamente impor-se as gentes pias recolhidas na esperança do último dia. Mesmo para a ceia não se serviam, como certos ebionitas, senão de pão, água, queijo e sal. São sempre contagiosas nas multidões as disciplinas austeras, por serem incapazes de uma alta espiritualidade, porque tornam a salvação certa por pouco preço e são para os simples de fácil prática, visto bastar-lhes boa vontade. Espalharam-se por toda a parte essas práticas; penetraram nas Gálias com os Asiataes, que em número considerável subiam o vale do Ródano; um dos mártires de Lião, em 177, não se apartava dessas práticas na prisão e foi preciso o bom senso gaulês, ou como então se cria, uma revelação directa de Deus para que renunciasses a elas.

O que há de pior nos excessos de zelo desses ardentes ascetas, é mostrarem-se intratáveis contra os que não aceitam as suas momices. Só falavam da relaxação geral. Como os flagelantes da idade média, encontravam nas práticas exteriores motivo de louco orgulho e de revolta contra o clero. Ousavam dizer que, desde Jesus, pelo menos desde os apóstolos, a Igreja perdera o seu tempo e que era preciso não esperar nem uma hora para santificar a humanidade e preparar o reino messiânico. Não valia mais a Igreja de todo o mundo do que a sociedade pagã. Devia formar-se na Igreja geral uma Igreja espiritual, um núcleo

de santos, cujo centro seria Pepuza. Os eleitos seriam altivos para com os simples fiéis. Temisão declarava que a Igreja católica perdera a glória e obedecia a Satanás. Uma Igreja de santos, eis o ideal, pouco diferente do do pseudo-Hermas. Quem não for santo, não é da Igreja. «A Igreja é a totalidade dos santos e não o número de bispos».

Coisa alguma se afastava mais da ideia do catolicismo que tendia a prevalecer e cuja essência era abrir as portas a todo o mundo. Os católicos consideravam a Igreja tal como ela é, com as suas imperfeições; podia-se ser pecador sem deixar de ser cristão. Eram para os montanistas irreconciliáveis esses dois termos. A Igreja deve ser casta como uma virgem; o pecador é excluído pelo seu pecado e perde toda a esperança de voltar a ela. A absolvição da Igreja não tem valor. As coisas santas devem ser administradas por santos. Os bispos não têm nenhum privilégio no que respeita a dons espirituais. Só os profetas, órgãos do Espírito, podem assegurar que Deus perdoa.

Graças às manifestações extraordinárias dum pietismo exterior e pouco discreto, Pepuza e Tímio transformavam-se em cidades santas. Chamavam-lhes Jerusalém, e os sectários queriam que fossem o centro do mundo. Vinham ali de todas as partes, e muitos sustentavam que, conforme com a prédica de Priscila, a Sião ideal já estava criada. Não era o êxtase a realização provisória do reino de Deus, iniciado por Jesus? As mulheres deixavam os maridos como no fim da humanidade. Todos os dias se viam nuvens abrir-se e a nova Jerusalém desenhar-se no azul do céu.

Os ortodoxos, e sobretudo o clero, buscavam naturalmente provar que o atractivo que ligava esses puritanos às coisas eternas não os desligava da terra. A seita tinha uma caixa central de propaganda. Andadores pediam esmolas. Os pregadores eram remunerados; as profetisas, em troca das sessões ou das audiências, recebiam dinheiro, vestidos e presentes preciosos. Vê-se que tomadia tinham os pretensos santos. Tinham confessores e mártires, o que entristecia os ortodoxos; porque teriam querido que o martírio fosse o critério da verdadeira Igreja. Não se pouparam maledicências para minorar o mérito dos mártires sectários. Temisão, sendo puro, fugiu, dizia-se, à perseguição por dinheiro. Um tal Alexandre foi preso; os ortodoxos não descansaram senão quando o puderam apresentar como um ladrão que merecia a sua sorte e tinha um processo judiciário nos arquivos da província da Ásia.

CAPÍTULO XIV

Resistência da Igreja ortodoxa.

Durou a luta mais de meio século; mas nunca se duvidou da vitória. Os frigastas, nome por que eram conhecidos, só tinham um defeito, bastante grave: faziam o mesmo que os apóstolos e isto quando, há cem anos, a liberdade dos carismas não era mais que um inconveniente. Estava a Igreja constituída tão seguramente que não a poderia abalar a indisciplina dos exaltados da Frígia. Admirando os santos que produzia a grande escola do ascetismo, a imensa maioria dos fiéis recusava abandonar os seus pastores para seguir mestres errantes. Montano, Priscila e Maximila morreram sem deixar sucessores. O talento dos polemistas assegurou o triunfo da Igreja ortodoxa. Apolinário de Hierápolis convenceu tudo o que se não cegara pelo fanatismo. Milcíades de-

senvou a tese de que «um profeta não deve falar em êxtases» num livro que foi basilar na teologia cristã. Recolheu Serapião de Antioquia, em 195, os testemunhos que condenavam os inovadores. Propôs-se Clemente de Alexandria refutá-los.

A mais completa das obras que suscitou a controvérsia foi a de um tal Apolônio, que escreveu quarenta anos depois da aparição de Montano (isto é entre 200 e 210). Conhecemos as origens da seita pelos extractos que nos conservou Eusébio. Outro bispo, cujo nome se não conservou, compôs uma espécie de história desse movimento singular, quinze anos depois da morte de Maximila, no tempo dos Severos. Pertence talvez à mesma literatura o fragmento conhecido pelo nome *Cânon de Muratori*, dirigido ao mesmo tempo, segundo parece, contra o pseudo-profetismo montanista e contra os sonhos gnósticos. Os montanistas não visavam outro objectivo que não fosse o fazer crer que as profecias de Montano, de Priscila e de Maximila deviam entrar no corpo do Novo Testamento. A conferência realizada em 240 entre Proclo, chefe da seita e o padre romano, Caio, versou sobre este ponto. A Igreja de Roma, até Zefirino, conservou-se firme contra essas inovações.

Era grande a animosidade de um lado e doutro; excomungavam-se mutuamente. Quando o martírio aproximava os dois partidos, afastavam-se um do outro e nada queriam em comum. Redobravam de sofismas e calúnias os ortodoxos para provar que os mártires montanistas (e ne-

nhuma outra Igreja tivera tantos) eram miseráveis e impostores, e sobretudo para estabelecer que os autores da seita tinham morrido miseravelmente pelo suicídio, atormentados, fora de si próprios, enganados ou vencidos pelo demónio.

O entusiasmo de certas cidades da Ásia Menor por estas piedosas loucuras não conheceu limites. A Igreja de Ancira, em certa altura deixou-se arrastar, com os seus anciãos, para as perigosas inovações. Foi precisa a argumentação cerrada do bispo anónimo e de Zótico de Otre, para lhes abrir os olhos, mas a conversão não perdurou; no 4.º século ainda Ancira era o foco das mesmas aberrações. A Igreja de Tiatiros infestou-se de uma maneira mais acentuada. O frigismo montou ali os seus arraiais e durante muito tempo se considerou essa Igreja perdida para o cristianismo. Os concílios de Icónio e de Sinade, em 231, mostraram o mal sem lhe conhecerem remédio. A credulidade extrema dessas bondosas populações do centro da Ásia Menor, Frígios, Galatas, etc., fora a causa das rápidas conversões ao cristianismo que ali se deram; no entanto, essa credulidade punha-os à mercê de todas as ilusões. *Frigio* era sinónimo de *herético*. Por 235, uma nova profetisa levanta os campos da Capadócia, indo descalça pelas montanhas, anunciando o fim do mundo, administrando os sacramentos e pretendendo arrastar os discípulos a Jerusalém. No tempo de Décio, dão os montanistas um contingente avultado ao martírio.

Veremos os embaraços de consciência que os sectários da Frigia deram aos confessores de Lião,

no mais aceso da luta. Divididos entre a admiração por tanta santidade e o espanto que causavam ao seu recto juízo tantas extravagâncias, os nossos heróicos e judiciosos compatriotas em vão tentaram fechar a discussão. A certa altura a Igreja de Roma estava prestes a ser surpreendida. O bispo Zefirino quase reconheceu as profecias de Montano, de Priscila e de Maximila, quando um ardente Asiata, confessor da fé, Epígono, chamado Práxeas, que conhecia melhor os sectaristas do que os anciãos de Roma, desmascarou as fraquezas dos pretensos profetas, mostrando ao papa que ele não podia aprovar esses devaneios sem desmentir os predecessores, que os haviam condenado.

Complicava-se o debate com a questão da penitência e da reconciliação. Os bispos reclamavam o direito de absolver e usavam dele com uma amplitude que scandalizava os puritanos. Pretendiam os iluminados que só eles podiam pôr a alma na graça de Deus e mostravam-se muito severos. Todo o pecado mortal (homicídio, idolatria, blasfêmia, adultério, fornicção) fechava o caminho do arrependimento. Se esses princípios estafados se confinasse aos cantões perdidos da Catacecaumene, de pouca monta seria o mal. Infelizmente, a pequena seita da Frígia serviu de núcleo a um partido considerável, oferecendo perigos reais, pois que arrancou à Igreja ortodoxa o seu mais illustre apologistas, Tertuliano. Esse partido, que sonhava uma Igreja imaculada e não ia além de um acanhado conciliábulo, conseguiu, apesar dos exageros, ou talvez por causa desses mesmos exa-

geros, recrutar todos os austeros e todos os excessivos. Ia tão bem com a lógica do cristianismo! Sucedeu o mesmo com os enkratitas e com Taciano. Com as abstinências contra a natureza, o ódio ao casamento, a condenação das segundas núpcias, o montanismo não era mais que um milenarismo consequente, e o milenarismo era o próprio cristianismo. «Que tem que ver, diz Tertuliano, o cuidado dos filhos a amamentar com o juízo final? Deve ser interessante ver seios pendentes, náuseas de parturientes, crianças vagindo junto do juiz eterno ao som da trombeta. Oh, as boas mulheres sábias como os carrascos do Anti-Cristo!» Contavam os exaltados que, durante quarenta dias, se vira todas as manhãs, suspensa no céu da Judeia, uma cidade que desaparecia quando dela se aproximavam. Invocavam, para provar a realidade dessa visão, o testemunho dos pagãos, e cada qual calculava as delícias que saborearia nessa mansão celeste, em compensação dos sacrifícios que fizera no mundo.

■ A África, pelo seu ardor e pela sua rudeza, devia cair no laço. Montanistas, novacianistas, donatistas, circuncélidos, são os diferentes nomes pelos quais se produziu o espírito de indisciplina, o ardor doentio do martírio, a aversão pelo episcopado, os sonhos milenários que tiveram a sua terra clássica nas raças berberes. Esses rigoristas, que se revoltavam quando lhes chamavam uma seita, mas que se davam, em cada Igreja, como criaturas de escol, como os únicos cristãos dignos desse nome, puritanos implacáveis para os que queriam fazer penitência, deviam ser o pior fla-

gelo do cristianismo. Tertuliano trata a Igreja como uma caverna de adúlteros e de prostitutas. Os bispos, não tendo o dom da profecia nem o dos milagres, serão aos olhos dos entusiastas, inferiores aos pneumáticos. É por estes e não pela hierarquia oficial, que se faz a transmissão das graças sacramentais, o movimento da Igreja e o seu progresso. O verdadeiro cristão só vive na perspectiva do juízo final e do martírio e passa a vida na contemplação. Não só não deve fugir à perseguição, mas deve até procurá-la. Prepara-se para o martírio como para um complemento necessário à vida cristã. O fim natural do cristão é morrer na tortura. Uma credulidade desenfreada, uma fé inabalável nos carismas, faziam do montanismo um tipo de fanatismo, o mais exagerado de que há memória na história da humanidade.

Grave foi que esse pavoroso sonho seduzisse a imaginação do único homem de grande talento literário que a Igreja teve no seu seio durante três séculos. Um escritor incorrecto, mas dotado de uma energia sombria, um sofista ardente, maneando alternativamente a ironia, a injúria, a baixa trivialidade, juguete de uma aferrada convicção até nas suas mais manifestas contradições, encontrou Tertuliano o meio de dar obras primas à língua latina, já semi-morta, aplicando a esse ideal selvagem uma eloquência ignorada pelos ascetas beatos da Frigia.

A vitória do episcopado foi, nestas circunstâncias, a vitória da indulgência e da humanidade. Com raro bom senso, a Igreja geral considerou as abstinências exageradas como um anátema par-

cial lançado sobre a criação e como uma injúria feita à obra de Deus. A questão da admissão das mulheres nas funções eclesiásticas e na administração dos sacramentos, questão que certos precedentes da história apostólica deixaram indecisa, foi resolvida definitivamente. A pretensão altiva dos sectários da Frigia em inserir profecias novas no cânon bíblico levou a Igreja a declarar, mais nitidamente do que nunca o fizera, fechada de vez a nova Bíblia. Enfim, a ânsia temerária do martírio tornou-se uma espécie de delito, e, ao lado da legenda que exaltava o mártir, houve outra destinada a mostrar que é criminosa a presunção que vai à procura do suplício e infringe sem motivo as leis do país.

O rebanho dos fiéis, de virtude média, seguiu os pastores. A mediocridade fundou a autoridade. Começa o catolicismo. Pertence-lhe o futuro. O princípio de uma espécie de ioguismo cristão ficou abafado por algum tempo. Foi a primeira vitória do episcopado, e talvez a mais importante; porque foi gerada por uma piedade suprema. Os êxtases, a profecia, a « glossolalia » tinham por si os textos e a história. Mas tornavam-se um perigo; o episcopado ordenou-os, suprimindo as manifestações da fé individual. Como estamos longe dos tempos tão admirados pelo autor dos *Actos*! Já no seio do cristianismo existia esse partido de bom senso que venceu nas lutas da história da Igreja. A autoridade jerárquica, no seu início, foi muito forte para dominar o entusiasmo dos indisciplinados, tutelar o secular, fazer triunfar o princípio de que só os bispos se ocupam da teo-

logia e são os únicos juizes das revelações. Era, com efeito, a morte do cristianismo pela destruição do episcopado que os estouvados frígios preparavam. Se a inspiração individual, a doutrina da revelação e da mudança em permanência prevalecesse, morreria o cristianismo em pequenos conventículos de epiléticos. Essas maceações pueris que não podiam convir ao vasto mundo, deteriam a propaganda. Se todos os fiéis tivessem o mesmo direito ao sacerdócio, aos dons espirituais, podendo ministrar os sacramentos, cair-se-ia numa completa anarquia. O carisma ia aniquilar o sacramento; o sacramento venceu e estabeleceu-se irrevogavelmente a pedra fundamental do catolicismo.

Em definitivo, o triunfo da jerarquia eclesiástica foi completo. No tempo de Calisto (217-222), prevaleceram na Igreja de Roma máximas moderadas, com grande escândalo dos rigoristas, que se vingaram com atrozes calúnias. O concílio de Icónio fechou o debate na Igreja, sem chamar ao redil os tresmalhados. A seita só morreu mais tarde; continuou até ao século 6.º, no estado de democracia cristã, sobretudo na Ásia Menor, com o nome de *frígios*, *frigastas*, *catafrígios*, *pepuzianos*, *tascodrugitas*, *quintilianos*, *priscilianos*, *artotiritas*. Chamavam-se a si próprios puros ou pneumáticos. Durante séculos, a Frígia e a Galácia foram devoradas por heresias pietistas e gnósticas sonhando nuvens de anjos e de eões. Pepuza foi destruída, não se sabe em que época, nem em que circunstâncias; mas o sítio ficou sagrado. Esse deserto foi lugar de peregrinações. Reuniam-se

ali os iniciados de toda a Ásia Menor, celebrando cultos secretos, a propósito dos quais corriam rumores. Afirmavam que era ali que se revelaria a visão celeste. Ficavam dias e noites numa expectativa mística, e, ao fim desse tempo, viam o Cristo em pessoa correspondendo ao ardor que os abrasava (1).

(1) Posto que muito correctos para o dogma, os montanistas eram fracos teólogos. Os sabelianos e os heréticos que negavam a diversidade das hipóstases arrastaram-nos alguns momentos ou confundiram os dois tipos de heresias.

CAPÍTULO XV

**Triunfo completo do episcopado.—
Consequências do montanismo.**

Assim, graças ao episcopado, tido como o representante da tradição dos doze apóstolos, operou a Igreja, sem tibiezas, a mais difícil das transformações. Passou do estado conventual, se assim se pode chamar, ao estado secular, de pequena capela de visionários ao estado de igreja aberta a todos e por conseguinte exposta a muitas imperfeições. O que parecia destinado a não passar de sonho de fanáticos transformou-se numa religião perdurável. Para ser cristão, digam o que dissem Hermas e os montanistas, não é preciso ser-se santo. O que agora faz um cristão é a obediência à autoridade eclesiástica, bem mais do que os dons espirituais. Esses dons espirituais serão dora-vante suspeitos e exporão frequentemente os mais favorecidos da graça a tornarem-se heréticos. O cisma é o crime eclesiástico por excelência. As-

sim como, para o dogma, a Igreja cristã já possuía um centro de ortodoxia que taxava de herético tudo o que saía do tipo estabelecido, do mesmo modo tinha uma moral média, que podia ser a de todo o mundo e não arrastava, como a dos abstémios, o fim do universo. A Igreja, repelindo os gnósticos, repelira os requintados do dogma; rejeitando os montanistas, rejeitava os requintados de santidade. Partiam-se contra o bom senso da Igreja estabelecida os excessos dos que sonhavam uma Igreja espiritual. A maioria constituía-se das massas já consideráveis que entravam na Igreja, baixando a temperatura moral até ao nível do possível.

Do mesmo modo se punha a questão política. Não podiam ser seguidos por grande número de adeptos os exageros dos montanistas, as suas declamações furibundas contra o império romano e o seu ódio contra as sociedades pagãs. Muito diferente do de Nero era o império de Marco-Aurélius. Com aquele não havia conciliação possível: com este tudo havia a esperar. Debaxo de certos pontos de vista, a Igreja e Marco-Aurélius convergiam para o mesmo fim. É claro que os bispos relaxariam ao braço secular todos os santos da Frígia, se tal sacrificio fosse o preço da aliança que pusesse nas suas mãos a direcção espiritual do mundo.

Os carismas e outros exercícios sobrenaturais excelentes para entreter o fervor de pequenas congregações de iluminados, eram impraticáveis nas grandes Igrejas. Era um absurdo a severidade extrema para as regras da penitência e um contrasenso se se aspirasse a ser mais do que um conciliábulo de pretensos puros. Nunca um povo foi

só de immaculados, e o mais simples fiel tem necessidade de se arrepender mais que uma vez. Admitiu-se que se poderia ser membro da Igreja sem ser herói nem asceta, que basta para isso submeter-se às determinações do seu bispo. Reclamam os santos; a luta entre a santidade individual e a jerarquia nunca mais acabará; mas sobreexcederá a média e será possível pecar sem deixar de ser cristão. A jerarquia preferirá até o pecador que emprega os meios ordinários de reconciliação ao asceta orgulhoso que se justifica ou que pensa não ter urgência de justificação.

Nenhum desses dois princípios conseguirá expulsar o outro completamente. Ao lado da Igreja de todos, haverá a Igreja dos santos; ao lado do secular haverá um convento; ao lado do simples fiel haverá o religioso. O reino de Deus, tal como Jesus o pregou, sendo impossível no mundo tal como ele é, e teimando o mundo em não o mudar, que fazer, senão fundar pequenos reinos de Deus, ilhas no mar dos perversos, onde se cumpra à risca a letra do Evangelho, onde se ignore a distinção dos preceitos e dos conselhos e que sirva, na Igreja mundana, de escapatória para se esquivar das impossibilidades? A vida religiosa é uma necessidade lógica no cristianismo. Uma grande organização encontra o meio de desenvolver tudo o que em germen existe no seu seio. O ideal de perfeição que faz o fundo das prédicas galileias de Jesus, e que alguns discípulos reviverão, não pode existir no mundo; para que esse ideal fosse realizável, seria preciso criar mundos fechados, mosteiros em que a pobreza, a abnegação, a vigilância

e a correção recíprocas, a obediência e a castidade se praticassem com todo o rigor. O Evangelho é antes o *Enchiridion* dum convento do que um código de moral; é a regra essencial de qualquer ordem monástica; o cristão perfeito é um monge; o monge é por conseguinte um cristão; o convento é o lugar onde o Evangelho, em toda a parte utopia, se transforma em realidade. O livro que pretendeu ensinar a imitação de Jesus Cristo é um livro de claustro. Satisfeito por saber que a moral pregada por Jesus se pratica em qualquer parte, o secular consolar-se-á das ligações mundanas, habituando-se facilmente a acreditar que tão altas máximas de perfeição se não fizeram para ele. O budismo resolveu a questão doutro modo. Toda a gente é monge uma parte da sua vida. O cristianismo contenta-se com ter em alguns sítios lugares onde se pratique a verdadeira vida cristã; o budista satisfaz-se com ter sido na sua vida, uma vez, budista a valer.

Como fora um exagero, o montanismo tinha de morrer. Como todos os exageros, deixou raízes. Foi em parte obra sua o romance cristão. Ficaram elementos fundamentais da literatura cristã os seus dois grandes entusiasmos — castidade e martírio. Foi o montanismo que criou essa estranha associação de ideias, a Virgem mártir, e introduzindo o encanto feminino nas mais sombrias narrações de suplicios, inaugurou a bizarra literatura que nunca mais abandonou a imaginação cristã a partir do 4.º século. Os actos montanistas de Santa Perpétua e dos mártires de África, respirando fé nos carismas, cheios dum rigorismo

extremo e de ardores fervorosos, impregnados de uma forte dose de amor cativo, misturando as mais finas imagens de uma estética sábia aos mais fanáticos sonhos, abriram a série das obras de voluptuosidade austera. A febre do martírio não se pôde dominar. Os circuncélios, correndo o país em bandos doidos à busca da morte, forçando os outros a martirizá-los, traduziam esse sombrio histerismo em actos epidémicos.

A base do interesse dos romances cristãos foi a castidade no casamento. Ora aí está ainda uma ideia montanista. Como o falso Hermas, removem os montanistas sem descanso o rescaldo perigoso, que se pode deixar com o seu fogo oculto, mas que não convém apagar violentamente. As precauções tomadas revelam uma certa preocupação mais lasciva no fundo do que a liberdade do mundano; em todo o caso, essas precauções são das que agradavam o mal, ou pelo menos o revelam, pondo-o a nu. Uma ternura excessiva à tentação deixa-se concluir desse receio exagerado da beleza, dessas proibições do luxo feminino e sobretudo contra o artifício dos penteados que aparecem a cada passo nos escritos dos montanistas. A mulher que, pela menor compostura dos cabelos, procura agradar e faz esta simples reflexão «de que é bonita», é, no dizer destes sectaristas ferozes, tão culpada como a que excita ao deboche. *O demónio dos cabelos* encarrega-se de a castigar (1). A aver-

(1) Os judeus da idade média faziam acreditar às mulheres casadas que os demónios dançavam nos seus cabelos quando elas os tinham; daí o preceito de os cortar.

são ao casamento derivava de certos motivos cujas raízes talvez fossem essas. Por vezes não passava de disfarce a pretensa castidade dos encratitas.

Um romance, que deveria ter uma origem montanista, pois que lá se encontravam argumentos para provar que as mulheres podem ensinar e ministrar sacramentos, desenrola-se sobre este equívoco perigoso (1). Falámos da *Tecla*. O romance dos santos Nereu e Aquileu é escabroso e irritante; nunca se foi tão voluptuosamente casto; nunca se tratou o casamento com maior impudor. Leia-se, em Gregório de Tours, a lenda dos *dois amantes d'Auvergne*; nos Actos de João o picante episódio de *Drusiana*; em Tomás a narrativa dos *Noivos da Índia*; em Santo Ambrósio o episódio da virgem de Antioquia no lupanar; compreender-se-á que os séculos alimentados com tais lendas poderiam, sem merecimento, figurar-se ter renunciado ao amor profano. Um dos mistérios mais profundamente entrevistos pelos fundadores do cristianismo é que a castidade é uma volúpia e o pudor uma das formas do amor (2). As pessoas que receiam as mulheres são as que amam mais.

(1) O episódio do «leão baptizado», em que este se recusa a devorar Tecla no anfiteatro, devia ter como causa o facto de ela baptizar o leão no momento perigoso.

(2) Os recentes estudos revelaram que a histeria dá à mulher uma beleza passageira, uma idealização momentânea e que este estado doentio, inspirando uma castidade relativa, torna pouco perigosas para os costumes as relações íntimas dos dois sexos.

Quantas vezes se poderá dizer ao asceta : *Falhou-te, incauto, a tua piedade !* (1)

Em certas partes da comunidade cristã, viu-se aparecer a ideia de que as mulheres não devem ser vistas e que a vida que lhes convém é a de reclusas, segundo o usos do Oriente muçulmano. Fácil é ver até que ponto se alteraria o carácter da igreja se prevalecesse tal pensamento. O que distingue a igreja da mesquita e da sinagoga é o facto da mulher entrar ali livremente e ser admitida no mesmo pé de igualdade que o homem, ainda que separada ou velada. Tratava-se de saber se o cristianismo seria, como o foi mais tarde o islamismo, uma religião de homens donde quase se exclui a mulher. A Igreja católica não cometeu essa falta. A mulher teve funções de diácono na Igreja, e aí se conservou com o homem, embora subordinada. O baptismo, a comunhão eucarística, as obras de caridade levaram a perpétuas derogações dos costumes orientais. Aqui, ainda, a Igreja católica encontrou o meio entre os exageros das várias seitas com rara justeza de tacto.

Assim se explica esse misto singular de pudor tímido e mole abandono que caracteriza o sentimento moral nas Igrejas primitivas. Fora com as suspeitas vis de debochados vulgares, incapazes de perceber tal inocência ! Tudo puro nessas san-

(1) Vi no Oriente uma donzela dançar com um recato encantador as danças mais voluptuosas ; queria ser freira. Soube mais tarde que endoidecera na noite do casamento.

tas liberdades ; mas quão puro era preciso ser-se para as poder apreciar ! Mostra-nos a lenda os pagãos ciosos do privilégio que tem o padre de ver na nudez baptismal, a que pela santa imersão vai ser a sua irmã espiritual (1). Que dizer do beijo santo que foi a ambrósia dessas gerações castas, desse beijo que, como o *consulamentum* dos cátaros, era um sacramento de força e de amor e cuja recordação, imiscuida com as impressões mais graves do acto eucarístico, deixaria na alma o seu perdurável perfume ? Porque era a Igreja tão amada se, para a ela volver quando dela se saiu, se ia em procura da morte ? Porque ela era a escola das infinitas alegrias. Jesus estava no meio dos seus. Mais de cem anos depois da sua morte, era ainda o mestre das voluptuosidades sábias, o iniciador dos segredos transcendentos.

(1) Vejam-se nos manuscritos e nas edições xilográficas, as miniaturas representando o baptismo de Drusiana. Os pagãos espreitam pelos buracos da porta, de modo a despertar suspeitas ou pelo menos ciúme do ministrante do sacramento.

CAPÍTULO XVI

Marco-Aurélios nos Quadros. — O livro dos
« Pensamentos »

Cuidando pouco do que se passava no resto do mundo, o governo de Marco-Aurélios parecia não existir senão para os progressos do interior. O único império grande organizado que tocava nas fronteiras romanas, o dos Partos, cedia ante as legiões. As províncias que Trajano ocupara passavelmente eram conquistadas por Lúcio Vero e Avidio Cássio. A Arménia, a Mesopotâmia, o Adiabene. O perigo verdadeiro estava além-Reno e além-Danúbio. Aí viviam, numa obscuridade ameaçadora, populações enérgicas, na sua maioría germânicas de raça, que os Romanos conheciam somente pelos belos e fiéis guardas imperiais (os suíços desses tempos), que alguns imperadores tiveram, ou pelos soberbos gladiadores que, des-

nudando de repente no anfiteatro a beleza das suas formas nuas, deslumbravam as multidões. Conquistar passo a passo esse mundo impenetrável, recuar légua a légua os limites da civilização; estabelecer-se fortemente na Boémia, no quadrilátero central da Europa, onde ainda havia um considerável núcleo de celtas; daí, avançar como os cultivadores americanos, destruir árvore a árvore a floresta Herciniana, substituir colónias a tribos sem ligações ao solo, fixar e civilizar essas populações cheias de futuro, beneficiar o império com as suas raras qualidades, com a sua solidez, com a sua força corporal, com a sua energia; levar as fronteiras do império, por um lado sobre o Oder ou o Vístula, e por outro lado sobre o Pruth ou o Dniester, dando assim à parte latina do império uma preponderância decidida, que impediria o cisma da parte grega e oriental; em lugar de construir essa funesta Constantinopla, pôr a segunda capital em Bâle ou em Constança, e assegurar deste modo, para o grande bem do império, aos povos celto-germanos a hegemonia política que mais tarde conquistaram sobre as ruínas do mesmo, eis o que deveria ser o programa dos Romanos esclarecidos, se melhor se houvessem informado sobre o estado da Europa e da Ásia, sobre a geografia e a etnografia comparadas.

A expedição mal organizada de Varo (ano 10 de J. C.) e o vazio eterno que deixou nos números das legiões foram como que um fantasma que arredou Roma da grande Germânia. Só Tácito é que viu a importância dessa região para o equilíbrio do mundo. Mas o estado de divisão em que se

encontravam as tribos germânicas adormecia as inquietações concebidas pelos espíritos sagazes. Esses povos, com efeito, mais inclinados à independência local do que à centralização, enquanto não formassem um agregado militar não eram para temer. Mas as suas confederações eram formidáveis. Conhecem-se as consequências da que se formou, no 3.º século, na margem direita do Reno, com o nome de Francos. Por 166, organizou-se uma liga poderosa na Boémia, na Morávia e ao norte da Hungria actual. Os nomes de inúmeros povos; que mais tarde encheriam o mundo, ouviram-se então pela primeira vez. Começava a grande invasão dos bárbaros; os Germanos, até aí inatacáveis, atacavam agora. Rompia-se o dique no Danúbio, na região da Áustria e da Hungria, em Presburgo, Comorno e Gran. Todos os povos eslavos e germanos, da Gália ao Dão, Marcomanos, Quados, Nariscos, Hermúnduros, Suevos, Sármatas, Victovalos, Roxolanos, Bastarnos, Costobocos, Alanos, Peucinos, Vândalos, Jazijos, parece que estiveram de acordo para forçar as fronteiras e invadir o império. Vinha de mais longe a pressão. Recalcados pelos bárbaros septentrionais, talvez pelos Godos, parecia em movimento toda a massa eslava e germânica; esses bárbaros, com suas mulheres e seus filhos, queriam que os recebessem no império, que lhes dessem terras ou dinheiro, oferecendo em troca os seus braços para qualquer serviço militar. Foi um verdadeiro cataclismo humano. Forçou-se a linha do Danúbio. Os Vândalos e os Marcomanos estabeleceram-se na Panónia; a Dácia foi calcada por vinte povos; os

Costobocos fizeram uma incursão até à Grécia; foram invadidas a Récia e o Nórico; os Marcomanos passaram os Alpes Julianos, cercaram a Aquília e saquearam tudo até Piave. O exército romano afrouxou diante deste choque formidável; foi enorme o número de cativos levados pelos bárbaros; viva foi a emoção na Itália; afirmou-se que Roma, depois das guerras púnicas, nunca fora assim atacada.

É uma verdade incisiva que o progresso filosófico das leis nem sempre corresponde a um progresso na força do Estado. A guerra é coisa brutal; quer homens brutais; sucede então que as melhorias morais e sociais levam ao enfraquecimento militar.

O exército é um resto da barbaria que o homem de progresso conserva como um mal necessário; é raro que se faça com sucesso o que se faz coagido pelas circunstâncias. Já Antonino tinha uma grande aversão pelas armas; no seu reinado melhoraram-se muito os hábitos dos acampamentos. Não se pode negar que o exército romano perdeu no tempo de Marco-Aurélius parte da sua disciplina e do seu vigor. Fazia-se com dificuldade o recrutamento; a substituição e o alistamento dos bárbaros mudou o carácter das legiões; o cristianismo já então absorvia as melhores forças da nação. Quando se pensa que ao lado desta decrepitude se agitavam bandos sem pátria, pouco dados ao labor das terras, só gostando de matar, não procurando senão a guerra, até contra os seus congêneres, é claro que se daria uma grande substituição de raças. A humanidade civilizada não do-

minara o mal para se poder abandonar ao sonho do progresso pela paz e pela moralidade.

Marco-Aurélio, diante desse assalto colossal de toda a barbárie, foi verdadeiramente admirável. Ele não amava a guerra e fazia-a contra vontade; mas, quando era preciso, fazia-a e bem. Foi por dever um grande capitão. Juntou-se à guerra uma peste pavorosa. Assim exposta, a sociedade romana apelou para as tradições e para os ritos; houve em seguida aos flagelos uma reacção a favor da religião nacional. Prestou-lhe auxílio Marco-Aurélio. Viu-se o bom imperador presidir em pessoa na qualidade de pontífice máximo aos sacrificios, tomar um dardo, no templo de Marte, molhá-lo no sangue e arremessá-lo para o ponto do horizonte onde estava o inimigo. Armou-se toda a gente: escravos, gladiadores, bandidos, diogmitas (policías); assoldadaram-se bandos germânicos contra os Germanos; fez-se dinheiro com os objectos preciosos do tesouro imperial para não lançar novos impostos.

Passa agora a vida Marco-Aurélio na região do Danúbio, em Carnonte, junto de Viena, ou em Viena, nas margens do Gran, na Hungria, por vezes em Sirmio. O seu enfado era enorme; mas conseguia disfarçá-lo. Essas campanhas insípidas contra os Quados e os Marcomanos foram muito bem comandadas; mas o desgosto que ele sentia não o afastava da aplicação conscienciosa que punha nas operações. O exército adorava-o e cumpriu com o seu dever.

Moderado até com os inimigos, preferiu um plano de campanha demorado, mas seguro, a gol-

pes fulminantes. Libertou a Panónia, repeliu os bárbaros para a margem esquerda do Danúbio, fez mesmo incursões para além do rio e empregou uma táctica prudente, de que mais tarde se abusou, e por os bárbaros aos bárbaros.

Paterno e filósofo com as hordas semi-selvagens, obstinava-se, pelo respeito por si próprio, a ter para com elas atenções que elas não compreendiam, como se um fidalgo, por dignidade pessoal, tratasse Peles Vermelhas como pessoas bem educadas. Pregava-lhes a razão e a justiça e acabou por lhes incutir respeito. Se não fosse a revolta de Avidio Cássio, talvez conseguisse fazer uma província da Marcomânia (Boémia), outra da Sárмата (Galícia) e salvar o futuro. Admitiu largamente, nas fileiras, soldados germânicos; deu terras na Dácia, na Panónia, na Mésia, a Germânia romana, aos que queriam trabalhar, mas manteve firme o limite militar, estabeleceu uma policia rigorosa no Danúbio e nem uma só vez consentiu que o prestígio do império se minorizasse na política e no humanitarismo.

Foi no curso de uma dessas expedições, acampado nas margens do Gran, no meio das planícies monótonas da Hungria, que êle escreveu as melhores páginas do esquisito livro que nos revelou a sua alma. O maior desgosto de Marco-Aurélio nessas guerras longínquas, era não ter a companhia habitual dos sábios e dos filósofos. Quase todos haviam recuado diante das fadigas e tinham ficado em Roma. Ocupado todo o dia com os exercícios militares, passava as noites sozinho na sua tenda. Ali, desembaraçado do constrangi-

mento que lhe impunham os seus deveres, fazia o seu exame de consciência e pensava na inutilidade da luta em que valentemente se empenhara. Céptico na guerra, mesmo combatendo, desligava-se de tudo e mergulhava na contemplação da vaidade universal, duvidando da legitimidade das próprias vitórias: «A aranha ensoberbece-se por agarrar uma mosca, escrevia ele; tal perde a cabeça por apanhar um lebracho; outro por pescar uma sardinha; outro por caçar um javali; assim são os Sármatas. Sob o ponto de vista dos princípios, todos salteadores!»

O livro preferido do imperador eram os *Colóquios de Epicteto*, por Arriano; lia-os deliciado e, quase sem querer, imitava-os. Tal foi a origem dos pensamentos desligados, formando doze cadernos, que se reuniram depois da sua morte sob o título *A propósito dele mesmo*.

É provável que desde muito novo Marco-Auréliu tivesse o seu diário íntimo. Escrevia em grego as máximas, às quais recorria para se fortificar; as reminiscências dos autores favoritos, as passagens dos moralistas que mais lhe agradavam, os princípios que observara durante o dia e até as censuras que entendia dever dirigir a si próprio com os escrúpulos da sua consciência.

«Procuram-se sítios ermos, cabanas rústicas, praias, montanhas; como os outros, gostas de sonhar com tudo isto. Que ingenuidade a tua, se te podes, a todo o momento, isolar na tua alma? Em parte alguma o homem encontra retiro mais tranquilo, sobretudo se ele tem em si coisas cuja contemplação bastam para o seu sossego. Goza esse retiro e reforça aí as tuas forças. Que haja lá máximas curtas, fundamentais,

que dêem serenidade à tua alma e te ponham em estado de suportar resignadamente o mundo onde tens de viver.»

Durante os tristes invernos do norte, mais necessária lhe foi essa consolação. Já passara dos cinquenta anos; a sua velhice era prematura. Uma noite, as imagens da piedosa mocidade vieram-lhe à memória e passou horas deliciosas em verificar o quanto devia aos bons com quem vivera.

«Exemplos do meu ancestral Vero: moderação e paciência inalterável.

Qualidades de meu pai e lembrança que me deixou: modestia, carácter másculo.

Recordações de minha mãe: a sua piedade e a sua beneficência; pureza de alma ao ponto de se abster não só de fazer o mal, mas ainda de o conceber em seu pensamento; vida frugal pouco parecida com o luxo dos ricos.»

Depois apareceram-lhe Diogneto, que lhe inspirou o gosto da filosofia e tornou agradáveis aos seus olhos o catre, por cobertura uma pele e todo o aparato da disciplina helénica; Júnio Rústico ensinou-lhe o desprezo da afectação de elegância no estilo e emprestou-lhe os *Colóquios de Epicteto*; Apolónio de Cálcis, que realizava o ideal estoico da extrema firmeza e da doçura perfeita; Sexto de Cheroneu, (260) tão grave e tão bom; Alexandre de Cotieu, que replicava com uma extraordinária polidez; Frontão, que «lhe ensinou quanto há num tirano de inveja, duplicidade e hipocrisia e quanta dureza pode existir no coração de um patrício»; o seu irmão Severo, que «lhe deu a conhecer Traseias, Helvídio, Catão e Bruto;

que lhe deu a ideia do que é um Estado livre, em que a regra é a igualdade natural dos cidadãos e a igualdade dos seus direitos; de uma monarquia que respeita antes de tudo a liberdade dos cidadãos»; e, dominando os outros todos com a sua grandeza imaculada, Antonino, seu pai adoptivo, cujo retrato Marco-Aurélio fez com reconhecimento e carinho.

«Agradeço aos deuses, disse terminando, por me ter dado bons antepassados, bons pais, uma boa irmã, bons mestres e, nos meus afins e nos da minha casa, pessoas cheias de bondade. Nunca faltei aos meus deveres para com eles; pela minha disposição natural, poderia cometer alguma irreverência em qualquer ocasião; mas a beneficência dos deuses nunca permitiu que tal circunstância se desse. Devo aos deuses o conservar pura a flor da minha mocidade; de não ser homem antes da idade, diferindo esse facto para muito mais tarde; de ser educado segundo a lei de um príncipe e de um pai que tirou à minha alma o fumo do orgulho, que me fez compreender a possibilidade de, vivendo num palácio, não precisar de guardas, nem de vestuários faustosos, de tochas e de estátuas, de me ensinar, finalmente, que um príncipe pode restringir a sua vida nos limites da de qualquer cidadão vulgar, sem com isso demonstrar menos nobreza e menos vigor, quando se trata de ser imperador e de curar dos negócios do Estado. Favoreceram-me dando-me um irmão cujos costumes eram uma contínua exortação a vigiar-me a mim próprio, ao mesmo tempo que a sua deferência e a sua dedicação deviam ser a alegria da minha alma... Se tive a ventura de elevar os que me educaram às honrarias que pareciam desejar; se conheci Apolónio, Rústico, Máximo, se, por vezes, cercado de tanta luz, tive o ensejo de contemplar uma vida conforme com a natureza (eu nunca a atingi, é verdade, por minha culpa); se o corpo resistiu até à hora presente à rude vida que faço; se não toquei nem em Benedita nem em Teodata; se, apesar dos despeitos repetidos contra Rústico, não passei os limites da cordura, nem fiz coisa

de que venha a arrepender-me; se a minha mãe, que morreu nova, ainda pôde passar o resto da sua existência junto de mim; se, de todas as vezes que quis socorrer algum pobre ou aflito nunca me faltou dinheiro; se eu mesmo nada preciso dos outros; se a sorte me deu uma mulher complacente, afectuosa e simples; se encontrei tantas pessoas capazes de educar os meus filhos; se na origem da minha paixão pela filosofia eu não caí nas garras de qualquer sofista, é aos deuses que eu o devo. Sim; tal ventura não pode ser senão o dom da assistência dos deuses e de uma feliz fortuna.»

Cada página respira esta divina candura. Nunca se escreveu para si próprio com mais simplicidade, com o fim de aliviar o seu coração, sem mais ouvintes do que Deus. Nem sombra de sistema. Marco-Aurélio não tem filosofia; posto que deva quase tudo ao estoicismo transformado pelo espírito romano, não pertence a qualquer escola. Segundo o nosso gosto, ele é pouco curioso, porque não sabe o que pode saber um contemporâneo de Ptolomeu ou de Galiano; tem sobre o sistema do mundo opiniões que não estavam ao nível da ciência do seu tempo. Assim desenvolto de qualquer laço com um sistema, o seu pensamento moral ganha uma singular elevação. O autor do livro da *Imitação* não vai tão longe, apesar de desligado de qualquer escola; porque o seu modo de sentir é essencialmente cristão; tirai-lhe os dogmas cristãos, e o livro perde uma parte do seu merecimento. Como o livro de Marco-Aurélio não tem base dogmática, conservará eternamente o seu viço. Desde o ateu ou o que se julga tal, até ao homem mais embebido nas crenças particulares de cada culto, todos encontrarão ali frutos de edificação. É o livro mais puramente humano que existiu até hoje.

Não decide nenhuma questão controversa. Teologicamente, Marco-Aurélio flutua entre o deísmo duro, o politeísmo interpretado num sentido físico, à maneira dos estóicos, e uma espécie de panteísmo cósmico.

Não se prende mais com uma hipótese do que com outra, servindo-se indiferentemente dos três vocabulários, deísta, politeísta, panteísta. As suas considerações têm dois aspectos, segundo têm ou não realidade — Deus e a alma. «Se há deuses, pouco apavora deixar a sociedade dos homens; e, se não há deuses, ou eles se não preocupam com as coisas humanas, que me importa viver num mundo vazio de deuses ou sem providência? Certamente que há deuses e eles se preocupam com as coisas humanas.»

É o dilema que pomos a todas as horas; porque, se é o materialismo mais completo que tem razão, nós que acreditamos no bem e na verdade, não nos iludiríamos mais que os outros. Se o idealismo tem razão, teríamos sido os verdadeiros sábios e da única maneira que nos conviria, isto é, sem esperanças interesseiras e sem contar com remuneração alguma.

Marco-Aurélio não é um livre-pensador; é somente um filósofo, no sentido especial da palavra. Como Jesus, ele não tem filosofia especulativa; a sua teologia é integralmente contraditória; não tem ideias antecipadas sobre a alma e a imortalidade. Como foi ele profundamente moral sem as crenças que se consideram hoje fundamentos da moral? Como foi eminentemente religioso sem professar nenhum dos dogmas do que

se chama a religião natural? É o que convém saber.

As dúvidas que, sob o ponto de vista da razão especulativa, pairam sobre as verdades da religião natural não são, como admiravelmente Kant o demonstrou, dúvidas accidentais, susceptíveis de se levantarem, presas, como por vezes se imagina, a certos estados do espírito humano. As dúvidas são inerentes à própria natureza dessas verdades, e pode, sem paradoxo, dizer-se que se elas desaparecessem, desapareceriam também as verdades que elas contestam. Suponhamos uma prova directa, positiva, evidente para todos, das penas e recompensas futuras; onde o merecimento da prática do bem? Só os doidos é que correriam de ânimo leve para a sua perda. Inúmeras almas de baixos sentimentos fariam a sua salvação com as cartas na mesa; forçariam por esse modo a mão da Divindade. Quem não vê que, em tal sistema, não há nem moral, nem religião? Na ordem moral e religiosa torna-se indispensável crer sem demonstração; não se trata de certeza, trata-se de fé. Eis o que esquece certo deísmo com os seus hábitos de afirmação intemperante. Esquece que as crenças muito precisas sobre o destino humano tirariam todo o merecimento moral. Para nós, anunciar-se-ia um argumento peremptório neste género, que nós faríamos como S. Luís quando se lhe falou da hóstia milagrosa; recusaríamos ver. Que necessidade temos dessas provas brutais, que só se aplicam à ordem grosseira dos factos e que embarçariam a nossa liberdade? Nós temeríamos ser assimilados a esses especuladores da virtude ou a

esses tímidos vulgares, que põem nas coisas da alma o grosseiro egoísmo da vida prática. Nos primeiros dias que se seguiram ao estabelecimento da fé na ressurreição de Jesus, produziu-se esse sentimento de um modo enternecedor. Os verdadeiros amigos do coração, os delicados antes quizeram acreditar sem provas do que ver. «Felizes os que não viram e acreditaram!», foi a palavra da situação. Palavra encantadora! símbolo eterno do idealismo terno e generoso, que tem horror em tocar com as mãos o que só deve ser visto com o coração!

O nosso bondoso Marco-Aurélío antecipou os séculos, neste e noutros pontos. Não pensou nunca em estar de acordo consigo sobre Deus e sobre a alma. Como se tivesse lido a *Crítica da razão prática*, viu que, desde que se trata do infinito, não há fórmulas absolutas, e que em tais matérias só se pode ver a verdade uma vez na vida depois de se ser imensas vezes contrariado. Separou a beleza moral de toda a teologia; não permitiu que o dever dependesse de qualquer opinião metafísica acerca da causa primária. Jamais a delicadeza foi tão longe na união íntima com o Deus oculto.

«Oferece ao governo do deus que está em ti um ser viril, maduro pela idade, amigo da causa pública, um Romano, um imperador, um soldado no seu posto, esperando o som do clarim, homem prestes a abandonar a vida sem saudades. — Há muitos grãos de incenso destinados ao mesmo altar; um cai no fogo mais depressa, outro mais tarde; mas a diferença é nula. — O homem deve viver segundo a natureza durante os poucos dias que anda na terra, e, quando chegar o momento da partida, submeter-se com doçura, como a azeitona que, ao cair, abençoa a árvore que a produziu e dá graças ao ramo que a trouxe — Tudo o que te conforta, me

conforta, oh *cosmos*! Nada é prematuro nem tardio. O meu fruto é o que me dão as tuas estações, oh natureza! De ti vem tudo; tudo está em ti; tudo volta ao seu seio.

Cidade de Cécrops que adoro,

diz o poeta; como não dizer:

—Amo-te, cidade de Júpiter?

Homem! foste cidadão na grande cidade; que te importa tê-lo sido cinco ou três anos? O que é conforme com as leis não é injusto para ninguém. Que há de mau em sair da cidade não por ordem de um tirano, de um juiz iníquo, mas pela natureza que a este mundo te trouxe? É como se fosses um actor despedido pelo mesmo pretor que o contratou. «Mas, dirás tu, não representei cinco actos; representei só três». Dizes bem; mas na vida bastam três actos para fazer uma peça completa. Quem marca o fim é o mesmo que, depois de ser a causa da combinação dos elementos, é a causa da sua dissolução; tu não tens nada com esses acontecimentos.

Parte contente; quem te manda não tem assomos de cólera.

Não quer dizer que ele se não revoltasse contra a sorte estranha que se regosijou em deixar sós, face a face, o homem com a eterna necessidade de dedicação, de sacrifício, de heroísmo, e a natureza, com a sua imoralidade transcendente e o seu supremo desdém pela virtude? Não. Uma vez o absurdo e a iniquidade brutal da morte feriu-o fundamente. Mas cedo o seu temperamento, completamente mortificado, se vence e calma.

«Como sucede que os deuses, ordenando tudo tão bem, com tanto amor pelos homens, desprezassem um só ponto, o qual é o seguinte: como é que homens de comprovada virtude, que viveram para Deus, que ele devia amar pelas suas

acções piedosas e pelos seus sacrificios, não revivem depois da morte e para todo o sempre se extinguem ? Pois se é assim, devia ser de outra maneira ; e nem os deuses podiam deixar de o fazer ; porque se é justo, é possível ; e se é conforme com a natureza, esta deve comportá-lo. Por isso, desde que não é assim, confirma-se que não era possível que assim fosse. Vê bem que inquirir tal coisa é disputar com Deus e com o seu direito. Ora nós não discutiríamos contra os deuses, se eles não fossem soberanamente bons e soberanamente justos ; e se eles o são, não há no mundo nada contrário à justiça e à razão².

Ah ! é resignação demais, querido mestre. Se isso é assim, temos razões de sobra para as nossas queixas. Dizer que este mundo não é a sua má parte, o homem que se sacrificou pelo bem e pela verdade deve deixá-lo contente e abolver os deuses, é sinceridade demais. Não, ele tem o direito de blasfemar ! Para que se abusou, então, da sua credulidade ? Porque lhe dar instintos enganadores, de que ele foi a honrada fraude ? Para que a recompensa concedida ao homem frívolo e mal-doso ? Este é que será o homem prudente e que não erra ? Então malditos os deuses que escolhem tão mal ! Quero que o futuro seja um enigma ; mas se não há futuro, este mundo é uma horrorosa cilada. Notai que a nossa aspiração não é vulgar. O que queremos não é ver o castigo do culpado, nem o prémio da nossa virtude. O que queremos não tem nada de egoista ; é simplesmente ser, estar em relação com a luz, continuar o pensamento começado, saber mais, gozar um dia essa verdade que buscamos com tanto afã, ver o triunfo do bem que tanto amamos. Nada mais legítimo. O digno imperador bem o sentia. « Como ! a luz de uma lâmpada

brilha até quando se apaga, e não perde nenhum brilho ; e a verdade, a justiça e a temperança, que estão em ti, apagar-se-iam em ti ! » Toda a sua vida se passou nesta noblílima hesitação. Se pecou foi por excesso de piedade. Com menos resignação seria mais justo ; porque pedir que haja um espectador íntimo e simpático das lutas travadas entre o bem e o mal, não é pedir muito.

É possível também que se a sua filosofia fosse menos exclusivamente moral, se implicasse um estudo mais curioso da história e do universo, evitaria por certo excessos rigoristas. Como os ascetas cristãos, Marco-Aurélius leva a renúncia até à secura e à subtileza. Nunca se desmente esta calma ; sente-se que a conseguiu à custa de um imenso esforço. Certamente que o mal não teve para ele nenhum atractivo ; não teve que combater qualquer paixão : « Diga-se o que se disser, faça-se o que se fizer, é preciso que eu seja homem de bem, como a esmeralda pode dizer : « Faça-se o que se fizer, diga-se o que se disser, é preciso que eu seja esmeralda e conserve a minha cor ». Mas, para se manter no vértice gelado do estoicismo, foi-lhe preciso fazer cruéis violências à natureza e cortar-lhe mais que uma parte nobre. A perpétua repetição dos mesmos raciocínios, essas mil imagens pelas quais intenta representar a vaidade das coisas, essas provas muitas vezes ingénuas da universal frivolidade, testemunham as íntimas lutas que teve consigo próprio para matar qualquer desejo. Daí resulta às vezes alguma coisa de áspero e triste ; a leitura de Marco-Aurélius fortifica, mas não consola ; deixa na alma um vazio delicioso e

cruel, que não se trocava por uma satisfação plena. A humildade, a renúncia, a severidade para consigo mesmo, nunca alguém lhas excedeu. A glória, última ilusão das grandes almas, reduziu-se a coisa nenhuma. Deve fazer-se o bem sem a preocupação de que se saiba. Vê que a história falará dele; mas de quantas pessoas indignas não tem ela falado? A absoluta mortificação a que chegara apagava-lhe o último lampejo de amor próprio. Pode-se dizer que até o excesso de virtude o prejudicou. Os historiadores tomaram-no ao pé da letra. Poucos são os reinados tão mal tratados pela historiografia.

Nas suas obras, que só conhecemos por fragmentos, falam de Marco-Aurélius com talento, mas sem affecto, Máximo Máximo e Dião Cássio; a vida do soberano illustre só a conhecemos pela biografia medíocre de Júlio Capitolino, escrita cem anos depois da sua morte, graças à admiração que lhe votou Diocleciano.

Felizmente que se se salvou a caixa onde se guardaram os pensamentos de Gran e a filosofia de Carmonte. Originou-se nesse livro incomparável, em que Epicteto foi sobreexcedido, o manual de vida resignada, o Evangelho dos que não crêem no sobrenatural, que só pode ser bem compreendido nos nossos dias. Verdadeiro Evangelho eterno, o livro dos *Pensamentos* nunca envelhecerá; porque não afirma dogmas. O Evangelho caducou em certos pontos; a ciência não permite admitir a concepção ingénua do sobrenatural de que é o fundamento. O sobrenatural não passa nos *Pensamentos* de uma pequena mancha

insignificante que não empana a maravilhosa beleza do fundo. A ciência pode destruir Deus e a alma, mas o livro dos *Pensamentos* ficará moço de vida e de verdade. A religião de Marco-Aurélius, como foi alguns instantes a de Jesus, é a religião absoluta, a que resulta do simples facto de uma alta consciência moral posta em frente do universo. Não é de uma raça nem de um país. Nenhuma revolução, nenhum progresso, nenhuma descoberta conseguirão alterá-la.

CAPÍTULO XVII

A «Legio Fulminata». — Apologias de Apolinário,
de Milcíades, de Militão.

Um incidente da campanha contra os Quados pôs de certa maneira Marco-Aurélio e os cristãos frente a frente, e causou nestes últimos uma séria preocupação. Os Romanos haviam-se internado no país; os calores do estio sucederam sem transição a um prolongado inverno. Os Quados conseguiram cortar aos invasores a captação das águas. O exército sentia-se devorado pela sede, esgotado de fadiga, metido num beco sem saída, onde os bárbaros o atacavam com vantagens decisivas. Os Romanos respondiam fracamente aos ataques do inimigo e receava-se um desastre, quando se desencadeou uma pavorosa trovoadá. Uma corda de chuva refrescou os Romanos. Quis-se dizer que o raio e a saraiva caíram sobre os Quados atemo-

rizando-os, de modo que uma parte deles fugiu apavorada de encontro às fileiras Romanas.

Toda a gente acreditou num milagre. Júpiter pronunciara-se pela raça latina. A maior parte atribuiu o prodígio às orações de Marco-Aurélio. Pintaram-se quadros em que o bondoso imperador orava aos deuses, dizendo: «Júpiter, ergo para ti estas mãos que nunca fizeram correr o sangue». A coluna Antonina consagrou este facto. *Júpiter Plúvio* aparece sob a figura de um velho alado; dos cabelos, da barba e dos braços escorrem torrentes de água, que os Romanos recolhem nos capacetes e nos escudos, enquanto que os bárbaros são fulminados. Alguns acreditaram na intervenção de um mágico egipciaco, chamado Arnoufis, que seguia o exército e cujos encantamentos se supôs terem conseguido a intervenção dos deuses, particularmente do Hermes celeste.

A legião que recebeu este favor dos deuses usou, durante largo tempo, o nome de *Fulminata*. Tal epíteto não tinha novidade. Todo o ponto tocado pelo raio era sagrado para o Romano; a legião, cujos arraiais foram atingidos pelo raio, devia considerar-se como baptizada pelo fogo; *Fulminata* deveria ser-lhe título honorífico. Uma legião, a décima-segunda, que desde o cerco de Jerusalém, em que tomou parte, se fixou em Melitene, proximo do Eufrates, na pequena Arménia, teve esse título desde os tempos de Augusto, sem dúvida por causa de um acidente físico que fez substituir este apelido ao cognome de *Antiga* que usara até aí.

Havia cristãos junto de Marco-Aurélio; havia-os na legião empenhada contra os Quados. Comoveu-os este prodígio admitido por todos. Um milagre benéfico só podia ser obra do Deus verdadeiro. Que triunfo e que argumento para interromper a perseguição, se se conseguisse convencer o imperador que o milagre se dera por causa dos fiéis! Dias depois do incidente, circulou uma versão, segundo a qual o temporal favorável aos Romanos fora o fruto das orações dos cristãos. Foi ajoelhando, segundo o rito da Igreja, que os soldados obtiveram do céu esta prova de protecção, que, por duas maneiras, lisonjeava as pretensões cristãs; primeiro mostrando quanto podia no céu um punhado de crentes, depois testemunhando no Deus dos cristãos um certo fraco pelo império romano. Que o império cesse com a perseguição dos santos, e ver-se-á o que estes obterão do céu em seu favor. Deus, para ser o protector do império, só espera uma coisa, que o império cesse de ser impiedoso para com uma assembleia seleccionada que é no mundo o fermento do bem.

Esta maneira de apresentar os factos foi aceite rapidamente e circulou nas Igrejas. A cada processo, a cada violência dava-se esta excelente resposta às autoridades: «Fomos nós que vos salvamos». Esta resposta criou novas forças quando, no fim da campanha, Marco-Aurélio recebeu a sétima saudação imperial, e porque a coluna, que ainda hoje se ergue em Roma, por ordem do senado e do povo, tem num baixo-relevo a representação do milagre. Pretendeu-se fabricar uma carta oficial de Marco-Aurélio ao senado, pela qual se proi-

bia perseguir os cristãos e se mandava punir de morte os denunciadores.

Não só o facto de tal carta é inadmissível; mas é provável que Marco-Aurélio ignorasse as pretensões que os cristãos erguiam sobre o milagre de que ele passa por ser o inventor.

Em certos países, no Egipto, por exemplo, a fábula cristã não foi conhecida. Além disso, só teve como consequência aumentar a péssima reputação de magia que já começava a incidir sobre os cristãos.

A legião do Danúbio, se por um momento teve o nome de *Fulminata*, não o conservou oficialmente. Como a décima-segunda legião, estacionária em Melitene, era sempre designada por este título, e como a legião de Melitene brilhou pelo seu ardor cristão, operou-se uma confusão, e supôs-se que foi esta última legião que, transportada contra toda a verosimilhança do Eufrates ao Danúbio, fez o milagre e recebeu a este propósito o nome de *Fulminata*. Esquecia-se de que já há duzentos anos usava esse título.

O que é certo é que a conduta de Marco-Aurélio para com os cristãos não se modificou. Supôs-se que a revolta de Avídio Cássio, apoiada pela simpatia da Síria inteira, especialmente da Antioquia, indispôs o imperador contra os numerosos cristãos destas paragens. Isto é pouco provável. A revolta de Avídio deu-se em 172, e a recrudescência das perseguições nota-se especialmente em 176. Os cristãos mantinham-se fora da política; além disso, a propósito de Avídio, o coração de Marco-Aurélio trasbordou de clemência. O número

de mártires aumentava sempre; em três ou quatro anos a perseguição atingirá o mais alto grau de furor nunca visto antes de Décio. Vigélio Saturnino vai, na África, desembainhar a espada, e Deus sabe quando a embainhará outra vez. Enchia-se a Sardenha de deportados, que deviam ser chamados no tempo de Cómodo, por influência de Márcia. Em Bizâncio houve horrores. Quase toda a comunidade foi presa, torturada, conduzida à morte. Sendo Bizâncio arrasada, alguns anos depois, por Séptimo Severo (em 196) o governador Cecílio Capela exclamou: «Que belo dia para os cristãos!»

Na Ásia foi mais grave ainda. A Ásia fora a província onde o cristianismo atingiu mais profundamente a ordem social. Também os procónsules da Ásia eram, de todos os governadores de província, os mais ásperos na perseguição. Sem que o imperador promulgasse novos éditos, alegavam instruções que os obrigavam a proceder severamente. Aplicavam, sem mercê, uma lei que segundo a interpretação podia tanto ser feroz como inofensiva. Os repetidos suplícios desmentiam sangüinolentamente a ideia de um século da humanidade. Os fanáticos, a quem as violências confirmavam os sonhos sombrios, não protestavam, regosijando-se até, algumas vezes. Mas os bispos moderados pensavam na possibilidade de obter do imperador o fim de tantas injustiças. Todos os memoriais eram acolhidos e lidos por Marco-Aurélius. A sua reputação, como filósofo e como helenista, levava os que sentiam facilidade em escrever grego a dirigirem-se-lhe. O incidente da guerra dos Quados

oferecia um viés para pôr a questão mais nitidamente do que o fizeram Aristides, Quadrato e S. Justino.

Assim se produziu uma série de novas apologias, compostas por bispos ou escritores da Ásia, que se perderam infelizmente. Cláudio Apolinário, bispo de Hierápolis, brilhou no primeiro plano desta campanha. Teve o milagre de Júpiter Pluvioso tanta publicidade, que Apolinário ousou notá-lo ao imperador, imputando a intervenção divina às rezas dos cristãos. — Milcíades dirigiu-se também às autoridades romanas, talvez aos procónsules da Ásia para defender a sua «filosofia» contra as invectivas injustas que lhe dirigiam. Os que leram a *Apologia* não foram bastante elogiosos para com o talento e o saber que ele manifestou.

A obra mais notável produzida por este movimento literário foi a *Apologia* de Militão. O autor dirigia-se a Marco-Aurélius na língua dilecta do imperador:

«Nunca se viu coisa assim; a raça dos homens piedosos é, na Ásia, perseguida, torturada, em nome de novos éditos. Si-cofantas impudentes, ávidos dos despojos alheios, apegando-se à legislação actual, exercem o seu banditismo à face do mundo, espreitando noite e dia pessoas inofensivas a quem prendem. Se isto se faz por tua ordem, está bem; porque o príncipe justo não pode ordenar uma coisa injusta; e assim voluntariamente aceitaremos a morte como merecida. Só te pedimos que examines, por ti mesmo, os processos dos chamados sediciosos e que julgues se eles merecem a pena última ou se devem viver em paz protegidos pela lei. E se este novo édito e as suas disposições, ferozes até para inimigos bárbaros, não são teus, pedimos-te com insistência que não nos abandones a tal banditismo público».

Vimos Militão fazer ao império as maiores concessões, caso queira ser o protector da verdade. Na *Apologia* ainda mais se acentuam essas concessões. Militão procura mostrar que o cristianismo se contenta com o direito comum e com o que tem para se tornar agradável aos olhos de um verdadeiro Romano :

« Sim, é verdade, a nossa filosofia nasceu no país dos bárbaros ; mas o momento em que ela começou a florescer entre os povos dos teus Estados, coincidindo com o grande reinado de Augusto, teu illustre ancestral, foi de bom agouro para o império. De então o desenvolvimento colossal do brilhante poderio romano de que tu és e serás, com o teu filho, o herdeiro aclamado pelos nossos votos, se quiseses proteger essa filosofia que é por assim dizer irmã colaça do império, pois que nasceu com o seu fundador, e que os teus ancestrais honraram do mesmo modo que aos outros cultos. E o que prova que a nossa doutrina se destinou a florescer paralelamente com os progressos do teu glorioso império é que, a partir do seu advento, tudo te corre às mil maravilhas. Só Nero e Domiciano, enganados por alguns caluniadores, se mostraram maus para com a nossa religião ; e essas calúnias, como sucede vulgarmente, foram aceites sem exame. Mas o seu erro foi corrigido pelos teus piedosos pais, que, em frequentes rescritos, reprimiram o zelo dos que queriam exercer violências rigorosas contra nós. Assim o fez por várias vezes o teu avô Adriano; especialmente ao procônsul Fundano, governador da Ásia. E teu pai, quando já tu se lhe tinhas associado na administração dos negócios públicos, escreveu às cidades para que nada inovassem contra nós, especialmente aos Larisseos, aos Tessalônicos, aos Atenienses e a todos os Gregos. Quanto a ti, que tens por nós os mesmos sentimentos, com um grau mais elevado de filosofia e de filantropia, esperamos que farás o que te pedimos. »

O sistema das apologias, tão calorosamente sustentado por Tertuliano, segundo o qual os bons

imperadores favoreceram o cristianismo e os maus o perseguiram, estava completamente fechado. Nados juntos, Roma e o Cristianismo haviam-se engrandecido juntos, e prosperado juntos. Eram-lhes comuns os interesses, os sofrimentos, a fortuna e o futuro.

Os apologistas são advogados ; e os advogados de qualquer causa parecem-se sempre. Há argumentos para todas as situações e para todos os gostos. Passarão mais de cento e cinquenta anos antes que esses convites macios e medlocremente sinceros sejam ouvidos. Mas o único facto que no reinado de Marco-Aurélio fere a vista de um dos mais esclarecidos príncipes da Igreja é a previsão do futuro. Há-de dar-se uma reconciliação entre o império e o cristianismo, porque se fizeram um para o outro. A sombra de Militão estremecerá de júbilo, quando o império for cristão e o imperador tome nas suas mãos a « causa da verdade ».

Assim já a Igreja se encaminhava para o império. Por polidez, sem dúvida alguma, mas também por uma consequência muito justa dos seus princípios, Militão não admite que um imperador possa dar uma ordem injusta. Era fácil deixar entrever que alguns imperadores não tinham sido hostis ao cristianismo ; gostava-se de contar que Tibério propusera ao Senado que Jesus entrasse no número dos deuses ; o Senado é que não o quis. É sensível a preferência decidida que o cristianismo testemunhará pelo poder, quando dele espere favores. Esforçava-se por demonstrar, contra a verdade, que Adriano e Antonino procuraram reparar o mal feito por Nero e Domiciano.

Tertuliano e a sua geração dirão o mesmo de Marco-Aurélio. Duvidará Tertuliano que se possa ser ao mesmo tempo César e cristão; essa incompatibilidade, passado um século, não espantará ninguém e Constantino provará que Miltão de Sardes foi um homem muito sagaz no dia em que entrou, cento e trinta e dois anos antes, através das perseguições proconsulares, a possibilidade de um império cristão.

Uma viagem à Grécia, à Ásia, ao Oriente feita pelo imperador, não mudou as suas ideias. Atravessou, sorrindo com ironia, esse mundo de sofistas de Atenas e de Esmirna, ouviu os professores célebres, criou novas e numerosas cadeiras em Atenas, viu particularmente Herodes Ático, Élio Aristides, Adriano de Tiro (1). Em Eleusis entrou só nas partes mais recônditas do santuário.

Na Palestina, os restos das populações judaicas e samaritanas, imersas na miséria pelas últimas revoltas, acolheram-no com aclamações ruidosas e sem dúvida com queixumes. Reinava em todo o país um cheiro fétido de miséria. Essas multidões desordenadas, donde se exalava a pestilência, puseram à prova a sua paciência. Em certa altura, levado ao último extremo, exclamou: «Oh Marcomanos, oh Quados, oh Sármatas, até que enfim encontro gente mais estúpida do que vós!»

Em Marco-Aurélio diluira tudo o filósofo, menos a qualidade de Romano. Tinha prejuízos

instintivos contra a piedade judaica e siríaca. No entanto os cristãos estavam bem perto dele. O seu sobrinho Umídio Quadrato tinha um eunuco, chamado Jacinto, que era ancião da Igreja de Roma. A esse eunuco estava confiada uma rapariga de rara beleza chamada Márcia, de quem Umídio fez a sua amante. Mais tarde, em 183, sendo morto Umídio por entrar na conspiração de Lucilo, Cómodo encontrou entre os despojos esta pérola. Apropriou-se dela. O cubiculário Electo seguiu o destino da sua senhora. Prestando-se aos caprichos de Cómodo, e, por vezes, sabendo-os dominar, Márcia exerceu sobre ele um poder ilimitado. Não é provável que ela tivesse sido baptizada; mas o eunuco Jacinto inspirara-lhe um sentimento delicado pela fé. Continuava a aproximar-se dela e conseguia os maiores favores, particularmente para os confessores condenados às minas. Mais tarde, exasperada com o monstro, Márcia foi o chefe da conspiração que libertou o império de Cómodo. Electo encontra-se ao seu lado desde esse momento. Por uma coincidência singular, o cristianismo imiscuiu-se com a tragédia final da casa Antonina, como cem anos antes foi no meio cristão que se formou a conspiração que findou com a tirania do último dos Flávios.

(1) A cronologia desta viagem está errada em Tillemont, como tudo o que se refere à viagem de Avidio.

CAPÍTULO XVIII

Os gnósticos e os montanistas em Lião.

Havia cerca de vinte anos que a colónia asiática de Lião e de Viena, apesar de mais duma provação interna, prosperava nas obras de Cristo. Graças a ela, a prédica evangélica irradiava já no vale do Saona. Particularmente, a Igreja de Autun foi, debaixo de certos pontos de vista, filha da Igreja greco-asiática de Lião. A língua grega foi aí a língua do misticismo, e teve durante séculos uma certa importância litúrgica. Depois aparecem, numa espécie de penumbra matinal e incerta, Tournos, Chalon, Dijon, Langres, cujos apóstolos se ligam à colónia grega de Lião e não à grande evangelização latina da Gália no 3.º e 4.º séculos.

Abria-se uma estrada para a forte actividade cristã desde Esmirna até às partes inacessíveis

da Gália. A comunidade lugduno-vienense correspondia-se activamente com as Igrejas mães da Ásia e da Frigia. Pela navegação do Ródano se facilitavam todas as inovações; assim tal Evangelho de recente invenção, assim tal sistema da subtileza alexandrina, assim o carisma, posto em voga pelos sectários da Ásia Menor, conheciam-se em Lião e em Viena quase que no dia seguinte ao da sua aparição. A imaginação viva dos habitantes era um veículo ainda mais poderoso. Um misticismo exaltado, uma delicadeza de nervos indo até à histeria, um calor de coração capaz dos maiores sacrifícios, mas levando também a todos os desvarios, tais os caracteres das cristandades gaulo-gregas. O venerando Pothin, que ultrapassava já os noventa anos, tinha o pesado encargo de governar essas almas, mais ardentes do que submissas e que nessa mesma submissão procuravam outra coisa além da austera satisfação do dever cumprido.

Ireneu era o braço direito de Pothin, e, se se pode assim dizer, o seu coadjutor, o seu designado successor. Escritor fervente e arguto controversista começou, depois de chegar a Lião, a escrever em grego contra todas as tendências cristãs diferentes das suas, e particularmente contra Blasto, que pretendia regressar ao judaísmo, e contra Florindo que, com os gnósticos, admitia um Deus do bem e um Deus do mal. Pela sua amplitude e aparência filosófica, ganhavam as doutrinas de Valentim imensos adeptos entre a população lionesa. Ireneu especializou-se em guerreá-las. Nenhum outro polemista, até ele, compreendia a

profundeza da gnose e o seu carácter anti-cristão.

Valentim era um belo espírito, que nunca conseguiu nem substituir a Igreja católica nem tomar-lhe a direcção. O gnosticismo subiu o Ródano com um doutor bem conhecido, Marcos, que seduzia as mulheres por um modo estranho de celebrar a Eucaristia, e pela audácia com que as convencia de que elas tinham o dom profético. A sua maneira de administrar os sacramentos deu origem às mais perigosas convivências. Simulando ser o dispensador da graça, persuadia as mulheres de que possuía o segredo dos seus anjos da guarda, que elas se destinavam a uma fiadora eminente na sua Igreja e lhes ordenava que se preparassem para a união mística com ele. « De mim para mim, dizia-lhes, receberás a Graça. Dispõe-te como noiva que acolhe o esposo, para que tu sejas o que eu sou e que eu seja o que tu és. Prepara o leito para receber a semente da luz. Eis a graça que desce em ti; abre a boca, profetisa! — Mas eu nunca profetizei, eu não sei profetizar », respondia a pobre mulher. Redobrava de invocações, aterrava, aturdiava a sua vítima: « Abre a boca, digo-te eu, e fala; tudo o que disseres será profecia ». Batia forte o coração da iniciada; a espera, o embaraço, a ideia de que ia profetizar, perdiam-lhe a cabeça e delirava ao acaso. O que ela tinha dito assegurava-se-lhe como sublime. A infeliz, a partir de então, estava perdida. Agradecia a Marcos o dom que ele lhe comunicara, pedia-lhe lhe dissesse o que queria em troca, e, reconhecendo que o abandono de todos os seus bens

ainda era pouco, abandonava-se ela mesma, se ele a quisesse aceitar. Assim se surpreendiam as melhores e as mais distintas; porque por toda a parte se falava de penitentes votadas ao luto para toda a sua vida e que depois de terem recebido do sedutor a comunhão e a iniciação proféticas, recuavam aterradas e vinham pedir o perdão e o esquecimento à Igreja ortodoxa.

Tal homem era particularmente perigoso em Lião. O carácter místico e apaixonado das Lionesas, a sua piedade um pouco material, o seu gosto pelo bizarro e pela emoção sensível levavam-nas a todas as quedas. O que hoje se passa com o público feminino das cidades do Meio-dia da França à chegada de um pregador da moda era o que se dava então. Foi muito apreciada a nova maneira de pregar. As damas mais ricas, que se distinguiam pelos lindos bordados de púrpura dos seus vestidos, foram as mais curiosas e as mais imprudentes. Não tardaram as cristãs assim seduzidas a ver o dolo. Queimava-as a consciência; murchara a flor da sua vida. Umias confessavam publicamente o seu pecado e entravam na Igreja; outras não o faziam, por vergonha, e ficavam numa falsa posição, nem fora, nem dentro. Caíam outras no desespero, fugiam da Igreja, escondiam-se « com o fruto que colheram nas suas relações com os filhos da gnose », acrescenta Ireneu maliciosamente.

Foram terríveis os efeitos que produziu nas almas este triste sedutor. Falava-se de filtros e de venenos. As penitentes confessavam que estavam literalmente esgotadas, que o tinham amado com um amor sobre-humano, fatal, que se lhes im-

punha. Contava-se o procedimento abominável de Marcos para com um diácono da Ásia que o recebeu na sua casa com uma afeição verdadeiramente cristã. Tinha o diácono uma mulher de uma rara beleza. Ela deixou-se levar pelo hóspede perigoso e perdeu ao mesmo tempo a pureza da fé e a honra do corpo. A partir de então, Marcos exibiu-a em toda a parte, com grande escândalo das Igrejas. Os piedosos irmãos tinham pena dela e falavam-lhe com tristeza, para a chamar ao redil; conseguiram-no com dificuldade. Converteu-se, confessou as suas culpas e desgraças, passou o resto da vida em confissão e penitência perpétuas, contando humildemente o que o mágico lhe fizera.

O pior foi que Marcos fez discípulos, como ele corruptores de mulheres, cognominando-se de «perfeitos», atribuindo-se a ciência transcendente, pretendendo que «só eles tinham bebido a plenitude da gnose da inefável Virtude», e que essa ciência os elevava acima de todos os poderes, de modo a poderem fazer o que lhes viesse à cabeça. Dizia-se que a sua iniciação era tudo o que há de mais inconveniente. Arranjava-se um quarto à laia de câmara nupcial; depois, com um aparato de misticismo duvidoso e de palavras cabalísticas, fingiam-se núpcias espirituais decalcadas sobre as das sizíguas superiores. Graças aos ritos e ao emprego de invocações a Sofia, criam os marcosianos serem invisíveis, de modo a na câmara nupcial não serem vistos pelo soberano juiz. Como todos os gnósticos, abusavam das unções de azeite e de bálsamo; compunham uma espécie de sacramentos, de apolitroses ou redensões, substituindo o ba-

ptismo. A extrema-unção aos agonizantes tinha qualquer coisa de emocionante e foi a única que se conservou.

A estes guias perversos resistiram enérgicamente Pothin e Ireneu. Este hauriu nessa luta a ideia da sua grande obra *Contra as heresias*, arsenal vastíssimo de argumentos contra todas as variedades do gnosticismo. O seu juízo recto e moderado, a base filosófica que deu ao cristianismo, as suas ideias claras e deistas acerca das relações entre Deus e os homens, a sua própria mediocridade intelectual preservavam-no das aberrações saídas de uma especulação intemperante. Servia-lhe de exemplo a queda dos seus amigos Florindo e Blasto. Não via salvação senão na linha média representada pela Igreja universal. Pareceu-lhe o único critério da verdade, a autoridade da Igreja, o catolicismo.

Desapareceu o gnosticismo da Gália não só pela violenta antipatia que inspirou aos ortodoxos, mas por uma transformação lenta, que não deixou, das suas ambiciosas teorias, subsistir mais do que um misticismo inofensivo. Um mármore do 3.º século, encontrado em Autun, conservou-nos um pequeno poema, tendo como o quinto livro dos oráculos sibilinos o acróstico ΙΧΘΥΣ. Os piedosos valentinianos e os ortodoxos puderam saborear este trecho estranho:

* Oh raça divina do ΙΧΘΥΣ celeste, recebe com o coração cheio de respeito a vida imortal entre os mortais; rejuvenesce a tua alma, caríssimo, nas águas divinas, pelas ondas eternas da Sofia, que dá a riqueza. Recebe o alimento doce como o mel do Salvador dos Santos; come quanto estiver na

tua fome, bebe quanto precisares para a tua sede ; tu tens o IXΘΥΣ nas palmas das tuas mãos.*

O montanismo, como o gnosticismo, penetrou no vale do Ródano com grande sucesso. Durante a vida de Montano, de Priscila e de Maximila, falava-se com entusiasmo, em Lião, das suas profecias e dons sobrenaturais. Saindo de um mundo vizinho do montanismo, não podia a Igreja de Lião ficar indiferente ao movimento que arrastava a Frígia e perturbava toda a Ásia Menor. Os pavorosos oráculos dos novos profetas, as práticas piedosas dos santos de Pepuza, os seus brilhantes carismas, o retorno dos fenómenos sobrenaturais primitivos da idade apostólica, tantas novidades que chegavam seguidamente da Ásia e espantavam todo o mundo cristão, não podiam deixar de os comover. Viam-se a si próprios nesses ascetas. Não lembrava Vétio Épagato, pela sua austeridade, os mais célebres nazires ? A maioria achou simplicíssimo que se não houvesse secado a fonte dos dons divinos. Muitos membros distintos da Igreja lionesa eram naturais da Frígia ; um tal Alexandre, médico, que vivia nas Gálias, tinha vindo de lá, e causava admiração pelo seu amor de Deus e pela altivez da sua prédica, parecendo favorecido por todos os carismas apostólicos.

Os Lioneses, à distância, fazem-nos o efeito de pertencerem, sob muitos pontos de vista, ao círculo piedoso da Ásia Menor. Procuram o martírio, têm visões, praticam os carismas, conversam com o Espírito Santo ou Paraclete, e

concebem a Igreja como uma virgem. Um milenarismo ardente, uma preocupação constante do Anti-Cristo e do fim do mundo eram o solo comum em que os grandes entusiasmos hauriam a sua seiva. Mas uma comovente docilidade, junta a um raro bom senso prático, prevenia a maioria dos fiéis de Lião contra o espírito mau que se ocultava sob essas orgulhosas singularidades.

Chegavam algumas vezes da Frígia produtos bizarros, atestando uma efervescência cristã que nenhuma razão dirigia. Um tal Alcibiades, que veio desse país fixar-se em Lião, espantou a Igreja com as suas macerações exageradas. Praticava todas as austeridades dos santos de Pepuza, pobreza absoluta, abstinências excessivas. Repelia quase toda a criação como impura, e perguntava-se, como podia viver relegando as necessidades mais evidentes da vida. Os pios Lioneses não viram, de começo, senão motivos de lisonja ; mas inquietava-os a maneira absoluta como o Frígio entendia as coisas. Parecia-lhes por vezes um transviado. Como Taciano e outros, levava a crer que condenava em princípio uma classe inteira de criaturas de Deus e escandalizava muitos irmãos pelo facto de erigir a sua vida em preceito. Foi pior, quando, de acordo com os outros, perseverou na abstinência. Só uma revelação celeste, como ao diante se verá, e trouxe de novo à razão.

Firme na questão do marcionismo e do gnosticismo, Ireneu mostrava uma certa indecisão com respeito ao gnosticismo. A santidade dos ascetas frígios devia comovê-lo ; mas via muito claro

na teologia cristã para se não aperceber do perigo das novas doutrinas sobre a profecia e o Paracleto. Entre os heréticos que combate não menciona os montanistas. Censura enèrgicamente certas pretensões subversivas, sem nomear os autores; as precauções que toma mostram que não põe no mesmo pé os pietistas da Frigia e as seitas cismáticas. Homem de ordem e jerarquia, antes de tudo, acabou por ver neles falsos profetas; mas hesitou muito antes desta opinião decisiva. Os outros Lionenses tinham as mesmas perplexidades. No seu embarço, cuidavam em consultar Eleutério que, pouco tempo depois, succedeu a Soter na cadeira de Roma. Já o bispo de Roma tinha autoridade para solucionar os casos difíceis, aconselhar as Igrejas divididas, já era o centro onde se fazia o accordo e se estabelecia a unidade.

CAPÍTULO XIX

Os mártires de Lião.

Viena e Lião contavam entre os centros de maior brilho da Igreja cristã, quando uma formidável tempestade caiu sobre essas Igrejas novas e evidenciou a fortaleza na fé que elas abrigavam no seu seio.

Corria o décimo-sétimo ano do reinado de Marco-Aurèlio. O imperador era o mesmo; mas a opinião começava a enfurecer-se. As desgraças e os perigos do império atribuíam-nos à impiedade dos cristãos. Por toda a parte o povo coagia as autoridades a manterem o culto nacional e a castigar os inimigos dos deuses. Infelizmente, o poder cedia. Enodoaram os três últimos anos do reinado de Marco-Aurèlio espectáculos indignos de um soberano tão perfeito.

Em Lião o clamor popular ascendeu até à fú-

ria. Lião era o centro do grande culto de Roma e de Augusto, como quem diz, o cimento da unidade gaulesa, a prova da sua comunhão com o império. Em redor do célebre altar situado na confluência do Ródano e do Saona estendia-se uma cidade federal, composta pelos delegados permanentes dos sessenta povos da Gália, cidade rica e poderosa, muito dada ao culto que fora a sua razão de ser (1).

Todos os anos, a 1 de Agosto, o grande dia das feiras gaulesas e aniversário da consagração do altar, reuniam-se aí todos os deputados da Gália. Chamava-se-lhe o *Concílio Gaulês*, reunião sem importância política, mas de uma grande importância social e religiosa. Celebravam-se festas que consistiam em jogos florais de eloquência grega e latina e de lutas sangrentas.

Todas essas instituições fortificavam o culto nacional. Os cristãos, não professando esse culto, deviam parecer ateus e ímpios. Repetiam-se, envenenando-as, as fábulas que se contavam a seu respeito. Praticavam, dizia-se, o festim de Tieste, incestos à moda de Édipo. Não detinha os acusadores nenhum absurdo; alegavam-se enormidades impossíveis de descrever-se e crimes que nunca se praticaram. Sempre as sociedades secretas, afectando o mistério, despertaram tais suspeitas. É de presumir que as desordens de certos gnósticos, especialmente dos marcosianos, podiam aparentar

(1) A colónia romana tinha o seu centro em Fourvières. A cidade sirio-asiática e cristã devia ser nas ilhas do confluente, em Athanacum (Ainai).

tais crimes e talvez que não fosse essa a menor razão da malevolência dos ortodoxos para com esses sectaristas que os comprometiam aos olhos da opinião.

Antes dos suplicios, a malevolência traduziu-se em violências e vexações quotidianas. Começou-se por pôr de quarentena a população maldita, a quem se atribuíam todas as desgraças. Proibiu-se aos cristãos que comparecessem no foro, nos banhos, em público e até em casas particulares. Logo que um aparecia, levantava-se um grande clamor; batiam-lhe, arrastavam-no, apedrejavam-no e coagiam-no a barricadar-se. A estes insultos só escapou Vétio Épagato pela sua elevada posição social; mas o seu crédito era insuficiente para preservar do furor popular os correligionários que abraçaram um culto reputado pelos Lioneses uma aberração.

A autoridade demorou-se o mais que pôde sem intervir, para pôr cobro a desordens intoleráveis. Um dia, quase todas as pessoas, conhecidas como cristãs, foram presas, levadas ao foro pelo tribuno e pelos duúmviros da cidade e interrogadas diante do povo. Todos se confessaram cristãos. O legado imperial *pro prætore* achava-se ausente; esperando-o, os inculpadados sofreram os tormentos de uma rude prisão.

Instaurou-se o processo logo que chegou o legado imperial. Aplicou-se a tortura prévia com requintes de crueldade. O moço e aristocrata Vétio Épagato, que até então escapara aos rigores sofridos pelos seus correligionários, não se conteve. Apresentou-se no tribunal; pediu para defender os

réus ou pelo menos demonstrar que não mereciam a acusação de ateísmo e impiedade. Ergueu-se um clamor pavoroso. Parecia natural que os miseráveis dos bairros pobres, Frígios e Asiáticos, se entregassem a superstições perversas; mas um homem de posição, habitando nos bairros ricos, um nobre advogado de tais idiotices, eis o que se não podia aturar. O legado imperial indeferiu o requerimento de Vétio: «— Tu também és cristão? » perguntou-lhe. — « Eu o sou », respondeu Vétio com a maior clareza. Apesar disso, não o prenderam; com certeza que nessa cidade, em que as condições sociais eram diversas, alguma imunidade o devia cobrir.

Foi longa e cruel a instrução. Os que não tinham sido presos e continuavam na cidade sofrendo os maus tratos não abandonavam os confessores. Conseguiram, por paga, servi-los e encorajá-los. A grande aflicção dos acusados não era o temor do suplicio, mas o receio de que alguns deles, pior preparados para essas terríveis lutas, renegassem o Cristo. Os tormentos foram demasiados para uma dúzia de infelizes, que de viva voz renunciaram à sua fé. Foi enorme a dor causada por estes actos de fraqueza nos presos e nos irmãos que os acompanhavam. Consolava-os o facto de as prisões continuarem diariamente. Outros fiéis mais dignos do martírio vinham preencher as vagas deixadas pela apostasia na falange dos eleitos. Alastrou a perseguição à Igreja de Viena, que primeiro fora poupada. O escol das duas Igrejas, quase todos os fundadores do cristianismo gaulo-grego, se encontravam nas prisões de Lião, prontos

para o terrível assalto em que iam entrar. Ireneu não foi preso; foi dos que acompanharam os confessores; viu todos os pormenores dessa luta e dela nos deixou verídico relato. O velho Pothin, é que desde o começo, preso com os seus fiéis, acompanhou dia a dia os seus sofrimentos e apesar de agonizante não se cansou em instruí-los e animá-los.

Segundo o costume das grandes instruções criminais, prendiam os escravos juntamente com os senhores; ora muitos desses escravos eram pagãos. Apavoravam-nos os tratos infligidos aos patrões; os soldados do *ofício* insinuaram-lhes que era preciso confessar para não sofrer a tortura. Declararam que não havia exagero, sendo realidades os infanticídios, os repastos de carne humana, os incestos e todas as monstruosas narrativas que corriam sobre a imoralidade cristã.

Chegou ao cúmulo a indignação popular. Até então os fiéis livres encontraram apoio nos seus parentes, em casa dos vizinhos e dos amigos; agora todos os desprezavam. Resolveu-se requintar a arte da tortura para obter a confissão dos crimes que poriam o cristianismo no número das monstruosidades malditas que se não deviam lembrar.

Os carrascos sobreexcederam-se; mas não venceram o heroísmo das vítimas. A exaltação e a alegria pelo sofrimento mergulhava-os num estado de quase anestesia. Imaginavam que uma água divina saía dos flancos do Cristo para os refrescar. Sustentava-os a ideia da publicidade. Que grande glória afirmar diante de todo o povo o seu pensar e a sua fé! Isto era um compromisso de que poucos se desligavam. Está provado que o

amor próprio é muitas vezes suficiente para inspirar um heroísmo aparente, sobretudo quando tem retumbância pública. Os actores pagãos suportavam sem pestanejar atrozes suplicios; os gladiadores faziam boa figura diante da morte evidente, para não confessar fraqueza aos olhos do público. O que aí era vaidade, transportado para o seio de um pequeno grupo de homens e mulheres encarcerados, transformava-se em piedosa embriaguez e alegria sensível. Enchia-os de orgulho a ideia de que o Cristo sofria por eles e transformava as criaturas mais frágeis em seres sobrenaturais.

Entre os mais corajosos, brilhou o diácono Santo, de Viena. Como os pagãos o sabiam depositário dos segredos da Igreja, procuraram arrancarlhe qualquer palavra que confirmasse as acusações infames levantadas contra a comunidade. Nem sequer conseguiram que ele revelasse o seu nome, nem o nome do povo, nem da cidade onde nascera, nem se era livre ou escravo. A todas as perguntas respondia em latim: *Sou cristão*. Esse era o seu nome, a sua pátria, a sua raça, tudo. Não conseguiram os pagãos outra confissão. Tal obstinação redobrava a fúria do legado e dos esbirros. Esgotados todos os meios sem o vencerem, applicaram-lhe lâminas de cobre aquecidas ao rubro branco sobre os órgãos mais sensíveis. Durante a tortura, Santo ficava insensível e só dizia: *Sou cristão*. O seu corpo era uma chaga, uma massa sangui-nolenta, torcida, convulsionada, contracturada, sem forma humana. Triunfavam os fiéis, dizendo que o Cristo tornava os seres insensíveis, substituín-

do-se-lhes, quando os torturavam, para sofrer por eles. O mais horroroso é que, alguns dias depois, recomeçaram com a tortura de Santo. Era tal o estado do confessor que o simples contacto das mãos o fazia saltar com dores. Os carrascos abriram uma a uma as suas chagas inflamadas, renovaram-lhe as feridas, repetiram em cada um dos seus órgãos as terríveis experiências do primeiro dia; esperava-se ou vencê-lo ou vê-lo morrer na tortura, o que atemorizaria os outros. Mas não; Santo resistiu de tal modo que os seus companheiros acreditaram num milagre e propalaram que esta segunda tortura tivera um efeito curativo, inteiriçara os seus membros, restituira ao seu corpo a atitude humana que havia perdido.

Maturo, que ainda era neófito, comportou-se como um valente soldado do Cristo. A serva Blandina demonstrou que uma revolução se tinha operado. Pertencia Blandina a uma senhora cristã que, por certo, a iniciara na fé do Cristo. O sentimento da sua humilde condição excitava-a a igualar os seus senhores. Foi obra quase exclusivamente sua a verdadeira emancipação do escravo, a emancipação pelo heroísmo. Apodava-se o escravo pagão de mau e imoral. Que melhor processo de reabilitá-lo e libertá-lo, do que mostrar que ele era capaz das mesmas virtudes e dos mesmos sacrificios que o homem livre! Como desprezar mulheres que foram no anfiteatro mais sublimes que as suas donas? Ouvira dizer a boa serva lionesa que os juizos de Deus são o inverso das aparências humanas, que Deus se compraz em escolher o que há de mais humilde, de mais feio

e de mais desprezado para confundir o que parece belo e forte. Compenetrando-se do seu papel, pedia a tortura e almejava o martírio. Era pequena, franzina, e tanto que os fiéis receavam que ela não pudesse resistir à tortura. Especialmente a sua senhora, que estava presa, temia que esse ser débil e tímido não pudesse afirmar altamente a sua fé. Blandina foi um prodígio de energia e de audácia. Fatigou os turnos dos carrascos que se revezavam de manhã à noite; os verdugos, cansados, confessavam não haver suplicio capaz de a reduzir e declararam não compreender como podia ainda respirar um corpo deslocado e ferido em todas as partes; afirmando também que uma só das torturas deveria bastar para produzir a morte. A bem-aventurada, como um atleta generoso, recuperava novas forças quando confessava o Cristo. Servia-lhe de fortificante e de anestésico o dizer: «Sou cristã. Entre nós não se pratica o mal». Terminadas estas palavras, parecia redobrar de vigor para se apresentar pronta para novos combates.

Irritou a autoridade romana esta resistência heróica; às torturas juntou-se a permanência numa prisão das mais horrorosas. Puseram os confessores em cárceres escuros e insuportáveis; meteram-lhes os pés em cepos distendendo-os até ao quinto buraco; não pouparam qualquer crueldade das que os carcereiros tinham ao seu alcance para fazer sofrer as vítimas. Muitos morreram asfixiados nas prisões. Os torturados resistiam espantosamente. Não se percebia como viviam, tão horrorosos eram os seus sofrimentos. Ocupa-

dos a animar os outros, aparentavam estar aquecidos por uma força divina. Pareciam atletas eméritos endurecidos para tudo. Pelo contrário, os últimos presos, que ainda não tinham sido torturados, não suportaram a prisão. O martírio era uma espécie de ginástica, ou escola de gladiadores, para o qual se precisava de uma longa preparação e de uma espécie de ascese preliminar.

Ainda que sequestrados do resto do mundo, os pios confessores viviam intensamente a vida da Igreja universal. Longe de se sentirem isolados dos seus irmãos, cuidavam de tudo o que poderia aproveitar ao catolicismo. O grande assunto de ocasião fora o aparecimento do montanismo. Só se falava das profecias de Montano, de Teodoto e de Alcibiades. Interessavam-se os Lioneses porque professavam muitas ideias frígias e porque muitos deles, o médico Alexandre e o asceta Alcibiades, eram admiradores e sectaristas do movimento iniciado por Pepuza. Chegou até eles o boato das dissidências provocadas por essas inovações. Era a sua conversa. Preenchiam os intervalos da tortura a discutir esses fenómenos que desejariam que fossem verdadeiros. Fortes pela autoridade que o título de prisioneiro de Jesus Cristo dava aos confessores, escreveram sobre este delicado assunto várias cartas, cheias de tolerância e de caridade. Admitia-se que os presos pela sua fé tinham, nos derradeiros dias, a missão de pacificar as dissensões da Igreja e decidir as questões em litígio; atribuíam-lhes as honras de estado e um privilégio especial.

A maioria das cartas escritas pelos confes-

sores dirigiam-se às Igrejas da Ásia e da Frígia, com quem os lioneses tinham tantos laços espirituais; uma era dirigida ao papa Eleutério e devia ser levada por Ireneu. Os mártires faziam-lhe os mais rasgados elogios.

«Desejamos-te alegria em Deus por todas as coisas e para sempre, padre Eleutério! Leva estas cartas o nosso irmão e companheiro Ireneu e muito to recomendamos por ser um emulador do testamento de Cristo. Se a posição das pessoas vale, recomendamos-to como padre da nossa Igreja, título que realmente possui.»

Ireneu não partiu logo; supõe-se até que foi a morte de Pothin quem o estorvou. As cartas dos mártires só chegaram mais tarde ao seu destino, com a epístola que continha a narrativa dos seus heróicos combates.

Enfraquecia o velho bispo Pothin; minavam-no (1) os anos e a prisão; parecia sustentá-lo só o desejo do martírio. Mal respirava no dia em que teve de comparecer no tribunal; ainda assim teve fôlego para confessar o Cristo. Via-se, pelo respeito dos fiéis, que ele era o seu chefe religioso; também o olhavam com grande curiosidade. Seguiram-no as autoridades da cidade no transcurso da cadeia para o tribunal. Tinham dificuldade em abrir caminho os soldados da escolta; ouviam-se gritos desordenados. Como os cristãos eram chamados discípulos de Pothin ou discípulos

(1) Não está claramente dito que Pothin fosse preso com os outros; parece o mais provável.

de *Christos*, alguns perguntaram se aquele velho era o Cristo. Pôs-lhe o legado a pergunta: «Qual é o dever dos cristãos? — Tu o dirás se disso fores digno», respondeu Pothin. Arrastaram-no brutalmente. Moeram-no com pancada. Sem respeito pela sua idade, os que estavam mais perto dele batiam-lhe com as mãos e com os pés; os que estavam mais longe atiravam-lhe com o que tinham à mão. Todos se julgariam ímpios se não envidassem os melhores esforços para o ultrajarem. Pensavam assim vingar as injúrias feitas aos seus deuses. Levaram o velho semi-morto para a prisão; ao fim de dois dias morreu.

O que contrastava, tornando à primeira vista a situação trágica, era a atitude dos que a tortura vencera e que haviam renegado o Cristo. Mas nem por isso os relaxavam; o facto de terem sido cristãos implicava a confissão dos crimes de direito comum, pelos quais eram perseguidos, apesar da sua apostasia. Não os separavam dos confrades fiéis, e tinham de sofrer o mesmo agravamento de régimen que os confessores sofriam na prisão. Como a sua situação era diferente! Não só os renegados não tiravam vantagens da apostasia, mas a sua posição era pior que a dos fiéis. A estes só os perseguiam pelo nome de cristãos, sem os accusarem de qualquer outro crime especial; os outros, pela sua confissão, eram acusados de homicídio e de crimes monstruosos. O seu aspecto causava dó. A alegria do martírio, a esperança da beatitude prometida, o amor do Cristo, o espírito do Pai aligeiravam os sofrimentos dos confessores. Pelo contrário, aos renegados, lancinava-os o re-

morso. No trajecto da prisão para o tribunal é que se via a diferença. Os confessores caminhavam com ar tranquilo e radioso; resplandecia no seu rosto uma espécie de majestade doce e de graça. As cadeias pareciam adornos de noivas; pensavam os cristãos aspirar o que chamavam «o perfume do Cristo»; alguns afirmavam até que um odor esquisito se evolava do seu corpo. Eram muito outros os pobres renegados! Envergonhados, a cabeça baixa, sem beleza, sem dignidade, caminhavam como condenados vulgares; os pagãos tratavam-nos de covardes, ignóbeis, assassinos convictos; não lhes cabia o nome de cristãos, que orgulhava os que o pagavam com a própria vida. Impressionava muito esta diferença de atitudes. Por isso muitos cristãos confessavam logo à primeira, para evitarem novas idas ao tribunal.

A graça era por vezes indulgente para esses desgraçados, que tão pesadamente expiavam um momento de fraqueza. Uma pobre Siríaca, de compleição fraca, natural de Biblos, na Fenícia, renegara o nome de Cristo. Foi novamente torturada; calculava-se, pela sua fraqueza, arriancar-lhe a confissão das monstruosidades secretas atribuídas aos cristãos. Pareceu que voltava a si, no cavalete; e, como despertasse, negou enérgicamente as asserções caluniadoras. «Como quereis que as pessoas que não comem animais, comam crianças?» Desde então confessou-se cristã e seguiu a sorte dos outros mártires.

O dia da glória chegou finalmente para uma parte dos combatentes eméritos que fundavam com a sua fé a fé no futuro. O legado organizou

uma festa abominável, consistindo na exibição de suplícios e de combates de feras, que tinham uma voga inexcedida, apesar da humanidade do imperador. Repetiam-se esses horríveis espectáculos em datas certas; mas não era raro fazerem-se execuções extraordinárias, quando havia animais que mostrar ao povo e desgraçados para seu pasto.

Naturalmente a festa efectuou-se no anfiteatro municipal da cidade de Lião, isto é, da colónia que morava nos declives de Fourvières. Esse anfiteatro estava situado ao pé da colina, na praça actual de S. João, diante da catedral; o eixo maior devia marcá-lo a rua Tramassac. Pode-se acreditar que a sua construção se terminara cinco anos antes (1).

Uma multidão exasperada enchia o anfiteatro e pedia os cristãos em altos berros. Os escolhidos para esse dia foram Maturo, Santo, Blandina e Átalo. Encheram o programa. Não houve, nesse dia, espectáculo de gladiadores, por mais variado, que tanto entusiasmasse o público.

Maturo e Santo foram de novo submetidos no anfiteatro a toda a espécie de suplícios, como se até aí nada tivessem sofrido. Comparavam-nos aos atletas que, depois de vencerem vários comba-

(1) Refere-se a este anfiteatro uma inscrição dada por Spon e Menestrier, que fixaria a dedicatória aos consulados de Orfito e de Máximo, em 172. Mas não é provável que a inscrição se refira ao anfiteatro. O sr. Guigue demonstra que os materiais da catedral vieram do foro de Trajano, na altura de Fourvières.

tes parciais, se reservassem para a última luta, que lhes conferiria a coroa definitiva. Os instrumentos da tortura escalonavam-se ao longo da *spina* e faziam da arena uma imagem do Tártaro. Não se poupou coisa alguma às vítimas. Começou-se, segundo o costume, por uma horrível procissão. Os condenados desfilavam nus diante dos beluários, recebendo no dorso pavorosas chicotadas. Depois soltavam as feras; era o momento mais emocionante do dia. As feras não devoravam logo as vítimas; mordiam-lhes, arrastavam-nas; os dentes enteravam-se nas carnes nuas deixando sulcos sanguinolentos. Então, os espectadores deliravam; de sector para sector cruzavam-se as interpelações. O grande interesse do espectáculo antigo era a intervenção do público. Como nas touradas espanholas, o público mandava, regulava os incidentes, julgava os golpes, decidia da vida ou da morte. Era tal o exaspero contra os cristãos, que contra eles se reclamavam os piores suplícios. A cadeira de ferro aquecida ao fogo era com certeza a mais infernal criação do carrasco. Sentaram-se nela Maturo e Santo. Encheu o circo um repelente cheio a carne queimada, o que embriagou os furiosos. Foi admirável a firmeza dos dois mártires. De Santo só se ouviu uma frase e sempre a mesma: «Sou cristão». Parecia que os dois mártires não podiam morrer; parecia que as feras os evitavam. Para acabar com eles, foi preciso o golpe de misericórdia, como se fazia para os bestiários e gladiadores.

Durante este tempo, Blandina, presa a um poste, foi exposta às feras, que excitavam para que a de-

vorassem. Não parava de rezar, os olhos erguidos para o céu. Nenhuma fera a quis. Esse mísero corpo nu, exposto à vista de milhares de espectadores só com o estreito cinto que a lei determinava para as actrizes e condenadas, não excitou a piedade; mas teve para os outros mártires um significado místico. O poste de Blandina parecia-lhes a cruz de Jesus; o corpo da sua amiga, brilhando pela brancura no outro extremo do anfiteatro, recordava o Cristo crucificado. Tornava-os insensíveis a alegria de ver a imagem do dece cordeiro de Deus. Blandina foi Jesus para todos eles. No meio dos mais atrozes sofrimentos, um olhar lançado para a sua irmã na cruz enchia-os de alegria e de ardor.

Átalo era conhecido por toda a cidade; assim a multidão chamava-o em altos gritos. Deu a volta do circo precedido por um letreiro em latim: *Este é Átalo cristão*. Caminhava com um passo firme, a calma duma consciência tranquila. O povo pediu os piores suplícios. Mas o legado imperial, sabendo que era cidadão romano, fez parar o espectáculo e reconduzi-lo para a prisão. Assim acabou o dia. Blandina, presa ao poste, esperava o dente voraz de alguma fera. Desamarraram-na e levaram-na para o depósito, a fim de servir de divertimento noutra ocasião.

Não era único o caso de Átalo; crescia todos os dias o número dos acusados. O legado viu-se coagido a escrever ao imperador, que parece estar, no ano 177, em Roma. Levou semanas a resposta. Durante este intervalo, os presos expandiam-se em místicas alegrias. Foi contagioso o exemplo

dos mártires. Os que haviam renegado pediram para ser novamente interrogados. Muitos cristãos duvidavam da firmeza de tais conversões; mas os mártires terminaram as discussões oferecendo a sua mão aos renegados e comunicando-lhes uma parte da sua graça. Admitia-se que o vivo podia revivificar o morto; que, na grande comunidade da Igreja, os que tinham muito davam aos que tinham pouco; que quem fora rejeitado da Igreja, como um aborto, podia ainda voltar ao seu seio, ser novamente concebido, ligar-se ao seio virginal, pôr-se em comunicação com as fontes da vida. O verdadeiro mártir era assim concebido como tendo o poder de forçar o demónio a vomitar os que já havia engolido. O seu privilégio era um privilégio de indulgência, de graça e de caridade.

O que havia de admirável nos confessores lióneses é que não os desvairava a glória. A sua humildade igualava a sua coragem e a sua santa liberdade. Esses heróis que haviam proclamado a sua fé em Cristo por duas ou três vezes, que haviam afrontado as feras, cujo corpo se cobrira de queimaduras e de chagas, nem se atribuíram o título de mártires, nem consentiam que se lhes desse esse nome. Se algum dos fiéis, quer por carta, quer de viva voz, assim lhe chamavam, replicavam-lhe vivamente. Reservavam o título de mártir, primeiro ao Cristo, testemunha fiel e verdadeira, o primeiro nado dos mortos, o iniciador da vida de Deus, depois àqueles que tinham já conseguido a morte confessando a sua fé e cujo título ainda era convencional e interino; quanto aos que não passa-

vam de modestos e humildes confessores, pediam aos seus irmãos, com insistência, para que tivessem um bom fim. Longe de se mostrarem orgulhosos, altivos, duros para com os pobres apóstatas, como os montanistas puros, como certos mártires do 3.º século, tinham para com eles entranhas de mãe e derramavam, por sua intenção, contínuas lágrimas diante de Deus. Não acusavam ninguém, rezavam pelos seus algozes, encontravam atenuantes para todas as faltas, absolviam e não condenavam. Alguns rigoristas achavam-nos muito indulgentes para com os renegados; eles respondiam, citando o exemplo de Santo Estêvão: « Se ele rezou pelos que o lapidaram, porque não devemos rezar pelos seus irmãos? »

Os bons espíritos viam com justiça que a força e o triunfo dos presos provinha da sua caridade. A sua constante recomendação era a paz e a concórdia; e por isso mesmo não deixaram, como certos confessores, aliás corajosos, desgostos para a sua mãe, discórdias e disputas para os seus irmãos, mas uma esquisita lembrança de gozo e de perfeito amor.

O bom senso dos confessores não foi menos notável que a sua coragem e a sua caridade. O montanismo, com o seu entusiasmo e o seu ardor pelo martírio, devia agradar-lhes; mas previam os seus excessos. Entre os presos estava Alcibiades, que só se alimentava a pão e água. Queria conservar esse regime na cadeia; e os confessores viam com maus olhos essas singularidades. Depois do primeiro combate no anfiteatro, teve Átalo uma visão. Revelou-se-lhe que o processo de Alcibiades

não era bom e que ele fazia muito mal em não utilizar os dons de Deus, com escândalo dos seus irmãos. Deixou-se Alcibiades convencer e comeu de tudo, dando graças a Deus. Criam os presos ter no seu seio um foco perene de inspiração e receber directamente os conselhos do Espírito Santo. Mas o que na Frígia era abuso, aqui passava a ser início de heroísmo. Montanistas pela ânsia do martírio, são os Lioneses profundamente católicos pela sua moderação e grande modéstia.

Chegou afinal a resposta imperial. Era dura e cruel. Os que perseverassem na sua confissão seriam condenados à morte e relaxados os que renegassem. Ia começar a grande festa anual que se celebrava no altar de Augusto, onde se faziam representar todos os povos da Gália. A questão dos cristãos era óptima para lhe dar interesse e solenidade.

A fim de entusiasmar o povo, houve uma audiência teatral, onde com grande pompa compareceram os presos. Perguntava-se-lhes se eram cristãos. Se a resposta era afirmativa, aos que tinham direitos de cidadãos romanos, cortavam-lhes a cabeça; os outros destinavam-se às feras; a muitos se perdoou. Como era de presumir, nenhum confessor enfraqueceu. Esperavam os pagãos que ao menos os que tinham apostatado renovariam a sua declaração anti-cristã. Interrogaram-nos separadamente para os subtraírem ao entusiasmo dos outros, apontou-se-lhes a liberdade como prémio desde que renegassem. Foi esse o momento decisivo, o mais aceso do combate. Palpitava de ansiedade o coração dos fiéis livres que assistiam

à cena. Alexandre o Frígio, conhecido como médico e cujo zelo não tinha limites, estava o mais próximo do tribunal e fazia aos interrogados sinais enérgicos com a cabeça para os induzir à confissão. Os pagãos tomavam-no por um possesso; os cristãos viam nas suas contorsões alguma coisa de parecido com as convulsões do parto, e o facto pelo qual o apóstata regressava ao seio da Igreja comparavam-no a um segundo nascimento.

Alexandre e a graça tudo conseguiram. Excepção feita de um reduzido número de infelizes que os suplicios atemorizaram, os apóstatas confessaram-se cristãos. Foi extrema a cólera dos pagãos. Acusaram Alexandre de ser o causador dessas retratações criminosas. Prenderam-no e levaram-no ao legado. — « Quem és tu ? » perguntou este. — « Cristão », respondeu Alexandre. O legado condenou-o às feras. Fixou-se para o dia seguinte a execução.

¶ Era tal a exaltação dos fiéis, que importava menos a morte espantosa que se tinha ante os olhos do que a questão dos apóstatas. Foi extremo o horror dos mártires pelos relapsos. Chamavam-lhes filhos da perdição, miseráveis que envergonhavam a Igreja, pessoas sem fé, sem respeito pela sua carreira nupcial, nem temor de Deus. Pelo contrário, os que repararam a primeira falta voltaram à Igreja plenamente reconciliados.

A 1 de Agosto, pela manhã, em presença da Gália reunida no anfiteatro, começou o horrível espectáculo. O povo esperava ansioso o suplício de Átalo, que depois de Pothin parecia ser

o verdadeiro chefe do cristianismo lionês. Não se percebia como o legado, que uma vez o arrancara às feras, por ser cidadão romano, o entregasse agora; mas o facto é certo; é provável que o título de cidadão não fosse considerado suficiente. Foram Átalo e Alexandre os primeiros que entraram na arena cuidadosamente alisada. Como heróis, suportaram todos os suplicios que lhes estavam destinados. Alexandre não disse uma palavra, não soltou um grito; recolhido consigo próprio, conversava com Deus. Quando fizeram sentar Átalo na cadeira candente e que o seu corpo, rechinado, exalou um fumo e um cheiro abomináveis, ele disse ao povo em latim: « Sois vós os comedores de homens. Nós não fazemos mal a ninguém. » Perguntaram-lhe: « Que nome tem Deus? — Deus não tem, disse ele, nome como os homens. » Receberam os dois mártires o golpe de misericórdia, depois de sofrerem com plena consciência tudo o que a crueldade romana inventou de mais atroz.

Duraram as festas muitos dias; e em cada dia os combates dos gladiadores foram substituídos por suplicios de cristãos. É provável que as vítimas fossem supliciadas duas a duas, e que em cada dia morresse um ou mais pares de mártires. Punham na arena os novos e os fracos para que a vista dos suplicios dos seus amigos os intimidasse. Para o último dia ficaram um rapaz de quinze anos, chamado Pôntico e Blandina. Foram assim testemunhas de todas as torturas dos outros, mas nada os abalou. Todos os dias se tentava um esforço supremo; queria-se que eles jurassem pelos deuses; mas eles recusavam desdenhosamente.

O povo, extremamente irritado, não quisera ouvir nem a voz do pudor nem a da piedade. Fizeram sofrer à pobre rapariga e ao seu amigo todos os suplicios da arena; depois de cada tortura mandavam-nos jurar. Blandina foi sublime. Nunca fora mãe; esse mancebo torturado a seu lado foi um filho gerado no suplicio. Com a atenção fixa nele, seguia cada um dos suplicios, animando-o, exortando-o a perseverar até ao fim. Viam isto os espectadores e pasmavam. Pôntico expirou, depois de sofrer todas as torturas.

Dos santos só ficou Blandina. Triunfava e resplandecia de contentamento. Via-se como uma mãe cujos filhos tivessem sido proclamados vencedores e que os apresenta ao Grande Rei para serem coroados. Essa humilde serva fora a inspiradora do heroísmo dos seus companheiros; a sua palavra ardente e estimulante susteve os nervos débeis e os corações desfalecidos. Também foi para os suplicios, cuja gama os seus irmãos percorreram, como para um festim nupcial. Exultava de prazer pelo fim glorioso e próximo de todos os tormentos. Foi por isso mesmo colocar-se no extremo da arena para não perder nenhum dos adornos que cada suplicio gravaria na sua carne. Primeiro flagelaram-lhe cruelmente as espáduas. Depois lançaram-na às feras, que só a morderam e arrastaram (1).

(1) Seria difícil haver leões nesta região das Gálias. Também nenhum mártir foi devorado pelas feras, o que levou a confirmar os cristãos nas suas ideias sobre os suplicios destruidores do corpo. (*Menúcio Félix*, 11).

Não a pouparam à horrível cadeira candente. Meteram-na numa rede e soltaram um touro furioso. Agarrando-a com os cornos, o animal atirou-a, várias vezes, ao ar, deixando-a cair pesadamente no chão. Mas a bem-aventurada não sentia coisa alguma; já gozava a felicidade suprema, alheada na sua mística conversação com o Cristo. Foi preciso acabá-la, como aos outros condenados. A multidão terminou por pasmar. Saindo do circo, só falava da pobre escrava. « Na verdade, diziam os gauleses, nunca na nossa terra se viu uma mulher sofrer assim ».

CAPÍTULO XX

Reconstituição da Igreja de Lião. — Ireneu.

Não se satisfizera a raiva dos fanáticos. Cevara-se no cadáver dos mártires. Os corpos dos confessores asfixiados nas prisões foram lançados aos cães, e montou-se uma guarda para que os fiéis os não pudessem sepultar. Quanto aos restos informes arrastados ou levados da arena para o espoliário, os esmagados, farrapos de carne arrancados pelos dentes das feras, membros assados no fogo ou carbonizados, cabeças cortadas, troncos mutilados, ficaram insepultos, como lixo, expostos às injúrias do tempo, com uma guarda de soldados que os vigiou durante seis dias. Este espectáculo hediondo levava ao ânimo dos pagãos reflexões diversas. Uns achavam que se pecara por excesso de humanidade, que os mártires deveriam ter sofrido suplicios maiores; outros ironizavam com

uma cambiante de piedade: «Onde está o seu Deus? diziam. Para que lhes serviu um culto que preferiram à vida?» Sentiam os cristãos um desgosto profundo por não poderem enterrar os restos dos corpos santos. O excesso de dureza dos pagãos pareceu-lhes a prova da maldade atingindo o cúmulo e o sinal do próximo juízo de Deus. — «Ainda não é bastante», diziam eles. Acrescentavam, lembrando os apocalipses: «Pois bem, que o mau se faça pior, e que o bom ainda melhore» (1). Tentaram levar os corpos durante a noite; quizeram corromper os soldados com dinheiro e amolentá-los com súplicas. Em vão! a autoridade guardava encarniçadamente esses restos. Ao sétimo dia, enfim, veio ordem para queimar a massa infecta e lançar as cinzas ao Ródano, que corria próximo (2), para não ficarem vestígios na terra.

Havia neste modo de agir, neste modo de proceder, uma opinião antecipada. Imaginava-se que, fazendo desaparecer os cadáveres, se tiraria aos cristãos a esperança da ressurreição, que para os pagãos era a origem de todo o mal. «Pela sua crença na ressurreição, diziam, é que eles introduziram entre nós esse culto extravagante, que despreza os

(1) A recrudescência das ideias sobre a aparição do Anti-Cristo corria parelhas com a recrudescência das perseguições. Eus). *Hist. ecl.*, vi, 7. O milenarismo de Nepas de Arsinóé parece ter sido a parada da perseguição de Valeriano.

(2) O confluente do Saôna e do Ródano era dantes em Terreaux; a partir deste ponto o Saôna perdia o nome. A água que corria junto de Fourvières chamava-se Ródano.

piores suplícios e é por causa dele que vão para a morte com pressa e contentamento. Vejamos se ressuscitam e se o seu deus é capaz de os tirar das nossas mãos.» Os cristãos tranquilizavam-se com a ideia de que Deus é invencível, e que ele encontraria facilmente os restos dos seus fiéis. Acreditou-se mais tarde em aparições miraculosas que revelaram as cinzas dos mártires e a idade média pensou possuí-las, como se a autoridade romana as não aniquilasse (1). O povo designou estas vítimas com o nome de Macabeus (2). Foi de quarenta e oito o número das vítimas. Os sobreviventes das Igrejas, tão cruelmente experimentados, logo se juntaram. Vétio Épagato continuou a ser o que fora, o génio bom, o tutor da Igreja de Lião. No entanto não chegou a bispo. Já se nota a distinção entre o eclesiástico por profissão e o leigo que será sempre leigo. Ireneu, discípulo de Pothin, e que tivera, se assim se lhe pode chamar, uma educação e hábitos clericais, ocupou o lugar deste último na direcção da Igreja.

Talvez fosse ele quem redigiu, em nome das comunidades de Lião e de Viena, essa maravilhosa carta às Igrejas da Ásia e da Frígia, quase conservada por inteiro, e que contém a narração dos combates dos mártires. É um dos trechos mais extraordinários de todas as literaturas. Nunca se

(1) Na igreja dos Santos Apóstolos segundo uns, de Ainaí segundo outros.

(2) É o antigo nome da igreja, outrora catedral de S. Justo.

tragou quadro mais palpitante da entusiástica devoção a que pode chegar a natureza humana. É o ideal do martírio, com o menor orgulho do lado do mártir. O narrador lionês e o seu herói são por certo homens crédulos; pensam que o Anti-Cristo vem assolar o mundo; vêem em tudo a acção da Besta, do mau demónio ao qual o bom Deus (ninguém sabe porque) concede triunfar momentâneamente. Nada mais extravagante do que um Deus que faz grinalda de flores dos suplicios dos seus servos, se regosija a classificar os seus prazeres e a designar propositadamente, uns para as feras, outros para a decapitação, outros para o estrangulamento nas prisões. Mas a exaltação, o tom místico do estilo, o espírito de doçura e o bom senso relativo que animam a narrativa inauguram uma nova retórica e fazem desse trecho a pérola da literatura cristã do 2.º século.

À epístola circular, juntaram os irmãos da Gália as cartas relativas ao montanismo escritas pelos confessores na prisão. Tomava tal importância essa questão das profecias montanistas que se obrigaram a dar a sua opinião sobre este assunto. Ainda aqui deveria ter sido Ireneu o seu intérprete. A reserva extrema com que se explica nos seus escritos sobre o montanismo, o amor da paz, evidenciado em todas as controvérsias, e que levou a dizer tantas vezes que nenhum outro nome fora mais bem posto do que o seu — Ireneu, isto é, o pacificador, tudo conduz a acreditar que a sua opinião estava impregnada por um vivo desejo conciliador.

Com o seu juízo ordinário, os Lioneses pronuncia-

ram-se, com certeza, contra os excessos, recomendo a tolerância, que nem sempre se observou nesses acalorados debates.

Ireneu, fixando-se desde então em Lião, mas sempre relacionado com Roma, foi o modelo do eclesiástico perfeito. A sua antipatia pelas seitas (o milenarismo grosseiro que ele professava e que lhe vinha dos presbíteros da Ásia, não lhe parecia doutrina sectarista), a clarividência dos perigos do gnosticismo, levaram-no a escrever vastos livros de controvérsia, obra de um espírito tancanho, mas de uma consciência moral das mais salutares. Lião, graças a Ireneu, foi momentaneamente o centro de união dos mais importantes escritos cristãos. Como todos os grandes doutores da Igreja, Ireneu conseguiu associar a crenças sobrenaturais, que nos parecem hoje inconciliáveis com um espírito recto, uma grande dose de senso prático. Muito inferior a Justino no espírito filosófico, é mais ortodoxo do que ele e deixou um maior sulco na teologia cristã. À exaltação da fé juntou uma espantosa moderação; a uma rara simplicidade a ciência profunda da administração eclesiástica, do governo das almas; finalmente, possuía a mais nítida concepção da Igreja universal. Tem menos talento que Tertuliano; mas é-lhe superior pela conduta e pelo coração! Entre os polemistas cristãos que combateram as heresias, é o único que mostra caridade pelos heréticos e que se resguarda contra as caluniosas induções da ortodoxia.

As relações entre as Igrejas do alto Ródano e da Ásia, cada vez mais raras, cederam o passo

à influência latina. Ireneu e os Asiáticos que o cercam celebram a páscoa à moda ocidental. Perdeu-se o uso do grego ; o latim passa a ser a língua dessas Igrejas que, no 4.º século, se não distinguem essencialmente das do resto da Gália. E lentamente se apagaram as impressões gregas ; durante a idade média muitos dos usos da liturgia grega se conservaram em Lião, Viena e Autun (1).

Uma recordação inapagável se inscreveu nos anais da Igreja universal ; a pequena ilha asiática e frígia, perdida no meio das trevas do Ocidente, irradiava um brilho incomparável. A bondade sólida das nossas raças, associada ao heroísmo brilhante e ao amor dos Orientais pela glória, produziu um episódio maravilhoso. Blandina, na cruz no extremo do anfiteatro, foi o Cristo novo. A doce e pálida escrava, presa ao poste no novo calvário, mostrou que uma serva, quando se trata de auxiliar uma causa santa, vale o homem livre e algumas vezes o sobreexcede. Não digamos mal dos direitos do homem. São muito antigos os ancestrais desta causa. Depois de ser a cidade do gnosticismo e do montanismo, Lião será a cidade dos *Pobres de Lugduno*, esperando tornar-se o campo de batalha onde ferirão a grande luta os princípios opostos da consciência moderna.

Honra a quem sofre por qualquer ideia ! O pro-

(1) Fora de Marselha e de Arles a existência de inscrições gregas-cristãs não leva à convicção de que aí se falasse o grego. Essas inscrições eram orientais, dos Sírios, cuja emigração continua até ao 6.º século e que faziam epitáfios em grego, com o nome da terra da sua naturalidade.

gresso, espero, trará o dia em que essas grandes construções que o catolicismo moderno levanta imprudentemente nas alturas de Montmartre, de Fourvières, serão os templos da amnistia suprema, e terão uma capela para todas as causas, para todas as vítimas, para todos os mártires.

CAPÍTULO XXI

Celso e Luciano

O conservador ferrenho que, passando junto dos cadáveres mutilados dos mártires de Lião, dissesse consigo mesmo : « Foi-se muito benigno ; é preciso para o futuro castigos muito mais severos », não será mais tacanho do que os políticos de todas as épocas, supondo suster movimentos religiosos ou políticos com violências excessivas. Combatem-se esses movimentos com o tempo e com os progressos da razão. O socialismo sectarista de 1848 desapareceu em vinte anos sem leis de repressão especiais. Se Marco-Aurélio, em vez de empregar os leões e a cadeira candente, empregasse a escola primária e um ensino oficial racionalista, previniria a sedução do mundo pelo sobrenatural cristão. Desgraçadamente, não se seguiu o verdadeiro caminho. É do pior cálculo

combater religiões, sustentando e exagerando o princípio religioso. Mostrar a inanidade do sobrenatural, eis a única cura radical do fanatismo. Quase ninguém via assim. O filósofo romano Celso, homem instruído, de grande bom senso, que excedeu em muitos pontos a crítica moderna, escreveu um livro contra o cristianismo, não para mostrar aos cristãos que o seu modo de conceber a intervenção de Deus nas coisas do mundo era contrário ao que sabemos na realidade, mas para demonstrar que erravam não praticando a religião tal como a encontraram.

Esse Celso era amigo de Luciano, e parece ter compartilhado o cepticismo do grande ironista de Samosato. Foi por seu pedido que Luciano compôs o espiíituoso ensaio sobre Alexandre de Abonótica, em que tão bem se expõe o ridículo das crenças no sobrenatural. Luciano, falando-lhe com o coração nas mãos, apresenta-o como um admirador sem reserva da grande filosofia libertadora, que salvou o homem dos fantasmas da superstição, que o preservou de todas as crenças vãs e de todos os erros. Como Luerécio, os dois amigos consideravam Epicuro um santo, um herói, um benfeitor da humanidade, um génio divino, o único que vira a verdade e ousara dizê-la. Por outro lado, Luciano fala do seu amigo como de um homem completo ; elogia a sua sabedoria, a sua justiça, o seu amor à verdade, a doçura dos seus costumes, o encanto do seu trato. Parecem-lhe dos mais úteis os seus escritos, os mais belos do século, capazes de abrir os olhos aos que têm alguma razão. Celso especializara-se em procurar os erros a

que a humanidade está sujeita. Tinha uma grande antipatia pelos goetas e introdutores de deuses falsos, à moda de Alexandre de Abonótica. Quanto aos princípios gerais, parece ser menos firme do que Luciano. Escreveu contra a magia, mais para desmascarar o charlatanismo dos mágicos do que para mostrar a vaidade absoluta da sua arte. A sua crítica, no que respeita ao sobrenatural, é análoga à dos epicuristas; mas não tira conclusões. Põe no mesmo pé a astrologia, a música, a história natural, a magia, a adivinhação. Repele a maior parte dos prestígios como imposturas, mas admite alguns. Não acredita nas lendas do paganismo; mas julga-as grandes, maravilhosas, úteis aos homens. Os profetas parecem-lhe charlatães, e no entanto não reputa como devaneio a arte de adivinhar o futuro. É eclético, deísta, e, se o quizerem, platónico. Semelha-se a sua religião à de Marco-Aurélio, de Máximo de Tiro, à da que mais tarde será a do imperador Juliano.

Deus, a ordem universal, delega o seu poder em deuses particulares, demónios ou ministros, a quem se vota o culto do politeísmo. Esse culto é legítimo ou pelo menos aceitável quando dele se não abusa. Torna o dever estrito, quando é religião nacional, devendo cada qual adorar o divino segundo a maneira que lhe foi transmitida pelos seus pais. O verdadeiro culto é ter o seu pensamento erguido para Deus, pai comum de todos os homens. A piedade interna é o essencial; os sacrificios são meros sinais. Quanto à adoração dos demónios, é uma obrigação de poucas consequências, que se satisfaz com um aceno de mão e é preciso

ser-se muito bom para os tratar a sério. Os demónios não precisam de coisa alguma, e não vale a pena comprazer-se na magia nem nas operações mágicas; mas é preciso não se ser ingrato, porque toda a piedade é salutar.

Servir os deuses inferiores, é ser agradável ao grande Deus donde dimanam. Muitas honras concedem os cristãos a um filho de Deus recentemente aparecido no mundo! Como Máximo de Tiro, tem Celso uma filosofia da religião que lhe permite admitir todos os cultos. Admitiria o cristianismo no mesmo pé que às outras crenças, se o cristianismo não tivesse senão uma pretensão, muito limitada, a ser verdadeiro.

A Providência, a adivinhação, os prodígios dos templos, os oráculos, a imortalidade da alma, as recompensas e as penas futuras são para Celso partes integrantes de uma doutrina do Estado. Deve recordar-se que a possibilidade da magia era então quase um dogma. Era-se epicurista, ateu, ímpio; se se negasse isso, corria-se risco de vida. Exceptuando os epicuristas, todas as seitas ensinavam a realidade (1). Pelo menos Celso assim o julgava. A sua razão revelava-lhe a falsidade das crenças sobrenaturais geralmente admitidas; mas a insuficiência da sua educação científica e os seus prejuízos políticos inibiam-no de ser consequente; e pelo menos em princípio sustentava crenças tão pouco razoáveis como as que combatia. Tornava

(1) *Luciano*. O cristianismo perseguiu a magia, por implicar um comércio vil entre o homem e os demónios.

possíveis todas as crenças o diminuto conhecimento das leis da natureza. Tácito é seguramente um espírito esclarecido, e no entanto não repele nitidamente os prejuízos mais pueris. As aparições dos templos e os sonhos divinos eram tidos como coisas notórias. Vai, em breve, Eliano escrever os seus livros para demonstrar, por factos pretensos, que os que negam as manifestações miraculosas dos deuses « são mais insensatos do que as crianças » ; e os que crêem nos deuses são felizes, enquanto que sucedem as piores aventuras aos incrédulos e blasfemos.

Celso é um vassalo fiel e um patriota dedicado ao imperador. Supõem-no Romano ou Italiano ; é certo que Luciano, embora leal, não tem uma grande simpatia pelo império. É este o seu raciocínio fundamental : A religião romana foi um fenómeno concomitante da grandeza romana, logo é verdadeira. Como os gnósticos, Celso acredita que cada nação tem os seus deuses que a protegem enquanto ela os adora como eles querem ser adorados. Equivale a um suicídio, abandonar os seus deuses. Celso é o inverso de um Taciano, inimigo encarnado do helenismo e da sociedade romana. Taciano sacrifica inteiramente a civilização helénica ao judaísmo e ao cristianismo. Celso atribui tudo o que há de bom nos judeus e nos cristãos aos decalques helénicos. São para ele os dois pólos da sabedoria, Platão e Epicteto. Se, acaso, não conheceu Marco-Aurélio, com certeza o amou e o admirou. Sob este ponto de vista, devia encerrar o cristianismo como um mal ; mas não envereda pela calúnia ; reconhece que os seus cos-

tumes são mansos e regrados ; o que ele pretende discutir são os motivos da credibilidade da seita. Celso procedeu a um verdadeiro inquérito, leu os livros dos cristãos e dos judeus, falou com eles. O resultado do seu estudo foi uma obra intitulada *Verdadeiro Discurso* que não chegou até nós, mas que se pode reconstituir com as citações e as análises de Orígenes.

Não se pode duvidar que Celso conheceu como nenhum outro escritor pagão o cristianismo e os livros que lhe servem de base. Apesar da sua instrução cristã, pasma-se Orígenes de ter aprendido tanto como ele. Celso é um doutor cristão pela sua erudição. Sobre matéria de história religiosa, esclareceu-se-lhe o espírito com as viagens à Palestina, à Fenícia, ao Egipto. Leu atentamente as traduções gregas da Bíblia, o Génesis, o Êxodo, os Profetas, e ainda Jonas, Daniel, Henoch, os Salmos. Conhece os escritos sibilinos e reconhece-lhes as fraudes, não lhe escapando a vaidade das tentativas de exegese alegórica. Entre os escritos do Novo Testamento, conhece os quatro Evangelhos canónicos e ainda outros, talvez os actos de Pilatos. Preferindo o de Mateus, verifica os retoques sofridos pelos textos evangélicos, sobretudo debaixo do ponto de vista da apologia. É duvidoso que tivesse nas suas mãos os escritos de S. Paulo ; como S. Justino, nunca o cita, no entanto lembra algumas das suas máximas e não ignora as suas doutrinas. Em matéria de literatura eclesiástica, leu o Diálogo de Jasão e Papisco, numerosos escritos gnósticos e marcionitas, particularmente o *Diálogo celeste*, escrito que não

nos interessa. Parece não ter manuseado os escritos de S. Justino, ainda que o modo porque concebe a teologia cristã, a cristologia, o cânon, seja conforme com a teologia, a cristologia e o cânon de Justino. É-lhe familiar a lenda judaica de Jesus. A mãe de Jesus cometeu adultério com o soldado Pantera; foi expulsa pelo marido que era carpinteiro. Jesus fez milagres em virtude das ciências secretas que aprendeu no Egipto.

Sobretudo na exegese Celso espanta pela sua agudeza. Voltaire não triunfou melhor da história bíblica, das impossibilidades do Génesis, tomadas no sentido natural, do que há de ingenuamente infantil nas narrativas da criação, do dilúvio, da arca. O carácter duro, sanguíneo, egoista da história judaica; a bizarria da escolha divina recaindo em tal povo, como povo de Deus, são claramente evidenciados. Considera um acto de orgulho e injustiça a aspereza das zombarias dos judeus contra as outras seitas. Refuta, com mão de mestre, todo o plano messiânico da história judeo-cristã, tendo por base a importância que os homens, e em especial os judeus, se atribuem no universo. Para que haveria Deus de vir ao mundo? Para saber o que se passa entre os homens? Mas não sabe ele todas as coisas? Será o seu poder tão limitado que não possa corrigir sem vir ao mundo ou sem mandar alguém? Seria para se fazer conhecido? Isso seria dar-lhe um movimento de vaidade humana. E para que, tão tarde? Para que numa ocasião antes do que noutra? Porque num certo país e não noutra? Refuta vitoriosamente as teorias apocalípticas da destruição final e

da ressurreição. Que bizarra pretensão a de tornar imortais o estrume e a podridão! Triunfa Celso, opondo a esse materialismo religioso o idealismo puro, o Deus absoluto, que se não manifesta na trama das coisas finitas.

«Judeus e cristãos fazem-me o efeito de morcegos ou de formigas, saindo do seu buraco, ou de rãs junto de um pântano, ou vermes reunidos no recanto de um atoleiro... e dizendo uns aos outros: «Deus revela-se a nós e a nós antes de nenhum outro anuncia-nos todas as coisas; não se importa com o resto do mundo; para se ocupar de nós deixa rolar à sua vontade os céus e a terra. Somos os únicos seres com quem comunica por meio de mensageiros e os únicos com quem associa, porque nos fez à sua imagem. Tudo se nos subordina; a terra, a água, o ar e os astros; tudo foi feito para nós e destinado ao nosso serviço, e porque alguns dos nossos pecaram o próprio Deus virá ou mandará o seu filho para queimar os maus e fazer-hos a nós gozar com ele a vida eterna.»

A discussão da vida de Jesus é feita com o método de Strauss ou de Reimaro. Nunca foram mais bem demonstradas as impossibilidades do Evangelho, considerado como história. A aparição de Deus em Jesus parece-lhe disparatada e inútil. São mesquinhos os milagres evangélicos; fazem o mesmo os mágicos ambulantes sem serem considerados filhos de Deus. A vida de Jesus é a vida de um goeta desprezado por Deus. O seu carácter é irritante; o seu modo de falar, imperativo, revela o homem incapaz de discutir; nem convém a um Deus nem a um homem razoável. Jesus deveria ser belo, forte, majestoso, eloquente. Ora os seus discípulos confessam que ele era pequeno, feio e sem nobreza. E se Deus queria salvar o gé-

nero humano, para que mandar o filho para um canto do mundo ? Deveria pôr o seu espírito em vários corpos, mandar esses enviados celestes para vários sítios, porque sabia que o seu enviado seria morto pelos judeus. Para que duas revelações opostas, a de Moisés e a de Jesus ? Jesus ressuscitou ? Mas o mesmo se diz de Zálmoxis, Pitágoras, Rhampsinit.

«Primeiro é preciso examinar se um homem realmente morto ressuscita com o mesmo corpo. Para que considerar as aventuras dos outros como fábulas e como se o epílogo da vossa tragédia fosse melhor e mais crível, com o grito que o nosso Jesus lança do alto da cruz, expirando, com o tremor de terra e com as trevas ! Vivo, não pôde fazer nada ; morto, dizeis vós, ressuscitou e mostrou os estigmas do suplicio e os buracos das mãos. Mas quem viu isso ? Uma mulher de espírito escurecido, como vós mesmos o confessais, ou qualquer outro endiabrado, quer a testemunha sonhasse o que lhe sugeria o seu espírito conturbado, quer a sua imaginação desse corpo aos seus desejos, o que tantas vezes sucede, quer quisesse aquecer a imaginação dos homens com uma narração maravilhosa e fornecer assim assunto aos charlatães . . . Dizem que no seu táfalo appareceu um anjo, ou dois, para anunciar ás mulheres que ele ressuscitara ; porque o filho de Deus não tinha força para abrir o táfalo ; era preciso que alguém lhe levantasse a pedra . . . Se Jesus queria ostentar a sua virtude divina, era preciso que se mostrasse aos seus inimigos, ao juiz que o condenara, a toda a gente. Porque, já que fora morto e deus, como vós o pretendeis, nada tinha a recear ; e com certeza que não viera á terra para se esconder. Para pôr a sua divindade em plena luz, deveria desaparecer de repente da cruz . . . Vivo, prodigaliza-se ; morto, vem ás escondidas mostrar-se a uma mulherzinha e aos seus comparsas. Teve o suplicio inúmeras testemunhas ; e a ressurreição só teve uma. O contrário do que devia ser.

Se tendes vontade de criar novidades, quanto melhor não seria para o deificar, escolher alguns dos que morreram viril-

mente e mais dignos de um mito divino ! Se vos repugna Héracles, Asclépio ou algum dos antigos hereges, já honrados com um culto, tínheis Orfeu, homem inspirado, ninguém o contesta, e que sofreu morte violenta. Talvez digais que não valia a pena. Seja ; mas tendes Anaxarco que, metido num almofariz, se riu do carrasco : « Pisa, pisa o estojo de Anaxarco, porque nele não tocarás. » Palavras de um espírito divino. Aqui ainda se dirá : « Vós tendes uma opinião antecipada ». Então tomai Epicteto. Como o seu senhor lhe torcesse uma perna, ele, calmo e sorridente : « Ides parti-la » ; e tendo-se a perna partido retorquiu : « Bem vos dizia que a leis quebrar ! »

O que é o vosso deus diante destas torturas ? E a própria Sibila, cuja autoridade alguns de vós consagram, por que a não deificais ? Tinha muito mais razões para ser filha de Deus. Contentais-vos com inserir a torto e a direito, fraudulentamente, imensas blasfêmias nos seus livros e dais-nos por deus um personagem que acaba, com uma morte miserável, uma vida infame. Escolhei antes Jonas, que saiu são e salvo do ventre de uma baleia ; Daniel, que escapou aos leões, ou qualquer daqueles de quem vós nos contaís coisas mais estapafúrdias. »

Celso é malevolente nos seus juizos sobre a Igreja tal como ela existia no seu tempo. Exceptuando alguns homens honrados e mansos, a Igreja apparece-lhe como um amontoado de sectaristas, injuriando-se uns aos outros. Há uma nova raça de homens, nascidos há pouco, sem pátria nem tradições antigas, ligados contra as instituições civis e religiosas, perseguidos pela justiça, apodados de infames, que se glorificam com a exeração geral. São as suas reuniões clandestinas e ilícitas ; comprometem-se sob juramento a violar as leis e a sofrer tudo por uma doutrina bárbara, que deveria ser depurada e aperfeiçoada pela razão grega. Doutrina secreta e perigosa !

É louvável a coragem com que a defendem ; é belo morrer para não abjurar ou fingir abjurar a crença que se adoptou. Mas é preciso que essa fé se fundamente na razão e não tenha como base única o não querer ouvir a razão. Não foram os cristãos que inventaram o martírio ; todas as crenças dão exemplos de uma fervorosa convicção. Zombam dos deuses impotentes que não sabem vingar as suas injúrias. Mas vingou o deus supremo dos cristãos o seu filho crucificado ? O seu zelo em resolver questões que fazem hesitar os maiores sábios é próprio de pessoas que querem seduzir os simples. Tudo o que eles têm de bom, Platão e os filósofos o disseram melhor antes deles. As Escrituras são uma tradução, em estilo grosseiro, do que os filósofos, e especialmente Platão, disseram em magnífico estilo.

Impressionavam Celso as divisões do cristianismo e os anátemas com que reciprocamente se excomungavam as diversas Igrejas. Floresciam em Roma, onde provavelmente foi escrito o livro, todas as seitas. Conheceu Celso os marcionitas e os gnósticos. Viu que no dédalo dessas seitas havia uma Igreja ortodoxa, « a grande Igreja », chamada simplesmente — cristã. Só lhe mereciam desprezo as extravagâncias montanistas e as imposturas sibilinas. Se ele tivesse conhecido melhor o episcopado letrado da Ásia, homens como Militário, por exemplo, que sonhavam concordatas entre o cristianismo e o império, seria menos severo o seu julgamento.

O que o espanta é a extrema baixaza social dos cristãos e a pouca inteligência do meio em que

se faz a sua propaganda. Os que aliciam para a sua grei são insignificantes, escravos, mulheres, crianças. Como os charlatães, evitam quanto podem as pessoas honestas, que se não deixam enganar, para apanhar na sua rede os ignorantes e os tolos, pábulo dos entrujões.

« Que mal há em ser bem educado, amar as coisas belas, ser sábio ou passar por isso ? Será um obstáculo ao conhecimento de Deus ? Não serão antes auxílios para se apurar a verdade ? Que fazem os charlatães de feira ? Dirigem-se aos homens de saber para lhes recitar as suas frioleiras ? Não ; mas, se vêem em qualquer parte um grupo de crianças, de carreteiros ou de pessoas grosseiras, patenteiam-lhes a sua indústria e fazem-se admirar. Sucede o mesmo no seio das famílias. Cardadores de lã, sapateiros, surradores, pessoas ignorantes e sem educação, eis a sua plateia. Não abrem a boca diante dos mestres, dos homens experientes e de critério ; mas se surpreendem os filhos da casa, ou as mulheres de leve pensar, logo exibem maravilhas. Só neles é que se deve acreditar ; para eles o pai, os mestres, são dementados ignorando o verdadeiro bem e incapazes de o ensinarem. Só esses pregadores é que sabem como se deve viver ; os filhos devem segui-los e com eles virá a felicidade a toda a família. Se, durante o seu discurso, chega alguma pessoa séria, o pai ou o mestre, os mais tímidos calam-se ; os mais atrevidos não deixam de excitar as crianças a sacudir o jugo, insinuando a meia voz que não querem ensinar-lhes coisa alguma diante do pai ou do preceptor para se não exporem ás brutalidades dos corruptos que os mandariam castigar. Os que querem saber a verdade devem abandonar o pai e os mestres e deixando o gineceu, vir com as mulheres e os filhos ás lojas do sapateiro ou do surrador, para conhecerem o absoluto. Eis a linha seguida para criar adeptos . . . Quem seja pecador, sem inteligência, fraco de espírito, numa palavra os miseráveis que se aproximem, porque deles é o reino de Deus. »

Concebe-se que uma tal reviravolta da auto-

ridade da família na educação deveria ser odiosa a um homem que era um preceptor. Celso revoltava-se com a ideia de que Deus voltará para salvar os pecadores. Só quer justiça. Não compreende o privilégio do filho pródigo.

«Que mal há em ser isento de pecado? Deus recebê-lo-á se o injusto se rebaixa no sentimento da sua miséria. Mas, se o justo, confiando na sua virtude, levanta os olhos para Deus, será por isso relegado? Não consentem os magistrados conscienciosos que os acusados se lamentem, com medo que a justiça seja sacrificada à piedade. Deus, nos seus julgamentos, seria acaso sensível à lisonja? Porque a preferência pelos pecadores? Tais teorias não vêm do desejo de atrair a clientela? Dir-se-á que, por esta indulgência, se pretende melhorar os maus? Ilusão! Não se muda a natureza das pessoas; não se modificam os maus nem com a força nem com a mansidão. Não seria Deus injusto se se mostrasse complacente com os maus, que têm artes para o comover, e abandonasse os bons que não têm esse talento?»

Não admite Celso primazias à falsa humildade, à importunidade, aos baixos rogos. O seu deus é o deus das almas ativas e rectas e não o deus do perdão, o consolador dos aflitos, o patrono dos miseráveis. Vê evidentemente um grande perigo sob o ponto de vista político, e sob o ponto de vista da sua profissão de homem da instrução pública consentindo que se diga que, para se ser querido de Deus, é bom ser culpado, e que os humildes, os pobres, os espíritos incultos têm vantagens especiais.

«Ouvi os seus mestres: «Os sábios, dizem eles, repelem o nosso ensino, afastados pela sua própria sabedoria.» Que homem de juízo pode abraçar doutrina tão ridícula? Basta ver os que a seguem para se desprezar. Os seus mestres só

querem para discípulos homens sem inteligência e de espírito rombo. Semelham bastante os empíricos que prometem dar a saúde aos doentes, com a condição de se não chamarem os médicos, com medo que estes lhes descubram a sua ignorância. Esforçam-se ao mesmo tempo por tornar a ciência suspeita. «Deixai-me operar e eu vos salvarei; os médicos matam aqueles de cuja cura se gabam.» Dir-se-iam ébrios que, entre si, acusassem os sóbrios de beberem vinho, ou míopes que têm magníficos olhos e não vêem bóia.»

Sobretudo como patriota e amigo do Estado é que Celso se mostra inimigo do cristianismo. A ideia de uma religião absoluta, sem distinção de nações, parece-lhe uma quimera. Para ele toda a religião é nacional; e não tem razão de ser fora desse critério. Não gosta do judaísmo; reputa-o orgulhoso e cheio de mal fundadas pretensões e muito inferior ao helenismo; mas, como religião nacional dos Judeus, tem os seus direitos. Devem os Judeus conservar os costumes e as crenças dos seus pais, como o fazem os outros povos, ainda que as Potências a que estão confiados os Judeus sejam inferiores aos deuses dos Romanos, que os venceram. É-se judeu por nascimento e cristão por gosto. Eis porque Roma nunca pensou a sério em abolir o judaísmo, mesmo depois das guerras atrozes de Tito e de Adriano. O cristianismo não é religião nacional de ninguém; é uma religião que se adopta como protesto contra a religião nacional, por espírito de congregação e de corporação.

«Recusam observar as cerimónias públicas e render homenagem aos que a elas presidem; então que renunciem à toga viril, a casarem-se, a serem pais, a cumprir as funções da vida; que vão para longe daqui, sem deixar semente e que tal praga desapareça da terra. Mas, se querem casar-se,

ter filhos, comer os frutos da terra, participar da vida comum, do bem e do mal, que prestem a quem administra as honras que lhe pertencem . . . Devemos continuamente, nas palavras e nas obras, mesmo quando não falamos nem agimos, ter a alma erguida para Deus. Posto isto, que mal há em procurar a benevolência dos que receberam de Deus o seu poder e particularmente o dos reis e poderosos da terra? Não foi sem a intervenção divina que ascenderam ao alto lugar que ocupam.»

Celso não tinha razão em boa lógica. Não se contenta com pedir aos cristãos a confraternização política, quer também a religiosa. Não se restringe a dizer-lhes: «Guardai as vossas crenças; servi connosco a mesma pátria, que nada vos pede contrário aos vossos princípios». Não; quer que os cristãos concorram a cerimónias opostas às suas ideias. Sofisma para lhes provar que se não devem alarmar com o culto politeísta.

«Com certeza, que se se quer obrigar um homem piedoso a cometer uma acção ímpia ou a pronunciar palavras desonestas, antes suporte as maiores torturas do que o faça; mas não é o mesmo quando se lhe manda adorar o Sol ou cantar um hino a Ateneu. São formas de piedade não exageradas. Vós admitis os anjos; porque não admitir os demónios ou os deuses secundários? Se os ídolos não são nada, que mal há em tomar parte nas festas públicas? Se há demónios, ministros do Deus todo poderoso, porque lhe não hão-de render homenagem os homens piedosos? Quanto mais glorificardes essas divindades, mais honrareis o vosso Deus. A piedade é tanto mais perfeita quanto mais vasta for a sua aplicação.»

Ao que os cristãos tinham o direito de responder: «Isso é com a nossa consciência; o Estado não tem que raciocinar connosco a este respeito.

Falai-nos de deveres civis e militares que não tenham carácter religioso e nós os cumprimos.» Por outras palavras, as coisas do Estado nada têm com a religião. Parece-nos simplicíssima esta solução; mas, como censurar aos políticos do 2.º século que a não pusessem em prática, quando ainda hoje isso é um problema difícil?

Mais admissível é o raciocínio do nosso autor acerca do que diz respeito ao juramento em nome do imperador. Isso era uma simples adesão à ordem estabelecida, ordem que era a defesa da civilização contra a barbárie, e sem a qual o cristianismo desapareceria como todo o resto. Parece pouco generoso Celso quando junta a ameaça ao raciocínio. «Vós não pretendeis, sem dúvida, que os Romanos, para seguir as vossas crenças, abandonem as suas tradições religiosas e civis, que deixem os seus deuses para se pôrem debaixo da protecção do Altíssimo, que não soube defender o seu povo? Não têm os Judeus uma leira de terra, e vós, perseguidos por toda a parte, errantes, vagabundos, reduzidos ao mínimo, procuram-vos para vos acabar com a raça».

O que é singular é que Celso, tendo combatido afincadamente o cristianismo, aproxima-se imenso dele. Na essência, o politeísmo é para ele um embaraço e que consigna à Igreja um Deus único. A ideia de que um dia o cristianismo será a religião do império e do imperador luz aos seus olhos como aos olhos de Militão. Mas afasta-se horrorizado de uma tal perspectiva. Seria a pior maneira de morrer. «Um poder esclarecido e previdente, diz ele, destruir-vos-á de vez antes do que deixar-se

morrer por vós». O seu patriotismo e o seu bom senso mostram-lhe a impossibilidade de tal política religiosa. O livro, começado pelas mais azedas refutações, finaliza por propostas conciliadoras. Corre o Estado os maiores perigos; trata-se de salvar a civilização; irrompem os bárbaros por todos os lados; alistam-se escravos e gladiadores. O cristianismo perderá o mesmo que a sociedade estabelecida com o triunfo dos bárbaros. É pois fácil o acordo: «Sustentai o imperador com todas as vossas forças; partilhai com ele a defesa do direito; combatei por ele se as circunstâncias o exigirem; ajudai-o no comando dos exércitos. Cessai de vos eximirdes aos deveres civis e ao serviço militar; tomai parte nas funções públicas, pela salvação das leis e pela causa da piedade.»

Isto era fácil de dizer. Mas Celso esquecia-se de que àqueles que ele pretendia aliciar, ainda há pouco os ameaçara com os mais horrendos suplícios. Esquecia que, sustentando o culto estabelecido, pedia aos cristãos para admitirem absurdos maiores do que os que eles combatiam. Não podia ser escutado este apelo ao patriotismo. Dirá altivamente Tertuliano: «Para destruir o vosso império, basta só que nos retiremos. Sem nós só existe a inércia e a morte.» A abstenção foi sempre a vingança dos conservadores vencidos. Os conservadores sabem que são o sal da terra; que, sem eles, não há sociedade possível, e que fora deles se não pode cumprir nenhuma função importante. Por isso era natural que dissessem: «Dispensai-nos». Falando verdade, no tempo a que nos reportamos, ninguém estava em Roma preparado para a liber-

dade. O princípio da religião do Estado era quase geral. O plano dos cristãos era que a sua fosse a religião do império. Militão mostra a Marco-Aurélio o estabelecimento do culto revelado como o mais belo emprego da sua autoridade.

Foi pouco lido quando publicado o livro de Celso. O cristianismo só o conheceu passados cerca de setenta anos. Foi Ambrósio, Alexandrino bibliófilo e sábio, o fautor dos estudos de Orígenes, quem descobriu o livro ímpio, o leu e o mandou ao seu amigo e lhe pediu que o refutasse. Foi pequeno o efeito do livro. No 4.º século, Hierocles e Juliano serviram-se dele e quase que o copiaram; mas era tarde. Provavelmente Celso não conseguiu arrastar um só discípulo de Cristo.

Tinha razão debaixo do ponto de vista do bom senso natural; mas o simples bom senso, quando em desacordo com as necessidades do misticismo, é pouco escutado. Não estava preparado o terreno para um bom ministério da instrução pública. Deve recordar-se que o imperador se não eximia ao sobrenatural; os melhores espíritos do século admitiam os sonhos médicos e as curas miraculosas nos templos dos deuses. O número dos racionalistas puros, tão considerados no 1.º século, é agora muito restrito. Os espíritos que, como o Cecílio de Mincio Félix, confessam uma espécie de ateísmo, aferram-se enèrgicamente ao culto estabelecido. Na segunda metade do século 2.º não vemos realmente senão um homem, que, superior a toda a superstição, tem o direito de se rir das loucuras humanas e delas haver piedade. Este ho-

mem, o espírito mais sólido e mais interessante do seu tempo, é Luciano.

Sem equívocos, Luciano rejeita, em absoluto, o sobrenatural. Celso admite todas as religiões; Luciano nega-as todas. Celso julga indispensável estudar o cristianismo nas suas origens; Luciano, que sabe ao que ater-se, só apreende noções superficiais. O seu ideal é Demonax (1), que, ao contrário de Celso, não faz sacrifícios, não se inicia nos mistérios, não tem outra religião senão a alegria e a satisfação universais.

Esta sensível diferença no ponto inicial faz com que Luciano esteja mais próximo dos cristãos do que Celso. Ele que, como nenhum outro, devia ser severo para com o sobrenatural dos novos sectários, por não admitir o sobrenatural, é ao contrário bastante indulgente para com eles. Como os cristãos, Luciano é um demolidor do paganismo, um resignado, mas não um afeiçoado a Roma. Nunca, nele, há uma inquietação patriótica ou qualquer dos cuidados de estadista que estimulam o seu amigo Celso. O seu riso é o mesmo dos Padres, o seu *diasyrmos* faz coro com o de Hermias. Fala da imoralidade dos deuses, das contradições dos filósofos, quase como Taciano. A sua cidade ideal assemelha-se singularmente a uma Igreja. Ele e os cristãos são aliados na mesma guerra, a guerra contra as superstições locais, contra os goetas, os oráculos, os taumaturgos.

(1) Só Luciano é que fala deste filósofo. Pergunta-se se será um retrato ideal ou personagem real!

Só desagrado lhe podia causar o lado quimérico e utopista dos cristãos. Parece ter pensado neles quando traçou nos *Fugitivos* a pintura do mundo dos boémios, impudentes, ignorantes, insolentes, levantando verdadeiros tributos a título de esmolas, austeros nas palavras, mas no fundo debochados, sedutores de mulheres, inimigos das Musas, pessoas de rosto pálido e cabeça rapada, partidários das orgias infames. A pintura é menos sombria e a alusão mais desdenhosa no *Peregrino*. Naturalmente que Luciano não vê, como Celso, um perigo para o Estado nesses mesquinhos sectaristas, porque mostra-os vivendo como irmãos e animando-se uns aos outros com a mais ardente caridade. Não pedirá que os persigam. Há tantos doidos no mundo! E estes não são, por certo, os mais malfazejos.

Luciano fazia, seguramente, uma ideia extravagante do «sofista crucificado que introduziu novos mistérios e conseguiu que os seus adeptos o adorassem só a ele». Apieda-o tanta credulidade. Como não se exporiam a todas as aberrações os desgraçados a quem se lhes meteu na cabeça que eram imortais? O cínico que se *vaporiza* em Olímpia, o mártir cristão que busca a morte para estar com o Cristo, parecem-lhe doidos da mesma força. Diante das mortes pomposas, procuradas voluntariamente, as suas reflexões são as de Ário Antonino: «Se tanto empenho tendes em ser grelhados, fazei-o na vossa casa, sem ostentação teatral.» Os cuidados em recolher os restos do mártir, levantar-lhe altares, a pretensão de obter dele milagres de cura e erigir a fogueira num san-

tuário de profecias, são loucuras comuns a todos os sectários. A opinião de Luciano é que se deve rir deles, quando não houver patifaria. Só detesta as vítimas porque elas provocam o carrasco.

Ele representa a primeira aparição dessa forma do génio humano de que Voltaire foi a completa incarnação e que, debaixo de certos pontos de vista, é a verdade. Sendo o homem incapaz de resolver a sério qualquer dos problemas metafísicos que tem a veleidade de levantar, que deve fazer o sábio no meio da guerra das religiões e dos sistemas? Abster-se, sorrir, pregar a tolerância, a humanidade, a beneficência sem pretensões, a alegria. O mal é a hipocrisia, o fanatismo, a superstição. Substituir uma superstição, é prestar um serviço medíocre à pobre humanidade. O remédio radical é o de Epicuro que, com o mesmo golpe, corta a religião, o seu objecto e os males que ela acarreta. Luciano aparece-nos como um sábio perdido num mundo de doidos. Não odeia coisa nenhuma; ria de tudo, excepto da virtude séria.

Mas, no tempo em que decorre esta história, homens deste género são raros; poder-se-iam contar. O espirituosíssimo Apuleio de Madauro é, ou afecta ser muito oposto aos espíritos fortes. Revestiu-se de um sacerdócio. Detesta os cristãos como ímpios. Repele a acusação de magia, não como quimérica, mas como um facto não fundamentado; tudo para ele estava cheio de deuses e de demónios. O livre-pensador era assim um ser isolado, mal visto, obrigado a dissimular. Contava-se com terror a história de um tal Eufrónio, epicurista

endurecido, que caiu doente e que os seus pais levaram para o templo de Esculápio. Ali, um oráculo divino deu-lhe esta receita: « Queimar os livros de Epicuro, moldar com cera húmida as cinzas, untar a barriga com esse linimento a enfaixá-la ». Contava-se também a historia de um galo de Tanagra, que, ferido numa pata, se pôs entre os que cantavam um hino a Esculápio, acompanhando-os com o canto e mostrando ao deus a pata enferma. Surgindo uma revelação para a sua cura, « viu-se o galo bater as asas, alongar o passo, entender o pescoço, agitar a crista e proclamar a Providência que paira sobre as criaturas privadas da razão ».

Efectivava-se a derrota do bom senso. As finas zombarias de Luciano, as justas críticas de Celso, só pesarão como protestos impotentes. Na geração seguinte, o homem, entrando na vida, só poderá escolher a superstição e a breve trecho nem mesmo poderá fazer essa escolha.

CAPÍTULO XXII

Novas apologias.—Atenágoras, Teófilo
de Antioquia, Minúcio Félix.

Nunca a luta fora mais intensa do que nos últimos anos de Marco-Aurélio. Chegou a perseguição ao seu mais alto período. Cruzavam-se os ataques e as respostas. Lutavam as facções com as armas da dialéctica e da ironia. O Luciano do cristianismo era um certo Hermias, que se apelida de «filósofo», e que se empenhou em hiperbolizar os exageros de Taciano sobre os malefícios da filosofia. Os seus escritos, compostos provavelmente na Síria, não são uma apologia, são um sermão dirigido aos fiéis reunidos. Deu-lhe o autor o título de *Diasyrmos* ou «Devaneios dos filósofos do exterior». A chalça é pesada e insulsa. Lembra os ensaios tentados no nosso tempo, no seio do catolicismo, para empregar a ironia de Voltaire a favor da boa causa, para fazer a apo-

logia da religião no tom de um Tertuliano bem humorado. Os sarcasmos de Hermias não contundem somente as pretensões exageradas da filosofia; atingem as tentativas mais legítimas da ciência, o desejo de saber coisas que são hoje integralmente descobertas e sabidas. A ciência, na opinião do autor, originou-se na apostasia dos anjos. Foram seres desgraçados e perversos que ensinaram aos homens a filosofia com todas as suas contradições. É pouco profundo o conhecimento que o autor tem das escolas antigas; quanto a espírito filosófico, nunca ninguém teve menos do que ele.

A clemência do imperador, o seu amor bem conhecido à verdade, provocavam, de ano para ano, novos arrazoados, em que os advogados gerais da religião perseguida procuravam demonstrar a monstruosidade das perseguições. Cómodo, associado ao império desde o ano de 176, recebeu muitas destas súplicas, que, coisa estranha! atenderia melhor do que o seu pai! «Aos imperadores Marco-Aurélio-Antonino e Marco-Aurélio-Cómodo, Armeníacos, Sarmáticos e, maior título ainda, filósofos...» Assim começa uma apologia escrita em bom estilo antigo por um tal Atenágoras, filósofo ateniense, que parece por esforço próprio ter-se convertido ao cristianismo. Revoltam-no as excepções odiosas que se abrem para os cristãos, num reinado cheio de doçura e de felicidade, que dá a todo o mundo a paz e a liberdade. Gozam todas as cidades de uma isonomia perfeita. Devem todos os povos viver segundo as suas leis e a sua religião. Os cristãos,

ainda que muito leais para com o império, são os únicos homens perseguidos pelas suas crenças. E se só se contentassem com tirar-lhes os bens e a vida! Mas o que há de pior são as calúnias com que os vituperam, de ateísmo, antropafagismo e de incestuosos.

Se se acusa os cristãos de ateísmo, são os filósofos culpados do mesmo crime. Os cristãos admitem essa inteligência suprema, invisível, impassível e incompreensível, que é a última palavra da filosofia. Para que censurar-lhes o que se louva nos outros? O que dizem os cristãos do Filho e do Espírito completa a filosofia, não a contradiz. O filho de Deus é o Verbo de Deus, razão eterna do espírito eterno. Os cristãos rejeitam os sacrificios, os ídolos e as fábulas imorais do paganismo. Quem pode censurá-los? Os deuses são homens deificados. Os milagres de cura que se fazem nos templos são obra dos demónios.

■ Não tem Atenágoras dificuldade em demonstrar que são mentiras os crimes contra a natureza imputados aos cristãos. Afirma a pureza perfeita dos seus costumes, apesar das objecções acerca do beijo da paz.

«Segundo a diferença das idades, assim tratamos uns de filhos e de filhas, e ainda outros de irmãos e irmãs, e mais outros de pais e de mães; mas não há perversão nestes nomes. Disse o Verbo: «Se alguém reitera o beijo para procurar o gozo...», e acrescenta: «é preciso ser escrupulosíssimo no que diz respeito ao beijo e ainda mais ao proscinema, porque, se o manchasse o mais leve pensamento impuro, privar-nos-ia da vida eterna.» Faz-nos a esperança da vida eterna desprezar a vida presente e até os prazeres da alma. Cada um de nós serve-se da sua esposa, segundo regras estabelecidas e

só para a geração dos filhos; assim como o lavrador, depois de ter lançado a semente à terra, espera a ceifa sem fazer nova sementeira. Entre nós vereis pessoas de um e outro sexo que envelhecem no celibato, esperando assim viver mais junto de Deus... A nossa doutrina é que cada um deve ficar tal como nasceu e contentar-se com um só casamento. As segundas núpcias são um adultério mal disfarçado...

Pergunte-se aos nossos acusadores se viram o que dizem, e não aparecerá um impudente que o afirme. Temos escravos, uns mais e outros menos; não cuidamos em nos esconder da sua vista e nenhum deles fez ainda tais mentirosas afirmações contra nós. Não podemos tolerar a pena de morte, mesmo quando ela é justa. Porque não corremos apressados aos espectáculos dos gladiadores e das feras, se sois vós que os deis? Pois bem; nós renunciámos a esses espectáculos, pensando que não há diferença entre assistir a um assassinato ou a cometê-lo. Temos por homicidas todas as mulheres que provocam o aborto e cremos que expor uma criança é matá-la...

O que pedimos é o direito comum, é não ser castigados por sermos cristãos. Quando um filósofo comete um delito, julgam-no por esse delito e ninguém responsabiliza a filosofia. Se cometemos os crimes de que nos acusam, não poupeis nem a idade nem o sexo; exterminai-nos e as nossas mulheres e aos nossos filhos. Se são invenções, sem mais fundamento que a oposição natural do vício e da virtude, examinai a nossa vida, a nossa doutrina, a nossa submissão a vós, à vossa causa, ao vosso império e fazei-nos a mesma justiça que aos nossos adversários.»

A deferência extrema, a quase obsequiosidade para com o império é o carácter de Atenágoras, como a de todos os apologistas. Lisonjeia particularmente as ideias de hereditariedade e afirma a Marco-Aurélius que as orações dos cristãos assegurarão a sucessão regular do seu filho.

«Agora que respondi a todas as acusações e que mostrei a nossa piedade para com Deus, assim como a pureza das nos-

sas almas, nada mais peço do que um simples aceno da vossa real cabeça, ó príncipes a quem a natureza e a educação fez excelentes, moderados e humanos. Quem mais digno de ser favoravelmente ouvido pelo soberano do que nós que oramos pelo vosso governo, a fim de se não interromper a sucessão entre pai e filho, segundo a justiça, e do vosso império se dilatar a todo o universo? E, pedindo isto, pedimos por nós mesmos, pois que o sossego do império é a condição para que, no seio de uma vida tranquila e suave, nos apliquemos completamente à observação dos vossos preceitos.*

O que causava mais dificuldades aos espíritos educados helênicamente era o dogma da ressurreição dos mortos. Consagrou-lhe Atenágoras uma conferência especial, experimentando responder às objecções tiradas dos casos em que o corpo perde a sua identidade. Não basta a imortalidade da alma. Preceitos como os que dizem respeito ao adultério, à fornicção, não têm nada com a alma, pois que a alma desconhece tais crimes. O corpo participa da virtude e portanto deve compartilhar das recompensas. O homem só é completo de corpo e alma; ora o que se destina aos fins do homem aplica-se ao homem completo. — Apesar destes raciocínios, teimavam os pagãos em dizer: «Mostrai-nos um ressuscitado entre os mortos e quando virmos acreditamos», e tinham razão.

Teófilo, bispo de Antioquia, no ano 170, foi um converso do helenismo tal como Atenágoras, que, convertendo-se, supôs mudar de uma filosofia para outra melhor. Foi um doutor fecundo, um catequista com grande talento de exposição e um hábil polemista segundo as ideias do tempo. Escreveu contra o dualismo de Márcion e contra Hermógenes, que negava a criação e admitia que

a matéria era eterna. Comentou os Evangelhos e fez, segundo se diz, uma Concórdia ou Harmonia. A sua obra principal, ainda conservada, consiste num tratado em três livros dirigido a um tal Autólico, (1) personagem naturalmente fictício, sob cujo nome Teófilo representa o pagão instruído e retido no erro pelos prejuízos espalhados contra o cristianismo. Segundo Teófilo, é-se cristão pelo coração; as paixões e os vícios é que não deixam ver Deus. Deus é imaterial e sem forma; mas revela-se pelas suas obras. Os deuses dos pagãos são homens que se fazem adorar, e os piores dos homens. Teófilo já fala da *trindade*; mas a sua trindade só tem a aparência da de Niceia; compõe-se de três pessoas: Deus, o Verbo e a Sabedoria. A sua confiança na leitura dos profetas, como meio de conversão dos pagãos, talvez pareça exagerada. É abundante a sua erudição; mas falta-lhe crítica e é fraquíssima a exegese que ele dá dos primeiros capítulos do Génesis. E que dizer da firmeza com que cita aos idólatras, como se fora autoridade decisiva, a sibila judeo-cristã, cuja autenticidade não põe em dúvida?

Em suma, Teófilo aproxima-se mais do espírito tacanho e rancoroso de Taciano do que do espírito liberal de Justino e de Atenágoras. Por vezes admite que os filósofos e os poetas gregos ante-

(1) A obra foi escrita vários anos depois de 180, porque o autor cita Chryserós, que escreveu depois do ano 180. Ainda durava a perseguição, embora enfraquecida. Parece que Ireneu conhecia a obra de Teófilo.

cipassem a revelação, especialmente no que respeita à deflagração final do mundo; outras vezes acusa-os de erros enormes. Os gregos copiaram o Génesis alterando-o. A sabedoria grega não passa de um pálido, moderno e fraco arremedo de Moisés. Assim como o mar secaria se não fosse constantemente alimentado pelos rios, assim também o mundo morreria pela maldade dos homens, se a Lei e os profetas não conservassem nele a virtude e a justiça. A Igreja católica é como uma ilha criada por Deus, no meio do mar dos erros. Mas não haja enganos: há heresias, ilhas de recifes, sem água, nem frutos, cheias de animais ferozes. Acautelai-vos dos piratas que ali vos atraem para vossa ruína!... Teófilo só triunfa quando pulveriza as calúnias absurdas levantadas contra os seus correligionários. Além disso é fraco e Autólico não tem razão, depois de tais argumentos, em persistir na sua incredulidade.

A pérola dessa literatura apologética dos últimos anos de Marco-Aurélio é o diálogo composto por Minúcio Félix, o Africano. Foi a primeira obra cristã escrita em latim, e já nela se sente que a literatura cristã-latina, teologicamente inferior, se exalçara sobre a literatura cristã-grega pelas cambiantes e virilidade do estilo. O autor, natural de Cirta, morava em Roma onde exercia a profissão de advogado. Nasceu pagão, teve uma educação esmerada e abraçou o cristianismo por simples reflexão. Conhece os clássicos, imita-os e até algumas vezes os copia; Cícero, Séneca, Salústio, são os seus autores favoritos. Entre os seus contemporâneos, ninguém escreveu melhor em la-

tim do que elle. Irritou-o o livro do seu compatriota Frontão. Quis responder ao ataque; fê-lo, decalcando o estilo pretensioso do ilustre retórico, e utilizando-se de mais dum empréstimo. É possível que também tivesse lido a obra de Celso, copiando-o mais do que uma vez sem o citar (1).

Um pagão instruído, pertencendo à primeira família de Cirta, Cecílio Natalis, e dois cristãos, Octávio e Minúcio, passeiam à beira mar, junto de Óstia, durante as férias do outono. Cecílio, vendo uma estátua de Serápis, leva a mão à boca, segundo o costume. Trava-se a discussão. Cecílio começa por um comprido discurso, que se pode considerar como uma reprodução quase textual do argumento de Frontão. É a exposição completa das objecções que um Romano, como ele, opunha ao cristianismo. O tom é de um conservador, que não dissimula bem a sua incredulidade activa e defende a sua religião sem acreditar nela. Céptico na essência das coisas, desdenhando toda a especulação, Cecílio só se prende à religião estabelecida por comodidade, por hábito, e porque lhe desagrada o dogmatismo dos cristãos. As escolas de filosofia só acarretaram disputas; o espírito humano não pode franquear o espaço que o separa da Divindade. Renunciam a tal os mais sábios. Que dizer da audácia de pessoas que, saí-

(1) Há muita analogia entre as belas amplificações de Octávio, e as cartas de Marco-Aurélio e Frontão. O estilo do discurso de Cecílio é mais frontoniano do que o resto da obra. Minúcio é contumaz no plágio, chegando a copiar Cícero sem o citar.

das das ínfimas classes, sem educação nem ciência, estranhas à literatura, pretendem decidir questões diante das quais, só passados séculos, a filosofia deliberou? Deixando essas questões superiores à nossa humildade e seguindo o culto dos seus ancestrais, não é ele prudente? Os velhos séculos, graças à sua ignorância e à sua simplicidade, tiveram privilégios, e particularmente o de verem os deuses e de os terem como reis. Em tal assunto a antiguidade é tudo; o pior é já não se acreditar nela. Mereceu Roma o reinar sobre o mundo aceitando os ritos do mundo inteiro. Como pensar em alterar uma religião tão útil? O culto antigo viu os começos de Roma, defendeu-a contra os bárbaros, arrostou no Capitólio com o assalto dos Gauleses. E querem que Roma renuncie à sua religião, para agredar a meia dúzia de facciosos que abusam da credulidade das mulheres e das beatas?

Com uma rara habilidade de linguagem, Cecílio deixa perceber que tudo é fabuloso e só verdadeiro no que diz respeito à adivinhação, aos cultos, às curas miraculosas e aos sonhos. A sua atitude é a de Celso. No fundo é um epicurista; crê pouco na Providência e nas intervenções sobranaturais; mas tornam-no cauteloso as suas ligações à religião do Estado.

* «Nascem os homens e os animais; animam-se; crescem por uma espécie de conecção espontânea dos elementos que em seguida se divide, se dissolve, se dissipa. Tudo volta ao que era, à sua origem, sem que qualquer ser desempenhe para isso o papel de fabricante, de juiz, de criador. Assim a reunião dos elementos ígneos faz surgir sóis e mais sóis. Os vapores que se erguem da terra, aglomeram-se em nevoeiros, levantam-se em nuvens, caem em chuva. Sopram os ventos, cre-

pita a saraiva, muge o trovão pelo choque das nuvens, fuzilam os relâmpagos, estala o raio; e tudo isto sem tom nem som; o raio cai nas montanhas, fere as árvores, toca sem cessar os lugares sagrados e os lugares profanos, atinge os homens culpados e até os religiosos. Que dizer dessas forças cegas, caprichosas, que arrastam tudo sem ordem nem critério; confundida nos naufrágios a sorte dos bons e dos maus, sem importância pelos merecimentos; surpreendidos pela morte, nos incêndios, os inocentes e os malfetores; quando o céu está infectado de vírus pestilenciais, morre-se sem distinção; no meio dos furores da guerra sucumbem os mais bravos; no tempo de paz a malvez é não só igualada, mas até privilegiada relativamente à virtude e tanto que, o número dos malvados é tão numeroso que dá vontade de perguntar se se deve detestar a sua maldade ou invejar a sua sorte? Se o mundo fosse governado por uma Providência superior e pela autoridade de uma divindade, Fálaris e Dinis teriam merecido a coroa, Rutilio e Camilo o exílio e Sócrates a morte? Eis as árvores cobertas de frutos, uma ceifa e uma vindima exuberantes; a chuva estraga tudo, a saraiva parte tudo; e tanto é certo que nos escondem a verdade, que nos põem o seu conhecimento, ou melhor que o acaso sem lei reina através da infinita e impalpável variedade dos casos.*

O quadro que Cecílio, intérprete dos prejuízos da fina sociedade romana, faz dos costumes cristãos é dos mais sombrios. Se eles se escondem é porque não ousam aparecer, esses sectaristas. As suas reuniões secretas e nocturnas são conventículos de prazeres infames. Desdenhando o que há de honroso, o sacerdócio, a púrpura, as honras públicas, incapazes de dizer uma palavra em reuniões sérias, refugiam-se nos cantos para dogmatizar. Esses maltrapilhos, semi-nus, cúmulo da audácia! desprezam os tormentos actuais pela crença em tormentos futuros e incertos. Com medo de morrer depois da morte, não receiam morrer agora.

«Conhecem-se por sinais secretos; amam-se quase que sem se conhecerem. Depois o deboche é a religião, o laço que os une. Chamam-se indistintamente *irmãs* e *irmãos*, tanto que, pelo emprego desse nome sagrado, o que só seria adultério ou fornicação passa a ser incesto. É assim que essa vã e louca superstição se glorifica com os seus crimes. Se não houvesse um fundo de verdade em tudo o que se diz, a opinião pública, sempre sagaz, não espalharia a seu respeito tão grandes monstruosidades. Tenho ouvido dizer que adoram a cabeça do mais ignóbil animal, tornada sacrossanta pela persuasão mais inepta; religião digna e feita para tais costumes! Contam outros... Se é falso, ignoro-o; são pelo menos suspeitas advindas dos ritos nocturnos e ocultos. E, quando se lhes atribui o culto de um homem punido com a última pena pelos seus crimes e a presença nas suas cerimónias do lenho sinistro da cruz, nada mais se lhes faz do que dar-lhes os altares que lhes convêm; adoram o que merecem.

É abominável o quadro da iniciação dos neófitos. Uma criança coberta de farinha, para enganar os crédulos, põe-se diante da pessoa que vai ser iniciada. Mandam-lhe bater; a pasta de farinha faz crer no que há de mais inocente; mas a criança morre vítima das pancadas. Então, horror! lam-bem avidamente o seu sangue e arrancam-lhe os membros. Logo a federação se consolidou por uma vítima; o penhor do seu silêncio é a cumplicidade do seu crime.

Ninguém ignora os episódios do festim; fala-se deles em toda a parte e não se pode duvidar do discurso do nosso compatriota de Cirta. Nos dias solenes, pessoas de todas as idades, homens e mulheres, reúnem-se num banquete, com os filhos, as irmãs e as mães. Depois de um succulento repasto, quando os convivas se embriagam, arde neles o fogo do incesto e passa-se o seguinte: Um cão é amarrado ao candelabro. Chamam-no e tentam-no com guloseimas que lhe atiram, fora do seu alcance. O cão atira a terra o candelabro. Então livres da luz importuna, no seio das trevas complacentes para todo o impudor, confundem-se ao sabor da sorte em conluíus de uma lubricidade infame, incestos senão de facto, pelo menos de cumplicidade, porque o voto de todos persegue o que pode resultar do mal de cada um. Passo além; porque chega o que digo bem comprovado pelo mistério dessa religião

perversa. Para que occultam o objecto do seu culto, quando é tão notório que o bem se não esconde e só o crime se acoberta? Porque não têm altares, igrejas e imagens conhecidas? Porque não falam em público? Porque se horrorizam com as reuniões livres, se o que adoram com tanto mistério não é vergonhoso e digno de castigo? Que deus é esse na desgraça, que não se conhece numa nação livre, num reino, ou num grau infimo da superstição romana? Só a mísera nacionalidade judaica honra esse deus único; mas fá-lo abertamente, com templos, altares, vítimas, cerimónias; pobre Deus finito, destronado, pois que está com os seus fiéis cativo dos deuses romanos... A melhor e a maior parte de vós sofre de miséria, de frio, de fadiga, de fome, e o vosso Deus consente e disfarça! Ou não quer ou não pode socorrer os seus; é impotente ou injusto.

Ameaças, súplicas, tormentos, eis a vossa sorte; a cruz, não se trata de a adorar, mas de ser nela crucificado; o fogo que vós predizeis, queima-vos mas é a vós. Onde está o Deus que pode salvar os seus servos quando ressuscitam e nada pode enquanto eles estão vivos? É pela graça do vosso Deus que os Romanos reinam, mandam e são os vossos dominadores? E vós, sempre suspeitosos e inquietos, abstenes-vos dos prazeres honestos, desertais das festas, dos banquetes públicos, dos espectáculos sagrados. Como se temésseis os deuses que negais, horroriza-vos a carne que se cortou para os sacrificios e as bebidas prelibadas. Não vos coroaís de flores; não perfumais o corpo; só o fazeis quando ides no caixão, já mortos; negais as coroas aos túmulos; pálidos, trémulos, dignos de piedade. Assim desgraçados, não ressuscitais e na expectativa, não viveis. Se com juízo, com o sentimento do ridículo, tendes consciência do que fazeis, deixai de vos perder pelos espaços infinitos e de procurar avidamente o destino e o segredo da terra. Basta de olhar para os pés. E os ignorantes, grosseiros, sem educação, sem cultura se não podem compreender as coisas humanas, não têm o direito de dissertar sobre as coisas divinas.*

O mérito do autor deste curioso diálogo é não ter diminuído a força das razões dos seus adver-

sários. Celso e Frontão não exprimiram com mais energia o quanto contrariavam as mais simples ideias da ciência natural, esses anúncios perpétuos de conflagração do mundo com que aterrizavam os simples. Não critica com menos vigor as ideias cristãs sobre a ressurreição. Donde vem o horror da fogueira e da cremação dos cadáveres, como se a terra não fizesse em anos o que a fogueira faz em horas ? Que importa ao cadáver ser triturado pelas feras, afogado no mar, coberto pela terra, ou devorado pelas chamas ?

Responde tibiamente Octávio a estas objecções, mais ou menos inerentes ao seu dogma, e que o cristianismo arrastará consigo durante o curso da sua existência. Deus, diz o advogado do cristianismo, criou o mundo ; pode destruí-lo. Se fez o homem do nada, também o pode ressuscitar. Os filósofos ensinam a doutrina da conflagração. Se os judeus foram vencidos, a culpa foi sua ; porque abandonaram Deus.

Octávio mostra-se ainda mais subtil quando pretende que o sinal da cruz é a base da religião e especialmente da religião romana ; que o estandarte romano é uma cruz doirada ; que o troféu representa um homem na cruz ; que o navio com as vergas, o jugo dum carro, a attitude dum homem em adoração são imagens da cruz. A sua explicação dos áugures e dos oráculos pela acção dos espíritos perversos é quase infantil. Mas refuta eloquentemente os prejuizos aristocráticos de Cecílio. A verdade é a mesma para todos ; todos a podem encontrar e a devem procurar. Deus é evidente ao espírito ; a providência resulta de um olhar lan-

gado sobre a ordem do mundo e sobre a consciência do homem. Esta verdade, ainda que obliterada, revela-se nas tradições pagãs. No fundo de todas as religiões e de todas as poesias, há a ideia de um ser todo poderoso, pai dos deuses e dos homens, que vê tudo e é a causa universal. Prova Octávio a sua tese com frases copiadas de Cícero. O monoteísmo é a religião natural do homem, pois que este, na sua emoção, diz simplesmente : « Meu Deus ! » A providência de Deus é a última palavra da filosofia grega e particularmente de Platão, cuja doutrina seria divina se a não estragasse a demasiada complacência pelos princípios da religião do Estado. Esse princípio ataca-o Octávio com extrema vivacidade. As razões tiradas da grandeza de Roma comovem-no pouco ; essa grandeza não passa de um tecido de violências, de perfídias e de crueldades.

Esforça-se Octávio em demonstrar que os cristãos são inocentes dos crimes que lhes assacam. Torturaram-nos ; nenhum confessou ; e a confissão tê-los-ia salvo. Os cristãos não têm estátuas, nem templos, nem altares. Têm razão. O verdadeiro templo da Divindade é o coração do homem. Que vítimas valem uma consciência, um coração inocente ? Praticar a justiça, é rezar ; cultivar a virtude, é sacrificar ; salvar o seu irmão, é a melhor das oferendas. Nos cristãos, o mais piedoso é o mais justo. — Triunfa Octávio com a coragem dos mártires.

« Que admirável espectáculo para Deus, quando o cristão combate com a dor, quando se recolhe contra as ameaças,

os suplicios, os tormentos, quando se ri do ruído sinistro da morte e do horror do carrasco, quando ergue a sua liberdade contra reis, príncipes e quando se inclina só ante Deus, a quem pertence, quando, triunfador e vencedor, arrosta o que pronuncia a sua sentença de morte! Vencer, é saber atingir o seu fim!... O cristão pode parecer desgraçado, mas nunca o é. Vós ergueis aos céus homens como Cévola, cuja morte era certa se não sacrificasse a sua mão direita. E quantos dos nossos sofreram sem um lamento, não com a mão direita carbonizada, mas todo o corpo e podendo escapar à tortura!... As nossas mulheres, os nossos filhos, zombam da cruz, das torturas, das feras, dos aparelhos de suplicio, graças à paciência que lhes vem dos céus."

Que tremam os magistrados que presidem a esses horrores! Deus só lhes deixa honras e riquezas para os perder; quanto mais alto se elevam, maior será a queda. São vítimas preparadas e coroadas pela morte. Escoltas, fascas, púrpuras, nobreza de sangue, que vaidade! Todos os homens são iguais; só a virtude os diferencia!

Vencido por estes argumentos, Cecílio, sem dar a Minúcio tempo para concluir, declara acreditar na Providência e na religião dos cristãos. Na sua exposição, Octávio mal sai do deísmo puro. Não menciona Jesus, nem os apóstolos, nem as Escrituras. O seu cristianismo não é a vida monacal sonhada pelo *Pastor*; é um cristianismo de pessoas da sociedade que não estorva a alegria, o talento, o gosto amável da vida e a elegância do estilo. Como estamos longe do ebionismo ou do judaísmo da Galileia! Octávio é Cícero, ou melhor, Frontão feito cristão! Chega ao deísmo pela cultura intelectual. Ama a natureza, compraz-se na conversação das pessoas bem educadas. Não cria-

ram o Evangelho e o Apocalipse homens feitos neste modelo, mas reciprocamente, sem tais adherentes, o Evangelho, o apocalipse, as Epístolas de S. Paulo, seriam escritos secretos de uma seita fechada que, como os essênios e os terapeutas, desapareceria fatalmente.

Melhor do que os apologistas gregos, Minúcio Félix dá o tom que prevalecerá nos defensores do cristianismo em todas as épocas. É um advogado hábil, dirigindo-se a pessoas menos versadas na dialéctica que os gregos do Egipto ou da Ásia, dissimulando os três quartos do seu dogma para tirar a adesão ao conjunto sem discutir os detalhes, tomando a aparência de um letrado para converter os letrados e persuadi-los que o cristianismo os não obriga a renunciar aos filósofos e aos escritores que eles admiram. «Filósofos, cristãos?... mas é a mesma coisa. Dogmas repugnando à razão! Vamos! Mas o dogma cristão é o que disseram Zenão, Aristóteles, Platão, nem mais nem menos. Chamais-nos bárbaros, mas nós cultivamos os bons autores.» Das crenças especiais à religião que se prega, nem uma palavra; para inculcar o cristianismo, evita-se falar no Cristo. Minúcio Félix é o pregador da igreja de Nossa Senhora, falando a pessoas fáceis de contentar, fazendo tudo a todos, estudando as fraquezas, as manias das pessoas que quer convencer, afectando, sob uma armadura de chumbo, a agilidade de um homem desembaraçado, falseando o seu símbolo para o tornar aceitável. Fazei-vos cristão pela fé deste pio sofista e nada melhor; mas lembrai-vos de que tudo isto é um laço. No dia seguinte,

o que se apresentar como acessório será o principal; a casca azeda que se vos quer fazer engolir sob pequeno volume e reduzida à expressão mais simples, recuperará todo o seu amargor. Diz-se-vos que o homem galante, para ser cristão, pouco tem a mudar às suas máximas. Mas agora que a partida está pregada, pagai o excesso da conta. Esta religião que só era a moral natural, implica, além do preço estipulado, um física impossível, uma metafísica extravagante, uma história quimérica, uma teoria das coisas divinas e humanas contrária à razão.

CAPÍTULO XXIII

Progressos da organização.

Completava-se a organização da Igreja entre circunstâncias aparentemente tão difíceis com uma rapidez surpreendente. Na hora em que nos encontramos, já a Igreja de Jesus é sólida e consistente. Conjurou-se o grande perigo do gnosticismo, que deveria cindir o cristianismo em inúmeras seitas. Ouve-se por toda a parte o nome « Igreja católica », como o nome de um grande corpo que irá atravessar os séculos sem se romper. Já se percebe o carácter desse catolicismo. Consideram-se os montanistas como sectários; os marcionitas estão convencidos de que falsearam a doutrina apostólica; a Igreja repele do seu seio as escolas gnósticas. Há pois alguma coisa que não é o montanismo, nem o marcionismo, nem o gnosticismo, e que é o cristianismo não sectário, o cris-

tianismo da maioria dos bispos resistindo às heresias, desfazendo-as, só conservando caracteres negativos, mas por eles mesmo preservado das aberrações pietistas e do dissolvente racionalista. O cristianismo, como os partidos que querem viver, disciplina-se a si próprio e corta pelos seus excessos. Junta à exaltação mística um fundo de bom senso e de moderação que matará o milenarismo, os carismas, a glossolalia, e todos os fenómenos espíritas primitivos. Não são Igreja um punhado de exaltados, como os montanistas, correndo para o martírio, desanimando a penitência, condenando o casamento.

O meio termo triunfa sempre; não poderão os radicais destruir a obra de Jesus. A Igreja é sempre o termo médio; pertence a toda a gente, não é o privilégio de uma aristocracia. A aristocracia pietista das seitas frígias e a aristocracia especulativa dos gnósticos são igualmente despidas das suas pretensões. Há na Igreja os perfeitos e os imperfeitos: todos podem entrar nela. O martírio, o jejum, o celibato, são coisas excelentes; mas pode sem heroísmo ser-se cristão e bom cristão.

Foi o episcopado que, sem a intervenção do poder civil, sem o apoio da polícia nem dos tribunais, estabeleceu assim a ordem acima da liberdade numa sociedade fundada sobre a inspiração individual. Eis porque os ebionitas da Síria, que não conheceram o episcopado, nem sequer tiveram a mínima ideia do catolicismo. À primeira vista, a obra de Jesus não seria viável; seria um caos. Fundada na crença da finalidade do mundo que a

sequência dos anos deveria desmentir, parecia que a congregação galileia se dissolveria na anarquia. A profecia livre, os carismas, a glossolalia, a inspiração individual eram mais que o preciso para reduzir tudo a uma capela efémera como há tantas na América e na Inglaterra. A inspiração individual cria, mas destrói logo a seguir tudo o que cria. Depois da liberdade, é urgente a regra. Salvou-se a obra de Jesus no dia em que se consignou à Igreja um poder directo, um poder representando o de Jesus!

A partir de então a Igreja domina o indivíduo, expulsa-o do seu seio se necessário for. Em breve a Igreja, corpo instável e movediço, personifica-se nos velhos; os poderes da Igreja tornam-se os poderes de um clerezia dispensadora de todas as graças, intermediária entre Deus e os fiéis. Passa a inspiração do indivíduo para a comunidade. A Igreja foi tudo para o cristianismo; um passo mais, e o bispo será tudo na Igreja. O primeiro dos deveres é a obediência à Igreja e depois ao bispo; a marca do pecado é a inovação; o cisma, para o cristão, o pior dos crimes.

Assim a Igreja primitiva teve ao mesmo tempo ordem e excessiva liberdade. Desconhecia-se o pedantismo da escolástica. A Igreja católica aceitava depressa as ideias fecundas que nasciam nos heréticos, tirando-lhe o sectarismo. A espontaneidade da teologia excedia tudo o que mais tarde se viu. Sem falar dos gnósticos, que levam a fantasia aos últimos extremos, S. Justino, autor dos *Reconhecimentos*, pseudo-Hermas, Márcion e os inúmeros mestres aparecem por toda a parte,

talham por todo o pano, se assim nos podemos exprimir; e cada qual faz uma cristologia à sua feição. Mas no meio das inúmeras opiniões que enchem a primeira idade cristã, constitui-se um ponto fixo, a opinião do catolicismo. Para convencer o herético não é preciso raciocinar com ele. Basta mostrar-lhe que não comunga com a Igreja católica, com as grandes Igrejas que fazem remontar a sua sucessão de bispos até aos apóstolos. *Aquilo que foi sempre e em toda a parte*, eis a regra absoluta da verdade. O argumento da prescrição, a que Tertuliano dará uma forma tão eloquente, resume a controvérsia católica. Provar a alguém que é inovador, um que chega tarde à teologia, é provar-lhe que andou mal. Regra insuficiente porque, por uma singular ironia da sorte, o doutor que desenvolveu este método de refutação de um modo tão imperioso, morreu heredeiro!

Cedo foi corrente a correspondência entre as Igrejas. As cartas circulares dos chefes das grandes Igrejas, lidas aos domingos nas reuniões dos fiéis, eram a continuação da literatura apostólica. A Igreja, como a sinagoga e a mesquita, é uma coisa essencialmente cidadina. O cristianismo, e pode-se dizer o mesmo do judaísmo e do islamismo, será uma religião das cidades e não dos camponeses. A última resistência que encontrará o cristianismo será a oposição dos camponeses. Os cristãos do campo, poucos em número, iam à Igreja da cidade próxima.

Foi assim o município romano o berço da Igreja. Como as aldeias e as vilas receberam o Evangelho

das grandes cidades, assim receberam o seu clero, sempre submisso ao bispo da cidade. Entre as cidades, a *civitas* tem uma Igreja verdadeira com um *bispo*; as vilas são dependências das cidades. Foi um facto capital a primazia das cidades. Convertida uma vez a cidade, as vilas e as aldeias seguiam-lhe o exemplo. A diocese tornou-se a unidade original do conglomerado cristão.

Quanto à província eclesiástica, implicando a tutela das grandes Igrejas sobre as pequenas, correspondeu à província romana. Foi Augusto o fundador dos quadros do cristianismo. As divisões do culto de Roma e de Augusto foram a lei secreta que tudo determinou. As cidades que tinham um flâmine foram as que mais tarde tiveram um arcebispo; o flâmine citadino foi o bispo. A partir do 3.º século, o flâmine duúmviro ocupa na cidade a jerarquia que cento e cinquenta anos depois foi a do bispo na diocese. Experimentou, mais tarde, Juliano opor esses flâmines aos bispos cristãos e fazer curas com os *augustais*. Foi assim que a geografia eclesiástica de um país é proximamente a geografia desse mesmo país na época romana. O quadro dos bispos e dos arcebispos é o das cidades antigas, segundo os seus laços de subordinação. O império foi o molde aonde se coagulou a nova religião. O esqueleto interno e as divisões jerárquicas foram as do império. Os antigos papeis de administração romana e os registros da Igreja na idade média não diferem quase nada dos actuais.

Roma era o ponto onde se elaborava essa grande ideia do catolicismo. Tinha a sua Igreja uma pri-

mazia incontestada. Devia-a em parte à sua santidade e à sua excelente reputação. Toda a gente reconhecia que essa Igreja fora fundada pelos apóstolos Pedro e Paulo ; que esses dois apóstolos sofreram o martírio em Roma ; que ao próprio João aí o mergulharam em azeite a ferver. Mostravam-se os lugares santificados por esses Actos Apostólicos, em parte verdadeiros, em parte falsos. Tudo isso cercava Roma de uma auréola sem par. Levavam-se a Roma as questões duvidosas para terem uma arbitragem ou uma solução. Fazia-se este raciocínio : já que Cristo fizera de Cefas a *pedra* angular da sua Igreja, esse privilégio seria extensivo aos seus sucessores. Tornava-se o bispo de Roma o bispo dos bispos, o que avisa os outros. O papa Vitor (189-199) leva esta pretensão a excessos reprimidos por Ireneu ; mas o golpe deu-se ; Roma proclamou o seu direito (perigoso direito !) de excomungar os que a não seguissem. Os pobres artemonitas (espécie de arianos antecipados) cansaram-se de se queixar da injustiça da sorte, que fez deles hereges, quando, antes de Vitor, toda a Igreja de Roma pensava como eles. Desde então a Igreja de Roma punha-se acima da história. O espírito que, em 1870, fará proclamar a infalibilidade do papa já aparece, com sinais certos, desde o fim do século 2.º. A obra a que pertence o fragmento conhecido pelo nome *Cânon de Muratori*, escrito em Roma por 180, mostra Roma regulando o Cânon das Igrejas, dando por base ao catolicismo a Paixão de Pedro e repelindo igualmente o montanismo e o gnosticismo. Começam também os ensaios dos símbolos da fé na Igreja

romana por essa época. Refuta Ireneu todas as heresias pela fé dessa Igreja, « a maior, a mais antiga, a mais ilustre ; a que tem uma sucessão contínua, a verdadeira tradição dos apóstolos Pedro e Paulo ; e à qual, por causa da sua primazia, deve recorrer o resto da Igreja ». Era privilegiada toda a Igreja que se supunha fundada por um apóstolo. O que dizer então de uma Igreja quos se supunha fundada pelos dois maiores apóstolos ?

A proeminência da Igreja de Roma engrandeceu-se cada vez mais no 3.º século. Mostraram raros dotes de habilidade os bispos de Roma, evitando as questões teológicas, mas sempre no primeiro lugar quanto às questões de organização e administração. O papa Cornélio inova tudo ; destitui os bispos da Itália e dá-lhes sucessores. Roma era a autoridade central das Igrejas da África. Em 272, Aureliano decide que o verdadeiro bispo de Antioquia é o que está em relações directas com o bispo de Roma. Quando é que sofre um eclipse esta superioridade da Igreja de Roma ? Só quando Roma deixa de ser a capital única do império no fim do 3.º século ; quando o centro dos grandes negócios se transporta a Niceia, a Nicomédia, e especialmente quando o imperador Constantino cria no Bósforo uma nova Roma. A Igreja de Roma, desde Constantino até Carlos Magno, decaiu realmente do que fora no 2.º e no 3.º séculos. Levanta-se mais poderosa do que nunca quando, pela sua aliança com a casa carlovíngia, se torna, por oito séculos, o centro de todas as grandes questões do Ocidente.

Pode dizer-se que a organização das Igrejas

conhecem cinco graus de avanço, dos quais quatro são no período descrito neste livro. Primeiro a *ecclesia* primitiva em que todos os membros são igualmente inspirados pelo Espírito. Depois os anciãos ou *presbyteri* têm na *ecclesia* um direito de polícia notável e absorvem a *ecclesia*. Depois o presidente dos anciãos, o *episcopos*, absorve o poder dos anciãos e portanto os da *ecclesia*. Depois os *episcopi* das diferentes Igrejas, correspondendo-se entre si, formam a Igreja católica. Entre os *episcopi* há um, o de Roma, destinado a um largo futuro. O papa, a Igreja de Jesus transformada em monarquia, tendo Roma por capital, já se percebem num obscuro horizonte; mas é muito fraco o princípio desta transformação no fim do século 2.^o. Acrescentemos que essa transformação não teve, como as outras, carácter universal. Só a Igreja latina se prestou a tal, e mesmo nessa Igreja a tentativa do papado acabou por atear a revolta e o protesto.

Assim os grandes organismos que ainda formam parte essencial da vida política e moral dos povos europeus foram criados por esses homens simples e sinceros, cuja fé se tornou inseparável da cultura moral da humanidade. No fim do 2.^o século o episcopado já está maduro e o papado é ainda um embrião. Eram impossíveis os concílios ecuménicos; só o império cristão podia permitir essas grandes assembleias; mas o sínodo provincial praticou-se nas questões dos montanistas e da páscoa; admitiu-se sem contestação a presidência do bispo da capital da província. Um comércio epistolar extremamente activo foi, como

nos tempos apostólicos, a alma e a condição de todo o movimento. Na questão do novacianismo, em 252, as diversas reuniões provinciais, comunicando entre si, constituem um verdadeiro concílio por correspondência, tendo o papa Cornélio por presidente. No processo contra Privato, bispo de Lambese, e na questão do baptismo dos heréticos, passam-se as coisas de um modo semelhante.

Um escrito que mostra bem os progressos rápidos do movimento interno das Igrejas para a constituição, ou melhor, para o exagero da autoridade jerárquica, é a correspondência que se supõe ser de Inácio, e cuja carta atribuída a Policarpo é talvez um anexo. Pode supor-se que esses escritos apareceram nos tempos que descrevemos. E quem melhor do que esses bispos mártires, cuja memória era reverenciada por toda a parte, poderia aconselhar aos fiéis a submissão e a ordem?

«Obedecei ao bispo como Jesus-Cristo obedece ao Pai, e ao corpo presbiterial como aos apóstolos; reverenciai os diáconos como se o próprio Deus vo-lo mandasse. Que se não faça coisa alguma na Igreja sem licença do bispo. A Eucaristia só é boa quando ministrada pelo bispo ou pelo seu delegado. Esteja o povo onde seja visível o bispo, assim como, onde está o Cristo Jesus está a Igreja católica. Não se pode baptizar, nem fazer ágape sem licença do bispo; a aprovação do bispo é a prova do que agrada a Deus, a regra firme e segura do que deve seguir-se na prática.

Convém que vós abundeis no sentido do bispo, como fazeis. Porque o nosso venerável corpo presbiterial, digno de Deus, está com o bispo na mesma relação harmónica que as cordas estão com a citara. É por efeito da vossa união e da vossa afectuosa concordia que Jesus é louvado. Sede cada um de vós um coro, para que, plenamente de acordo e unânimes, recebendo a cromática de Deus em perfeita unidade,

canteis com uma só voz por Jesus-Cristo ao Pai para que ele vos ouça e reconheça, pelas vossas boas acções, como membras de seu filho."

Já se serviam do nome de Paulo e das suas relações com Tito e Timóteo para dar à Igreja uma espécie de pequeno código canónico sobre os deveres dos fiéis e dos padres. Fez-se assim sob o nome de Inácio. Uma piedade eclesiástica substituiu o ardor com que, durante mais de cem anos, se entreteve a memória de Jesus. A ortodoxia é agora o soberano bem; a docilidade a salvação; o velho deve obedecer ao bispo mesmo quando este seja novo. O bispo deve ocupar-se de tudo, saber o nome de todos os seus subordinados. Assim, à força de exagerar os princípios de Paulo, chegava-se a ideias que revoltariam Paulo. Ele que não queria que ninguém se salvasse senão pelas suas obras, poderia admitir a salvação só por obediência aos seus superiores? Por outro lado, o pseudo-Inácio é um discípulo autêntico do grande apóstolo. A mesma distância do judaísmo e do gnosticismo, é um dos que falam mais exaltadamente da divindade de Jesus Christo. O *cristianismo* é para ele, como para o autor da epístola a Diogneto, um religião inteiramente separada do mosaísmo. Todas as distinções primitivas tinham desaparecido diante da tendência em voga que levava à unificação os partidos mais opostos. O pseudo-Inácio dava a mão ao judeo-cristão pseudo-Clemente para pregar a obediência e o respeito da autoridade.

Um exemplo palpitante da abdicação dessas

dissidências que tumultuaram na Igreja de Cristo durante mais de um século foi o que deu Hegesipo. Saindo do ebionismo, mas acolhido plenamente pela Igreja ortodoxa, esse velho respeitável terminava em Roma os seus cinco livros de *Memórias*, base da primeira história eclesiástica. A obra começava na morte de Jesus Cristo. É duvidoso que fosse escrita segundo a ordem cronológica. Segundo muitos pontos de vista, era um livro de polémica contra as heresias e contra as revelações apócrifas escritas pelos gnósticos e os marcionitas. Hesesipo demonstrava que muitos desses apócrifos acabavam de ser compostos recentemente.

As *Memórias* de Hegesipo teriam para nós um alto valor, e a sua perda seria tão lamentável como a dos escritos de Papias. Era o tesouro inteiro das tradições ebionitas, tornadas aceitáveis aos católicos e apresentadas com o espírito de viva opposição à gnose. O que diz respeito às seitas judaicas e à família de Jesus tinha muito desenvolvimento, evidentemente por informações particulares. Hegesipo, cuja língua materna era o hebraico e que não recebera educação helénica, tinha a credulidade de um talmudista. Não recuava diante de qualquer extravagância. O seu estilo parecia aos Gregos simples e banal, sem dúvida por ser decalcado no hebraico, tal como o dos *Actos dos Apóstolos*.

Há um curioso espécime na narração da morte de Tiago, trecho tão singular que parece ter sido copiado de uma obra ebionita escrita em hebreu rítmado.

Ninguém, como Hegesipo, se assemelha mais a um sectário. É tão aferrado à ideia do catolicismo como a autor das epístolas pseudo-inacianas. O seu fim é provar aos heréticos a verdade da doutrina cristã, mostrando que ela se ensina uniformemente em todas as Igrejas e que se ensinou sempre do mesmo modo desde os apóstolos. A heresia, a partir da de Thebutis (?), promanou do orgulho e da ambição. Particularmente, a Igreja romana, substituiu pela autoridade a velha disciplina judaica e criou no Ocidente um centro de unidade como o que constituiu primitivamente no Oriente o episcopado dos parentes de Jesus, saídos como ele da raça de David.

Vê-se que se adagara o velho Ebion. Depois de Hegesipo, só se conhece esta variedade de cristianismo no interior da Síria. Por 215, Júlio Africano, encontra ainda nazarenos primitivos e deles colhe tradições análogas às de Hegesipo. Este último ressentia-se dos progressos ou melhor do retraimento da ortodoxia. Leram-no pouco e copiaram-no menos. Orígenes e Santo Hipólito ignoravam a sua existência. Só os curiosos da história, como Eusébio, o conheceram; e, dessas páginas preciosas, salvaram-se apenas as que os cronógrafos mais modernos inseriram nas suas narrativas.

Outro sinal de maturação é a epístola dirigida a um tal Diogneto, personagem talvez fictício, por um anónimo eloquente e muito bom escritor que recorda em certos pontos Celso e Luciano. Supõe o autor o seu Diogneto animado pelo desejo de

conhecer a «nova religião». (1) Os cristãos, responde o apologista, estão à mesma distância da idolatria grega e da superstição, do espírito inquieto e da vaidade dos judeus. Todo o trabalho da filosofia grega não é senão um montão de absurdos e de fraudes charlatanescas. Os judeus, por seu turno, fazem mal em adorar o Deus único da mesma maneira que os politeístas adoram os seus deuses, isto é, com sacrifícios, como se isso lhes fosse agradável. As suas precauções meticulosas sobre a nutrição, a sua superstição do sábado, a sua jactância a propósito da circuncisão, a sua preocupação mesquinha dos jejuns e das neoménias, são verdadeiramente ridículas. Não é permitido ao homem distinguir entre as coisas que Deus criou, admitir umas como puras e rejeitar as outras como inúteis e superfluas. O que haverá de mais impio do que pretender que Deus proíbe de fazer no dia de sábado qualquer coisa que não tem nada de desonesto? O que haverá de mais grotesco do que apresentar a mutilação da carne como sinal de eleição e imaginar por isso que se é o eleito de Deus?

(1) *Epístola a Diogneto*. Quis-se ver uma alusão a Marco-Aurélio e a Cómodo no cap. VII. O que se diz da perseguição corresponde aos últimos anos de Marco-Aurélio. Os capítulos XI e XII, são, na opinião geral, interpolações. O escritor pode ser do 3.º século; mas nós não aceitamos uma ficção mais moderna; não podemos admitir que se atribua a S. Justino. O livro não foi citado na antiguidade eclesiástica; outro tanto sucedeu com Hermias e quase se dava o mesmo com Atenágoras.

« Quanto ao mistério do culto cristão, não espero aprendê-lo de quem quer que seja. Os cristãos não se distinguem dos outros homens, nem pela pátria, nem pela língua, nem pelos costumes; não moram em cidades suas, nem têm dialecto à parte; a sua vida não se nota por qualquer ascetismo especial; não adoptam levemente as imaginações e os sonhos dos espiritos agitados; não se ligam a seitas com o nome deste ou daquele; mas estacionando nas cidades gregas e bárbaras, segundo a sorte que aí os colocou, conformando-se com os costumes locais pelos hábitos e regimen de vida, espantam pela organização verdadeiramente admirável da sua república. Habitam pátrias particulares, mas à maneira de pessoas que só aí se domiciliam; participam dos deveres dos cidadãos e suportam os encargos dos estrangeiros. Toda a terra estranha lhes é pátria e toda a pátria lhes é terra estrangeira. Casam como toda a gente e têm filhos; mas nunca abandonam os recém-nascidos. Comem em comum, mas nem por isso a sua mesa é comum. (1) São feitos de carne, mas não vivem segundo a carne. Moram na terra, mas são cidadãos do céu. Obedecem às leis estabelecidas e, pelos seus princípios de vida, erguem-se acima das leis. Amam todo o mundo, são perseguidos por todo o mundo, desconhecidos e condenados. Matam e por isso mesmo lhes asseguram a vida. São pobres e enriquecem os outros. Não têm coisa alguma e acham tudo supérfluo. Enchem-nos de avanias e pelas avanias chegam à glória. Caluniam-nos e, pouco depois, proclamam-se a sua justiça; injuriados, abençoam; respondem ao insulto com o respeito; não fazendo senão bem, são perseguidos como malfetores; e têm tanta satisfação nisso como se os gratificassem com a vida. Fazem-lhe os Judeus a guerra como aos gentios; perseguem-nos os Gregos e quem os odeia não sabe porquê.

Em resumo, o que é alma no corpo são-no os cristãos no mundo. A alma espalha-se entre todos os membros do corpo e os cristãos estão espalhados por todas as cidades do mundo. A alma habita no corpo e não é do corpo; assim os cristãos

vivem no mundo e não são do mundo. A alma invisível é re-tida no corpo visível; do mesmo modo a presença dos cristãos no mundo é pública e notória; mas o seu culto é invisível. A carne odeia a alma e guerreia-a, sem outro agravo senão o de a não deixar gozar; o mundo odeia os cristãos sem outro agravo senão o da opposição ao prazer. A alma ama a carne que a odeia; assim os cristãos querem aos que os detestam. A alma é prisioneira do corpo e é o laço que conserva o corpo; os cristãos estão presos no cárcere do mundo e são eles quem sustenta o mundo. A alma imortal habita uma morada mortal; assim os cristãos estão provisoriamente domiciliados nas habitações corruptíveis, esperando a incorruptibilidade do céu. A alma melhora-se pelos sofrimentos da fome e da sede; os cristãos, supliciados todos os dias, multiplicam-se cada vez mais. Deus consignou-lhes um posto de que não podem desertar.*

O espirituoso apologista põe-nos o dedo na explicação do fenómeno que quer apresentar como sobrenatural. O cristianismo e o império olham-se como dois animais que se vão devorar, sem conhecer as causas da sua hostilidade. Quando uma sociedade de homens tem tal atitude no meio da sociedade geral, quando se torna uma república no Estado, ainda que formada de anjos, é uma calamidade. Era com razão que detestavam esses homens, aparentemente tão carinhosos e benfazejos. Na verdade demoliam o império romano. Bebiam-lhe a força, tiravam às suas funções, especialmente ao exército, os seus melhores homens. Pouco importa dizer-se que se é bom cidadão, porque se pagam as contribuições, que se é esmoler e regrado, quando em realidade se é cidadão do céu e se considera a pátria terrestre como uma prisão onde se vive acorrentado a miseráveis. A pátria é coisa terrestre; quem quer ser anjo deve ser mau

(1) Quer dizer que não comem tudo indiferentemente.

patriota. A exaltação religiosa é péssima para o Estado. O mártir pode esforçar-se em demonstrar que se não revolta, que é o mais submisso dos vassallos; o facto de procurar os suplicios, de pôr o Estado na alternativa de perseguir ou suportar a lei da teocracia é mais prejudicial ao Estado que a pior das revoltas. Nunca é sem razão que se é odiado por todos; as nações têm a esse respeito um instinto que as não ilude. O império romano sentia que essa república secreta o mataria. Urge dizer que perseguindo-a violentamente, seguia-se a pior política e se acelerava o resultado que se queria evitar.

CAPÍTULO XXIV

Escolas de Alexandrina, de Edesso.

Acabavam muitas coisas; começavam outras; a escola e os livros substituíam a tradição. Já ninguém pensa em dizer que viu os apóstolos ou os seus discípulos imediatos. Raciocínios como os que Papias fazia, há quarenta anos, o desdém pelo livro e a preferência manifesta pelas testemunhas auriculares, está de todo perdido. Será Hegesipo o último a fazer viagens para estudar no local a doutrina das Igrejas. Ireneu acha essas inquirições inúteis. A Igreja é um vasto depósito de verdade e basta ir ali buscá-la. Exceptuando os bárbaros que não sabem escrever, ninguém precisa de consultar a tradição oral.

Começam resolutamente a escrever; o doutor, o escritor eclesiástico substituem o tradicionalista; findou a época criadora das origens;

começa a história eclesiástica. Dizemos eclesiástica e não clerical. Na época em que estamos, o doutor é muito pouco laico. Justino, Taciano, Atenágoras, a maior parte dos apologistas não são nem bispos nem diáconos. Os doutores da escola de Alexandria têm um lugar distinto na jerarquia clerical. Serviu ao desenvolvimento desta instituição a instituição do catecumenato. Postulantes, por vezes instruídos, preparados fora da Igreja para a aceitação do baptismo, reclamavam um ensino à parte, mais preciso que o dos fiéis. Orígenes é catequista e pregador com licença do bispo da Cesareia, sem categoria definida na cleresia. Terá S. Jerónimo uma situação análoga que no seu tempo já será cheia de dificuldades. Era natural que pouco a pouco a Igreja absorvesse o ensino eclesiástico e que o doutor fosse membro do clero, subordinado ao bispo.

Vimos que, depois das disputas do gnosticismo e à imitação do *Museu*, teve Alexandria uma escola catequética de letras sagradas, distinta da Igreja, e doutores eclesiásticos para comentar racionalmente as Escrituras. Esta escola, espécie de universidade cristã, preparava-se para ser o centro do movimento da teologia. Um jovem Siciliano converso, chamado Panteno, era o chefe e ia levar ao ensino sagrado uma amplidão de ideias ainda ignoradas pelas cúrias cristãs. Agradava-lhe tudo, as filosofias, as heresias, e as mais extravagantes religiões. Fazia de tudo o seu mel, gnóstico no bom sentido, mas afastado das quimeras que o gnosticismo acarretava quase sempre. Desde então agruparam-se em volta dele alguns adoles-

centes ao mesmo tempo letrados e cristãos e particularmente o jovem converso Clemente, com perto de vinte anos, e Alexandre, futuro bispo de Jerusalém, que teve um papel notável na primeira metade do 3.º século. A vocação de Panteno era sobretudo a lição oral; a sua palavra tinha um encanto extremo; deixou nos seus discípulos, mais célebres do que ele, um profundo sentimento. Tão favorável, como Justino, à filosofia, concebia o cristianismo como o culto de tudo o que é belo. Génio feliz, brilhante, luminoso, benevolente com tudo, foi, no seu tempo, o espírito mais liberal e rasgado que a Igreja possuiu e marcou o início de um notável movimento intelectual, superior aos ensaios do racionalismo que jamais se produziram no seio do cristianismo. Na data a que nos referimos, ainda não nascera Orígenes; mas o seu pai Leónidas tinha no seu coração esse ardente idealismo que fará dele um mártir e o primeiro mestre do filho, cujo peito beijará durante o sono, como sendo o templo do Espírito Santo.

Não inspirava o oriente pagão aos cristãos a mesma antipatia que a Grécia. O politeísmo egípcio, por exemplo, era tratado por eles com menos severidade do que o politeísmo helénico. O poeta sibilino do 2.º século anuncia a Ísis e a Serápis o fim do seu reino com mais amargor do que desprezo. Fere a sua imaginação a conversão de um padre egípcio, que, por seu turno, converterá os seus compatriotas. Fala em termos enigmáticos de um grande templo elevado ao verdadeiro Deus, que fará do Egipto uma espécie de terra santa e só será destruído no fim dos tempos.

Por seu turno, o Oriente, sempre propenso ao sincretismo, e de antemão simpático a tudo o que tem o carácter de especulação desinteressada, dava ao cristianismo essa larga tolerância. Veja-se a diferença, quando se compara ao patriotismo restrito de um Celso, de um Frontão, o espírito rasgado de um pensador tal como Numénio de Apameia ! Numénio admira Moisés e Filon, sem ser cristão ou judeu. Iguala Filon a Platão ; chama a este um Moisés ático e conhece até as composições apócrifas sobre Jamnès e Mambré. Ao estudo de Platão e de Pitágoras deve o filósofo, na sua opinião, unir o conhecimento das instituições dos brámanes, dos judeus, dos magos e dos egípcios. O resultado do inquérito, e disso se estará de antemão seguro, será que todos esses povos concordam com Platão. Como Filon alegoriza o Velho Testamento, Numénio explica simbolicamente certos factos da vida de Jesus Cristo. Admite que a filosofia grega é originária do Oriente e deve a verdadeira noção de Deus aos Egípcios, aos Hebreus ; proclama essa filosofia insuficiente, mesmo nos seus mestres mais venerados. Não dizem mais nem Justino nem o autor da epístola a Diogneto. No entanto Numénio não é da Igreja ; a simpatia e admiração por uma doutrina não levam um eclético à adesão formal a essa doutrina. Numénio é um dos precursores do neoplatonismo ; foi por ele que a influência de Filon e um certo conhecimento do cristianismo chegaram à escola de Alexandria. Amónio Sacas, à hora a que terminamos esta história, talvez ainda frequente a igreja donde a filosofia

o arredará em breve. Clemente, Amónio, Orígenes, Plotin ! Que século vai romper para a cidade que nutriu esses grandes homens e se tornou, dia a dia, a capital intelectual do Oriente !

Contava a Síria muitos destes espíritos independentes, que se mostravam favoráveis ao cristianismo, sem se filiarem nele. Assim foi Mara, filho de Serapião, (1) que considerava Jesus como um excelente legislador e admitia que a destruição da nacionalidade dos Judeus proviera deles terem morto o seu « sábio rei » (2). Também assim o pensou Longino, ou qualquer que seja o autor do tratado *Do sublime*, que leu com admiração as primeiras páginas do Génesis e põe o versículo « Faça-se a luz : e a luz, foi feita » entre os melhores trechos que conhece.

O mais original desses espíritos volúveis mas sinceros que se encantam com a lei cristã, mas não tão exclusivamente a ponto de se desligar de todo o resto e tornar-se simples membro da Igreja, foi Bardesano de Edessa. Era um mundano,

(1) Carta de Mara, filho de Serapião, no Cureton. Esta obra singular cita o oráculo sibilino sobre Samos, e fala da dispersão dos Judeus como consequência imediata da morte de Jesus. Há uma época em que o intervalo de 33 a 70 faz o efeito de 0, e em que a dispersão dos Judeus se tornou um facto consumado. Este modo de tratar Jesus como legislador lembra Luciano e supõe um estado dos textos evangélicos e das instituições cristãs que só convem ao fim do 2.º século. O que se diz dos Romanos (Cureton) pode referir-se à campanha de Lúcio Vero.

(2) A passagem *Carm. sib.* XII, 111, parece exprimir a mesma ideia ; mas Alexandre corrige com felicidade o trecho.

rico, amável, liberal, instruído, distinto na corte, conhecendo a ciência caldaica e o helenismo, uma espécie de Numénio, ao corrente de todas as filosofias, de todas as religiões, de todas as seitas. Foi sinceramente cristão; foi até um pregador ardente do cristianismo, quase um missionário; mas todas as escolas cristãs por onde passou deixaram qualquer coisa no seu espírito; nenhuma, porém, o reteve. Só lhe desagradou Márcion com o seu austero ascetismo. O valentinianismo, na sua forma oriental, foi a doutrina em que mais insistiu. Comprazia-se nas sizíguas dos eões negando a ressurreição da carne. Preferia a esta concepção material as vistas do espiritualismo grego sobre a preexistência e a sobrevivência da alma. Segundo ele, a alma não nascia nem morria; o corpo não passava de ser o seu instrumento passageiro. Jesus não teve corpo verdadeiro; estava unido a um fantasma. Parece que, no fim da sua vida, Bardesano se aproximou dos católicos; mas a ortodoxia repeliu-o. Depois de desvanecer a sua geração com prédicas brilhantes, com o seu ardente idealismo e com o seu encanto pessoal, encheram-no de anátemas; classificaram-no entre os gnósticos, (1) a ele que nunca mais quis ser classificado.

Só um dos tratados de Bardesano foi acolhido

(1) Vejam-se as ardentes refutações de S. Efrem, com o mesmo defeito das de S. Epifânio; isto é, com tendência a fazer entrar a doutrina em questão nos quadros gerais dos erros gnósticos.

pelos leitores ortodoxos: era um diálogo em que combatia o pior erro do Oriente, o erro caldaico, o fatalismo astrológico. Agradavam a Bardesano as conversas socráticas. Gostava de se mostrar em público rodeado pelos amigos e discutindo com eles os mais altos problemas da filosofia. Um dos discípulos, Filipe, redigia ou estava encarregado de redigir a palestra. (1) No diálogo sobre a fatalidade, o interlocutor principal de Bardesano é um tal Aoueid, desvairado pelos erros da astrologia. Opõe o autor a esses erros um raciocínio verdadeiramente científico: «Se o homem é dominado pelos meios e pelas circunstâncias, como sucede que num mesmo país se produzam desenvolvimentos humanos absolutamente diversos? Se o homem é dominado pela raça, como sucede que uma nação, mudando de religião, por exemplo, fazendo-se cristã, se torne diferente do que fora?» Os detalhes interessantes dados pelo autor sobre os costumes de países desconhecidos estimularam a curiosidade. O último redactor do romance dos *Reconhecimentos*, e depois Eusébio e Santo Cesário, aproveitaram-nos. É singular que, possuindo tal escrito, ainda perguntemos o que pensou Bardesano da questão da influência dos astros nos actos dos homens e nos acontecimentos da história. Neste ponto o diálogo exprime-se com toda

(1) Cureton. Bardesano não era menos considerado como autor das palestras, assim como os diálogos, colhidos por Arriano, se atribuíam a Epicteto. Algumas vezes, porém, os Diálogos foram considerados como «livros dos discípulos».

a clareza que é possível desejar-se. No entanto Santo Efrem, Diodoro de Antioquia, combatem Bardesano como tendo laborado no erro dos seus mestres da Caldeia. Por instantes, aparece a sua escola como uma escola profana tanto de astronomia como de teologia. Pretendia-se fixar por cálculos a duração do mundo em seis mil anos. Admitia-se a existência dos espíritos siderais residindo nos sete planetas, especialmente no Sol e na Lua, cuja união mensal conserva o mundo dando-lhe forças novas.

Bardesano foi sem contestação o criador da literatura siríaca cristã. O siríaco fora a sua língua; ainda que soubesse grego, não escrevia nesse idioma. O trabalho necessário para amoldar o idioma arameu à expressão das ideias filosóficas cabe-lhe a ele por inteiro. As suas obras foram traduzidas em grego pelos seus discípulos e à sua vista. Ligado com a família real de Edesso, tendo sido educado, ao que parece, na companhia de Abgar VIII bar Manú, que foi um fervente cristão, contribuiu poderosamente para extirpar os costumes pagãos e teve um papel social e literário dos mais importantes. Nunca haverá poesia na Síria; os velhos idiomas arameus só conheceram o paralelismo semítico e dele não souberam tirar partido.

À semelhança de Valentim, compôs Bardesano cento e cinquenta hinos, cujo ritmo cadenciado, em parte imitação da Grécia, desvaneceu toda a gente, sobretudo as pessoas novas. Era simultaneamente filosófico, poético, cristão. Compunha-se a estrofe de onze ou doze versos de cinco

sílabas com pausa depois do acento. (1) Cantavam-se os hinos em coro, ao som de cítaras, com música grega. Foi considerável a influência civilizadora desta bela música. Quase toda a Osroene se fez cristã. Infelizmente Abgar IX, filho de Abgar VIII, foi destronado por Caracala no ano 216; desapareceu esse fenómeno efémero, de um pequeno principado estatuido nos princípios do cristianismo liberal; continuou o cristianismo a progredir na Síria, mas no sentido ortodoxo, fugindo cada vez mais às liberdades especulativas que outrora se permitira.

São obscuras as relações de Bardesano com o império romano. (2) Segundo as aparências, a perseguição dos últimos anos de Marco-Aurélius inspirar-lhe-ia a ideia de dirigir uma apologia a este imperador. Talvez que a respeito de Caracala ou Heliogábalo fosse nos textos a confusão com Marco-Aurélius. Parece que compôs um diálogo entre ele e Apolônio, julgado amigo do imperador, em que este o solicitara a abandonar o nome de cristão. Respondia Bardesano corajosamente, como Demé-

(1) Este hino tinha muitas analogias com o hino a Cristo, diz Clemente da Alexandria.

(2) Não acreditámos que Bardesano da Babilónia, autor de uma obra sobre a Índia feita segundo as narrações dos embaixadores índios que visitaram Heliogábalo, seja o nosso Bardesano. O que Bardesano diz da Índia no *De fato* não é característico para se supor que aí colheu informes originaes. O Bardesano historiador siríaco da Arménia de que fala Moisés de Corene parece-me outro tido levemente por Moisés como heresiarca. O nome de Bardesano é muito vulgar em Edessa, por causa do rio Daísan que cerca a cidade.

trio, o Cínico : « A obediência às ordens do imperador não me livra de morrer ! »

Deixou Bardesano um filho, de nome Harmónio, que mandou estudar a Atenas e que continuou a sua escola, fazendo-a pender ainda mais do lado do helenismo. À imitação de seu pai, exprimiu as mais elevadas ideias da filosofia grega em hinos siríacos. Resultou de tudo isto uma disciplina muito distinta com relação à mediocre habitual do cristianismo. Para ser membro de uma Igreja exigia-se espírito e instrução. Espantaram-se os pobres Sírios. Assemelha-se a sorte de Bardesano à de Paulo de Samosato. Trataram-no de encantador perigoso, de mulher sedutora, irresistível no mistério. Consideraram obra da magia aos seus hinários, tal como a *Talia* de Ario. Mais tarde, Santo Efrem não achou outro meio para destruir esses ritmos e roubar as crianças ao seu encanto senão compor hinos ortodoxos sobre a mesma música. A partir de então, quando aparecer na Igreja da Síria alguém ilustrado, com independência de espírito e conhecimento profundo das Escrituras, dirão com terror : « Outro Bardesano ».

Não se esqueceu, porém, o seu talento e os serviços de prestou. Marcou-se o dia do seu nascimento, na Crónica de Edesso, entre as grandes festas da cidade. Durou a sua escola durante o 3.º século, mas não produziu nenhum homem célebre. Mais tarde o gérmen do dualismo existente nas doutrinas do mestre, aproximou a sua escola do maniqueísmo. Os cronistas bizantinos e seus discípulos os polígrafos árabes constituíram uma

trindade do mal formada por Márcion, Ibn-Daisan, Manès. O nome dos daisanitas passou a ser sinónimo de ateu, de zendique ; esses daisanitas foram, para os muçulmanos, entre as seitas secretas filia-
das no parsismo, o tronco maldito de todas as heresias.

CAPÍTULO XXV

Estatística e extensão geográfica do Cristianismo

Volvidos cento e cinquenta anos, cumpria-se a profecia de Jesus. A semente tornara-se árvore cuja fronde começava a cobrir o mundo. Na linguagem hiperbólica, usada neste assunto, o cristianismo espalhara-se por «toda a parte». Já em 150 S. Justino afirmava que não havia canto da terra, mesmo entre os povos bárbaros, onde se não rezasse em nome de Jesus crucificado. Exprime-se do mesmo modo Santo Ireneu: «Pululam e espalham-se como erva daninha; multiplicam-

(1) Contradiz-se Celso, segundo as necessidades da polémica, ora representando os cristãos como reduzidos pelas execuções a um pequeno número de fugitivos, ora os objurga a que não persistam numa abstenção que mata a pátria e a entrega aos seus inimigos.

-se os seus lugares de ajuntamento», diziam os malevolentes. — Passados vinte anos, escrevera Tertuliano: «Somos de ontem e já enchemos todos os vossos quadros, as vossas cidades, as vossas fortalezas, os vossos conselhos, os vossos campos, as vossas tribos, as vossas decúrias, o palácio, o senado, o foro; só vos deixamos os vossos templos. Sem recorrer às armas, a que somos pouco porpensos, poderíamos combater-vos separando-nos de vós; temeríeis a vossa solidão, com um silêncio que pareceria um mundo morto».

Até Adriano, conhecem os cristãos os empregados da polícia e alguns curiosos. Agora a nova religião tem uma grande publicidade. Ninguém, no oriente do império, ignora a sua existência; particularmente os literatos não só a discutem como a plagiam. Longe de se restringir ao ciclo judaico, a nova religião apreeende no mundo pagão o maior número dos seus conversos, e pelo menos em Roma sobreexcede em numero a Igreja judaica, donde saiu. Não é nem judaismo nem paganismo; é a terceira religião definitiva e destinada a substituir as que a precederam.

O número é difícil de precisar, mas devia differir muito de província para província. Continuava a Ásia Menor a ser aquela em que era mais densa a população cristã. Também era o foco da piedade. Parecia o montanismo o fermento do ardor universal que comburia o corpo espiritual da Igreja. Mesmo combatendo-o, animavam-se pelo que nele havia de chama sagrada. Em Hierápolis e em várias cidades da Frígia, os cristãos deve-

riam formar a maioria da população. Desde o reinado de Séptimo Severo, Apameu da Frígia toma nos seus montanistas um emblema bíblico, a arca de Noé, por alusão ao seu nome de *Kibotos*. Por meados do século 3.^o viram-se cidades do Ponto destruir os antigos templos e converterem-se em massa. Participou do movimento toda a região vizinha de Propontida. A Grécia, propriamente dita, retardava-se nos velhos cultos, que só abandonou em plena idade média e quase contra vontade.

Por 240, na Síria, Orígenes acha que, relativamente ao resto da população, são « pouco numerosos » os cristãos; quase como se diria dos protestantes ou dos israelitas em Paris. Quando Tertuliano nos diz: *Não nascem cristãos, mas fazem-se*, indica-nos que poucas almas tinha a geração cristã anterior. Em 251 possui a Igreja de Roma quarenta e seis padres, quarenta e dois acólitos, cinquenta e dois exorcistas, leitores e porteiros; alimenta mais de mil e quinhentas viúvas ou indigentes, o que fazia supor perto de trinta ou quarenta mil fiéis. Em Cartago, no ano de 212, são os cristãos o décimo da população. Contava a parte grega do império cristandades florescentes; não havia cidade, por pouco importante que fosse, que não tivesse Igreja e bispo. Havia na Itália mais de sessenta bispos; até pequenas cidades desconhecidas os tinham. Evangelizara-se a Dalmácia. Em Lião e Viena havia colónias cristãs compostas de Asiáticas e de Sírios, servindo-se do grego, mas exercendo o seu apostolado nas populações vizinhas que falavam latim

ou gaulês (1). Mal se fazia sentir ainda no mundo galo-romano e hispano-romano. Um politeísmo local muito supersticioso devia oferecer nesses vastos continentes uma massa difícil de romper.

Vira, com certeza, a Bretanha os missionários de Jesus. As suas pretensões a este respeito fundamentam-se menos sobre as fábulas com que a ilha dos Santos, como as grandes cristandades, cercou o berço da sua fé, do que sobre um facto capital: a observância da páscoa segundo o rito quarto-decimano, isto é, à moda antiga da Ásia Menor. É possível que as primeiras Igrejas da Bretanha devessem a sua origem aos Frígios e aos Asiáticas, como os que fundaram as Igrejas de Lião e de Viena. Diz Orígenes que a virtude do nome de Jesus Cristo passou os mares para encontrar os Bretões num outro mundo.

Era, geralmente, muito humilde a condição dos crentes. Com excepções, sujeitas ainda a dúvidas, não se vê uma grande família de Roma passar para o cristianismo, com escravos e clientes, antes de Cómodo. Chocavam-se com impossibilidades na Igreja, os homens do mundo, os cavaleiros, os funcionários. Os ricos estavam alifora do seu elemento. A vida em comum com pessoas que não tinham a sua fortuna nem a sua jerarquia social era cheia de dificuldades e as relações sociais quase proibidas. Sobre os casamentos levantavam enormes dificuldades; muitas cristãs antes queriam casar

(1) Bárbaros que acreditam no Cristo, « tendo a salvação escrita no coração pelo ministério do espirito, sem papel nem tinta », é do que fala Ireneu.

com um pagão do que resignar-se a um marido pobre. Pelo que se encontra nos cemitérios cristãos da época de Marco-Aurélio e dos Severos, nomes dos Cornélios, Pompônios, Cecílios, será aventuroso concluir que houve fiéis com esse nome pelo direito do sangue. A clientela e o servilismo foram a origem dos ambiciosos cognomes. Assim também a intelectualidade era muito baixa. A alta cultura da razão que a Grécia inaugurara faltou nas duas primeiras gerações. Eleva-se o nível com Justino e Minúcio Félix, o autor da Epístola a Diogneto; bem depressa, com Clemente de Alexandria e com Orígenes, ainda mais se elevará; a partir do 3.º século, possuirá o cristianismo homens iguaes aos mais esclarecidos espíritos do século.

O grego é ainda essencialmente a língua cristã. São gregas as mais antigas catacumbas. No meio do 3.º século as sepulturas dos papas têm o epitáfio em grego. O papa Cornélio escreveu em grego às Igrejas. A liturgia romana é em língua helénica; mesmo quando prevaleceu o latim, escreveu-se muito tempo em caracteres gregos; palavras gregas pronunciadas à moda iotacista, que era a do povo no Oriente, ficam como marcas originárias. Só na África, a Igreja falava em latim. (1) Abriu Minúcio Félix a literatura cristã por uma obra prima. (2)

(1) Nas escolas de Cartago ensinava-se especialmente o grego. Apuleio, nascido em Madaura e que fizera os seus estudos em Cartago e em Atenas, não sabia latim quando veio para Roma.

(2) Segundo alguns, o escrito de que possuíamos fra-

Tertuliano, em vinte anos, depois de hesitar entre a língua grega e a latina para a composição dos seus escritos, preferirá felizmente a segunda e apresentará o fenómeno literário mais estranho: uma mistura inaudita de talento, de falsidade de espírito, de eloquência e de mau gosto; grande escritor, se admitirmos que sacrificar a gramática e a correção para o efeito seja escrever bem. Finalmente a África dará ao mundo um livro fundamental — a Bíblia latina. Pelo menos uma das primeiras traduções latinas do Antigo e do Novo Testamento foram feitas na África; o texto latino da missa, partes capitais da liturgia parecem de origem africana. A língua *volgata* da África contribuiu em grande parte para a formação da língua eclesiástica do Ocidente e assim exerceu uma influência decisiva sobre as nossas línguas modernas. Mas resultou daí uma outra consequência; é que os textos fundamentais da literatura latina cristã foram escritos numa língua que os letrados da Itália acharam bárbara e corrupta, o que mais tarde deu ocasião do lado dos retóricos a objecções e a epigramas sem fim.

De Cartago, o cristianismo irradiou poderosamente na Numídia e na Mauritânia. Cirta produ-

mentos com o nome de *Cânon de Muratori* seria primitivamente escrito em latim. Talvez que o original fosse escrito em grego. Esse original foi essencialmente uma obra romana, escrita em Roma por 180. Ora em Roma, nessa época, os cristãos escreviam em grego. Os africanismos do texto, se os há, explicam-se pela suposição de que o trecho foi traduzido na África, pouco depois de sua composição.

ziu os adversários e os defensores mais ardentes da fé em Jesus. Uma cidade perdida no fundo da província de África, Cílio, a cinquenta léguas de Cartago, forneceu, alguns meses depois da morte de Marco-Aurélio, (1) um grupo de doze mártires, conduzidos por um tal Sperato, que mostrou uma firmeza inabalável, resistiu ao procônsul e abriu gloriosamente a série dos mártires africanos.

Tornava-se dia a dia Edesso um centro cristão da máxima importância. Da vassalagem dos Partos, Osrhoene submetera-se aos romanos depois da campanha de Lúcio Vero (165); mas guardou a sua dinastia de Abgars e de Manús até quase ao meado do 3.º século. Essa dinastia, que se ligava aos Izatas judeus do Adiabene, mostrou-se muito favorável ao cristianismo. Em 202, em Edesso, uma igreja foi destruída por uma inundação. Possuiu Osrhoene, no fim do século 2.º, imensas comunidades cristãs. Um tal Paluto, bispo de Edesso, ordenado por Serapião de Antioquia (190-210), ficou célebre pelas suas lutas contra as heresias. Finalmente, Abgar VIII bar Manú (176-213) abraçou definitivamente o cristianismo do tempo de Bardesano, e, de acordo com esse grande homem, fez uma rude guerra aos costumes pagãos, sobretudo à pratica da emasculação, vício profundamente enraizado nos cultos siríacos. Os que continuaram a honrar Targata por esta maneira

(1) O snr. Usener demonstrou o que já vira e muito bem o snr. Lião Renier: que os Actos dos mártires cilitanos são do ano de 180.

extravagante tiveram a mão cortada. Para combater a teoria dos climas, Bardesano faz notar que os cristãos espalhados na Pártia, na Média, em Hatra e nas regiões mais afastadas não se conformavam de modo algum com as leis destes países. O primeiro exemplo de um reino cristão, com dinastia cristã, foi dado por Edesso. Este estado de coisas, que criou muitos descontentes, sobretudo entre os grandes, foi destruído por Caracala em 216; mas com isso não sofreu a fé cristã. Desde então se compuseram provavelmente as peças apócrifas destinadas a provar a santidade da cidade de Edesso, e sobretudo a pretensa carta de Jesus Cristo a Abgar, com que mais tarde tanto se orgulhou Edesso.

Assim se fundou, ao lado da literatura latina das Igrejas de África, um novo ramo de literatura cristã: a literatura siríaca. Criaram-na duas causas, o génio de Bardesano e a urgência de possuir uma versão arameana dos livros sagrados. As letras arameanas eram de há muito empregadas nestes países; mas como não tinham ainda servido para fixar um trabalho verdadeiramente literário, judeo-cristãos estabeleceram a base de uma literatura arameana traduzindo o Velho Testamento em siríaco. Depois veio a tradução dos escritos do Novo; depois as narrativas apócrifas. Essa Igreja siríaca, destinada mais tarde a um lato desenvolvimento, parece ter concentrado, nessa época, as maiores variedades, desde o judeo-cristão até ao filósofo como Bardesano e Harmónio.

Foram menos rápidos os progressos da Igreja

fora do império romano. A importante Igreja de Bosra, tinha talvez Igrejas sufragantes entre as árabes independentes. Em Palmira já havia cristãos. As inúmeras populações arameanas submetidas aos Partos, abraçaram o cristianismo com o entusiasmo que sempre mostrou a raça siríaca pelo culto de Jesus. Recebeu a Arménia, pelo mesmo tempo, os primeiros germens do cristianismo, aos quais talvez Bardesano não fosse estranho. Fala-se em mártires na Arménia persa já no 3.º século. (1)

Tradições fabulosas, avidamente acolhidas a partir do 4.º século, atribuíram ao cristianismo mais remotas conquistas. Atribuiu-se a cada um dos apóstolos uma parte do mundo a converter. A Índia, pela indecisão geográfica do nome e pela analogia entre o cristianismo e o budismo, iludiu-se singularmente. Pretendeu-se que S. Bartolomeu levou ali o cristianismo e lá deixou um exemplar em hebreu do Evangelho de S. Mateus. Viera nas pègadas do apóstolo, o célebre doutor Alexandrino Panteno e encontrou o Evangelho citado. Tudo isso é duvidoso. O emprego da palavra *Índia* era muito vago; quem embarcasse em Clisma e navegasse no mar Vermelho já se dizia que tinha ido à Índia. Designava-se muita vez o Iémene com esse nome. Em todo o caso não resultou da viagem de Panteno Igreja durável. Tudo

(1) O espírito rival dos Siríacos e Arménios levou estes a exagerar a antiguidade das origens e atribuir-se Abgar como seu compatriota.

o que os maniqueus contaram das missões de S. Tomás na Índia é falso; e foi artificialmente que se prendeu com esta lenda, muito mais tarde, o estabelecimento das cristandades siríacas, estabelecidas, durante a Idade Média, na costa do Malabar. Talvez ande de mistura com este tecido de fábulas a confusão entre *Tomás* e *Gotama*. A questão da influência que o cristianismo exerceu na Índia bramânica e particularmente no culto de Krichna está para além dos limites onde devemos parar.

CAPÍTULO XXVI

O martírio íntimo de Marco-Aurélio. —
A sua preparação para a morte.

Enquanto se produziam estas estranhas revoluções morais, o excelente Marco-Aurélio, olhando todas as coisas com um olhar amorável e calmo, aparecia em toda a parte com o seu rosto pálido, a sua suave figura de resignado e a sua doença do coração. Falava baixo e andava devagar. Diminuiam sensivelmente as suas forças; enfraquecia a sua vista. Um dia que teve de pousar o livro que tinha na mão por até isso o fatigar, escreveu: « Já não podes ler; mas o que podes é repelir a violência do teu coração; desprezar o prazer e a dor; ser superior à vanglória; não te importares com os parvos e com os ingratos; e sobretudo continuar a fazer bem ».

Vivendo sem revoltas nem satisfação, resignado com a sua sorte, cumpria quotidianamente as suas

obrigações, tendo no espírito a ideia da morte. A sua sabedoria era absoluta, porque o seu tédio era ilimitado. Fatigavam-no igualmente a guerra, a corte e o teatro, e no entanto tudo o que fazia era bem feito; porque o fazia cumprindo um dever. Ao ponto a que chegou, o prazer e a dor, o amor dos homens e o seu ódio são tudo a mesma coisa. A glória é a última das ilusões; e como ela é vã! A recordação de um grande homem passa depressa! Cortes brilhantes, como a de Adriano, as paradas à moda de Alexandre, são decorativo que passa e que se atira ao rebotalho. Mudam os actores; e é a mesma a inanidade da cena.

Quando os cristãos exaltados compreenderem que se não pode esperar ver a realização do reino de Deus, senão fugindo para o deserto, os Amónio, os Nilo e os Pacómio proclamarão a renúncia e o desgosto pelas coisas do mundo como sendo a lei suprema da vida. Esses mestres da Tebaida não igualarão em desprendimento o seu confrade coroadado. Ele criara processos de asceta, receitas como as dos Padres da vida espiritual, a fim de se convencer, por deduções invencíveis, da vaidade universal.

« Para desprezar o canto, a dança, o pancrácio, basta dividi-los nos seus elementos. Na música, se tu divides cada acorde nas suas notas e se perguntares a cada nota: « O que é que em ti se diz? » Ver-se-á que ela, por si só, já não tem encantos. Divide, na dança, o movimento em atitudes e será o mesmo. Assim sucederá com o pancrácio. Tudo o que não for virtude apouca-o, até ao último elemento, pela tua análise e verás como o desprezas. Aplica este sistema a toda a tua vida. »

As suas orações eram de uma humildade e de uma resignação cristãs :

« Serás, alfim, um dia, ó minha alma, boa, simples, única, mais diáfana que o corpo material em que te encerras ? Quando te chegará a vez de saborear a alegria de amar todas as coisas ? Quando estarás satisfeita, independente, sem desejos, sem a mínima necessidade de um ser vivo ou inanimado para o teu gozo ? Quando não terás tu necessidade nem de tempo para o teu prazer, nem de espaço, nem de lugar, nem da serenidade dos climas, nem até da concórdia entre os homens ? Quando estarás satisfeita da tua condição actual, contente com os bens presentes, persuadida que tens tudo o que deves ter, que é tudo bom o que te diz respeito, que tudo vem dos deuses, que no futuro tudo estará igualmente bem, quero dizer, o que eles decidirem para a conservação do ser vivo, perfeito, bom, justo e belo que tudo produziu, que tudo condensa, que compreende as coisas particulares, que se não dissolvem senão para formar outras novas iguais às antigas ? Quando serás assim, ó minha alma, para poderes viver na cidade dos deuses e dos homens, de modo a não lhes diriges uma queixa e a não precisares do seu perdão ? »

Essa resignação era dia a dia mais precisa ; porque o mal que se supunha dominado pelo governo dos filósofos erguia a cabeça em toda a parte. Os progressos realizados pelos reinados de Antonino e Marco-Aurélio foram superficiais. Tudo se limitara a um verniz de hipocrisia, a exterioridades adoptadas para pôr em unísono os dois sábios imperadores. A massa era grosseira ; enfraquecia-se o exército ; só as leis tinham melhorado. O que dominava era uma profunda tristeza. Marco-Aurélio sentia-o bem. O mundo antigo punha o capuz do mouge, como os descendentes da nobreza de Versailles que são hoje trapistas. Desgraça às velhas

aristocracias, que após um excesso de doida juventude, se tornam de repente virtuosas, humanas e ordeiras ! É um sintoma de morte.

No tocante à opinião, a santidade do imperador obtivera um resultado superior ao que era de esperar : consagra-se, por assim dizer, aos olhos da multidão. É este um facto honroso para a natureza humana, e que a história não deve omitir assim como tantos outros por vezes bem contritadores. Foi Marco-Aurélio extremamente amado ; a popularidade, tão sujeita a enganar-se sobre o valor dos homens, foi pelo menos uma vez justa. O melhor dos soberanos foi o mais bem apreciado. Mas desforçava-se noutro sentido a maldade do século. Três ou quatro vezes esteve a perdê-lo a bondade de Marco-Aurélio. O grande inconveniente da vida real e o que a torna insuportável para o homem superior, é que, se se transportam para ela os princípios do ideal, tornam-se as qualidades em defeitos, de modo que o homem perfeito tem menos probabilidades de êxito do que os que se movem pelo egoismo, ou pela rotina vulgar. A honestidade conscienciosa do imperador levou-o a cometer a primeira falta associando ao governo Lúcio Vero, a quem nada devia. Vero era um frívolo, sem valor. Teve de empregar prodígios de bondade e de delicadeza para o impedir de cometer erros gravíssimos. O sábio imperador, sério e aplicado, levava consigo, na sua liteira, o companheiro imbecil que a si próprio se dera. Tomou-o obstinadamente a sério ; nunca se zangou contra este pedantíssimo persognagem. Como as pessoas muito bem educadas, incomodava-se incessante-

mente; as suas maneiras provinham da opinião antecipada de conservar a sua linha com dignidade. Pessoas assim, só para não incomodar os outros, ou pelo respeito devido à natureza humana, não se resignam a confessar que vêem o mal. A sua vida é uma perpétua simulação.

Faustina foi, na vida do pio imperador, outra fonte de tristeza. A Providência que vela pela educação das grandes almas e trabalha incessantemente pela sua perfeição preparou-lhe a pior das provações, uma mulher que o não compreendeu. Parece que ao princípio o amou; talvez que sentisse alguma ventura no retiro de Lanúvio, na *villa* de Lório, sobre as vertentes dos montes Albanos, que Marco-Aurélio descreve a Frontão como uma habitação cheia das alegrias mais puras. Depois fatigou-se com tanta sabedoria. Digamos tudo: as belas sentenças de Marco-Aurélio, a sua virtude austera, a sua perpétua melancolia, a sua aversão por tudo o que parecesse *corte*, deviam aborrecer a uma mulher nova, caprichosa, de temperamento ardente e de maravilhosa beleza. Inquirições minuciosas reduziram a pouco as calúnias levantadas contra a mulher de Marco-Aurélio. No entanto, esse pouco é grave; não amou os amigos do marido; não entrou na sua vida e teve predilecções além do imperador.

Este compreendeu-o, sofreu e calou. O seu princípio absoluto de ver as coisas tais como elas deviam ser e não como elas são, nunca se desmentiu. Em vão se ousou designá-lo no teatro como um marido enganado; em vão os comediantes citavam os nomes dos amantes de Faustina; nunca

quis ouvi-los. Não se afastou da sua implacável doçura. Faustina foi sempre a sua «honrada e fiel esposa». E nem depois dela morta se quis contradizer desta piedosa mentira. Num baixo-relevo que ainda se vê em Roma, no museu do Capitólio, enquanto Faustina é raptada para o céu por uma Fama, segue-a da terra com olhos amorosos o excelente imperador. O que há de mais extraordinário é que na sua bela oração aos deuses, escrita nas margens do Gran, agradece-lhes o terem-lhe dado «uma mulher tão complacente, tão afectuosa e tão simples». Nos últimos tempos iludia-se a si próprio e esquecia tudo. Mas que luta até chegar aí! Consumiu-o durante anos uma doença interior. O desesperado esforço que é a essência da sua filosofia, o frenesim de renúncia, levado até ao sofisma, dissimulam uma cruciante ferida. Quantas vezes é preciso renunciar à felicidade para chegar a tais excessos! Nunca se compreenderá o que sofreu esse pobre coração emurchecido, quanta amargura dissimulada nessa fronte pálida, sempre calma e quase sorridente. É certo que o adeus à felicidade é o começo da sabedoria e o meio mais seguro de encontrar a verdadeira ventura. Nada mais salutar do que o retorno da alegria que se segue à renúncia da alegria; nada mais vivo, mais profundo e belo do que o encanto do desengano!

O maior tormento da vida de Marco-Aurélio foi o seu filho Cómodo. A natureza, que ironia! deu para filho ao melhor dos homens um atleta estúpido, só bom para os exercícios físicos, um esplêndido carniceiro, feroz com o gosto das san-

gueiras. A nulidade do seu espírito inspirou-lhe o ódio do mundo inteligente que acompanhava o seu pai. Caiu nas mãos dos vadios da pior espécie que o transformaram no monstro mais odioso que jamais existiu. Via Marco-Aurélio, melhor do que ninguém, a impossibilidade de fazer alguma coisa desse ser tacanho, e não desprezou coisa alguma para bem o educar. Dissertavam os melhores filósofos na presença do adolescente. Ele escutava como o faria um leão novo a quem se doutrinassem; e que deixaria falar bocejando e descobrindo diante dos mestres os dentes fortes. Mal procedeu acerca dele Marco-Aurélio com a sua falta de tacto prático. Não passava das suas frases habituais sobre a benevolência que é preciso ter-se a respeito dos que não são tão bons como nós. Os nove motivos de indulgência que ele consigna a si próprio mostram-nos a sua encantadora bonomia. « Que mal poderá fazer-te o pior dos homens se tu fores obstinadamente bom para com ele, se na ocasião tu o exortas com sossego e lhe dás, sem cólera, lições como esta : « Não, meu filho ; nós não nascemos para outra coisa ; não se-rei eu quem experimentará o mal ; és tu que o farrás a ti mesmo ! » Mostra-lhe habilidosamente, por considerações gerais, que nem as abelhas procedem como ele, nem qualquer dos animais que vivem em sociedade. Não ponhas nisso nem zombaria nem insulto ; que tudo se diga no tom de uma afeição verdadeira, como vindo de um coração sem azedumes ; não lhe fales como na escola nem com a ideia de captar a atenção dos ouvintes ; fala-lhe como se estivesse a sós com ele. » Cómodo (se por-

ventura é dele que se trata) devia importar-se pouco com esta retórica paterna. Só havia um meio de prevenir as terríveis desgraças que ameaçavam o mundo : era, pelo direito de adopção, substituir o herdeiro do trono por outro mais digno. Juliano particulariza mais e pensa que Marco-Aurélio deveria associar ao império o seu genro Pompeiano, que continuaria a governar com os seus princípios.

Coisas fáceis de dizer quando não há obstáculos e se raciocina longe dos factos. Não se esqueça que, desde Nerva, os imperadores que adoptaram um sistema político tão fecundo não tinham filhos. A adopção, deserdando o filho ou o neto, viu-se no 1.º século do império sem bons resultados. Marco-Aurélio era pela herança directa, porque lhe reconhecia a vantagem de evitar competidores. Logo que Cómodo nasceu, em 161, apresentou-o às legiões, e a ele só, embora fosse gémeo. Muitas vezes pegou no pequeno repetindo a cena, que era uma espécie de proclamação. Marco era um pai excelente. « Vi as tuas vergôntes, escrevia-lhe Frontão, e nunca tive maior prazer. Parecem-se contigo de tal maneira que não há no mundo maior semelhança. Julgava ver-te em duplicado : da direita ou da esquerda, era a ti que eu pensava ver. Têm, graças aos deuses, a cor da saúde e o melhor modo de chorar. Um tinha um bocado de pão alvo, como um infante real ; o outro, um bocado de pão ordinário, como convém ao filho de um filósofo. A sua vózinha pareceu-me tão doce e tão gentil que julguei reconhecer no seu infantil chalar o eco da tua voz. » Estes sentimentos eram os de toda a gente. Em

166 é o próprio Lúcio Vero quem pede para que os dois filhos de Marco-Aurélius, Cómodo e Ânio Vero, sejam feitos Césares. Em 172, Cómodo compartilha com seu pai o título de *Germânico*. Depois da repressão da revolta de Avídio, o senado, para reconhecer o desinteresse de família revelado por Marco-Aurélius, pede por aclamação o império e o poder tribunicio para Cómodo. Já se traía a má índole deste por mais de um indício, conhecido dos seus pedagogos; mas como ajuizar o futuro pelas irregularidades de um rapaz de doze anos? Em 176-177, fê-lo o pai imperador, cônsul e augusto. Foi uma imprudência; mas estava-se preso pelos actos anteriores e depois Cómodo ainda se continha. No fim da vida de Marco-Aurélius, o mal revelou-se completamente; nas páginas dos últimos livros dos *Pensamentos* vemos os vestígios dos sofrimentos interiores do pai excelente, do perfeito imperador, que sente um monstro a crescer ao seu lado, pronto para a sucessão e decidido a fazer justamente o contrário do que via fazer aos homens de bem.

O pensamento de deserdar Cómodo deveria assaltar mais que uma vez o espírito de Marco-Aurélius. Mas era muito tarde. Depois de o associar ao império, depois de tanta vez proclamar que ele era perfeito e educado diante das legiões, denunciá-lo como indigno seria um escândalo. Venceu Marco-Aurélius a sua própria frase, o estilo de benevolência convencional de seu uso corrente. Depois, Cómodo tinha só dezassete anos; quem podia afirmar que se não emendaria? Coisa que se devia esperar, mesmo depois da morte de Marco-

-Aurélius. Primeiro Cómodo fingiu seguir os conselhos dos homens de mérito que cercavam o seu pai. Não seria evidente que, se Pompeiano ou Pertinax succedessem a Marco-Aurélius, Cómodo assumiria a chefia do partido militar, continuação do de Avídio, que não podia ver os filósofos e os amigos do sábio imperador?

Pensámos que não se deve julgar neste ponto com leviandade a conduta de Marco-Aurélius. Moralmente tinha razão; os factos, porém, é que não lhe deram. À vista desse miserável, perdendo o império com a sua vida crapulosa, arrastando entre os criados do circo e do anfiteatro um nome consagrado, amaldiçoava-se a bondade de Marco; sentia-se que o optimismo exagerado que o levava a ter Vero por colega, e que lhe não deixava ver os erros de Faustina, o arrastara a cometer falta mais grave. Segundo a voz corrente, ele podia tanto mais facilmente deserdar Cómodo, quanto este não parecia ser seu filho. Por um sentimento de pia indignação, ninguém admitia que Cómodo fosse filho de Marco-Aurélius. Para absolver a Providência de tal absurdo, caluniavam a mãe. Quando se via o filho indigno do melhor dos homens combater no anfiteatro e comportar-se como um histrião de baixa esfera, dizia-se: « Não é um príncipe, é um gladiador. Não; não é o filho de Marco-Aurélius ». Descobriu-se no grupo dos gladiadores um com quem ele se parecia, e afirmou-se que esse era o seu verdadeiro pai. O facto é que todos os monumentos atestam a semelhança de Cómodo com Marco e confirmam plenamente o testemunho de Frontão.

Sem censurar Marco-Aurélio por não ter deserdado Cómodo, deve sentir-se que o não houvesse feito. A perfeição do homem prejudicou a inflexibilidade do soberano. Capaz de um acto de dureza, salvaria o mundo e não teria a responsabilidade da medonha decadência que se lhe seguiu. O seu mal foi ter um filho. Esqueceu que o César não é um homem como os outros e que o seu primeiro dever é pôr-se de acordo com o destino e adivinhar o que o tempo assinala. A herança das dinastias feudais não tem no cesarismo aplicação. Esse regímen é de todos o que produz ou os melhores ou os piores frutos. Quando não é excelente, é execrável. Atroz no 1.º século da nossa era, enquanto se segue uma lei de semi-hereditariedade, o cesarismo é esplêndido no 2.º século, quando o princípio da adopção é definitivamente seguido. Começou a decadência no dia em que, por uma fraqueza perdoável, pois que foi inevitável, não seguiu o melhor dos príncipes subindo por adopção ao trono um uso que deu por chefe à humanidade a mais bela série de bons e grandes soberanos. Por cúmulo de desgraça, não conseguiu firmar a hereditariedade. Durante o 3.º século, o império foi o joguete da intriga e da violência. Assim sucumbiu o mundo antigo.

Durante anos, Marco-Aurélio suportou esse supplicio, o mais cruel que a sorte tem infligido a um homem de coração. Já não existiam os seus amigos de infância. Todo esse mundo excelente, formado por Antonino, essa sociedade séria e distinta, que acreditava piamente na virtude, descerá à sepultura. Só, no meio de uma geração que

o não compreendia e até desejava que ele não existisse, ao lado de um filho que o saturava de sofrimento, não tinha diante de si mais do que a horrível perspectiva de ser o pai de um Nero, de um Calígula, de um Domiciano.

« Não amaldições a morte ; acolhe-a, porque ela é uma fatalidade da natureza. A dissolução do nosso ser é um facto tão natural como a mocidade, a velhice, o crescimento, a plena maturação . . . Se tu tens necessidade de uma reflexão especial, que te torne benévolo para com a morte, não tens mais que considerar aquilo de que ela se vai separar e o meio moral com que a tua alma se não iniseui. Não te zangues com eles ; deves amá-los e suportá-los com bondade. Não são pessoas com os teus sentimentos que tu abandonas : o motivo que poderia ligar-nos à vida seria a felicidade de nos encontrarmos com homens da nossa opinião. Mas, à hora presente, tu vês a tua íntima dor, a ponto de exclamares : « Oh morte ! não tardes para que eu me não vá também esquecer ».

— « Era um homem de bem ; era um sábio », dir-se-á ; e que não impedirá tantos outros de exclamar : « Até que enfim estamos livres do pedagogo ; respiremos ! Ele não era mau para ninguém ; mas no fundo não era da nossa opinião . . . » No leito da morte que esta reflexão te faça deixar a vida mais facilmente : « Eu saio desta vida onde os meus companheiros de viagem, por quem tanto lutei, fiz tantos votos, sofri tanto, desejam que eu desapareça, esperando que a minha morte os deixe à vontade. » Que motivo nos faria desejar ficar mais tempo no mundo ?

Não mostres, ao partir, menos benevolência ; conserva para com os outros o teu carácter habitual ; fica afectivo, indulgente, doce e não tenhas o ar de um homem que é sollicitado para se ir embora . . . Foi a natureza que formou a tua ligação com eles. Ei-la rota. Pois bem, adeus amigos, eu vou sem que seja preciso empregar a força para me arrancar do meio de vós : porque esta separação é conforme com a natureza. »

Os últimos livros dos *Pensamentos* referem-se

à época em que Marco-Aurélio, ficando só com a sua filosofia, que mais ninguém adoptou, apenas tinha um pensamento, sair mansamente do mundo. É a mesma melancolia que na filosofia de Carnonte; mas é diferente a hora da vida do pensador. Em Carnonte e nas margens do Gran, Marco-Aurélio medita para ser forte na vida. Agora o seu pensamento é uma preparação para a morte, um exercício espiritual para chegar ao altar paramentado como deve ser. Todos os motivos pelos quais se pode procurar persuadir que a morte não é uma injustiça capital para o homem virtuoso, ele os expõe, chegando ao sofisma de absolver a Providência e provar que o homem deve ficar satisfeito, morrendo.

* O tempo que dura a vida do homem não é senão um ponto; o seu ser está num fluxo perpétuo; as suas sensações são obscuras. O seu corpo, composto de vários elementos, tende à corrupção; a sua alma é um turbilhão; o seu destino enigma insolúvel; a glória, uma indeterminada. Numa palavra, tudo o que respeita ao corpo é rio que corre; tudo o que diz respeito à alma é fumo e sonho; a vida é um combate, estádio em país estrangeiro; a fama póstuma, o olvido. Quem nos pode servir de guia? Só uma coisa, a filosofia. E a filosofia é fazer com que o génio que nos fica puro de toda a mácula, seja mais forte que o prazer ou a dor... aceitando os acontecimentos e a sorte, como emanações da fonte donde vem, enfim esperando com bom humor a morte, simples dissolução dos elementos de que se compõem os seres vivos. Se, pelos próprios elementos, não é um mal sofrer perpétuas metamorfoses, para que olhar com tristeza a mudança e a dissolução de todas as coisas? Essa mudança é conforme com as leis da natureza; e nada é mau quando conforme com a natureza. *

Assim, à força de analisar a vida, dissolve-a, tornando-a pouco diferente da morte. Chega à perfeita bondade, à absoluta indulgência, à indiferença temperada pela piedade e pelo desdém. «Passar a vida resignado no meio de homens mentirosos e injustos», eis o programa dos sábios. E tinha razão. A mais sólida bondade é a que se funda sobre o perfeito enfado, sobre a vista clara deste facto: todo o mundo é frívolo e sem fundo real. Que resta, na ruína absoluta de todas as coisas? A maldade? Oh! isso não vale a pena. A maldade supõe uma certa fé no sério da vida, a fé no prazer, a fé na vingança, a fé na ambição. Nero acreditava na arte; Cómodo acreditava no circo, e isso fazia-os cruéis. Mas o desenganado que sabe que todo o objecto de desejo é frívolo, para que se incomoda com um sentimento desagradável? A bondade do céptico é a mais segura, e o pio imperador era mais do que céptico; o movimento da vida nessa alma era quase tão doce como os murmúrios da atmosfera íntima de um esquife. Atingira o *nirvana* búdico, a paz do Cristo. Como Jesus, Çakia-Mouni, Sócrates, Francisco de Assis e três ou quatro outros sábios, vencera totalmente a morte. Podia rir-se dela, porque ela já não tinha sentido para ele.

CAPÍTULO XXVII

Morte de Marco-Aurélio. — Fim do mundo antigo.

Deixou Roma, a 5 de Agosto de 178, o santo imperador a fim de ir, com Cómodo, para essas guerras infindáveis do Danúbio, cujo objectivo era a formação de províncias fronteiriças sólidamente constituídas. Foram retumbantes os resultados. Parecia atingido o fim desejado, apenas dilatado pela revolta de Avidio. Mais alguns meses e findaria a empresa militar mais importante do 2.º século. Infelizmente o imperador sentia-se muito fraco. Tão arruinado estava do estômago que por vezes o seu único alimento era apenas a teriaca. Só comia quando tinha de falar em público. Viena no Danúbio era o quartel general do exército. Assolava o país uma doença contagiosa, havia bastantes anos, dizimando as legiões. Caiu o imperador doente a 10 de Março de 180.

Saudou a morte como um bem, abstendo-se de comer e de beber, não falando, mas agindo como quem já está na beira do túmulo. Mandando chamar Cómodo, pediu-lhe que acabasse a guerra para não parecer que traíra o Estado com uma partida precipitada. Ao sexto dia da sua doença chamou os amigos e falou-lhes no tom habitual, isto é, com uma ligeira ironia, acerca da absoluta vaidade das coisas e da pouca importância que nos deve merecer a morte. Todos choravam. « Para que chorar por mim ? diz ele. Salvai o exército. Sómente vos precedo ; adeus ! » Quis-se saber a quem recomendava o filho : « A vós, disse ele, e aos deuses imortais ». O exército estava inconsolável, porque adorava Marco-Aurélio e via o abismo de males que o esperava. O imperador pôde ainda apresentar Cómodo aos soldados. A sua arte em conservar a maior tranquilidade no meio das grandes dores, deixava-lhe o rosto sereno neste aflitivo transe.

Ao sétimo dia sentiu a morte próxima. Só recebeu o filho, mandando-o logo embora, com medo de lhe pegar o mal de que sofria ; talvez que fosse este o pretexto para se libertar da sua odiosa presença. Depois cobriu a cabeça como para dormir. Na outra noite morreu.

Levaram-lhe o corpo para Roma e enterraram-no no mausoléu de Adriano. Foi comovedora a efusão da piedade popular. Tal a afeição que se lhe votava, que ninguém o chamava pelos títulos ou pelo nome. Cada qual segundo a sua idade dizia : « O meu pai Marco, o meu irmão Marco, o meu filho Marco ». Ninguém chorou no dia do seu enterro,

bem inteirados de que ele volvera aos deuses depois da sua curta passagem pela terra. Durante os funerais proclamaram-no «deus propício» com uma expontaneidade sem rival. Considerou-se sacrílego quem quer que não tivesse em casa a sua imagem. Não sucedeu com este culto o mesmo que com tantas outras apoteoses efémeras. Volvidos cem anos, via-se a estátua de Marco-Aurélio entre os penates. O imperador Diocleciano tinha para ele um culto à parte. A partir de então o nome de *Antonino* foi sagrado. Passou a ser, como o de *César* e de *Augusto*, um atributo do império, um sinal da soberania humana e civil. O *numem Antoninum* foi como o astro benfazejo desse império cujo programa admirável ficou, no século seguinte, como uma censura, uma esperança, uma saudade. Viram-se almas tão pouco poéticas como a de Séptimo Severo sonhar com ele, como com um paraíso perdido. Até Constantino se inclinou ante essa divindade elemente e quis que a estátua de ouro dos Antoninos ficasse entre as dos seus ancestrais e dos tutores do seu poder, fundado sob tantos outros auspícios.

Nunca o culto foi mais legítimo, e é o nosso ainda hoje. Tal como somos hoje, ainda trazemos o luto de Marco-Aurélio no coração, como se tivesse morrido ontem. Reinou com ele a filosofia. Graças a ele, um instante o mundo foi governado pelo homem melhor e maior do seu século. Grande alcance teve a realização desta experiência. Sucederá o mesmo ainda outra vez? A filosofia moderna, tal como a antiga, tornará outra vez a governar? Terá também o seu

Marco-Aurélio, cercado por Frontões e por Júnios Rústicos? Pertencerá ainda aos mais sábios o governo das coisas humanas? Que importa que esse reinado seja de um dia e que a ele suceda o reino dos doidos? Habituada a contemplar com olhar sorridente a eterna miragem das ilusões humanas, a filosofia moderna conhece a lei dos impulsos passageiros da opinião. Seria curioso perguntar-se o que dariam tais princípios se jamais chegassem ao poder. Haveria prazer em construir *a priori* o Marco-Aurélio dos tempos modernos, para ver que misto de força e de fraqueza criaria, numa alma de eleição chamada a uma acção mais lata, o género reflexivo peculiar da nossa idade. Gostar-se-ia de ver como a crítica poderia aliar-se à maior virtude e ao mais vivo ardor pelo bem, que atitude teria um pensador ante os problemas sociais do século dezanove, porque arte chegaria a contorná-los, a adormecê-los, a iludi-los, a resolvê-los. O certo é que o homem chamado a governar os seus semelhantes deverá meditar no modelo esquisito do soberano que Roma ofereceu nos seus melhores dias. Se é verdade que ele pode ser excedido em certos pontos da ciência governamental, que só se conheceu nos tempos modernos, ficará sempre o filho de Ânio Vero inimitável pela sua força de alma, pela sua resignação, pela sua perfeita nobreza, pela excelência da sua bondade.

O dia da morte de Marco-Aurélio é o momento em que se decide a ruína da velha civilização. Em filosofia, o grande imperador colocara tão alto o ideal da virtude que ninguém pensou em segui-lo;

em política, por não haver separado profundamente os deveres de pai dos de César, abriu, sem o querer, a era dos tiranos e da anarquia. Em religião, por ter sido muito aferrado à religião do Estado, cuja fraqueza lhe fora palpável, preparou o triunfo violento do culto não oficial e deixou adajar sobre a sua memória uma censura, injusta na verdade, mas cuja sombra não devia macular uma existência tão pura. Em tudo, exceptuando as leis, se sentia o afrouxamento. Vinte anos de bondade relaxaram a administração e favoreceram os abusos. Uma certa reacção, no sentido das ideias de Avídio Cássio, seria indispensável; mas em vez disso, houve uma total ruína. Horrível decepção para os homens de bem! Tanta virtude, tanto amor iam depor nas mãos dum domador de feras, de um gladiador, o mundo! Depois dessa bela aparição dum mundo elísio na terra, caía-se no inferno dos Césares, que já se acreditava desaparecido para todo o sempre! Perdeu-se a crença no Bem. Depois de Calígula, depois de Nero, depois de Domiciano ainda se podia esperar. As experiências não tinham sido decisivas. Agora é, depois do grande esforço do racionalismo governamental, depois de oitenta e quatro anos de um régimen excelente, depois de Nerva, Trajano, Adriano, Antonino, Marco-Aurélio, que o reino do mal recomeça, pior do que nunca. Adeus, virtude; adeus, razão. Já que Marco-Aurélio não salvou o mundo, quem o salvará? Agora vivam os doidos! Viva o absurdo! vivam o Sírio e os seus deuses equívocos! Os médicos sérios não puderam fazer nada. O doente está pior do que nunca. Mandar vir os

empíricos; sabem melhor que os honrados patriotas aquilo de que o povo precisa.

O que há de triste é que o dia da morte de Marco-Aurélio, tão lúgubre para a filosofia e para a civilização, foi um dia triunfal para o cristianismo. Cómodo, tomando o encargo de fazer o contrário do que vira, foi menos desfavorável ao cristianismo do que o seu ilustre pai. Marco-Aurélio é o romano perfeito com as suas tradições e os seus prejuizos. Cómodo não tem raça. Amava os cultos egípcios; ele mesmo, de cabeça rapada, presidia às procissões, levava o Anúbis, realizava todas as cerimónias que agradavam às fêmeas. Mandou-se retratar nessa atitude nos mosaicos dos pórticos circulares dos seus jardins. Tinha cristãos entre a sua criadagem. A sua amante Márcia era quase uma cristã e servia-se do crédito que lhe dava o amor para aliviar a sorte dos confessores condenados às minas de Sardenha. O martírio dos Cilitanos que se efectuou a 17 de Julho de 180, quatro meses, por consequência, depois do advento de Cómodo, foi sem dúvida uma consequência das ordens dadas antes da morte de Marco e que o novo governo não tivera tempo se sustar. O número de vítimas no tempo de Cómodo parece ter sido menos considerável do que no reinado de Antonino e de Marco-Aurélio. Tanto é verdade, que entre as máximas romanas e o cristianismo a guerra foi de morte. Décio, Valeriano, Aureliano, Diocleciano, que tentaram valorizar as máximas do império, serão obrigados a perseguirem ferozmente, enquanto que os imperadores sem patriotismo romano, como Ale-

xandre Severo, Filipe o Árabe, os césaes de Palmira, parecerão tolerantes.

Com um princípio menos desastroso do que o de um despotismo militar desenfreado, o império, mesmo depois da ruína do princípio romano pela morte de Marco-Aurélio, poderia ainda viver, dar paz ao cristianismo um século antes daquele em que esse fenómeno se realizou, evitando as ondas de sangue, que, sem proveito, fizeram correr Décio e Diocleciano. Findara o papel da aristocracia romana; depois de esgotar a loucura no século 1.º, esgotava a virtude no 2.º século. Mas não se haviam esgotado as forças ocultas da grande confederação mediterrânea. Assim como, após o esboroamento do edificio político construído sob o rótulo da família de Augusto, appareceu uma dinastia provincial, os Flávios, para levantar o império; assim, depois do esboroamento do edificio erguido pela adopção da alta nobreza romana, houve provincianos, Orientais, Sírios, para erguer a grande associação em que todos encontraram a paz e o proveito. Séptimo-Severo refez sem elevação moral, mas com glória, o que fizera Vespasiano.

Por certo que os homens da nova dinastia não se podem comparar com os grandes imperadores do 2.º século. Mesmo Alexandre Severo, que iguala Antonino e Marco em bondade, é-lhes inferior em intelligência e em nobreza. O princípio do governo é detestável; é a paga da complacência para com o exército; é a revolta por dinheiro; quem falar ao soldado, há-de fazê-lo com a bolsa na mão. Nunca o despotismo militar revestiu for-

ma mais desavergonhada; mas o despotismo militar pode ter a vida longa. Ao lado dos espectáculos vergonhosos, no tempo desses desdenhados imperadores sírios, quantas reformas se não fizeram! Que progresso na legislação! Que dia aquele em que (governava Caracala) todo o homem livre, habitante do império, teve a igualdade de direitos! Não se devem exagerar as vantagens desse direito; no entanto, em política, as palavras não são vazias de sentido. Herdavam-se coisas excellentes. Os filósofos da escola de Marco-Aurélio haviam desaparecido; mas tinham para os substituir os juriconsultos. Papiniano, Ulpiano, Paulo, Gaio, Modestino, Florentino, Marciano, durante anos execráveis produzem obras primas e criam o futuro direito. Muito inferiores a Trajano e aos Antoninos para as tradições políticas, os imperadores sírios, por não serem romanos, e não terem prejuizos romanos, dão provas de um grande rasgo de espírito que não podiam ter os imperadores do 2.º século, todos tão profundamente conservadores. Permitem e animam os sindicatos e colégios. Deixando-se ir nesta corrente até ao excesso, queriam corporações de officios organizados em casta, com costumes à parte. Abrem francamente as portas do império. Um deles, o filho de Mameu, o bom e comovedor Alexandre Severo, quase iguala, pela sua bondade plebeia, as virtudes patricias dos belos séculos; empalidecem os mais altos pensamentos ao pé das rectas efusões do seu coração.

É sobretudo em religião que os imperadores chamados sírios inauguram uma largueza de ideias

e uma tolerância até então ignoradas. Não prendem, às Siríacas de Êmeso, Júlia Domna, Júlia Mæsa, Júlia Mammæa, Júlia Soemia, belas, inteligentes e temerárias até à utopia, quaisquer tradições ou conveniências sociais. Fazem aquilo a que nenhuma Romana se atreveria; entram no senado, deliberam, governam efectivamente o império, revestindo-se de Semíramis e de Nitocris. Eis o que não faria uma Faustina, apesar das suas leviandades; sustê-la-ia o tacto, pelo sentimento do ridículo, pelas regras da alta sociedade romana. Coisa alguma detem as Siríacas. Têm um senado de mulheres, que edita todas as extravagâncias. Parece-lhes frio e insignificante o culto romano. Desprendidas dele por falta de razões de família, não se adaptando a sua imaginação nem ao cristianismo nem ao paganismo italiano, compraziam-se essas mulheres em contar viagens de deuses à terra. Encanta-as Filóstrato com o seu Apolónio; talvez tivessem secretas filiações no cristianismo. Durante esse tempo, as últimas damas respeitáveis da antiga sociedade, como essa velha filha de Marco-Aurélio, respeitada de todos e que Caracala mandou matar, assistiam ignoradas a uma orgia que tanto contrastava com as recordações da juventude.

As províncias e sobretudo as províncias do Oriente, mais activas e mais vivas do que as do Ocidente, conquistavam a supremacia. Por certo que Heliogábalo era um insensato; no entanto a sua quimera de um culto monoteísta central, estabelecido em Roma e absorvendo os outros cultos, mostrava que o círculo estreito das ideias an-

toninas se rompera. Irão mais longe Mameu e Alexandre Severo; enquanto que os jurisconsultos continuam tranquilamente e rotineiramente as velhas e ferozes fórmulas contra a liberdade de consciência, o imperador sírio e sua mãe instruíse-ão no cristianismo, devotando-lhe a sua simpatia. Não contente em conceder o sossego aos cristãos, Alexandre introduziu Jesus entre os deuses lares, por um comovedor ecletismo. Parecia feita a paz, não como no tempo de Constantino, pela humilhação de um dos partidos, mas por uma larga reconciliação.

Havia, em tudo isto, uma tentativa audaciosa de reforma, racionalmente inferior à dos Antoninos, mas mais capaz de êxito; porque era muito mais popular, porque pertencia mais à província e ao Oriente. Em tal obra democrática, pessoas sem ancestrais como esses Africanos e esses Sírios tinham mais probabilidades de successo do que as pessoas rígidas e de um porte irrepreensível, tais como os imperadores aristocratas. Mas pela décima vez se revelou o vício profundo do sistema imperial. Alexandre Severo foi assassinado pelos soldados a 19 de Março de 235. Claro que o exército só tolerava tiranos. O império caíra da alta nobreza romana nos oficiais da província; agora passa para os oficiais inferiores e para os soldados assassinos. Enquanto que, até Cómodo, os imperadores assassinados são monstros horrendos; agora é o bom imperador, o que pretende disciplinar, o que reprime os crimes do exército, que a morte espera.

Abre-se esse inferno de meio século (235-284),

em que sossobra toda a filosofia, toda a civilidade, toda a delicadeza. O poder à matroca, a soldadesca senhora de tudo, às vezes dez tiranos ao mesmo tempo, o bárbaro penetrando por todos as fendas dum mundo a esboroar-se, Atenas demolindo os monumentos antigos para cercar a cidade com muralhas pelo medo dos Godos. Se alguma coisa prova quanto o império romano era preciso por uma razão intrínseca, não foi por não se deslocar integralmente desta anarquia, mas porque conservara fôlego para reviver sob a acção poderosa de Diocleciano e aguentar-se ainda durante dois séculos. Em todas as ordens a decadência é pavorosa. Em cinquenta anos desaparecem os escultores. (1) Cessa completamente a literatura latina. Parece [que um génio mau se aninha sobre esta sociedade, bebe-lhe o sangue e a vida. O cristianismo toma para si o que há de bom e empobrece a ordem civil. Morre o exército por falta de oficiais em termos. A Igreja atrai todo o mundo. Os elementos religiosos e morais de um Estado têm um modo simples de punir o Estado que lhes não cede o lugar a que se imaginam com direito : é recolher-se à tenda ; porque o Estado não pode passar sem eles.

A sociedade civil só tem o rebotalho das almas. A religião absorve tudo o que há de melhor. Foge-se

(1) Veja-se a série dos bustos dos imperadores. Os bustos de Alexandre Severo já são muito maus. Veja-se o repugnante mosaico de Caracala no Museu de Latrão. Até o arco de Séptimo-Severo e o arco pequeno de Velabro são obras grosseiras.

de uma pátria que só representa o princípio da força material. Escolhe-se a pátria no ideal, ou antes na instituição que substitui a cidade e a pátria em ruínas. Torna-se a Igreja o lugar das almas e, como ela engrandece pelas desgraças na sociedade civil, consola-se facilmente dessas desgraças, em que é fácil ver-se a vingança de Cristo e dos seus santos.

« Se nos fosse permitido dar o mal pelo mal, diz Tertuliano, uma só noite e alguns archotes, fariam a festa ». Somos pacientes porque estamos seguros do nosso futuro. Agora o mundo mata os santos ; mas amanhã os santos julgarão o mundo. « Olhai-nos bem no rosto para nos reconhecermos no julgamento final », dizia aos pagãos um dos mártires de Cartago. « A nossa paciência, diz um dos mais moderados, vem-nos da certeza de que seremos vingados ; amontoa carvões ardentes sobre a cabeça dos nossos inimigos. Que dia aquele em que o Todo Poderoso contará os seus fiéis e mandará os culpados para a geena e fará queimar os perseguidores no braseiro dos fogos eternos ! Que imenso espectáculo, que grande transporte o meu e o meu riso ! Como gozarei vendo gemer no fundo das trevas, com Júpiter e os seus adoradores, tantos príncipes que supunham ir para o céu depois da sua morte ! Que alegria ao ver os magistrados perseguidores do nome do Senhor consumidos pelas chamas mais devoradoras do que as das fogueiras acesas para os cristãos ! »

CAPÍTULO XXVIII

O cristianismo no fim do 2.º século. O dogma.

No lapso de tempo decorrido entre a morte de Augusto e a de Marco-Aurélius produziu-se no mundo uma nova religião; chama-se o cristianismo. A essência dessa religião consiste em acreditar que uma grande manifestação celeste se realizou na pessoa de Jesus de Nazaré, ser divino que, depois de uma vida sobrenatural, foi morto pelos Judeus, seus compatriotas, e ressuscitou ao terceiro dia. Assim, vencedor da morte, espera, à direita de Deus pai, a hora propícia para reaparecer nas nuvens, presidir à ressurreição geral, tendo sido a sua apenas um prelúdio e inaugurar, sobre a terra purificada, o reino de Deus, isto é, o reino dos santos ressuscitados. Esperando a reunião dos fiéis, a Igreja representa uma cidade de santos actualmente vivos e sempre governada por Jesus. Fora

regra assente que Jesus delegara os seus poderes a apóstolos que criaram os bispos e toda a jerarquia eclesiástica. A Igreja renova a sua comunhão com Jesus por meio da fracção do pão e do mistério do cálix, rito estabelecido pelo próprio Jesus, e pelo qual Jesus está momentaneamente, mas realmente, no meio dos seus. Como consolação para a sua espera, no meio das perseguições de um mundo perverso, os fiéis têm os dons sobrenaturais do Espírito de Deus; e o Espírito que animou outrora os profetas ainda se não extinguiu. Têm sobretudo a leitura dos livros revelados pelo Espírito, isto é, a Bíblia, os Evangelhos, as cartas dos apóstolos, e os escritos dos novos profetas que a Igreja adoptou pela leitura em reuniões públicas. A vida dos fiéis deve ser uma vida de oração, de ascetismo, de renúncia, de separação do mundo, porque o mundo actual é governado pelo príncipe do mal, Satanás, e a idolatria não é senão o culto dos demónios.

Tal religião aparece como saída do judaísmo. O messianismo judaico foi o seu berço. O primeiro título de Jesus, título inseparável do seu nome, é *Christos*, tradução grega da palavra hebraica *Mesih*. O grande livro sagrado do culto novo é a Bíblia judaica; as festas, pelo menos no nome, são festas judaicas; o seu profetismo é a continuação do profetismo judaico. Mas a separação entre a mãe e o filho fez-se completamente. Geralmente os judeus e os cristãos detestam-se entre si; a nova religião tende a esquecer cada vez mais a sua origem e o que deve ao povo hebraico. O cristianismo é encarado pela maioria dos seus

aderentes como uma religião inteiramente nova, sem ligações com tudo o que a precedeu.

Se compararmos o cristianismo, tal como era em 180, com o cristianismo do 4.º e 5.º séculos, com o cristianismo da idade média e com o dos nossos dias, vemos que progrediu muito pouco na sequência dos séculos. Em 180 o Novo Testamento está concluído; não se lhe juntará nem mais um livro. Lentamente, as Epístolas de S. Paulo conquistaram o seu lugar na série dos Evangelhos, no código sagrado e na liturgia. Quanto aos dogmas, nada se fixou, embora já haja o gémen; nenhuma ideia aparecerá que não possa fazer valer as autoridades do 1.º e do 2.º séculos. Há de mais; há contradições; o trabalho teológico consistirá em mondar, em cortar o supérfluo antes do que inventar coisas novas. A Igreja deixará cair uma multidão de coisas mal começadas e sairá com êxito de vários meandros. Ainda tem dois corações; tem muitas cabeças; cairão essas anomalias; mas não se formará mais nenhum dogma verdadeiramente original.

É indecisa a Trindade dos doutores no ano de 180. Logos, Paraclete, o Espírito Santo, Cristo, Filho, são palavras empregadas confusamente para designar a entidade divina encarnada em Jesus. Não se contam as três pessoas, não se numeram, se assim nos podemos exprimir; mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo, já são designados pelos três termos que se devem conservar distintos, sem dividir o indivisível Jeová. O Filho engrandecerá imensamente. Essa espécie de vigário que o monoteísmo, a partir de uma certa época, se com-

prouve em dar ao Ser supremo ofuscará singularmente o Pai. As fórmulas bizarras de Niceia estabelecerão igualdades contra a natureza; o Cristo, única pessoa activa da Trindade, encarregar-se-á de toda a obra da criação e da Providência, tornando-se o próprio Deus. Mas a epístola aos Colosseanos não é senão um passo em tal doutrina; para chegar a esses exageros, bastou um pouco de lógica. Maria, mãe de Jesus, está destinada a engrandecer colossalmente; tornar-se-á uma pessoa da Trindade. Já os gnósticos adivinharam esse futuro e inauguraram um culto destinado a uma desmesurada importância.

Existe completo o dogma da divindade do Cristo; somente não se está de acordo sobre as fórmulas tendentes a exprimi-la; a cristologia do judeo-cristão da Síria e a do autor do *Hermas* ou dos *Reconhecimentos* diferem consideravelmente; o trabalho da teologia não será escolher, será criar. O milenarismo dos primeiros cristãos tornava-se cada vez mais antipático aos Helenos que abraçavam o cristianismo. A filosofia exercia uma impulsão violenta para substituir o seu dogma da imortalidade da alma às velhas ideias judaicas, (ou se o quizerem persas) de ressurreição e de paraíso sobre a terra. No entanto as duas fórmulas ainda coexistiam. Ireneu excede os milenaristas em materialismo grosseiro, quando já, desde cinquenta anos, o quarto Evangelho, tão puramente espiritualista, proclama que o reino de Deus começa no mundo e que cada um o traz consigo mesmo. Caio, Clemente de Alexandria, Orígenes, Dinis de Alexandria, vão

em breve condenar o sonho dos primeiros cristãos e envolver o Apocalipse na sua antipatia. Mas é tarde para suprimir qualquer coisa de importante. O cristianismo subordinará a aparição do Cristo nas nuvens e a ressurreição dos corpos à immortalidade da alma; tão bem que o velho dogma primitivo do cristianismo será quase esquecido e relegado, como um drama fora da moda, para os planos posteriores dum juízo final, que não faz sentido, pois que a sorte de cada um já está fixa no momento da sua morte. Muitos admitem que as penas dos condenados não acabarão e que essas penas serão um condimento da alegria dos justos; outros pensam que elas acabarão ou serão mitigadas.

Na teoria da constituição da Igreja, a ideia de que a sucessão apostólica é a base do poder do bispo, o qual é assim encarado, não como um delegado da comunidade, mas como continuador dos apóstolos e depositário da sua autoridade, aumenta cada vez mais. Entretanto, muitos cristãos aferram-se ainda à concepção muito mais simples de Mateus de que na *Igreja* todos os seus membros são iguais. — Na fixação dos livros canónicos, reina o acordo sobre os grandes trechos fundamentais; mas não existe uma lista exacta dos escritos da Bíblia nova e as margens, se assim nos podemos exprimir, da nova literatura sagrada são indecisas.

A doutrina cristã é já um todo compacto a que nada se juntará de essencial e onde não será possível qualquer divisão. Até Maomé e depois dele, haverá na Síria judeo-cristãos, elcasaitas,

ebionitas. Além dos *minim* ou nazarenos da Síria, que só os mais eruditos Padres conheceram e que ainda no quarto século maldiziam S. Paulo nas suas sinagogas, tratando os cristãos ordinários de falsos judeus, nunca o Oriente deixou de ter famílias cristãs observando o sábado e praticando a circuncisão. Actualmente parecem ebionitas os cristãos de Salt e de Kerak. São os Abissínios verdadeiros judeo-cristãos praticando todos os preceitos judaicos, até às vezes com mais rigor que os próprios judeus. O Coran e o Islamismo são o prolongamento dessa velha forma de cristianismo, cuja essência era a crença na reaparição do Cristo, o docetismo, a supressão da cruz. Por outro lado, em pleno século dezanove, as seitas comunistas e apocalípticas da América fazem do milenarismo e de um próximo juízo final a base da sua crença, como nos primeiros dias da primeira geração cristã.

Assim, nessa Igreja cristã do fim do 2.º século já se dissera tudo. Nem uma opinião, nem uma direcção de ideias, nem uma fábula deixou de ter defensores. Germinava o arianismo nas opiniões dos monarquianos, dos artémonitas, de Práxeas, de Teodoto de Bizâncio, e estes faziam notar com razão, que a sua crença fora a da maioria da Igreja de Roma até ao papa Zeferino (ano de 200). O que falta nessa idade de liberdade desenfreada, é o que trarão mais tarde os concílios e os doutores: a disciplina, a regra, a eliminação dos contraditores. Jesus já é Deus: contudo repugna a muitos chamar-lhe assim. É completa a separação do judaísmo; e no entanto

muitos judeus praticam o judaísmo. O domingo substituiu o sábado, o que não impediu que muitos fiéis observassem o sábado. Distingue-se a páscoa cristã da judaica; e muitas Igrejas seguem o antigo uso. Servem-se muitos na ceia de pão ordinário; outros, especialmente na Ásia Menor, empregam só o pão ázimo. A Bíblia e os escritos do Novo Testamento são a base do ensino eclesiástico; e, ao mesmo tempo, são os livros adoptados por uns que outros rejeitam. Os quatro evangelhos já estão fixados; e outros textos Evangelícos circulam e têm êxito. A maioria dos fiéis, em vez de serem inimigos do império romano, só esperam o dia da reconciliação e admitem a ideia de um império cristão; continuam outros a vomitar as mais sombrias prédicas apocalípticas contra a capital do mundo pagão. Já se formou uma ortodoxia servindo de pedra de toque contra a heresia; mas se se quer abusar dessa razão de autoridade, zombam os doutores mais cristãos do que eles chamarão «a pluralidade do erro». A primazia da Igreja de Roma já se desenha; mas os que sofrem essa primazia protestariam se se lhes dissesse que o bispo de Roma aspirava um dia ao título de soberano da Igreja universal. Em suma, as diferenças que actualmente separam o católico mais ortodoxo e o protestante mais liberal pouco são ao pé dos dissentimentos que existiam entre dois cristãos que não comungassem nas mesmas ideias.

Eis o que faz o interesse sem igual desse período criador. Habitados a não estudar senão os períodos reflectidos da história, quase todos os que,

em França, emitiram vistas sobre as origens do cristianismo, não consideraram mais que o 3.º e o 4.º séculos, séculos dos homens célebres e dos concílios ecuménicos, dos símbolos e das regras da fé. Clemente de Alexandria e Orígenes, o concílio de Niceia e S.^{to} Atanásio, eis, para eles, o vértice e as grandes figuras. Não negamos a importância de qualquer época da história; mas não são essas as origens. O cristianismo estava completamente feito antes de Orígenes e do concílio de Niceia. E quem o fez? Uma multidão de grandes anónimos, grupos inconscientes, escritores sem nome ou pseudónimos. O autor desconhecido das epístolas atribuídas como sendo de Paulo para Tito e para Timóteo contribuiu mais que qualquer concílio para a constituição da disciplina eclesiástica. Os autores obscuros dos Evangelhos têm aparentemente mais importância real que os seus mais célebres comentadores. E Jesus? Deve confessar-se, pelo menos assim o espero, que algum motivo haveria para que os seus discípulos o amassem até ao ponto de o acreditarem ressuscitado e de verem nele a realização do ideal messiânico, o ser sobre-humano destinado a presidir ao renascimento completo do céu e da terra.

O facto, em tal matéria, é o sinal do direito; o successo é o grande critério. Em religião e em moral a invenção não é coisa alguma; as máximas do Sermão da montanha são tão velhas como o mundo; ninguém possui a sua propriedade literária. O essencial é realizar essas máximas e dá-las, como base, à sociedade. Eis a razão porque no fundador da religião o encanto pessoal é capitalíssimo.

A obra prima de Jesus foi fazer-se amar por umas vinte pessoas, ou melhor tornar querida a ideia da sua personalidade até ao ponto de triunfar da morte. Sucedeu o mesmo com os apóstolos e com a segunda e terceira geração cristã. Os fundadores são sempre obscuros; mas, para o filósofo, a glória dos inominados é a verdadeira glória. Os humildes contemporâneos de Trajano e de Antonino, que decidiram da fé do mundo, não foram grandes homens. Comparados com estes, os personagens célebres da Igreja do 3.º e 4.º séculos fazem melhor figura. E no entanto estes últimos construíram sobre os alicerces que os outros fundamentaram. Clemente de Alexandria e Orígenes são semi-cristãos. São gnósticos, helenistas, espiritualistas com vergonha do Apocalipse e do reino terrestre do Cristo, colocando a essência do cristianismo na especulação metafísica e não na aplicação dos méritos de Jesus ou na revelação bíblica. Orígenes confessa que, se a lei de Moisés se interpretasse no sentido próprio, seria inferior à lei dos Romanos, dos Atenienses, dos Espartiatas. S. Paulo quase denega o título de cristão a um Clemente de Alexandria, salvando o mundo por uma *gnose* em que não representa papel algum o sangue de Cristo.

A mesma reflexão se pode aplicar aos escritos que nos deixaram as idades antigas. São banais, simples, grosseiros, ingénuos, análogos às cartas sem ortografia que actualmente escrevem os sectários comunistas, os mais desdenhados. Tiago, Judas, lembram Cabot ou Babick, qualquer fanático de 1848 ou de 1871, convicto, mas

não sabendo a sua língua, exprimindo sem correcção, de um modo comovedor, a ingénua aspiração da consciência. Esse balbuciar do povo veio a ser a segunda Bíblia do género humano. O estofador Paulo escrevia o grego tão mal como Babick o francês. O retórico, dominado pela consideração literária, para quem a literatura francesa começa em Villon; o historiador doutrinário, que só estima os desenvolvimentos reflectidos e para quem a constituição francesa começa nas pretensas Constituições de S. Luís, não podem compreender essas aparentes bizarras.

A idade das origens é o caos, mas um caos rico de vida; é o barro fecundo em que um ser se prepara para viver, monstro ainda, mas dotado de um princípio de unidade, de um tipo bastante forte para desviar as impossibilidades, para ter órgãos essenciais. Que são os esforços dos séculos conscientes comparados com as tendências espontâneas da idade embrionária, idade misteriosa em que o ser, na sequência da sua viabilidade, corta um apêndice inútil, cria um sistema nervoso, desenvolve um membro? É nesses momentos que o Espírito de Deus gesta a sua obra e que o grupo que trabalha pela humanidade pode com verdade dizer:

«Deus está em nós; aquecemo-nos na sua agitação.»

CAPÍTULO XXIX

O culto da disciplina.

A história de uma religião não é a história de uma teologia. As subtilidades sem valor com que se adorna esta designação são o parasita que devora as religiões porque não são a sua essência. Jesus não teve teologia; teve o mais vivo sentimento das coisas divinas e da comunhão filial do homem com Deus. Também não instituiu culto propriamente dito, além do já estatuido pelo judaísmo. A «fracção do pão», seguida da acção de graças ou *eucaristia*, foi o único rito, quase simbólico, que ele adoptou, e ainda assim Jesus não fez mais do que apropriá-lo e valorizá-lo; porque a bênção antes de se partir o pão era um uso judaico. Seja como for, o mistério do pão e do vinho, considerados como sendo o corpo e o sangue de Jesus, e tanto que os que o comem e o bebem participam

de Jesus, tornou-se o elemento gerador do culto. A Igreja foi a sua base. Nunca o cristianismo passou além. A Igreja, tendo como objectivo a comunhão, tornou-se *missa*; ora a missa reduziu o resto do culto à categoria de acessório e de prática secundária.

Estava-se, no tempo de Marco-Aurélio, bem distante da reunião cristã primitiva, durante a qual dois ou três profetas, várias vezes mulheres, caíam em êxtase, falando ao mesmo tempo e perguntando uns aos outros, depois dos acessos, que maravilhas haviam dito. Tal se não via entre os montanistas. Na imensa maioria das Igrejas, os anciães e o bispo presidem à assembleia, regulam as leituras e são os únicos que falam.

Sentam-se as mulheres em qualquer sítio, veladas e silenciosas. Reina a ordem em toda a parte, graças a um número considerável de empregados secundários com funções distintas. Pouco a pouco a cadeira do bispo e as dos presbíteros constituem um hemicycle central, um coro. A eucaristia exige uma mesa ante a qual o celebrante pronuncia rezas e palavras misteriosas. Cedo se ergue um púlpito para as leituras e sermões e depois uma cancela de separação entre o presbitério e o resto da sala. Dominam duas reminiscências a gestação da arquitectura cristã: primeiro uma vaga lembrança do templo de Jerusalém, com uma divisão reservada ao padre; e segundo, uma preocupação da grande liturgia celeste porque debuta o Apocalipse. A influência desse livro sobre a liturgia foi de primeira ordem. Quis-se fazer na terra o que os vinte e quatro velhos e os cantores zoomorfos

fazem diante do tronô de Deus. Decalcou-se pelo do céu o serviço da Igreja. Teve a mesma inspiração o uso do incenso. Empregavam-se lâmpadas e círios nos enterros.

O grande acto litúrgico do domingo era uma obra prima de misticismo e compreensão dos sentimentos populares. Já era uma missa completa, não uma missa reduzida dos nossos dias; era a missa viva em todas as suas partes, conservando cada parte a significação primitiva que mais tarde devia tão estranhamente perder. Essa mistura hábilmente composta por salmos, cânticos, orações, leituras, profissões da fé, o diálogo sagrado entre o bispo e os fiéis, preparavam as almas para pensarem e sentirem em comum. A homília do bispo, a leitura da correspondência dos bispos estrangeiros e das Igrejas perseguidas, davam vida e actualidade à pacífica reunião. Vinha depois o prefácio solene do mistério, anúncio cheio de gravidade, apelo às almas para o recolhimento; depois o próprio mistério, um cânon secreto, rezas mais santas do que as precedentes; depois o acto de fraternidade suprema, a participação do mesmo pão e do mesmo cálix. Paira neste momento, em toda a igreja, um silêncio solene. Depois, quando o mistério finda, renasce a vida, recomeçam os cantos, multiplicam-se as acções de graças; uma longa oração abraça todas as ordens da Igreja, todas as situações da humanidade, todos os poderes estabelecidos (1). O presidente, depois de

(1) *Const. apost.*, VIII, cap. x, xi. As rezas são do tem

trocar com os fiéis piedosos desejos, manda embora a assembleia com a fórmula ordinária das audiências judiciárias (1), e os irmãos separaram-se edificados para alguns dias.

A reunião do domingo era o nó vital de toda a vida cristã. O pão sagrado o laço universal da Igreja de Jesus. Mandavam-no à casa dos ausentes, aos confessores presos, de uma para outra Igreja, especialmente pela Páscoa; dava-se às crianças; era o sinal da comunhão e da fraternidade. O ágape ou refeição em comum, pela noite, não distinta da ceia, cada vez se separava mais desta e degenerava em abuso. A ceia, pelo contrário, passava a ser um officio da manhã. A distribuição do pão e do vinho era feita pelos diáconos e pelos anciões. Os fiéis recebiam-nos de pé. Em certos países, sobretudo na África, por causa da reza: « Dai-nos o pão nosso quotidiano », pensava-se que se devia comungar todos os dias. Levava-se por isso, ao domingo, um pouco de pão benzido, que se comia em família, depois da oração da manhã.

Caprichava-se em dar a este acto supremo um ar de mistério, tornando-o secreto. Tomavam-se precauções para que só os iniciados estivessem na igreja no momento da sua celebração. Foi talvez a única falta que a Igreja nascente cometeu; pensou-se que ela buscava as trevas porque precisava delas, e isso, de mistura com outros indícios, deu motivo à acusação de magia.

po das perseguições, pois que ali se vêem sufrágios para os perseguidores e confessores que estão presos ou nas minas.

(1) *Ite, missa est.*

Também o beijo sagrado era uma grande fonte de edificação e de perigos. Os sábios doutores recomendavam que se não repetisse, se ele causasse prazer, que se desse apenas duas vezes e que se não abrissem os lábios. Suprimiu-se o perigo separando na igreja os dois sexos.

A igreja não era de modo algum o templo; porque se afirma, como princípio absoluto, que Deus não precisa de templo e que o seu verdadeiro templo é o coração do justo. Também não tinha arquitectura que a fizesse conhecida; mas já era edificio aparte; chamavam-lhe «a casa do Senhor», e a ela se prendiam os mais ternos sentimentos da piedade cristã. As reuniões nocturnas, precisamente porque eram proibidas pela lei, tinham um grande encanto para a imaginação. No fundo, ainda que o verdadeiro cristão detestasse o templo, a igreja aspirava secretamente a tornar-se templo; nele se transformou integralmente na idade média; a capela e a igreja dos nossos dias parecem-se mais com os templos antigos do que com as igrejas do 2.º século.

Uma ideia rapidamente espalhada contribuiu imenso para esta transformação; figurou-se que a eucaristia era um sacrificio porque era o memorial do sacrificio supremo realizado por Jesus. Esta imaginação preenchia uma lacuna que a nova religião parecia oferecer aos olhos das pessoas superficiais, quero falar da ausência de sacrificios. Deste modo a mesa eucarística foi altar e foi questão de oferendas e oblações. Essas oblações eram as próprias espécies do pão e do vinho que ofereciam os fiéis remediados, para não sobreabundarem

a Igreja e para que os restos fossem para os pobres e para os serventes do culto. Vê-se como tal doutrina podia ser fecunda em mal entendidos. A idade média, que tanto abusou da missa, exagerando a ideia do sacrificio, deveria perder-se em grandes extravagâncias. De transformação em transformação, chegou-se à missa baixa, em que um homem, num pequeno recinto, com uma criança, que faz de povo, preside a uma assembleia com ele só por membro, dialoga com pessoas que ali não estão, dirige a oferenda a si próprio, apostrofa ouvintes ausentes e dá nele mesmo o beijo da paz.

No fim do 2.º século quase que os cristãos suprimem o sábado. Conservá-lo parece mau sinal, parece indício de judaísmo. As primeiras gerações cristãs celebravam o sábado e o domingo, um em lembrança da criação, o outro em memória da ressurreição; depois tudo se concentrou no domingo. Não é porque se considere precisamente o segundo dia como dia de descanso; o sábado era ab-rogado e não transferido; mas as solenidades do domingo e sobretudo a ideia de que esse dia devia ser todo de regosijo (era proibido jejuar, rezar de joelhos) trouxeram a abstenção do trabalho servil. Só mais tarde se acreditou que o preceito do sábado se applicava ao domingo. As primeiras regras a este respeito só se referem aos escravos, a quem, por um pensamento misericordioso, se assegurou o feriado. A quinta e a sexta-feiras foram consagradas ao jejum, às genuflexões e à lembrança da Paixão. As festas anuais eram festas judaicas, Páscoa e Pentecostes, com as

transposições sabidas. Quanto à festa de Ramos, foi quase que suprimida. O uso de agitar as palmas gritando *hosana!* passou para o domingo antes da Páscoa, recordando um episódio da última semana de Jesus. O dia do aniversário da Paixão era consagrado ao jejum; nesse dia não havia o beijo sagrado.

O culto dos mártires tinha um lugar tão considerável, que pagãos e judeus faziam a seu respeito uma objecção, sustentando que os cristãos reverenciavam mais os mártires que o próprio Cristo. Sepultavam-nos por causa da ressurreição e com aparato de luxo contrastando com a simplicidade dos costumes cristãos; quase que lhe adoravam os ossos. Iam, no aniversário da sua morte, ao seu túmulo; liam a narração do seu martírio; em sua memória celebravam o mistério eucarístico. Era a extensão da comemoração dos defuntos, pio costume que tinha tão grande lugar na vida cristã. Pouco faltava para celebrar a missa pelos mortos. No dia do seu aniversário faziam-lhe oferendas, como se ainda vivessem; misturava-se o seu nome às orações; comungava-se com eles. O culto dos santos, pelo qual o paganismo arranhou lugar na Igreja, as orações pelos defuntos, fonte dos maiores abusos da idade média, prendiam-se assim ao que o cristianismo primitivo teve de mais puro e de mais elevado.

Cedo apareceu o canto eclesiástico que foi uma das expressões da consciência cristã. Servia para os hinos, cuja composição era livre e dos quais há um espécime no hino a Cristo de Clemente de Alexandria. Curto e leve era o ritmo;

o mesmo das cantigas da época, como, por exemplo, o das canções anacreonticas. Não se parecia, contudo, com os recitais dos Salmos. Há ecos na liturgia pascal das nossas igrejas, que conservou o seu ar arcaico no *Cordeiro pascal*, no *Oh! filhos e filhas* e na *Aleluia* judeo-cristã. O *Carmen antelucanum* de que fala Plínio ou o officio *in galli cantu*, encontra-se provavelmente no *Hymnum dicat turba fratrum*, especialmente na seguinte estrofe, cujo som argentino evoca a ária que era cantada:

O canto do galo, do galo o louvor,
Anuncia o próximo dia
A cuja luz anunciaremos
O reino de Cristo pelos séculos dos séculos.

Substituiu o baptismo a circuncisão, a qual não passara, entre os judeus, de um preliminar. Ministrava-se por uma triplice imersão, numa casa aparte, junto da igreja; depois o iluminado entrava no grémio dos fiéis. Seguiu-se ao baptismo a imposição das mãos, rito judaico da ordenação do rabino. Constituía o chamado baptismo da alma; sem ele o baptismo da água era incompleto. O baptismo era um rompimento com o passado; pela imposição das mãos ficava-se cristão. Havia mais as unções de azeite, origem da confirmação e uma espécie de profissão de fé por perguntas e respostas. Isto era a *sphragis*, quer dizer, o selo definitivo. A ideia sacramental, o sacramento como operação mágica, passava a ser uma base da teologia cristã. Instituiu-se o catecumenato, isto é, o noviciado para o baptismo no começo do 3.º

século ; o fiel só chega ao limiar da igreja depois de iniciado por gradações sucessivas. O baptismo das crianças aparece no começo do 2.º século ; mas terá adversários ferrenhos até ao 4.º século.

Já estava, desde o falso Hermas, regulamentada a penitência em Roma. Tal instituição, que dá a ideia de uma sociedade fortemente organizada, desenvolveu-se surpreendentemente. Foi um milagre o não destruir a Igreja nascente. Se alguma coisa prova o quanto a igreja era amada e qual a intensidade de gozo que aí se sentia, basta ver que rudes sacrifícios se faziam para entrar nela e ganhar entre os santos o lugar que se perdera. A confissão da culpa, já praticada pelos judeus, foi a primeira condição da penitência cristã.

Nunca o material de um culto foi mais simples. Só se tornaram sagrados os vasos da Ceia depois de muito tempo. As taças de vidro que nela serviam foram as primeiras a merecer uma certa atenção. A adoração da cruz era antes respeito do que culto ; continuava a simbólica a ser de uma grande simplicidade. A palma, a pomba com o ramo, o peixe, a âncora, a fénix, o T designando a cruz, e talvez o *chrismon* para significar o Cristo, tais são as únicas imagens alegóricas. A cruz nunca teve representação nem nas igrejas, nem nas casas ; mas o sinal da cruz feito levando a mão à testa, repetia-se frequentemente ; talvez que esse costume fosse habitual entre os montanistas.

Em compensação, nunca se desenvolveu como nesse tempo o culto subjectivo. Ainda que estivesse muito reduzida a liberdade dos carismas primitivos pelo episcopado, continuavam na Igreja

e com vida os dons espirituais, os milagres, a inspiração directa. É nessas faculdades sobrenaturais que Ireneu vê a verdadeira Igreja de Jesus. Delas participam os mártires de Lião. Pensa Tertuliano estar cercado de milagres perpétuos. Nem só aos montanistas se pode atribuir o carácter sobre-humano dos actos mais simples. Na Igreja inteira existiam em estado permanente a teopneustia e a taumaturgia. Falava-se de mulheres espíritas que davam respostas e pareciam liras vibrando sob a arcada divina. A *sóror* cuja lembrança nos conservou Tertuliano, maravilha a Igreja com as suas visões. Como os iluminados de Corinto do tempo de S. Paulo, junta as suas revelações com as solenidades da Igreja ; lê nos corações ; indica os remédios ; vê as almas corporalmente como pequenos seres de forma humana, aéreos, brilhantes, ternos e transparentes. Passavam as crianças extáticas por intérpretes escolhidos pelo Verbo divino.

Da herança de Jesus considerava-se como primeiro dom a medicina sobrenatural. O santo óleo era o seu instrumento. Curavam-se os pagãos frequentemente com o óleo dos cristãos. Quanto à arte de expulsar os demónios, reconhecia toda a gente que ninguém era superior aos cristãos ; traziam-lhes possessos de toda a parte, para que eles lhos expulsassem do corpo, tal como ainda hoje sucede no Oriente. Acontecia que pessoas não cristãs exorcismavam em nome de Jesus. Se isto indignava alguns cristãos, outros rejubilavam, vendo em tal facto uma homenagem à verdade. Ninguém se detinha em tão bela via. Como

os falsos deuses eram demónios, implicava o poder de expulsar demónios a faculdade de desmas-carar os falsos deuses. Assim o exorcista incorria na acusação de magia que se generalizava a toda a Igreja.

Viu o perigo a Igreja ortodoxa nesses dons espirituais, restos de uma poderosa ebulição primitiva, que a Igreja devia disciplinar, sob pena de deixar de existir. Opunham-se-lhes os doutores e os bispos sensatos; porque essas maravilhas que deslumbravam o absurdo Tertuliano, e às quais S. Cipriano ainda liga tanta importância, originavam maus boatos de mistura com bizarras individuais, de que a ortodoxia desconfiava. Em vez de os animar, a Igreja feriu de suspeições os carismas e no 3.º século, embora não tivessem desaparecido, tornavam-se cada vez mais raros. Não passaram de favores excepcionais, com que só os presunçosos se julgavam honrados. Condenou-se o êxtase. (1) Tornou-se o bispo o depositário dos carismas, ou antes ao carisma sucede o sacramento, administrado pelo clero, ao passo que o carisma é uma coisa individual, um negócio entre o homem e Deus. Os sínodos, que primeiramente se organizaram na Ásia Menor contra os profetas frígios, herdaram a revelação permanente; passando à Igreja, o princípio da inspiração pelo espírito tornou-se um princípio de ordem e de autoridade.

(1) Eus. v, 17. Tertuliano respondeu a esta acusação com os seus seis livros sobre o êxtase.

Já o clero era um corpo bem distinto do povo. Uma grande Igreja completa, ao lado do bispo e dos anciãos, tinha diáconos e subdiáconos executores das ordens dos bispos. Possuía, além disso, uma série de pequenos funcionários, anagnostas ou leitores, exorcistas, porteiros, psaltas ou cantores, acólitos, que serviam no ministério do altar, enchendo os cálices de água e de vinho e que levavam a eucaristia aos doentes. Os pobres e as viúvas alimentados pela Igreja e que aí se demoravam mais ou menos, eram considerados como pessoas da Igreja e inscritos nas suas matrículas. Desempenhavam os serviços grosseiros, como varrer, tocar os sinos e viviam com os padres alimentando-se com os restos das ofertas de pão e de vinho. Cada vez tendia mais a estabelecer-se, nas ordens elevadas de cleresia, o celibato, sendo pelo menos proibidas as segundas núpcias. Depressa os montanistas consideraram nulos os sacramentos ministrados por um padre casado. Cedo se condenou a castração, como um excesso de zelo. As irmãs companheiras dos apóstolos, de existência comprovada por trechos notórios, entraram nesta sub-ingressão como diaconisas criadas, e mais tarde foram origem do concubinato declarado dos padres da idade média. Os rigoristas queriam que elas velassem o rosto, para evitar sentimentos ternos despertados entre os irmãos pelo seu mister.

São, a partir do fim do 2.º século, as sepulturas um anexo da igreja e objecto de uma diacônia eclesiástica. Foi como o dos judeus o modo de sepultura cristã, a inumação, consistindo em depor o corpo envolto num sudário em um sar-

cófago em forma de tina. Aos cristãos repugnou sempre a cremação. Os mitriastas e outras seitas orientais tinham as mesmas ideias e sepultavam em Roma à moda síria. A crença grega na imortalidade da alma levava à incineração; a crença oriental na ressurreição levava ao enterramento. Muitos indícios levam a procurar as mais antigas sepulturas cristãs de Roma no tempo de S. Sebastião na *via Áppia*. (1) Aí se encontravam os cemitérios judeus e mitríacos. Crê-se que os corpos dos Apóstolos Pedro e Paulo estiveram neste sítio e por isso se chamou *Catatumbas* « aos túmulos ».

Deu-se uma grave mudança no tempo de Marco-Aurélio. Pôs-se imperiosamente a questão que preocupa as grandes cidades modernas. Como o sistema da cremação poupava o espaço consagrado aos mortos, assim a inumação à moda judaica, cristã, mitríaca, imobilizava a superfície. Era preciso ser rico para comprar em vivo um *lóculo* no terreno mais caro do mundo, às portas de Roma. Quando uma grande massa da população quis ser assim enterrada, foi preciso descer para baixo da terra. Cavou-se a uma certa profundidade para encontrar camadas de areia suficientemente consistentes; começou-se ali a furar horizontal-

(1) As inscrições cristãs das catacumbas são do começo do 3.º século. As mais antigas que ali se encontram não são cristãs; vieram com as catacumbas do 4.º século com outros tantos materiais estrangeiros para a selagem do *lóculo*. O interior da catacumba está todo no 3.º século. Exceptua-se a catacumba de Domitila, cujo carácter primitivo é muito incerto.

mente, por vezes em vários andares, esses labirintos de galerias em cujas paredes verticais se abriram os *lóculos*. Os judeus, (1) os sabazianos, os mitriastas, os cristãos adoptaram simultâneamente este género de sepultura, que convinha ao espírito congreganista e ao gosto do mistério que os distinguia. Mas os cristãos, continuando este género de sepultura durante todo o 3.º, 4.º e parte do 5.º século, é na sua quase totalidade, o conjunto de catacumbas dos arredores de Roma, trabalho cristão. Nápoles, Milão, Siracusa e Alexandria, tiveram necessidades análogas às que fizeram abrir em roda de Roma os vastos hipogeus.

Desde os primeiros anos do 3.º século, vemos o papa Zeferino confiar ao seu diácono Calisto o cuidado destes grandes depósitos mortuários, a que se chamava cemitérios ou « dormitórios », porque se pensava que os mortos dormiam até à ressurreição. Enterraram-se ali vários mártires. A partir de então, o respeito que se tinha pelo corpo dos mártires extensibilizou-se aos lugares onde eles estavam enterrados. Bem depressa foram as catacumbas lugares sagrados. Completa-se no tempo de Alexandre Severo a organização do serviço das sepulturas, que no tempo de Fabiano e de Cornélio

(1) Catacumba judaica da Vinha Randanini, próximo de S. Sebastião. Os *lóculos* estão dispostos como os das sepulturas (*kokim*) judaicas da Palestina, quer dizer, em forma de fornos, com sarcófagos. Perdeu-se a catacumba judaica da Porta Portese. Há uma terceira junto da igreja de S. Sebastião. São todas posteriores ao 2.º século.

é uma das preocupações principais da piedade romana. Uma mulher dedicada, por nome Lucina, gasta com os túmulos sagrados a sua fortuna e a sua actividade. Repousar junto dos santos e dos mártires é uma graça. Sobre estes túmulos sagrados celebram-se os mistérios anualmente. Daí os cubículos ou câmaras sepulcrais, que, engrandecendo, se tornaram igrejas subterrâneas, pontos de reunião durante as perseguições. Punham-lhe exteriormente triclinios para os ágapes. Assembleias nestas condições tinham a vantagem de parecerem honras fúnebres, o que as punha ao abrigo das leis. O cemitério, quer fosse subterrâneo ou ao ar livre, tornou-se um lugar essencialmente eclesiástico. O coveiro, em algumas Igrejas, foi um padre subalterno, como o anagnoste e o porteiro. Tendo a autoridade romana uma grande tolerância por esta questão das sepulturas, raras vezes interveio nesses subterrâneos; admitia, salvo nos momentos de furor perseguidor, que a propriedade das áreas consagradas pertencia à comunidade, isto é, ao bispo. A entrada dos cemitérios mascarava-se externamente com qualquer sepultura de família, cujo direito era incontestado. (1)

Esse direito foi máximo no 3.º século, estabelecendo o princípio das sepulturas por confraria.

Construiu cada seita o seu corredor subterrâneo

11) Abrem as sepulturas cristãs quase sempre por detrás das sepulturas pagãs, que lhes dissimulam a abertura. É o que sucede com a sepultura de S. Calisto, com a de Flávia Domitila, e nas duas entradas com a de S. Pretextato.

e aí se fechou. Foi direito comum a separação dos mortos. Em cada túmulo se ficou classificado segundo a sua religião; foi necessidade inadiável ficar com os confrades depois da morte. Até então, a sepultura constituía um negócio individual ou de família; agora era uma coisa religiosa, colectiva; significava comunidade de opiniões sobre as coisas divinas. Não será uma das menores dificuldades legadas ao futuro pelo cristianismo.

Pela sua origem primitiva, o cristianismo era tão contrário ao desenvolvimento das artes plásticas como o Islão. Se o cristianismo ficasse judeu, só se desenvolveria a arquitectura, tal como sucedeu com os muçulmanos: foi a Igreja, como a mesquita, uma grandiosa casa de oração e mais nada. Mas as religiões são como as raças que as adoptam. Transportado para os povos amigos da arte, tornou-se o cristianismo uma religião tão artística como o não seria se ficasse nas mãos dos judeo-cristãos. São os heréticos que fundam as artes cristãs. Vimos os gnósticos entrar nesta minha com uma audácia que scandalizou os verdadeiros crentes. Era muito cedo ainda; tudo o que lembrava idolatria tornava-se suspeito. Eram mal vistos os pintores conversos, pois que se pensava só servirem para desviar para ocas imagens a devoção devida ao Criador. As imagens de Deus e do Cristo, quero dizer, as imagens isoladas que podiam parecer ídolos, excitavam apreensões e tinham-se como profanos os carpocráticos, por possuírem bustos de Jesus e lhe prestarem honras pagãs. Os preceitos mosaístas contra as representações figuradas observavam-se à risca, pelo menos nas igrejas. A ideia da

fealdade de Jesus, subversiva de uma arte cristã, espalhara-se geralmente. Havia retratos pintados de Jesus, de S. Pedro, de S. Paulo ; mas viam-se inconvenientes nesta prática. O facto da estátua da verónica parecia dever desculpas a Eusébio ; essas desculpas eram de que a mulher que assim patenteou a sua gratidão ao Cristo o fez por um resto de hábito pagão e por uma perdoável confusão de ideias. Fora disso, Eusébio reprova como profano o desejo de ter retratos de Jesus.

Pediam pinturas os *arcosolia* dos túmulos. Fizeram-nas primeiro puramente decorativas, sem significado religioso : vinhas, renques de folhagem, vasos, frutas e aves. Mais tarde juntou-se-lhes os símbolos cristãos ; depois pintaram cenas simples tiradas da Bíblia, a que se encontrava sabor especial por causa das perseguições sofridas : Jonas sob a cucúrbita ou Daniel na fossa dos leões, Noé e a sua pomba, Psique, Moisés tirando água da rocha, Orfeu encantando as feras com a lira, e sobretudo o Bom Pastor, em que a única coisa a fazer era copiar um dos tipos mais espalhados da arte pagã. Só em épocas mais recentes é que apareceram os assuntos históricos do Velho e do Novo Testamento. A mesa, os pães sagrados, os peixes místicos, cenas de pesca, o simbolismo da Ceia aparecem representados no 3.º século.

Todas essas pequenas pinturas ornamentais, excluídas das igrejas e só toleradas por não terem graves consequências, pecam por falta de originalidade. É errado o critério que vê nestes ensaios uma arte nova. A expressão é fraca ; não aparece a ideia cristã ; indecisa é a fisionomia geral. Não é

má a sua execução ; sente-se o artista com educação técnica ; bem superior à verdadeira pintura cristã aparecida mais tarde. Mas que diferença na expressão ! Nos artistas do 7.º e do 8.º séculos, sente-se um esforço poderoso para introduzir nas cenas representadas um novo sentimento, mas faltam-lhes os meios materiais. Os artistas das catacumbas, são, pelo contrário, pintores do género pompeiano, convertidos por motivos estranhos à arte e que aplicam a sua habilidade ao que convém aos lugares austeros decorados por eles.

A história evangélica só foi tratada tardia e parcialmente pelos primeiros pintores cristãos. Aqui se vê evidentemente a origem gnóstica das imagens. A vida de Jesus aparecendo nas antigas pinturas cristãs é a que supunham os gnósticos e os docetas, isto é, sem aparecerem as cenas da Paixão. Suprimem-se os detalhes desde o pretório até à ressurreição, pois que no seu juízo o Cristo não podia sofrer em realidade. Desembaraçavam-se assim da ignomínia da cruz, grande escândalo para os pagãos. Nessa época, são os pagãos que irrisoriamente mostram crucificado o deus dos cristãos ; de que os cristãos quase sempre se defendem. Representando um crucifixo, temia-se provocar blasfêmias dos inimigos e abundar nas suas ideias.

Nasceu herética a arte cristã ; por largo tempo conservou esse estigma ; pouco a pouco se libertou dos prejuízos com que nascera a iconografia cristã. Desprendeu-se deles para sofrer a influência dos apócrifos, nascidos sob a influência gnóstica. Daí uma situação muito tempo falsa.

Até à plena idade média, os concílios e os doutores autorizados condenam a arte ; a arte, por seu turno, mesmo submetida à ortodoxia, permite-se estranhas licenças. Os seus assuntos favoritos são tirados, pela maior parte, de livros condenados, e tanto que as representações forçam as portas da igreja, mesmo quando o livro que as explica já delas foi há muito tempo expulso. No Ocidente, no 3.º século, emancipa-se a arte definitivamente ; não succede o mesmo com o cristianismo oriental. As Igrejas gregas e orientais nunca triunfaram completamente da antipatia pelas imagens levada ao cúmulo pelo judaísmo e pelo islamismo. Condenam a redondeza das formas e estabilizam-se numa representação hierática, donde custara muito a sair a arte séria. (1)

Na vida particular não se vêem os cristãos escrupulizarem em se servir dos produtos da indústria ordinária que não tinham ornamentos que os chocassem. Bem depressa houve fabricantes cristãos que substituíram os antigos ornamentos por imagens apropriadas ao gosto da seita (bom pastor, pomba, peixe, navio, lira, âncora). Uma ourivesaria, uma vidraria sagrada se formaram particularmente para a Ceia. As lâmpadas têm quase todas emblemas pagãos ; houve uo comércio lâmpadas com o tipo do bom pastor, provavelmente saídas das mesmas fábricas que as de

(1) A grande censura que os velhos crentes faziam à igreja do patriarca Nicon, é « que aí se viam Christos parecidos com homens ».

Baco ou de Serápis. Aparecem no fim do 3.º século os sarcófagos escultados, representando as cenas sagradas. Tirando o assunto, em nada se afastam da arte pagã do mesmo tempo as pinturas cristãs.

CAPÍTULO XXX

Os costumes cristãos

Foram a melhor prédica do cristianismo os costumes dos cristãos. Resumiam-se numa só palavra: piedade. Vida de pessoas modestas, sem prejuízos mundanos, de perfeita honradez. Enfraquecendo dia a dia a vinda do messias, passava-se da moral tenra dos estados de crise (1) à moral estável de um mundo estabelecido. Tinha o casamento um carácter religioso. Não foi preciso abolir a poligamia: suprimiram-na, senão a lei judaica, pelo menos os costumes judaicos. O harém não passou, entre os judeus, de um abuso excepcional, privilégio da realeza. Foram-

(1) Os antigos costumes judaicos supõem o monogamia. A Tora, permitindo a poligamia, dificulta-a imenso.

-lhe hostis os profetas; objecto de censura e escândalo as práticas de Salomão e dos seus imitadores. Nos primeiros séculos da nossa era, raros foram entre os judeus os casos de poligamia; nem cristãos, nem pagãos os censuram disso. Pela dupla influência do casamento romano e do casamento judaico (1), surdiu assim a alta ideia da família que é ainda hoje a base da civilização europeia, parte essencial do direito natural. Deve reconhecer-se que a influência romana foi superior à influência judaica, pois que foi somente pela acção dos códigos modernos, tirados do direito romano, que desapareceu a poligamia entre os judeus.

A influência romana, ou melhor a ariana, é mais sensível que a influência judaica no desfavor que incide sobre as segundas núpcias. Consideravam-nas um adultério disfarçado. Na questão do divórcio, em que as escolas judaicas se desmazelaram lamentavelmente (2), não se era menos rigorista. O casamento só se desfazia pelo adultério (3) da mulher. A base do direito cristão foi « não separar o que Deus uniu ». (4)

(1) « Regosijar-me com a mulher da sua juventude », foi sempre o ideal da vida judaica. *Sentenças e provérbios do Talm.*

(2) Jos. Ant. Mischna, *Eduioth*. Akiba permitiu o divórcio ao marido que encontrasse mulher melhor do que a sua.

(3) Só no texto de Mateus é que se encontra esta restrição. Custou à Igreja católica para a desfazer uma infinidade de subtilezas.

(4) Os profetas precursores do cristianismo opunham-se tanto ao divórcio como à poligamia.

Finalmente a Igreja punha-se em contradição com o judaísmo, por considerar o celibato e a virgindade como estados preferíveis ao casamento. Aqui o cristianismo, precedido pelos terapeutas, aproximava-se inconscientemente das ideias que os velhos povos arianos tinham de que as virgens eram seres sagrados. A sinagoga teve sempre o casamento como obrigação, sendo o celibatário culpado de homicídio; não é da raça de Adão; porque o homem só se completa unido à mulher; não se deve protelar o casamento para além dos dezoito anos. Só se exceptuam os que estudam a Lei pelo receio de que a necessidade de subvencionar a família os desvie do trabalho. «Povoem a terra os que não estão, como eu, absortos no estudo da lei», dizia Rabi ben Azaï.

As seitas cristãs, próximas do judaísmo, aconselharam, como a sinagoga, os casamentos precoces, intimando os pastores a vigiar os velhos para os afastar do perigo do adultério. No princípio o cristianismo seguiu o caminho de Ben Azaï. Jesus, apesar de viver mais de trinta anos, não se casou.

A espera de um fim próximo do mundo tornava inútil a procriação, surgindo a ideia de que só a virgindade tornava perfeito um cristão. «Os patriarcas pensaram bem em vigiar pela multiplicação da sua descendência; então o mundo era novo; agora tudo declina para o fim». As seitas gnósticas e maniqueanas só seriam consequentes proibindo o casamento e censurando o acto gerador. A Igreja ortodoxa, sempre razoável, evitou esse excesso; mas recomendou a continência e

a castidade no próprio casamento; prendeu-se à execução das vontades da natureza uma vergonha excessiva; a mulher horrorizou-se com o casamento; a timidez da Igreja no tocante às relações legítimas dos dois sexos provocará, ao diante, mais de uma zombaria fundamentada.

Nesta ordem de ideias, a viuvez era sagrada; constituíam as viúvas uma ordem eclesiástica. Deve a mulher ser sempre subordinada; se não tem marido para lhe obedecer, tem a Igreja. Correspondendo a estes princípios severos a modéstia das senhoras cristãs, sucedia que em certas comunidades só podiam sair veladas. Por pouco que o uso do véu tapando a cara, à moda oriental, se não universalizou para as donzelas e para as mulheres novas. Os montanistas tornavam obrigatório este uso; e se não prevaleceu, foi pela oposição provocada pelos excessos dos sectários frígios ou africanos, e sobretudo pela influência dos pais gregos e latinos, que não precisavam, para reformar os costumes, desse sinal horroroso de debilidade física e moral.

Proibiram-se os adornos. Se a beleza é uma tentação do Diabo, para que realçá-la? Ofendia o pudor o uso das jóias, das pomadas, das tinturas para os cabelos e dos vestidos transparentes. São os cabelos postiços maior pecado; evitam a bênção do padre que, caindo sobre cabelos mortos, tirados doutra cabeça, não sabe onde recair. Consideraram-se perigosos os mais simples penteados. Por isso S. Jerónimo considera os cabelos das mulheres como ninhós de vermina e manda-os cortar.

Vê-se bem aqui o defeito do cristianismo. É unicamente moral; a beleza, para ele, é integralmente sacrificada. Ora, para uma filosofia completa, a beleza, longe de ser vantagem superficial, perigo, inconveniência, é dom de Deus, como a virtude. Vale a virtude; a mulher bonita exprime uma face do desígnio divino, um dos fins de Deus, tanto como o homem de génio ou a mulher virtuosa. Ela sente-o, e daí o seu orgulho. Instintivamente se apercebe do tesouro infinito que é o seu corpo; sabe que, sem espírito, sem talento, sem grande virtude, conta entre as primeiras manifestações de Deus. Para que proibir-lhe de valorizar o dom que possui, de exhibir a jóia da sua perfeição? A mulher, adornando-se, cumpre um dever; pratica uma arte, arte esquisita, e, em certo sentido, a mais encantadora das artes. Não nos perturbemos com o riso que certas palavras provocam nas pessoas frívolas. Deu-se a palma do génio ao artista grego que soube resolver o mais delicado dos problemas, adornar o corpo humano, isto é, adornar a própria perfeição, e só se quer ver uma questão de trapos no ensaio de colaborar na mais bela obra de Deus, na beleza da mulher! O luxo da mulher, com todos os seus requintes, é uma grande arte a seu modo. Os séculos e os países que o conseguem com êxito, são grandes séculos e grandes países, e o cristianismo mostrou, pela exclusão com que feriu essas tentativas, que o ideal social por ele concebido só seria o quadro de uma sociedade completa, muito tarde, quando as pessoas de gosto quebraram o jugo estreito imposto primitivamente à seita por um pietismo exaltado.

Proibia-se integralmente o luxo e a vida mundana. Consideravam-se os espectáculos uma abominação; não só os espectáculos sanguinolentos do anfiteatro, detestados pelas pessoas honestas, mas até os mais inocentes. O teatro é um lugar perigoso, porque nele se juntam homens e mulheres para ser vistos. O horror pelas termas, ginásios, banhos, xistos, não era menor, por causa da nudez que aí se exhibia. Nisto o cristianismo herdava o sentimento judaico. A esses lugares públicos fugiam os judeus por causa da circuncisão, que os expunha a todas as chacotas. Os jogos, os concursos, que por um dia fazem um homem igual aos deuses, e de que as inscrições guardam a memória, decaem no 3.º século, por causa do cristianismo. Forma-se o vácuo em torno dessas instituições antigas; taxam-nas de vaidades. Tinham razão; acaba a vida humana quando se consegue provar ao homem que tudo é vaidade.

A sobriedade dos cristãos igualava a sua modestia. Suprimiam-se quase todas as prescrições relativas à carne, prevalecendo o principio de que «tudo é puro para os puros». No entanto muitos se abstinham de matar para comer. Eram frequentes os jejuns e provocavam um estado de debilidade nervosa que levava a chorar copiosamente. Considerou-se favor do céu o dom de chorar. Choravam os cristãos incessantemente; era-lhes habitual a tristeza suave. Nas igrejas, desenhavam-se no seu rosto a mansidão, a piedade e o amor. Queixavam-se os rigoristas que, ao sair do lugar santo, a atitude recolhida se dissipasse; mas, em geral, reconheciam-se os cristãos pelo seu aspecto. Ti-

nham um ar particular, boas figuras, com uma calma que não excluía o sorriso de amável contentamento. Contrastavam com o ar desempenado dos pagãos, a quem por vezes faltava recolhimento e distinção. Na África montanista, certas práticas, e particularmente a de se persignarem sob qualquer pretexto, revelavam mais depressa os discípulos de Jesus.

O cristão era um ser à parte, votado a uma profissão exterior de virtude, um asceta. Se a vida monástica só aparece no fim do 3.^o século, é que, até então, a Igreja é um verdadeiro convento, cidade ideal onde se pratica uma vida perfeita. Quando o século entrar em massa para a Igreja, quando o concílio de Gangres, em 325, declarar que as máximas do Evangelho sobre a pobreza, a renúncia à família, a virgindade, não são para simples fiéis, os perfeitos criarão lugares à parte, em que a vida evangélica, muito alta para o vulgar dos homens, se pratique sem atenuações. O martírio oferecera o meio de pôr em prática os preceitos mais exagerados do Cristo, especialmente o desprezo das afeições consanguíneas; vai o mosteiro substituir o martírio, para que em alguma parte se realizem os conselhos de Jesus. O exemplo do Egipto, em que sempre existiu a Igreja, contribuiu para este resultado; mas o monaquismo estava na essência do cristianismo. Desde que a Igreja se abriu a todo o mundo, era inevitável a formação de pequenas Igrejas para os que queriam viver como Jesus e como viveram os apóstolos de Jerusalém.

Esboçava-se a grande luta do futuro. A pie-

dade cristã e a honra mundana serão dois antagonistas em rude pelear. O despertar do espírito mundano será o despertar da incredulidade. Revoltar-se-á a honra e sustentará que quantivale bem a moral que permite ser-se santo sem ser homem galante. Haverá vozes de sereias para reabilitar as coisas esquisitas que a Igreja declarou profanas. Fica-se sempre um pouco do que se foi antes. A Igreja, associação de santos, guardará esse carácter, através de todas as transformações. O mundano será o seu pior inimigo. Voltaire mostrará que as frivolidades diabólicas, excluídas de uma sociedade pietista, são boas e indispensáveis. O padre Canaya tentará demonstrar que não há nada mais galante do que o cristianismo e que o jesuita é superior a todos os gentis-homens. Não convencerá d'Hocquincourt. As pessoas de espírito não se convertem. Nunca se conseguirá que Ninon de Lenclos, Saint-Evremond, Voltaire, Merimée, sejam da mesma religião que Tertuliano, Clemente de Alexandria e o bom Hermas.

CAPÍTULO XXXI

Razões da vitória do Cristianismo.

Venceu o cristianismo disseminando no mundo a nova disciplina da vida. Precisava o mundo de uma reforma moral; não a produzia a filosofia; as religiões estatuidas nos países gregos e latinos não tinham capacidade para melhorar os homens. Entre as instituições religiosas do mundo antigo, só o judaísmo soltou contra a corrupção dos tempos um grito de desespero. Glória eterna e única que deve fazer esquecidas tantas loucuras e violências! Os Judeus são os revolucionários do 1.º e do 2.º séculos da nossa era. Respeitemos o seu fervor! Possuidores de um alto ideal de justiça, convencidos de que esse ideal se deve realizar na terra, não admitindo a pieguice com que se contentam facilmente os que crêem no céu e no inferno, têm sede do bem, e concebem-no sob a forma

de uma pequena vida sinagoga, sendo a vida cristã a sua transformação ascética. Ao cristianismo nascente constituem-no grupos pouco numerosos de pessoas humildes e piedosas, fazendo entre si uma vida de pureza, e esperando juntos o grande dia que será o seu triunfo e inaugurará na terra o reino dos santos. Tornou-se poderoso atractivo a felicidade reinante nesses pequenos cenáculos. Precipitaram-se os povos, por uma espécie de movimento instintivo, numa seita que satisfazia as suas aspirações mais íntimas e abria esperanças infinitas.

Eram muito fracas as exigências intellectuais do tempo e imperiosas as necessidades ternas do coração. Não se esclareciam os espíritos, mas adoptavam-se os costumes. Queria-se uma religião que ensinasse a piedade, mitos que oferecessem bons exemplos, susceptíveis de ser imitados, uma espécie de moral em acção fornecida pelos deuses. Queria-se uma religião honesta; ora não estava nesse caso o paganismo. A prédicta moral supõe o deísmo ou o monoteísmo; nunca o politeísmo foi culto moralizador. Queria-se sobretudo a certeza de uma vida ulterior em que se reparassem as injustiças desta. A religião que promete a immortalidade e assegura que um dia se tornarão a ver as pessoas queridas, tem uma grande primazia. «Os que não esperam serão vencidos». Inúmeras confrarias, professando estas crenças consoladoras, atraíam adeptos sem conta. Tais eram os mistérios sabazianos e órficos, na Macedónia; os mistérios de Dionisos na Trácia. No 2.º século, os símbolos de Psique têm um sentido funerário e

tornam-se uma religião de immortalidade, adoptada com interesse pelos cristãos. (1) Ah! as ideias de um outro mundo, como tudo o que é motivo de gosto e de sentimento, sofrem facilmente da influência das modas caprichosas. As imagens que, por um momento, contentaram a nossa sede passavam depressa; com elas se faziam sonhos de além-túmulo; pede-se novidade, porque não há nada que subsista a um demorado exame.

A religião estabelecida não dava satisfação às necessidades profundas do século. O deus antigo não é nem bom nem mau; é uma força. Com o tempo, as aventuras que se contavam dessas pretensas divindades tornaram-se imoriais. O culto caía na idolatria grosseira e por vezes na mais ridícula. Não raro, os filósofos atacavam em público a religião oficial com aplauso dos ouvintes. O governo, intervindo, ainda mais a rebaixou. As divindades da Grécia, de há muito identificadas com as divindades de Roma, tinham lugar de direito no Panteão. Sofreram identificações análogas as divindades bárbaras e tornaram-se Júpiteres, Apolos, Esculápios. As divindades locais salvaram-se pelo culto dos deuses Lares. Augusto fizera uma importante modificação religiosa, levantando e regulando o culto dos Lares, sobretudo dos Lares triviários, com a permissão de juntar aos dois Lares consagrados pelo uso outro Lar, o Génio do imperador. Ganharam os Lares com esta associa-

(1) Figura a imagem de Psique na catacumba de Flávia Domitila. De Rossi, *Roma sott.*, I, p. 187.

ção o epíteto de augustos; e, como os deuses locais deveram a sua sustentação legal ao título de Lares, foram classificados *augustos* na sua maior parte. Em torno deste culto complexo, formou-se uma clerezia, composta pelo flâmine, espécie de arcebispo representando o Estado, e dos severos augustais, corporações de operários e burgueses modestos, encarregados do culto dos Lares ou divindades locais. Mas o Génio do imperador venceu os seus vizinhos; a verdadeira religião do Estado foi o culto de Roma, do imperador, da administração. Ficaram os Lares pequenos personagens. Jeová, único deus local, resistiu obstinadamente à associação augusta, e, sendo o único incapaz de se transformar em inocente fetiche trívio, matou a divindade de Augusto e todos os outros deuses que se prestaram facilmente a ser os paredros da tirania. Estabeleceu-se entre o judaísmo e o culto bizarramente amalgamado e imposto pelo governo romano, uma luta tenaz. Roma cederá neste ponto. Roma dará ao mundo o governo, a civilização, o direito, a arte de administrar, mas não lhe dará religião. A religião que vencerá, aparentemente contra a vontade de Roma, e na realidade graças a ela, não será nem a religião do Lácio nem a remodelada por Augusto. Será a religião que Roma tantas vezes pensou ver destruída, a religião de Jeová.

Assistimos ao nobre esforço da filosofia para responder às exigências das almas que a religião não satisfazia. A filosofia vira tudo, exprimira tudo numa linguagem esquisita, mas era preciso que isso se dissesse sob uma forma popular, isto

é, religiosa. Só os padres é que fazem movimentos religiosos. Tinha razão a filosofia. A recompensa que oferecia não era tangível. O pobre, as pessoas sem instrução, que se não podiam aproximar dela, não tinham nem religião, nem esperança. Nasceu o homem tão medíocre, que só é bom quando sonha. Precisa de ilusões para fazer o que devia por amor do bem. Este escravo tem necessidade do medo e da mentira para cumprir os seus deveres. Só se obtêm sacrifícios da massa quando se lhe promete, em troca, a paga compensadora. A abnegação do cristão não passa de um cálculo hábil, uma colocação no reino de Deus.

A razão terá poucos mártires. Só há dedicações por aquilo em que se acredita; ora o que se acredita é o incerto e o irracional; atura-se o razoável, mas ninguém acredita nele. Eis porque a razão não leva à acção, conduzindo antes à abstenção. Não se produz nenhuma grande revolução na humanidade sem ideias preconcebidas, sem prejuizos, sem dogmatismo. Só se é forte enganando-se a si próprio, como toda a gente. O estoicismo implicava um erro que o prejudicou ante o povo. Aos seus olhos a virtude e o sentimento moral eram idênticos. O cristianismo distingue estas duas coisas. Jesus ama o filho pródigo, a cortesã, almas boas no fundo, embora pecadoras. Para os estoicos todos os pecados são iguais; o pecado é irremissível. O cristianismo perdoa todos os crimes. Mais se lhe pertence quanto mais pecador se é. Constantino far-se-á cristão por pensar que só os cristãos têm expiações para o assassinio de um filho pelo seu próprio pai. O successo

que tiveram, a partir do 2.º século, os medonhos tauróbolos, donde se saía coberto de sangue, provavam quanto a imaginação se encarnicava em encontrar meio de apaziguar os deuses irritados. Dos ritos pagãos, aquele cuja concorrência os cristãos mais receiam, é o tauróbolo; foi o último esforço do paganismo expirando, contra o mérito cada vez mais triunfal do sangue de Jesus.

Podia-se esperar por um instante que as confrarias dos *cultores dos deuses* dessem ao povo o necessário alimento religioso. O 2.º século viu o seu brilho e a sua decadência. (1) Extinguiu-se pouco a pouco o seu carácter religioso. Em certos países perderam o objectivo funerário e tornaram-se caixas de crédito, de seguros e reforma, associações de socorros mútuos. Só os colégios votados ao culto dos deuses orientais (partóforos, isistas, dendróforos, religiosos da Grande Mãe) conservaram os seus devotos. É claro que esses deuses falavam mais ao sentimento religioso que os deuses gregos e italotas. Agrupavam-se em volta deles; os fiéis tornavam-se confrades e amigos, enquanto que ninguém se agremiava em torno dos deuses oficiais. Em religião, só as seitas pouco numerosas podem fundar alguma coisa.

É tão bom considerar-se pequena aristocracia da verdade, e acreditar que se possui, com um grupo de privilegiados, o tesouro do bem! Entra aí o orgulho; o judeu, o metuali da Síria, humi-

(1) Negou-se muito o carácter primitivamente religioso destas confrarias.

lhados, odiados por todos, são no fundo impertinentes, desdenhosos; não os atinge a afronta; basta-lhes a altivez de serem o povo eleito! Actualmente, uma tão miserável associação de espíritas consola mais os seus membros que a sã filosofia; muitas pessoas, achando-se felizes com estas quimeras, prendem a elas toda a sua vida moral. No seu tempo, a *abracadabra* procurou gozos religiosos, e, com boa vontade, revelou uma sublime teologia.

O culto de Ísis teve as suas entradas regulares na Grécia desde o 4.º século antes de Jesus Cristo. Invadiu o mundo grego e romano. Esse culto, tal como o vemos representado nas pinturas de Pompeia e Herculano, com os padres tonsurados e imberbes vestidos de alva, lembra o nosso culto; de manhã, o sistro, como o sino das nossas paróquias, chamava os devotos a uma missa seguida de pré-dica, de orações pelo imperador e pelo império, de aspersões de água do Nilo, do *Ite missa est*. À tarde realizava-se a saudação; desejavam-se as boas noites à deusa; beijavam-se-lhe os pés. Havia pompas bizarras, procissões burlescas nas ruas, onde os irmãos levavam os deuses às costas. Outras vezes esmolavam, vestidos tão exóticamente que despertavam o riso nos verdadeiros Romanos. Pareciam-se com as confrarias dos penitentes dos países meridionais. Os isíastas tinham a cabeça rapada; vestiam uma túnica de linho, onde queriam ser sepultados. Junte-se a isto milagres em pequenas comunidades, sermões, profissões, rezas ardentes, baptismos, confissões, penitências sanguinolentas. Depois da iniciação sentia-se uma devoção intensa, como a da idade média pela Vir-

gem, uma grande voluptuosidade só com ver a imagem da deusa. Despertavam a alma as purificações e as expiações. Havia entre os comparsas da piedosa comédia um sentimento de confraternidade; tornavam-se pai, filho, irmão, irmã, uns dos outros. Estas pequenas franco-maçonarias, com santo e senha, criavam laços secretos e profundos.

oram, como Ísis, favorecidos Orísis, Serápis e Anúbis. Comparado com Júpiter, Serápis passou a ser um nome divino querido dos que aspiravam a um certo monoteísmo e a ter íntimas relações com o céu. Tem presença real o deus egipciaco; vê-se incessantemente; fala-se-lhe em sonhos é em contínuas aparições; a religião assim compreendida é um beijo sagrado entre o fiel e a divindade. As mulheres, especialmente, cultivaram estes cultos estranhos. Deixava-as frias o culto nacional. As cortesãs, notoriamente, eram, quase todas, devotas de Ísis e de Serápis; passavam por locais de entrevistas amorosas os templos de Ísis. Adornavam os ídolos destas capelas como se adornam as madonas. Eram ministros do altar as mulheres, com títulos sagrados. Tudo inspirava a devoção e contribuía para a excitação dos sentidos: choros, cantos apaixonados, danças ao som das flautas, representações comemorativas da morte e da ressurreição do deus. Sem o ser, a disciplina moral parecia séria. Havia jejuns, austeridades, dias de continência. Queixam-se Ovídio e Tibulo do mal que estas fantasias causavam aos seus prazeres, com um tom revelativo de que a deusa pedia às suas belas devotas mortificações bastante leves.

Outros deuses se acolheram, sem opposição,

benévola. A Juno celeste, a Belona asiática, Sabázio, Adónis, a deusa da Síria tinham os seus fiéis. Os soldados eram os veículos destes variados cultos, graças ao costume de seguirem as religiões dos países onde se aquartelavam. Voltando à pátria, consagravam um templo, um altar às suas recordações de guarnição. Daí, as dedicatórias a Júpiter de Baalbeck, ao de Dólica, que aparecem por todo o império.

Um deus oriental jogou com a sorte do cristianismo e quase se tornou o objecto do culto de propaganda universal a que se agarram grandes núcleos da humanidade. É *Mitra*, na mitologia ariana primitiva, um dos nomes do Sol. Este nome foi, entre os Persas do tempo dos aqueménides, o de um deus de primeira ordem. Falou-se dele pela primeira vez, no mundo greco-romano, no ano 70 antes de Jesus Cristo. Começou a ter voga muito lentamente. Só no 2.º e no 3.º séculos, é que o culto de Mitra, sãbiamente organizado no tipo dos mistérios que comoveram a antiga Grécia, teve um extraordinário sucesso.

A sua semelhança com o cristianismo era tão frisante que S. Justino e Tertuliano vêem nele um plágio satânico. Tinha o mitriacismo o baptismo, a eucaristia, os ágapes, a penitência, as expiações, as unções. As suas capelas assemelhavam-se muito a pequenas igrejas. Criava um laço de fraternidade entre os iniciados. Já o repetimos vinte vezes, era uma grande necessidade da época. Queriam-se congregações onde se pudesse amar, sustentar-se, observar-se uns aos outros, confrarias oferecendo um recinto fechado (porque o homem

não é perfeito) a todas as espécies de perseguições vaidosas, ao desenvolvimento inofensivo das ambições infantis das sinagogas. Sob muitos pontos de vista, o mitriacismo semelha a franco-maçonaria. Havia graus, ordens de iniciação, com nomes bizarros, provas sucessivas, jejuns de cinquenta dias, terrores, flagelações. Uma viva piedade se acendia em seguida a estes exercícios. Acreditava-se na imortalidade dos iniciados, num paraíso para as almas puras. (1) O mistério do cálix, semelhante à Ceia cristã, reuniões à noite, análogas às das nossas congregações piedosas, em « antros » ou pequenos oratórios, um numeroso clero, onde entravam as mulheres, expiações taurolares, medonhas, mas palpitantes, correspondiam às aspirações do mundo romano para uma espécie de religiosidade materialista. A imoralidade das antigas sabázias frígias não tinha desaparecido, mas mascarava-se com uma tintura de panteísmo e de misticismo, e por vezes, com um ceticismo tranquilo à moda do Ecclesiastes. (2)

Pode-se dizer que, se o cristianismo se detivesse no seu crescimento por alguma doença mortal, o mundo teria sido mitriasta. Prestava-se Mitra a todas estas confusões com Átis, com Adónis, com Sabázio, com Mena, que de há muito

(1) Catacumba mitriaca da via Ápia, atinente ao cemitério de Pretextato, túmulo de Vibia e Vincêncio. Garucci, *Tre sepolcri*.

(2) Inscrição equívoca do túmulo de Vincêncio; inscrição obscena de M. Aurélio, defronte; etc.

faziam chorar as mulheres. Gostavam os soldados deste culto. Entrando nos seus lares, levavam-no às províncias fronteiriças, às margens do Reno e do Danúbio. Também o mitriacismo resistiu mais tempo que os outros cultos ao cristianismo.

Só os golpes terríveis vibrados pelo império cristão conseguiram abatê-lo. Nos anos 376 e 377 encontra-se o número mais considerável de monumentos erguidos pelos adoradores da Grande Deusa e de Mitra. Conservaram-se nessa religião famílias senatoriais muito respeitáveis, restabeleceram à sua custa os « antros » destruídos e, à força de legados e edificações, tentaram eternizar um culto ferido de morte.

Os mistérios foram a forma ordinária destes cultos exóticos e a causa primordial dos seus sucessos. A impressão que deixavam as iniciações era muito profunda, como na maçonaria dos nossos dias, que embora vazia de sentido, entretém a imaginação de muitas pessoas. Simbolizava uma primeira comunhão; tinha-se sido, um dia, um ser puro, privilegiado, exposto ao público piedoso como um bem-aventurado, como um santo, coroado com um círio na mão. Espectáculos estranhos, aparições de bonecas gigantescas, alternativas de luz e de trevas, visões do outro mundo, que se criam reais, inspiravam um fervor devoto jamais esquecido. Havia nisto mais de um sentimento equívoco de que os maus costumes da antiguidade abusaram. (1) Semelhantemente às confrarias católicas,

(1) *Mystes*: criança votada ao azul ou ao branco, quase vestida de rapariga.

ligavam-se por um juramento, e de tal modo se acreditava nele, que mesmo sem fé alguma, ainda ninguém o falseava; porque se considerava favor especial, carácter cindindo da vulgaridade. Disponham os cultos orientais de muito mais dinheiro que os ocidentais. Tinham os padres mais importância que no culto latino; formavam uma clerezia com diferentes ordens, uma milícia santa, retirada do mundo, com regulamentos próprios. Os padres conservavam um ar grave, e como se diria actualmente, eclesiástico; usavam tonsura, mitra, e um vestido especial.

Uma religião fundamentada, como a de Apolónio de Tiana, sobre a crença da viagem de um Deus à terra devia alcançar sucesso. A humanidade procura o ideal; mas quer o ideal personificado; não admite abstracções. Um homem encarnando o ideal e cuja biografia pudesse servir de moldura às aspirações do tempo, eis o desejo da opinião religiosa. O Evangelho de Apolónio de Tiana teve um sucesso restrito; o de Jesus foi um triunfo. As urgências da imaginação e de sentimento que movem as populações eram precisamente as melhor satisfeitas pelo cristianismo. Não existiam então as objecções que a crença cristã antepõe aos espíritos de cultura racional em admitir o sobrenatural. É mais difícil estorvar o homem de crer do que obrigá-lo a acreditar. Não houve século mais crédulo que o 2.º. Toda a gente admitia os milagres mais absurdos; perdido o significado primitivo, a mitologia corrente tocava nas raíais da inépcia. A soma de sacrificios que o cristianismo pedia à razão era bem menor

do que o supunha o paganismo. Converter se ao cristianismo não era um acto de credulidade; era um acto de bom senso relativo. Debaixo do ponto de vista racionalista pode o cristianismo considerar-se um progresso; foi o homem religiosamente ilustrado quem primeiramente o adoptou. O fiel aos antigos deuses, o *pagão*, aldeão refractário ao progresso, ficou atrasado um século; como talvez, um dia, no século 2.^o se chamem *pagãos* (rústicos) aos últimos cristãos.

Em dois pontos essenciaes, o culto dos ídolos e os sacrificios sanguinolentos, correspondia o cristianismo às ideias mais *avanzadas* do tempo, como hoje se diria, fazendo boa liga com o estoicismo. (1) A ausência de imagens, que valia aos cristãos, da parte do povo, o nome de ateus, agradava aos espíritos cultos revoltados contra a idolatria official. Os sacrificios sanguinolentos implicavam ideias offensivas da divindade. Os essenianos, os elcassaitas, os ebionitas, os cristãos de todas as seitas, herdeiros dos antigos profetas, tiveram debaixo deste ponto de vista um sentimento admirável do progresso. Excluiu-se a carne do festim pascal. Fundou-se assim o culto puro. O lado inferior da religião, são as práticas que julgam operar por si próprias. Jesus, pelo papel que se lhe consignou, senão pelo seu feitio particular, terminou com essas práticas. Para que falar de sacrificios? O de Jesus vale por todos os outros. O da Páscoa? Jesus é

(1) Talvez que S. Justino tivesse lido as cartas apócrifas de Heráclito.

o verdadeiro cordeiro pascal. Da *Tora*? O exemplo de Jesus vale muito mais. Foi por este raciocínio que S. Paulo destruiu a Lei e que o protestantismo matou o catolicismo. Tudo se substituiu pela fé em Jesus. Os próprios excessos do cristianismo foram o princípio da sua força; por esse dogma de que Jesus fez tudo pela justificação dos seus fiéis, as obras não têm utilidade e não há outro culto senão o da fé.

Tinha o cristianismo uma grande superioridade sobre a religião do Estado que Roma patrocinava e sobre as outras que ella tolerava. Compreendiam-no vagamente os pagãos. Alexandre Severo tendo a ideia de levantar um templo ao Cristo, trouxeram-lhe textos sagrados donde resultaria que todo o mundo se faria cristão e não mais frequentaria os outros templos. Em vão Juliano experimentará aplicar ao culto official a organização que fazia a força da Igreja; o paganismo resistirá a uma transformação contrária à sua natureza. Impor-se-á o cristianismo ao império inteiro. A religião que Roma espalhará pelo mundo será a que mais vivamente combateu, o judaismo, sob a forma cristã. Em vez de nos surpreendernos pelo successo do cristianismo no império romano, deve antes espantar-nos que fosse tão lenta a sua disseminação.

As máximas do Estado, base da política romana, foram profundamente atingidas pelo cristianismo. Defenderam-se ellas enérgicamente durante cento e cinquenta anos e retardaram o advento do culto designado para a vitória. Mas o advento era inevitável. Militão tinha razão. Destinava-se

o cristianismo a ser a religião do império romano. O Ocidente ainda se opunha, refractário; a Ásia Menor e a Síria, pelo contrário, tinham massas densas de população cristã aumentando todos os dias em importância política. Passava para esse lado o centro de gravidade do império. Previa-se que um ambicioso teria a tentação de se apoiar nessas multidões, que a mendicidade punha nas mãos da Igreja e que a Igreja cederia ao César que lhe fosse favorável. Não data de Constantino o papel político do bispo. Desde o 3.º século, o bispo das grandes cidades do Oriente é um personagem tal como, hoje, o bispo na Turquia, entre os cristãos gregos, armênios, etc. Os depósitos de fiéis, os testamentos, a tutela dos pupilos, os processos, a administração da comunidade tudo lhe é confiado. É um magistrado junto da magistratura pública, (1) beneficiando de todos os defeitos desta. No 3.º século a Igreja é uma agência de interesses populares, suprimindo tudo o que o império não fez. Sente-se que, desfalecido o império, o bispo será o seu herdeiro. Quando o Estado se não ocupa dos problemas sociais, estes resolvem-se à parte por meio de associações que arrasam o Estado.

A glória de Roma foi ter querido resolver o problema da sociedade humana, sem teocracia nem dogmas sobrenaturais. O judaísmo, o cristianismo, o islamismo, o budismo, são grandes instituições abrangendo a vida humana sob a forma de reli-

(1) Notai o papel importante de S. Babillas na Antioquia. São notáveis as cartas do imperador Galiano aos bispos.

giões elevadas. Essas religiões são a própria sociedade; nada ha fora delas. O triunfo do cristianismo foi o aniquilamento da vida civil por um milhar de anos. A Igreja será uma comuna, mas sob a forma religiosa. Para se pertencer à comuna não basta ter nascido nela; é preciso professar um dogma metafísico, e se ao espírito repugna esse dogma, tanto pior para vós. O islamismo applicou o mesmo princípio. A mesquita, como a sinagoga e a igreja, é o centro da vida. A idade média, reinado do cristianismo, do islamismo e do budismo, é a era da teocracia. O grande golpe de génio da Renascença foi voltar ao directio romano, que é o direito civil, voltar à filosofia, à ciência, à arte verdadeira, à razão, fora de qualquer revelação. Pense-se nisto. O fim supremo da humanidade é a liberdade do indivíduo. Ora a teologia e a revelação não criarão nunca a liberdade. A teocracia faz do homem revestido do poder um funcionário de Deus; a razão faz dele um mandatário das vontades e direitos de cada um.

CAPÍTULO XXXII

**Revolução social e política produzida
pelo cristianismo**

Quanto mais o império decaí mais o cristianismo se levanta. Durante o 3.º século o cristianismo suga, como um vampiro, a sociedade antiga, aspira-lhe as forças e provoca o enervamento geral contra o qual lutam em vão os imperadores patriotas. Não precisa o cristianismo de atacar à viva força, basta fechar-se nas suas igrejas. Vinga-se não servindo o Estado, porque retém os princípios sem os quais o Estado não pode prosperar. É a mesma guerra que hoje fazem ao Estado os nossos conservadores. O exército, a magistratura, os serviços públicos necessitam de honradez e seriedade. Quando as classes que dão essas garantias de seriedade e honestidade se confinam na abstenção, o mal generaliza-se.

A Igreja, no 3.º século, absorvendo a vida, es-

gota a sociedade civil, sangra-a e estabelece-se o vazio em volta dela. A vida antiga, vida exterior e viril, vida de glória, de heroísmo, de civismo, vida de foro, de teatro, de ginásio, é vencida pela vida judaica, vida anti-militar, amiga da sombra, vida de pálidos enclausurados. A política não admite homens separados da terra. Quando o homem aspira ao céu, não tem lugar neste mundo. Não se fazem nações com monges e iogues; o ódio e o desprezo do mundo não habilitam para a luta pela vida. A Índia, que, de todos os países conhecidos, foi o mais ascético, de há muito que é terra aberta a todos os conquistadores. Sucedeu o mesmo com o Egipto. A consequência inevitável do ascetismo é fazer considerar tudo o que não seja religioso como frívolo e inferior. O soberano e o guerreiro, comparados com o padre, são seres rudes e brutais; a ordem civil é mantida por uma tirania incómoda. O cristianismo melhorou o mundo antigo; mas sob o ponto de vista militar e patriótico, destruiu-o. A cidade e o Estado não se acomodarão com o cristianismo senão mais tarde e modificando-o.

— « Vivem na terra, diz o autor da carta a Diogneto, mas a sua pátria é o céu ». Quando se pergunta ao mártir qual a sua pátria: « Sou cristão » é a resposta. O pai e mãe que o verdadeiro gnóstico deve desprezar, são a pátria e as leis civis, diz Clemente de Alexandria, para ter lugar à direita de Deus. O cristão não sabe o que tem a fazer quando se trata de coisas mundanas. O Evangelho cria fiéis e não cidadãos. Sucedeu o mesmo com o islamismo e com o budismo. O advento

dessas grandes religiões universais deu cabo da velha ideia da pátria; nunca mais se foi Romano, Ateniense; foi-se cristão, muçulmano, budista. Classificam-se doravante os homens pelos seus cultos e não pela sua pátria. As lutas estalarão por causa da heresia e não por questões de nacionalidade.

Eis o que viu perfeitamente Marco-Aurélio e o que o inimizou com o cristianismo. Pareceu-lhe a Igreja um Estado no Estado. (1) «O campo da piedade», o novo «sistema da pátria fundada sobre o *Logos* divino», nada tem com o campo romano, que não tem a pretensão de formar vassallos para o céu. A Igreja, com efeito, confessa-se uma sociedade completa, muito superior à sociedade civil; o pastor vale mais que o magistrado. A Igreja é a pátria do cristão como a sinagoga é a pátria do judeu; o cristão e o judeu vivem num país em que se reputam estrangeiros. O cristão mal tem um pai e uma mãe. Não deve nada ao império e o império deve-lhe tudo; (2) porque é a presença dos fiéis disseminados no mundo romano que sustém a ira celeste e salva o Estado da ruína. Não se regosija o cristão com as vitórias do império; parecem-lhe os desastres públicos uma confirmação das profecias que condenam o mundo a morrer

(1) O autor da epístola a Diogneto admite esta definição.

(2) É muito rara nas inscrições cristãs a indicação de filiação e da pátria. Sucede o mesmo com a hereditariedade. *Le Blant, Inscr.*

pelos bárbaros e pelo fogo (1). O cosmopolitismo dos estóicos tinha também seus perigos; mas um amor ardente da civilização e cultura gregas servia de contrapeso aos excessos do seu desapego.

Sob muitos pontos de vista, eram os cristãos vassallos leais. Nunca se revoltavam; rezavam pelos seus perseguidores. Apesar dos seus agravos contra Marco-Aurélio, não entraram na revolta de Avidio Cássio. Afectavam os princípios do mais puro legitimismo. Dando Deus o poder a quem lhe apraz, é preciso obedecer sem discussões a quem o tem oficialmente. Esta aparente ortodoxia política não passava do culto do sucesso. «Nunca houve entre nós partidários de Albino, partidários de Níger», diz ostensivamente Tertuliano, no reino de Séptimo-Severo. Mas porque seria Séptimo-Severo mais legítimo que Albino ou Pescênio Níger? Teve mais sorte; e é tudo. O princípio cristão: «Deve-se reconhecer quem tem o mando», contribuiu para estabelecer o culto do facto consumado, isto é, o culto da força. A política liberal não deve e não deverá coisa alguma ao cristianismo. A ideia do governo representativo é o contrário do que expressamente professaram Jesus, S. Paulo, S. Pedro, Clemente Romano.

O mais importante dos deveres cívicos, o serviço militar, esse não o podiam cumprir os cris-

(1) Leiam a engraçada cena do *Philopatris*. Mudam as coisas a partir do 4.º século. O império fazendo-se cristão, morrer por ele é morrer pela Igreja. *Le Blant da pátria.*

tãos. Esse serviço implicava, além da necessidade de verter sangue, crime para os exaltados, actos que as consciências timoratas achavam idolátricos. Houve soldados cristãos no 2.º século; mas cedo se revelou a incompatibilidade das duas profissões, e o soldado ou deixava o cinturão ou se fazia mártir. A antipatia tornou-se absoluta; sendo-se cristão, abandonava-se o exército. « Não se servem dois senhores », tal o princípio incessantemente ouvido. Proibia-se a representação nos anéis de uma espada ou de um arco. « Basta para batalhar pelo imperador rezar por ele ». O grande enfraquecimento do exército romano no 3.º século deveu-se ao cristianismo. Celso viu a verdade sagacissimamente. A coragem militar, que, para o Germano, era a única a abrir as portas da Walhalla, não é virtude aos olhos do cristão. Se se emprega a favor de uma boa causa, vá lá; senão, é barbaria. Um homem muito bravo na guerra pode ser pouco moral; mas quão fraca seria uma sociedade de perfeitos! Para ser consequente, o Oriente cristão perdeu todo o seu valor militar! Aproveitou-o o islão e deu ao mundo o triste espectáculo do eterno cristão do Oriente, sempre batido, massacrado, incapaz de olhar cara a cara um guerreiro, dando perpétuamente o pescoço ao sabre, vítima pouco interessante, porque se não revolta e não sabe manejar uma arma, mesmo quando lha metem na mão.

O cristão eximia-se à magistratura, aos cargos públicos, às honras civis. Perseguir essas honras, ambicionar essas funções, ou aceitá-las, é dar um testemunho de fé a um mundo que, por princí-

pio, está condenado e enraizado a um fundo de idolatria. Uma lei de Séptimo-Severo permite aos « adeptos da superstição judaica » chegar às honrarias com dispensa das obrigações contrárias às suas crenças. Podiam os cristãos aproveitar essa dispensa; não o quiseram. Era apostasia enfeitar as portas nas vésperas dos dias de festa, tomar parte nos divertimentos e regosijos públicos. O mesmo sucedia com os tribunais. Nunca os cristãos deviam levantar processos; quem arbitra são os seus pastores. A impossibilidade dos casamentos mistos erguia um muro infranqueável entre a Igreja e a sociedade. Proibia-se aos fiéis passear nas ruas, intrometer-se nas conversas públicas; não deviam visitar-se senão uns aos outros. Nem as hospedarias podiam ser comuns; os cristãos em viagem iam à igreja, tomavam parte nos ágapes e na distribuição dos restos das oferendas sagradas.

Proibia-se toda a arte ou officio que tivesse como consequencia a correlação com a idolatria. Perdiam o seu valor a escultura e a pintura; consideravam-se artes inimigas. Aí está a explicação de um dos factos mais singulares da história, da desapareição da escultura na primeira metade do 3.º século. A primeira vítima, na civilização antiga, feita pelos cristãos, foi a arte; depois lentamente a riqueza; mas neste ponto de vista com a mesma decisão. O cristianismo foi, antes de mais nada, uma grande revolução económica. Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros. Realizou-se o reino de Deus, segundo os judeus. Um dia Rab José, filho de Rab Josué ben

Levi, caindo em letargo, o pai perguntou-lhe, quando recuperou os sentidos: « Que viste no céu? — Eu vi, respondeu José, o mundo invertido; os poderosos estão no último lugar; os humildes no primeiro. — Viste o mundo normal, meu filho ».

O império romano, rebaixando a nobreza e reduzindo a quase nada o privilégio do sangue, aumentou, pelo contrário, as vantagens da fortuna. Em vez de estabelecer a igualdade efectiva entre os cidadãos, o império romano, abrindo de par em par as portas da cidade romana, criou diferenças profundas entre notáveis ou ricos e os pobres. Proclamando a igualdade política de todos, criou a desigualdade perante a lei, sobretudo perante a lei penal. A pobreza tornava illusório o título de cidadão romano, e o maior número era de pobres. Subsistia o erro da Grécia em desprezar o operário e o aldeão. O cristianismo nada fez em seu favor, prejudicando até as populações rurais com a instituição do episcopado, com a influência e benefícios de que gozavam as cidades; mas teve grande influência na reabilitação do operário. Uma das recomendações da Igreja é de aconselhar o artista à dedicação pelo seu officio, com gosto e aplicação. Nobilita-se o operário; elogiam-se nos epítáfios os operários e operárias que foram bons trabalhadores.

O operário, ganhando honradamente o pão quotidiano, realiza o ideal cristão. Para a Igreja primitiva o crime supremo foi a avareza. Ora às vezes ser avaro era ser poupado. A esmola constituiu um dever estrito. O judaismo tinha-a como preceito. Nos Salmos e livros proféticos, o *ebion* é o amigo

de Deus, e dar ao *ebion* é dar a Deus. Esmola, em hebraico, quer dizer « justiça ». Deve-se limitar o zelo das pessoas piedosas. Ouscha estabelece o princípio de que se deve dar aos pobres, o máximo, um quinto dos seus haveres. O cristianismo, primitivamente sociedade de *ebionim*, aceitou a ideia de que o rico, se não der o supérfluo, é um detentor dos bens alheios. Deus criou a todos. « Imitai a igualdade de Deus e ninguém será pobre », lemos num texto que se considerou sagrado por muito tempo (*Cerygma Petri et Pauli*). A própria igreja era um estabelecimento de caridade. Os ágapes e as distribuições feitas com o supérfluo das ofertas nutriam os pobres e os viajantes.

Sacrificado em toda a linha foi o rico. Poucos ricos entravam na Igreja e a sua posição dentro dela era das mais críticas. Os pobres, orgulhosos com as promessas evangélicas, tratavam-nos com um ar arrogante. O rico tinha que fazer-se perdoar pela sua fortuna, como uma derrogação do espírito cristão. Por certo que tinha fechado o reino dos céus, a menos que não purificasse a riqueza pela esmola e não a expiasse pelo martírio. Consideravam-no um egoista engordando à custa do suor alheio. Se algum dia houve comunidade de bens, essa agora havia desaparecido; a « vida apostólica », ideal da primitiva Igreja de Jerusalém, era sonho perdido num horizonte remoto; mas a propriedade do fiel não passava de uma meia propriedade; importava-lhe pouco e a Igreja era participante dela.

A luta mais encarniçada feriu-se no 4.º século. As classes ricas, quase todas presas ao antigo

culto, lutam enèrgicamente, mas vencem-nas os pobres. No Oriente, onde a acção do cristianismo foi mais completa, ou melhor, menos contrariada do que no Ocidente, não houve ricos a partir do 5.º século. A Síria e especialmente o Egipto transformaram-se em países monacais e eclesiásticos. Só foram ricas as duas formas de comunidade, a igreja e o mosteiro. A conquista árabe, invadindo esses países, depois de algumas batalhas na fronteira, encontrou um rebanho a pastorear. Assegurada a liberdade do culto, os cristãos do Oriente subordinaram-se a todas as tiranias. No Ocidente, entre outras causas as invasões germânicas não o deixaram empobrecer completamente. Mas suspendeu-se por um milhar de anos a vida humana. Foi impossível a grande indústria; por causa das falsas ideias disseminadas sobre a usura, todas as operações bancárias e seguros, foram interditas. Só o judeu pode negociar com o dinheiro; forçaram-no a ser rico; depois censuram-lhe a riqueza a que o condenaram. Eis o maior erro do cristianismo. Fez pior do que dizer aos pobres: « Enriquecei-vos à custa do rico »; porque afirmou: « A riqueza não é coisa alguma ». Cortou o capital pela raiz; proibiu a coisa mais legítima, o juro do dinheiro; com o ar de garantir ao rico a sua riqueza, inutilizou-lhe os frutos tornando-a improdutiva. O terror funesto espalhado durante a idade média pelo pretensio-crime da usura foi o obstáculo que se ergueu durante mais de dez séculos ao progresso da civilização.

Diminuiu consideravelmente a soma de trabalho. Países como a Síria, em que o conforto não

compensa em gozo o que dá em sacrificio, em que a escravatura é uma condição da civilização material, desceram um grau na escala humana. Aí quedaram as ruínas antigas como vestígios de um mundo desaparecido e incompreendido. As alegrias da outra vida, não adquiridas pelo trabalho, predominaram sobre o que leva o homem à acção. A ave do céu, o lírio da campina não trabalham nem semeiam, e no entanto, pela sua beleza, occupam um lugar primacial na jerarquia das criaturas. A alegria do pobre é imensa ao saber que se pode ser feliz sem trabalhar. O mendigo a quem dizem que o mundo vai ser dele, e que, não fazendo coisa alguma, é um nobre da Igreja, porque só as suas orações é que são verdadeiramente eficazes, esse mendigo é em breve tempo uma criatura perigosa.

Viu-se isto no último movimento dos messianistas da Toscana. Doutrinados por Lazaretti, os aldeões sem hábitos de trabalho não quiseram continuar a fazer a vida habitual. Como na Galileia, como na Umbria do tempo de Francisco de Assis, imaginou o povo conquistar o céu pela pobreza. Ninguém, com tais devaneios, se sujeita ao jugo. Apostoliza-se em vez de retomar a cadeia que se supõe partida. É muito duro curvar-se todo o dia ao peso do labor humilhante e ingrato!

O fim do cristianismo não era o aperfeiçoamento da sociedade humana nem o aumento da felicidade dos indivíduos. O homem esforça-se por passar na terra, o melhor possível, os poucos dias em que anda por cá. Mas, quando se lhe diz que o mundo vai acabar, que a vida é prova de um dia,

prefácio insignificante do ideal eterno, para que embelezá-la? Ninguém perde tempo em ornar e tornar cómoda a casa onde habitará um instante. É sobretudo nas relações do cristianismo com a escravatura que isto aparece evidenciado. Contribuiu o cristianismo imenso para consolar o escravo, para melhorar a sua sorte; mas não trabalhou directamente para suprimir a escravatura. Vimos que a grande escola de juristas do tempo dos Antoninos tem a ideia de que a escravatura é um abuso que se deve lentamente suprimir. Nunca disse o cristianismo: «A escravatura é um abuso». No entanto, pelo seu idealismo exaltado, serviu poderosamente a tendência filosófica que, de há muito, se fazia sentir nas leis e nos costumes.

O cristianismo primitivo foi um movimento essencialmente religioso. Pareceu-lhe bom conservar tudo o que na organização social do tempo se não ligasse com a idolatria. Nunca os doutores cristãos tiveram a ideia de protestar contra o facto estabelecido da escravatura. Seria uma acção revolucionária antagónica ao seu espírito. Não são coisa cristã os direitos do homem. S. Paulo reconhece completamente a legitimidade da posse no senhor. Não há uma palavra, em toda a literatura cristã, que pregue a revolta do escravo, nem aconselhe ao senhor a alforria, ou agite a questão do direito público originada entre nós pela escravatura. São os sectários perigosos, como os carpo-cráticos, que ousam falar nas diferenças das pessoas. Os ortodoxos admitem a propriedade como absoluta, quer tenha por objectivo uma pessoa ou uma cousa. Não os comove como a nós a triste sorte

dos escravos. Por algumas horas que dura a vida, de que vale a condição do homem? «Chamam-te escravo, não te dê cuidado; se te podes libertar, liberta-te... O escravo é o liberto do Senhor; o homem livre é o escravo do Cristo. Para Cristo não ha Grego nem Judeu, nem escravo nem homem livre, nem homem nem mulher». As palavras «servo» e «liberto» são muito raras nas sepulturas cristãs. O escravo e o homem livre são igualmente *servos de Deus*, como o soldado é *soldado de Cristo*. O escravo afirma-se o liberto de Jesus.


Submissão e ligação conscienciosa do escravo para com o senhor, doçura e fraternidade do lado do senhor para com o escravo, tal é, na prática, a moral do cristianismo primitivo neste ponto delicado. Muito considerável era já na Igreja o número dos escravos e dos libertos. Nunca esta aconselhou ao senhor cristão que tinha escravos cristãos a que os alforriasse; não proibiu os castigos corporais, consequência quase inevitável da escravatura. Parece até que a liberdade retrogradou no tempo de Constantino. Se o movimento iniciado pelos Antoninos continuasse na segunda metade do 3.º e durante o 4.º século, viria a supressão da escravatura por medida legal e com remissão. Perdeu-se o terreno ganho pela ruína da política liberal e pelas desgraças da época. Falam os Padres da Igreja da ignomínia da escravatura e da baixeza dos escravos nos mesmos termos dos pagãos. João Crisóstomo, no 4.º século, é o único doutor que aconselha formalmente a libertação dos escravos como uma boa acção. Mais tarde a Igreja teve escravos e tratou-os como toda a gente, isto é, du-

ramente. A condição do escravo da Igreja piorou-se mesmo por uma circunstância: a impossibilidade de alienar o bem da Igreja. Quem era o seu proprietário? quem podia libertá-lo? A dificuldade de resolver a questão eternizou a escravatura eclesiástica e deu este resultado: A Igreja, que tanto fez pelos escravos, foi a única que por mais tempo os possuiu. As alforrias davam-se geralmente em testamento; ora a Igreja não tinha que testar. O liberto eclesiástico estava sob o patronato de uma senhora eterna.

Foi indirectamente e por consequência que o cristianismo contribuiu poderosamente para mudar a situação do escravo e apressar o fim da escravatura. O papel do cristianismo, na questão da escravatura, foi o de um conservador inteligente, que serve o radicalismo por princípio, com uma linguagem excessivamente reaccionária. Mostrando o escravo capaz de virtude, heróico no martírio, igual ou superior ao seu senhor debaixo do ponto de vista do reino de Deus, a nova fé tornava impossível a escravatura. Valorizado moralmente o escravo, está suprimida a escravatura. Bastavam, por si sós, as reuniões da Igreja para arruinar a cruel instituição. A antiguidade conservou a escravatura, excluindo os escravos dos cultos patrióticos. Levantar-se-iam moralmente logo que sacrificassem com os seus senhores. A frequência da igreja era a mais perfeita lição de igualdade religiosa. Que dizer da eucaristia e do martírio em comum? Logo que o escravo tem a mesma religião que o seu senhor, reza no mesmo templo, está a escravatura próxima do seu fim. Os senti-

mentos de Blandina e os da sua «senhora carnal» são os de uma mãe e de uma filha. Na igreja, «senhor e escravo chamavam-se irmãos. Até na matéria mais delicada, no casamento, se viam milagres, certos libertos casarem com damas nobres, *mulheres patricias*.

Como se pode supor, o senhor cristão levava os escravos para a sua fé, tendo o cuidado de não o fazer a indivíduos indignos. Era uma boa acção ir ao mercado dos escravos e, deixando-se guiar pela sua caridade, escolher algum pobre corpo a vender e assegurar-lhe a salvação. «Comprar um escravo é ganhar uma alma»; passou a ser provérbio corrente. Um género de proselitismo, mais vulgar e mais legítimo, consistia em recolher os expostos e fazê-los *alunos* cristãos. Certas Igrejas compravam à sua custa um membro de condição servil. Isto excitava os desejos dos desgraçados menos favorecidos. Os doutores ortodoxos não animavam estas pretensões perigosas: «Que continuem a servir para glória de Deus, a fim de terem de Deus uma melhor liberdade». O escravo ou melhor o liberto chegava às mais importantes funções eclesiásticas, logo que o patrão ou o senhor a isso se não opusesse.

 Fundou o cristianismo a igualdade diante de Deus. Clemente de Alexandria e sobretudo João Crisóstomo não perdem a ocasião de consolar o escravo, proclamá-lo irmão do homem livre, tão nobre como ele, se aceita o seu estado e serve Deus com o coração e boa vontade. Na liturgia, a Igreja tem uma oração «pelos que sofrem na amarga escravatura». Já o judaismo professara

sobre o mesmo assunto máximas relativamente humanas. Abrira quanto pudera a porta da alforria. Era muito suave a escravatura entre os Judeus. Foram mais longe os essénios e os terapeutas: declararam a escravatura contrária ao direito natural e dispensaram o trabalho servil. O cristianismo, menos radical, não suprimiu a escravatura, mas suprimiu-lhe os costumes. Funda-se a escravatura na ausência da ideia de fraternidade entre os homens; essa ideia é o dissolvente. A partir do 5.º século, a alforria e o resgate dos presos foram actos de caridade recomendadíssimos pela Igreja.

Os que pretendem ver no cristianismo a doutrina revolucionária dos direitos do homem e em Jesus o precursor de Toussaint Louverture, enganam-se redondamente. O cristianismo não inspirou Espártaco; o verdadeiro cristão não se revolta. Mas não foi Espártaco que suprimiu a escravatura, foi Blandina; foi sobretudo a ruína do mundo greco-romano. A escravatura antiga nunca foi abolida; caiu ou melhor transformou-se. A inércia em que mergulhou o Oriente a partir do triunfo completo da Igreja no 5.º século, tornou o escravo inútil. Tiveram análogo efeito as invasões bárbaras no Ocidente. O desprendimento geral que se apoderou da humanidade em seguida à queda do império romano (1) produziu inumeráveis alforrias.

O escravo foi a vítima sobrevivente do mundo

(1) Inúmeras cartas de alforria «na proximidade da noite do mundo».

pagão, resto inútil de um mundo de luxo e de prazer. Pensou-se resgatar a alma dos terrores da outra vida libertando o irmão sacrificado na terra. A escravatura tornou-se rural e implicou um laço entre o homem e a terra, que mais tarde havia de ser propriedade. O princípio filosófico de que o homem pertence a si mesmo, só mais tarde apareceu como dogma social. Apregoaram-no teóricamente Séneca e Ulpiano, Voltaire, Rousseau e a revolução francesa fizeram com ele a base da nova fé da humanidade.

CAPÍTULO XXXIII

O império cristão

Velhas e profunda razões queriam, apesar das aparências contrárias, que o império se fizesse cristão. A doutrina cristã sobre a origem do poder parecia feita expressamente para ser a doutrina do Estado romano. A autoridade ama a autoridade. Homens conservadores como os bispos deviam sentir terríveis tentações de se reconciliar com a força pública, cuja acção se exerce por bem na maioria dos casos. Jesus traçara a regra. A effigie da moeda era para ele o critério supremo da legitimidade, além da qual nada mais havia a discutir. Em pleno reinado de Nero escrevia S. Paulo : « Que cada qual se submeta às potências reinantes ; porque não há poder que não venha de Deus. Os poderes existentes são ordenados por Deus ; de modo que quem lhes desobedecer resiste às or-

dens dimanadas de Deus. » Alguns anos depois Pedro, ou quem escreveu em seu nome a epístola *Primeira de Pedro*, exprime-se análogamente. Não se pode ser mais dedicado ao império romano do que Clemente. Finalmente, uma das características de S. Lucas, como o dissemos, é o respeito pela autoridade imperial e ainda o cuidado de que se cerca para nada ofender.

Havia cristãos exaltados que compartilhavam das fúrias judaicas e sonhavam com a destruição da cidade idólatra, para eles identificada a Babilónia. Assim foram os autores dos apocalipses e os dos escritos sibilinos. Cristo e César, para eles, eram dois inimigos irreconciliáveis. Tinham ideias diferentes os fiéis das grandes Igrejas. Em 70, a Igreja de Jerusalém, com um sentimento mais cristão que patriótico, abandonou a cidade revolucionária e procurou a paz além-Jordão. Na revolta de Bar-Coziba caracterizou-se mais a separação. Nem um só cristão tomou parte nessa tentativa de cego desespero. Nas suas Apologias, S. Justino não combate o princípio do império ; quer que o império examine a doutrina cristã, a aprove, a subscreva e condene os que a caluniam. Vimos o primeiro doutor do tempo de Marco-Aurélius, o bispo de Sardes, Militão, oferecer serviços mais característicos e apresentar o cristianismo como base dum império herediário e de direito divino. No seu tratado da Verdade, conservado em siríaco, Militão exprime-se como um bispo do século 4.º, expondo a um Teodósio que o seu primeiro dever é procurar o triunfo da verdade (sem nos dizer como se reconhece a verdade !). Todos os apologistas li-

sonjeiam a ideia favorita dos imperadores, a da hereditariedade em linha recta, assegurando que o resultado das orações cristãs será suceder-lhes o primogénito no trono. Torne-se o império cristão e os perseguidos de hoje acharão legítima a ingerência do Estado no domínio da consciência.

O ódio entre o cristianismo e o império era o ódio de pessoas que um dia devem amar-se. No tempo dos Severos, a linguagem da Igreja continua a ser o que fora no tempo dos Antoninos, plangente e carinhosa. Os apologistas exibem uma espécie de legitimismo, a pretensão da Igreja, primeiro que ninguém, ter saudado o imperador. Frutificava o princípio de S. Paulo: « Todo o poder vem de Deus; quem tem a espada, recebeu-a de Deus para fazer o bem ».

Esta atitude correcta com respeito ao poder prendia-se tanto com as necessidades exteriores como com os princípios que a Igreja recebera dos fundadores. Já a Igreja era uma grande associação, essencialmente conservadora, com necessidades de ordem e de garantias legais. Vê-se isto admiravelmente no feito de Paulo de Samosato, bispo de Antioquia, no tempo de Aureliano. O bispo de Antioquia devia, nesse tempo, passar por um grande personagem. Tinha nas suas mãos os bens da Igreja; muita gente vivia à sua custa. Paulo era um homem brilhante, pouco místico, mundano, um grão-senhor profano, procurando tornar o cristianismo aceitável para as pessoas do mundo e para a autoridade. Os pietistas, como era de prever, consideraram-no herege e destituíram-no. Resistiu Paulo e recusou-se a abandonar

a casa episcopal. Eis o ponto fraco das seitas mais altivas — os haveres; ora quem pode resolver questões de propeidade ou de gozo senão a autoridade civil? Foi submetida a questão ao imperador, que se encontrava então em Antioquia, e viu-se o espectáculo original de ser o imperador infiel e perseguidor o árbitro encarregado de decidir quem era o verdadeiro bispo. Mostrou Aureliano, neste momento, um bom senso laico. Mandou buscar a correspondência dos dois bispos, notou qual deles tinha relações em Roma e na Itália e concluiu que esse era o bispo de Antioquia.

O raciocínio teológico que nesse momento fez Aureliano prestava-se a muitas objecções; mas houve um facto evidente: o cristianismo não podia viver sem o império, e o império, por outro lado, o melhor que tinha a fazer era adoptar o cristianismo como sendo a sua religião. O mundo queria uma religião de congregações, de Igrejas ou de sinagogas, de capelas, uma religião em que a essência do culto fosse a reunião, a associação, a fraternidade. Satisfazia o cristianismo a todas estas condições? O seu culto admirável, a sua moral pura, a sua clerezia sábiamente organizada, asseguraram-lhe o futuro.

Esteve por vezes a realizar-se esta necessidade histórica no 3.º século. Viu-se sobretudo no tempo dos imperadores sírios, a quem a qualidade de estrangeiros e a baixezia da sua origem punham ao abrigo dos prejuizos e que, apesar dos seus vícios, inauguraram uma largueza de ideias e uma tolerância até então ignoradas. Tornou-se a ver o mesmo no tempo de Filipe, o Árabe, no Oriente no tempo de Zenóbio, e em geral com todos

os imperadores cuja origem os afastava do patriotismo romano.

Redobrou a luta quando os grandes reformadores, Diocleciano e Maximiano, pensaram dar ao império uma nova vida. A Igreja triunfou pelos seus mártires; o orgulho romano cedeu; Constantino viu a força interna da Igreja, as populações da Ásia Menor, da Síria, da Trácia, da Macedónia, numa palavra, da parte oriental do império já mais que semi-cristão. A sua mãe, que fora criada de uma hospedaria em Nicomédia, fez brilhar aos seus olhos um império do Oriente, tendo o centro em Niceia e cujo nervo seria o favor dos bispos e da multidão dos pobres matriculados na Igreja, que nas grandes cidades fazem a opinião. Constantino inaugurou a chamada « paz da Igreja », e que foi realmente o domínio da Igreja. Espantamos isto se olharmos o Ocidente; porque, aqui, eram os cristãos fraca minoria; no Oriente, a política de Constantino foi não só natural, mas imposta.

A reacção de Juliano foi um capricho sem valor. Depois da luta veio a união íntima e o amor. Teodósio inaugura o império cristão, isto é, aquilo que a Igreja mais almejou na sua longa vida, um império teocrático, de que a Igreja é a moldura essencial e que ainda mesmo depois de destruído pelos bárbaros subsistiu, pelo menos nos países romanos, no sonho eterno da consciência cristã. Muitos acreditaram que, com Teodósio, o cristianismo atingira o seu fim. Império e cristianismo identificaram-se de tal modo um com o outro que muitos doutores conceberam o fim do

império como o fim do mundo e aplicaram a este acontecimento as imagens apocalípticas da catástrofe suprema. A Igreja oriental, poupada pela invasão dos bárbaros, nunca se desligou deste ideal; Constantino e Teodósio são dois pólos; ela ainda se prende a eles, especialmente na Rússia. O grande enfraquecimento social, consequência necessária de tal regime, cedo se manifestou. Devorado pelo monaquismo e pela teocracia, o império do Oriente foi uma presa oferecida ao Islão; o cristão, no Oriente, converteu-se numa criatura de categoria inferior. Dá-se este resultado singular: os países que criaram o cristianismo foram vítimas da sua obra. A Palestina, a Síria, o Egipto, Chipre, a Ásia Menor, a Macedónia são hoje países perdidos para a civilização e sujeitos ao duro jugo de uma raça não cristã.

Felizmente os factos ocorreram de outro modo no Ocidente. Morreu depressa o império cristão do Ocidente. A cidade de Roma recebe de Constantino o mais rude golpe. Quem triunfou com Constantino foi o cristianismo; mas melhor ainda o Oriente. O Oriente, isto é, a metade do império falando grego, tinha-se avantajado depois da morte de Marco-Aurélio ao Ocidente, falando latim. O Oriente era mais livre, mais vivo, mais civilizado e mais político. Já Diocleciano transferira para a Nicomédia o centro dos negócios públicos.

Construindo no Bósforo uma *Nova Roma*, Constantino reduziu a velha Roma à capital do Ocidente. Assim as duas metades do império se tornaram estranhas uma à outra. Constantino foi o verdadeiro autor do cisma entre a Igreja latina

e a Igreja grega. Pode-se dizer que ele pôs a causa remota do islamismo. Os cristãos falando o siríaco e o árabe, perseguidos ou mal vistos pelos imperadores de Constantinopla, tornaram-se um elemento essencial da clientela futura de Maomé.

Os cataclismos que se seguiram à divisão dos dois impérios, a invasão dos bárbaros que pouparam Constantinopla e caíram sobre Roma com todo o seu peso, reduziram a antiga capital do mundo a um papel restrito e por vezes humilde. Essa primazia eclesiástica de Roma, que estala com tanta evidência no 2.º e 3.º séculos, desaparece quando o Oriente tem uma existência e uma capital separadas. O império cristão, é o império do Oriente com os seus concílios ecuménicos, os seus imperadores ortodoxos, o seu clero de corte. Isto durou até ao 7.º século. Roma, durante este tempo, tirava a desforra pelo sério e profundo do seu espírito organizador. Que homens foram S. Dâmaso, S. Leão, Gregório, o Grande! Com que coragem admirável o papado trabalhou na conversão dos bárbaros! ele capta-os, fá-los clientes, vassallos!

A obra prima da sua política foi a aliança com a casa carlovíngia e a audácia com que restabeleceu nessa casa o império do Ocidente, morto há 324 anos. O império do Ocidente morrera aparentemente. Os seus segredos viviam no alto clero romano. A Igreja de Roma guardava o zelo do velho império e serviu-se dele para autenticar sub-repticiamente o acto inaudito do Natal do ano de 800. Recomeçou o sonho do império cristão. Ao poder espiritual é preciso um braço secular,

um vigário temporal. O cristianismo, não tendo na sua natureza esse espírito militar inerente ao islamismo, não podia tirar de si uma milícia; devia pedi-la a um estranho, ao império, aos bárbaros, a uma realza constituída pelos bispos. Daí ao califado muçulmano vai um infinito. Mesmo na idade média, quando o papado admite e proclama a ideia da cristandade armada, nunca nem o papa nem os seus delegados são chefes militares. Um santo império, com um Teodósio bárbaro, tendo a espada para proteger a Igreja de Cristo, eis o ideal do papado latino. Escapou-lhe o Ocidente graças à indocilidade germânica e ao génio paradoxal de Gregório VII. Zangaram-se de morte o papa e o imperador; as nacionalidades que o império cristão de Constantinopla abafara, puderam desenvolver-se no Ocidente e uma porta se abriu à liberdade.

Essa liberdade não foi obra do cristianismo. A realza cristã vem de Deus; o rei feito pelos padres é o ungido do Senhor. Ora um rei de direito divino custa-lhe muito a ser um rei constitucional. O trono e o altar são dois termos inseparáveis. A teocracia é um vírus de que ninguém se livra. O protestantismo e a Revolução foram necessários para que se chegasse a conceber a possibilidade dum cristianismo liberal, e esse cristianismo liberal, sem papa nem rei, ainda não deu as suas provas para que haja o direito de falar dele como facto adquirido e perdurável na história da humanidade.

CAPÍTULO XXXIV

Transformações ulteriores.

Assim uma religião feita para a consolação íntima de um pequeno número de eleitos passou a ser, por uma fortuna inaudita, uma religião de milhões de homens, constituindo a parte mais activa da humanidade. Deve dizer-se que foi sobretudo nas vitórias de natureza religiosa que os vencidos ditaram as leis aos vencedores. As multidões, entrando nas pequenas igrejas dos santos, levaram para elas as suas imperfeições e por vezes os seus vícios. Uma raça, abraçando um culto que não fora feito para ela, transforma-o segundo as necessidades da sua imaginação e do seu sentimento.

Na primitiva concepção cristã, um cristão era perfeito; o pecador, pelo facto de o ser, deixava de ser cristão. Quando cidades inteiras se converteram em massa, tudo mudou. Os preceitos

de dedicação e abnegação evangélicas deixaram de poder ser applicados; com eles se formularam conselhos destinados aos que aspiravam à perfeição. E onde realizar essa perfeição? O mundo, tal como é, exclui-a; quem praticasse no mundo o Evangelho à risca, passaria por mentecapto. Resta o mosteiro. A lógica retomava os seus direitos. A moral cristã, moral de Igreja pequena e de pessoas retiradas do mundo, criava o meio de que precisava. O Evangelho devia ir parar ao convento; uma cristandade com organização completa não dispensa o convento, isto é, o sítio onde a vida eclesiástica, impossível em qualquer outro sítio, possa ser praticada. O convento é a Igreja perfeita; o monge, o verdadeiro cristão. Foi por isso que as ordens monásticas executaram as obras mais eficazes do cristianismo. Essas ordens, longe de serem uma lepra que atacaria exteriormente a obra de Jesus, foram as consequências íntimas e inevitáveis da obra de Jesus. No Ocidente tiveram mais vantagens do que inconvenientes; porque a conquista germânica sustentou frente a frente com o monge uma poderosa casta militar; no Oriente, pelo contrário, foi roído por um monaquismo que da perfeição cristã só tinha a aparência falaz.

Uma moralidade medíocre e um pendor natural para a idolatria, tais foram as disposições trazidas para a Igreja pelas multidões que nela entraram, parte à força, a partir do fim do 4.º século. O homem não muda num dia; o baptismo não tem efeitos miraculosos instantâneos. As multidões pagãs, mal evangelizadas, ficaram o que eram na véspera da conversão: no Oriente, más, egois-

tas, corruptas; no Ocidente, grosseiras e supersticiosas. Pelo que diz respeito à moral, a Igreja só tinha que manter os seus preceitos, quase todos escritos em livros considerados canónicos. Pelo que respeita à superstição, a tarefa era mais delicada. As mudanças de religião não são, em geral, senão aparentes. O homem, quaisquer que sejam as suas conversões ou as suas apostasias, fica fiel ao primeiro culto que praticou e mais ou menos amou. Muitos idólatras, de modo algum modificados na sua essência, e transmitindo aos filhos os mesmos instintos, deram entrada na Igreja. Correu em jorros a superstição pela comunidade religiosa que até então lhe fora refractária.

Exceptuando algumas seitas orientais, os cristãos primitivos são os homens menos supersticiosos. O cristão, o judeu podiam ser fanáticos; mas não eram supersticiosos como um Gaulês ou um Paflagónio. Nem amuletos, nem imagens santas, nem objectos de culto fora das hipóstases divinas. Não podiam os pagãos conversos admitir tal simplicidade. O culto dos mártires foi a primeira concessão arrancada pela fraqueza humana à moleza de uma clerezia que queria ser tudo para todos, a fim de converter todos a Jesus Cristo. Os corpos santos tiveram virtudes milagrosas, transformaram-se em talismãs; os lugares onde estavam sepultados foram marcados por uma santidade mais particular que os outros santuários votados a Deus. A ausência de qualquer ideia das leis da natureza, abriu cedo as portas de uma taumaturgia desenfreada. As raças celtas e italiotas, que formam a base da população do

Ocidente, são as mais supersticiosas de todas as raças. Muitas crenças que o cristianismo primitivo reputou sacrílegas passaram assim para a Igreja. Esta fez o que pôde; os seus esforços para melhorar e educar grosseiros catecúmenos são uma das mais belas páginas da história humana; durante cinco ou seis séculos, os concílios ocupam-se em combater antigas superstições naturalistas; mas os puros são suplantados. S. Gregório, o Grande, toma o seu partido e aconselha os missionários a não suprimirem os ritos e os lugares santos dos anglo-saxões, mas antes consagrarem-nos ao novo culto.

Deu-se um fenómeno singular: a vegetação espessa das fábulas e crenças pagãs que o cristianismo primitivo imaginava ter de destruir, conservou-se na sua maior parte. Longe de conseguir, como o Islão, suprimir «os tempos da ignorância», isto é, as lembranças do passado, o cristianismo deixou-as reviver, dissimulando-as sob um ligeiro verniz cristão. Gregório de Tours é tão supersticioso como Eliano, ou Élio Aristides. O mundo, nos 6.º, 7.º, 8.º, 9.º e 10.º séculos é mais grosseiramente pagão do que nunca. Até aos progressos da instrução primária dos nossos dias, os aldeões nunca abandonaram um só dos seus pequenos deuses gauleses. O culto dos santos foi a capa sob a qual se restabeleceu o politeísmo.

Esta invasão do espírito idolátrico desonrou tristemente o catolicismo moderno. As loucuras de Lourdes e da Salette, a multiplicação das imagens miraculosas, o Sagrado Coração, os votos, as peregrinações fazem do catolicismo contemporâ-

neo, pelo menos em certos países, uma religião tão material como qualquer culto da Síria combatido por João Crisóstomo ou suprimido pelos éditos dos imperadores. A Igreja teve, com efeito, duas atitudes diante do culto pagão: ora luta de morte, como em Afaca e na Fenícia; ora comprometendo-se, por a velha crença, a aceitar umas tinturas de cristianismo. Todo o pagão que abraça a crença cristã, no 2.º e no 3.º séculos, tem horror da sua velha religião; o que o baptiza pede-lhe para execrar os velhos deuses. Não sucede o mesmo com o lavrador gaulês, com o guerreiro franco ou anglo-saxão; a sua velha religião é tão pouca coisa, que não vale a pena odiá-la ou combatê-la seriamente.

A complacência que o cristianismo, tornado religião das multidões, mostrou pelos cultos antigos, eivou-se de prejuizos gregos. Parecia ter vergonha da sua origem judaica e fez tudo para a dissimular. Vimos os gnósticos e o autor da *Epístola a Diogneto* fingir crer que o cristianismo nasceu espontaneamente, sem relações com o judaismo. Orígenes, Eusébio, não ousam dizê-lo, porque conhecem os factos; mas S. João Crisóstomo e, em geral, os padres que tiveram uma educação helénica, ignoram as verdadeiras origens do cristianismo e não querem reconhecê-las. Rejeitam toda a literatura judeo-cristã e milenária; a Igreja ortodoxa rejeita-lhe as obras; livros desse género só se salvam traduzidos em latim ou nas línguas orientais. (1)

(1) Assim o livro de Henoch, a Assunção de Moisés, os

O Apocalipse de João escapou por se ter enraizado no próprio coração do Cânon. Ensaaios de cristianismo unitário, sem metafísica nem mitologia, dum cristianismo pouco distinto do judaismo racional, como o foi a tentativa de Zenóbio e de Paulo de Samosato, caem pela base. Essas tentativas produziriam um cristianismo simples, continuação do judaismo, alguma coisa de análogo ao que foi o islão. Se triunfam, preveniriam os sucessos de Maomé entre os Árabes e os Sírios. Quanto fanatismo se teria evitado! O cristianismo é uma edição do judaismo acomodada ao gosto indo-europeu; o islão é uma edição do judaismo acomodada ao gosto dos Árabes. Maomé regressou ao judeo-cristianismo de Zenóbio, reagindo contra o politeísmo metafísico dos concílios de Niceia e subseqüentes.

A separação cada vez mais acentuada entre a clerezia e o povo foi outra consequência das conversões em massa realizadas no 4.º e 5.º séculos. As multidões ignorantes só podiam ouvir. Bem depressa a Igreja foi só o clero. Em vez desta transformação ter elevado a média intelectual do cristianismo, rebaixou-a. A experiência prova que as pequenas Igrejas sem clerezia são mais liberais que as outras.

Na Inglaterra, os quakers e os metodistas fizeram mais pelo liberalismo eclesiástico do que a

Apocalipses de Esdras e de Baruch, S. Ireneu por ser excessivamente milenário; Papias e Hegesipo perderam-se pela mesma causa.

Igreja estabelecida. Contrariamente ao que succedeu no 2.º século, em que vemos a bela autoridade razoável dos *bispos* e dos *presbíteros* cortar excessos e loucuras, o que doravante será lei na clerezia, serão as necessidades da parte mais baixa. Os concílios obedecem às turbas monacais, a fanatismos ínfimos. Em todos os concílios vence o dogma mais supersticioso. O arianismo, que teve o raro mérito de converter os Germanos antes da sua entrada no império e que poderia dar ao mundo um cristianismo susceptível de se tornar racional, foi abafado pela grosseria dum clero que quer o absurdo. Na idade media esse clero tornou-se um feudalismo. O livro democrático por excelência, o Evangelho, é confiscado pelos que pretendem interpretá-lo, tendo o cuidado de dissimular as ousadias.

A sorte do cristianismo foi sossobrar quase no período da sua vitória, como um navio em risco de ir a pique por causa da ignorância dos seus passageiros. Nunca um fundador teve sectaristas que menos se lhe assemelhassem que Jesus. Jesus é antes um grande Judeu do que um grande homem; os seus discípulos fizeram dêle o que há de mais anti-judaico, um homem-Deus. As adições feitas à sua obra pela superstição, pela metafísica e pela política, mascararam o grande profeta, de modo que as reformas do cristianismo consistem em suprimir as fantasias inseridas pelos antigos pagãos para se regressar a Jesus puro. Mas o mais grave erro que se possa cometer em história religiosa é acreditar que as religiões valem por si próprias e de uma maneira absoluta. As religiões

valem pelos povos que as adoptam. O islamismo foi útil ou funesto segundo as raças que o seguiram. Nos povos inferiorizados do Oriente, o cristianismo é uma religião muito medíocre e inspirando pouca virtude. O cristianismo foi fecundo nas raças ocidentais, célticas, germânicas, itálicas.

Produto inteiramente judeu na sua origem, o cristianismo chegou com o tempo a despojar-se de tudo o que lhe vinha da raça, e tanto que a opinião dos que o consideram a religião ariana por excelência tem um grande fundo de verdade. Durante séculos nele concentramos o nosso modo de sentir, as nossas aspirações, as nossas qualidades, os nossos defeitos. A exegese segundo a qual o cristianismo se inculpiria intimamente no Velho Testamento é tudo quanto há de mais falso. O cristianismo foi a rotura com o judaísmo, a abrogação da Tora. S. Bernardo, Francisco de Assis, Santa Isabel, Santa Teresa, Francisco de Sales, Vicente de Paulo, Fénelon, Channing não são judeus. São da nossa raça, sentindo com as nossas vísceras, pensando com o nosso cérebro. O cristianismo foi o dado tradicional sobre o qual compuseram o seu poema; mas o génio é-lhes bem próprio. S. Bernardo, interpretando os Salmos, é o mais romântico dos homens. Cada raça, ligando-se às disciplinas do passado, atribuindo-as a si, torna-as suas. Assim a Bíblia teve frutos que não eram seus; o judaísmo foi o tronco bravo onde a raça ariana produziu a flor. Na Inglaterra, na Escócia, a Bíblia foi o livro nacional do ramo ariano mais dissemelhante do Hebreu. Eis como o cris-

tianismo, notoriamente judaico de origem, foi a religião nacional das raças europeias, que lhe sacrificaram a antiga mitologia.

A renúncia às velhas tradições étnicas ante a santidade cristã, renúncia no fundo pouco séria, foi na aparência tão absoluta, que foram precisos mil e quinhentos anos para se questionar o facto consumado. O despertar dos espíritos nacionais no século XIX, essa espécie de ressurreição das raças mortas a que nós assistimos, não podia deixar de evocar a lembrança da nossa abdicação ante os filhos de Sem e provocar alguma reacção. Ainda que ninguém, fora dos gabinetes da mitologia comparada, possa pensar em ressurgir as mitologias germânicas, pelâgicas, célticas e eslavas, valera melhor ao cristianismo a supressão dessas perigosas imagens como sucedeu com o estabelecimento do islamismo. Raças com pretensões à nobreza e originalidade em todas as coisas ressentem-se por serem em religião vassalas de uma família desprezada. Os germanistas fogosos não esconderam os seus despeitos; alguns celtómanos manifestaram o mesmo sentimento. Os Gregos, encontrando a sua importância no mundo pelas recordações do antigo helenismo, não dissimularam que o cristianismo fora para eles uma apostasia. Gregos, Germanos e Celtas consolaram-se dizendo que, se haviam seguido o cristianismo, transformaram-no primeiro convertendo-o em propriedade nacional. Não é menos verdade que o princípio moderno das raças foi prejudicial ao cristianismo. A acção religiosa do judaísmo apareceu colossal. Viram-se os defeitos de Israel ao mesmo tempo que a sua grandeza;

teve-se vergonha de se ter feito judeu, do mesmo modo que os patriotas germânicos exaltados se julgaram obrigados a tratar tanto mais mal o XVII e XVIII séculos franceses, quanto mais lhes deviam.

Uma outra causa minou fortemente, nos nossos dias, a religião que os nossos avós praticaram com tão grande aprazimento. Para os espíritos cultos a negação do sobrenatural tornou-se um dogma absoluto. A história do mundo físico e do mundo moral aparece-nos como uma expansão tendo as suas causas em si próprio e excluindo o milagre, isto é, a intervenção das vontades particulares reflectidas. Ora, sob o ponto de vista do cristianismo, a história do mundo é uma série de milagres. A criação, a história do povo judaico, o papel de Jesus, mesmo passados no cadinho da exegese mais liberal, deixam um resíduo de sobrenatural que nenhuma operação pode nem suprimir nem transformar. As religiões semíticas monoteístas são no fundo inimigas da ciência física, que lhes parece diminuição ou quase negação de Deus. Deus fez e faz tudo ainda, eis a universal explicação. O cristianismo, ainda que não exagerando este dogma como o islamismo, implica a revelação, isto é, um milagre, um facto que a ciência nunca verificou. Entre o cristianismo e a ciência a luta é inevitável; um dos dois adversários deve succumbir.

Do XII século, momento em que, por causa do estudo dos livros de Aristóteles e Averróis, desperta o espírito científico nos países latinos, até ao XVI século, a Igreja, dispondo da força pública,

conseguiu esmagar o inimigo ; mas no século xvii as descobertas científicas são tão brilhantes que impossível se torna abafá-las. A Igreja é ainda muito forte para perturbar gravemente a vida de Galileu, inquietar Descartes, mas não para evitar que as suas descobertas sejam a lei dos espíritos. No século xviii triunfa a razão ; em 1800 já nenhum homem instruído acredita no sobrenatural. As reacções que se seguiram são sentenças inconsequentes. Se muitos espíritos tímidos, por medo das grandes questões sociais, não querem ser lógicos, o povo da cidade e dos campos cada vez se afasta mais do cristianismo e o sobrenatural perde todos os dias alguns dos seus adeptos.

Que fez o cristianismo para se precaver contra este assalto formidável que o vencerá, se porventura não abandonar certas posições desesperadas ? A reforma do século xvi foi seguramente um acto de sabedoria e de conservação. O protestantismo diminuía o sobrenatural quotidiano ; regressava, num sentido, ao cristianismo primitivo e reduzia a pouco a parte idólatra e pagã do culto. Mas o princípio do milagre conservou-se especialmente no que diz respeito à inspiração dos livros. Esta reforma não pôde generalizar-se a todo o cristianismo ; ganhou velocidade pelo racionalismo, que provavelmente, antes da reforma feita, suprimirá a matéria a reformar. O protestantismo só salvará o cristianismo se chegar ao racionalismo perfeito, se fizer a sua junção com todos os espíritos livres e cujo programa se pode reduzir ao seguinte :

« Grande e esplêndido é o mundo ; e apesar de

todas os cerraceiros que o cercam, vemos que ele é o fruto de uma tendência íntima para o bem, para a suprema bondade. O cristianismo é o mais brilhante destes esforços que se escalonam na história para gerarem um ideal de luz e de justiça. Ainda que o primeiro rebento seja judaico, o cristianismo, com o tempo, tornou-se a obra comum da humanidade ; cada raça deu-lhe o dom que lhe coube, o que ela tinha de melhor. Deus não estava ali exclusivamente ; mas estava mais do que em qualquer outro desenvolvimento religioso e moral. O cristianismo é, de facto, a religião dos povos civilizados ; cada nação o admite com sentido diverso, segundo a sua cultura intelectual. O livre-pensador, que não precisa dele para nada, está no seu direito ; mas o livre-pensador constitui um caso individual altamente respeitável ; a sua situação intelectual e moral não pode ser a de uma nação ou da humanidade.

« Conservemos o cristianismo com admiração pelo seu alto valor moral, pela sua majestosa história, pela beleza dos seus livros sagrados ; é preciso aplicar-lhes as regras de interpretação e de crítica que se aplicam a todos os livros ; mas eles constituem o arquivo religioso da humanidade ; e até os seus fracos são dignos de respeito. O mesmo com o dogma ; reverenciemos, sem nos escravizarmos, as fórmulas pelas quais catorze séculos adoraram a sabedoria divina. Sem admitir nem milagre particular nem inspiração limitada, inclinemo-nos ante o milagre supremo dessa grande Igreja, mar inesgotável de manifestações sem cessar variadas. Quanto ao culto, busquemos elimi-

nar-lhe algumas escórias chocantes; tenhamos-lo como coisa secundária, sem mais valor que os sentimentos que o animam.»

Se muitos cristãos entrassem em tal direcção, poder-se-ia esperar um futuro para o cristianismo. Mas, aparte as congregações protestantes liberais, as grandes massas cristãs em nada modificaram a sua attitude. O catolicismo continua a enterrar-se, com raiva desesperada, na fé, no milagre. O protestantismo ortodoxo queda imóvel. Durante este tempo, o racionalismo popular, consequência inevitável dos progressos da instrução pública e das instituições democráticas, deixa os templos vazios, multiplica os casamentos e os enterros civis. Não se levará o povo das grandes cidades às antigas igrejas, e o povo do campo só ali vai por hábito; ora uma igreja não se conserva sem povo; a igreja é o lugar do povo. O partido católico tem ultimamente cometido tantos erros, que a sua força política está esgotada. Dar-se-á uma crise temerosa no seio do catolicismo. É provável que parte desse corpo persevere na sua idolatria e ficará, ao lado do movimento moderno, como uma contra-corrente paralela de água estagnada e pôdre. Outra parte viverá, e, abandonando os erros sobrenaturais, unir-se-á ao protestantismo liberal, ao israelitismo esclarecido, à filosofia idealista, para marchar para a conquista da religião pura «no espírito e na verdade».

O que não admite duvidas, seja qual for o futuro religioso da humanidade, é que nele será imenso o lugar de Jesus. Foi o fundador do cristianismo e o cristianismo será o leite do grande

rio religioso da humanidade. Nele se misturam os afluentes vindos dos pontos mais opostos do horizonte. Nesta mistura nenhuma fonte poderá dizer: «Esta é a minha água». Mas não esqueçamos que o rio primitivo das origens, a fonte da montanha, o curso superior, onde o rio, em seguida largo como o Amazonas, rolou primeiro foi numa prega de terreno da largura de um passo. Foi o quadro desse curso superior que eu quis fazer; feliz se apresentei com verdade o que houve de seiva e força nessas altas cumiadas, de sensações quentes e álgidas, de vida divina e comércio com o céu! Os criadores do cristianismo ocupam com justiça a primeira plana nas homenagens da humanidade. Esses homens foram muito inferiores a nós no conhecimento da realidade; mas não têm rival em convicções e dedicação. Eis o seu fundamento. A solidez da construção está na razão da soma de virtude, isto é, de sacrificios, que se deusessem nos seus fundamentos.

No edificio demolido pelo tempo, quantas pedras excelentes que se poderiam utilizar tais quais se encontram nas nossas construções modernas! Quem melhor que o judaismo messiânico nos ensinará a inabalável esperança num futuro feliz, a fé num destino brilhante para a humanidade, com um governo constituído por uma aristocracia de justos? O reino de Deus não é a expressão perfeita do fim que o idealista almeja? O Ser-mão da montanha será um código perfeito; o amor recíproco, a dogura, a bondade, o desinteresse serão sempre as leis essenciais da vida perfeita. A associação dos fracos é a solução legítima da maioria

dos problemas que levanta a organização da humanidade; sobre este ponto, o cristianismo pode dar lições a todos os séculos. O mártir cristão será, até ao fim do mundo, o tipo do defensor dos direitos da consciência. Enfim, a arte difícil e perigosa de governar as almas, se se estatuir um dia, fá-lo-á com os modelos fornecidos pelos primeiros doutores cristãos. Tiveram segredos que só se aprenderão na sua escola. Talvez houvesse professores de virtude, mais austeros e mais firmes; mas nunca houve mestres assim na ciência da felicidade. A voluptuosidade das almas é a grande arte cristã; de tal modo que a sociedade civil foi obrigada a precaver-se para que o homem se não sepultasse. A pátria e a família são duas grandes formas naturais da associação humana. São ambas necessárias, mas não bastam. É preciso ao lado delas uma instituição em que se receba o alimento da alma, o consolo, os conselhos; onde se organize a caridade; onde haja mestres espirituais, um director. Isto chama-se Igreja; nunca se poderá prescindir dela, sob pena de reduzir a vida a uma secura desesperante, sobretudo para as mulheres. O que importa é que a sociedade eclesiástica não enfraqueça a sociedade civil, que seja uma liberdade, que não disponha do poder temporal, que o Estado se não preocupe com ela, nem para a fiscalizar nem para a patrocinar. Durante duzentos e cinquenta anos o cristianismo deu modelos perfeitos destas pequenas reuniões livres.

ÍNDICE

	Página
Prefácio	▼
I — Aclamação de Marco-Aurélio	3
II — Progressos e reformas. O direito romano.	16
III — O reinado dos filósofos	25
IV — Perseguição contra os cristãos	38
V — Grandeza crescente da Igreja de Roma.	
Escritos pseudo-clementinos	49
VI — Taciano. Os dois sistemas de apologia	71
VII — Decadência do gnosticismo	78
VIII — O sincretismo oriental. Os ófitas. Futura aparição do maniqueísmo	89
IX — Consequências do marcionismo. Apeles	100
X — Taciano herético. Os encratitas	109
XI — Os grandes bispos da Grécia e da Ásia. Militão	116
XII — A questão da Páscoa	130
XIII — Última recrudescência do milenarismo e do profetismo. Os montanistas	139
XIV — Resistência da Igreja ortodoxa	151
XV — Triunfo completo do episcopado. Conse- quências do montanismo	160
XVI — Marco-Aurélio nos Quadros. O livro dos <i>Pen- samentos</i>	168

XVII—A <i>Legio Fulminata</i> . Apologias de Apolinário, de Milciades, de Militão	186
XVIII—Os gnósticos e os montanistas em Lião	196
XIX—Os mártires de Lião	205
XX—Reconstituição da Igreja de Lião. Ireneu	227
XXI—Celso e Luciano	234
XXII—Novas apologias. Atenágoras, Teófilo de Antioquia, Minúcio Félix	256
XXIII—Progressos de organização	273
XXIV—Escolas de Alexandria. Edesso	289
[XXV—Estatística e extensão geográfica do cristianismo	300
XXVI—O martírio íntimo de Marco-Aurélio. Sua preparação para a morte	310
XXVII—Morte de Marco Aurélio. O fim do mundo antigo	306
XXVIII—O cristianismo no fim do 2.º século. O dogma	336
XXIX—O culto da disciplina	346
XXX—Os costumes cristãos	366
XXXI—Razões da vitória do cristianismo	374
XXXII—Revolução social e política produzida pelo cristianismo	390
XXXIII—O império cristão	406
XXXIV—Transformações ulteriores	414

